



UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
SERGIPE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

ÉMERSON MACIEL ESTEVES

**O JORNALISMO É UMA ARMA DE COMBATE:
UMA ANÁLISE DOS PERFIS DE REPORTAGEM DA REDE GLOBO NA
COBERTURA DA TEMATIZAÇÃO DO RACISMO NO ESPORTE**

**SÃO CRISTÓVÃO – SE
2023**

ÉMERSON MACIEL ESTEVES

O JORNALISMO É UMA ARMA DE COMBATE:
UMA ANÁLISE DOS PERFIS DE REPORTAGEM DA REDE GLOBO NA
COBERTURA DA TEMATIZAÇÃO DO RACISMO NO ESPORTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação, na linha de pesquisa Produtos, Processos e Discursos Midiáticos, sob orientação do Prof.^a Dr. Vitor Curvelo Fontes Belém.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2023

AGRADECIMENTOS

O processo da construção dessa pesquisa não foi fácil. Iniciar o Mestrado no pico da pandemia trouxe uma série barreiras, mas, foram contornadas. Bom, se você está lendo isso é sinal que eu não estou falando isso da boca para fora. Como aqui o espaço é para agradecer quero começar dizendo que essas barreiras só foram contornadas porque eu não estive sozinho no processo. Quem diz que faz algo sozinho, sem ajuda, sem referência, sem base, está mentindo.

Quero começar agradecendo uma pessoa que normalmente acabo não dando o devido valor. Acabo sendo injusto, grosseiro, às vezes, e principalmente insensível. Sim, eu vou dar uma de *Snoop Dogg* e vou me agradecer primeiro. Esse trabalho nasceu de um incômodo que já gerou um Trabalho de Conclusão de Curso, artigos, congressos, amigos, colegas de pesquisa, e agora essa dissertação, e isso não seria possível se você não tivesse desistido. Parabéns e obrigado.

Agora, vem as pessoas mais importantes da minha vida. Seu Carlito Esteves e dona Josefa Maciel. Obrigado por estarem do meu lado. Por confiarem, enxergarem potencial em mim. Quando expliquei para vocês como seria a dinâmica da Defesa eu chorei do outro lado da linha. Perceber que pessoas tão simples, mas ao mesmo tempo tão gigantes possibilitaram que eu tenha chegado aqui é algo que me orgulha tanto. Eu amo vocês.

Depois dos meus pais, acho válido agradecer a um novo membro da família que acabei incorporando nos últimos anos. Estou falando do senhor Vitor Curvelo Fontes Belém. Obrigado querido orientador. Obrigado pela compreensão, guia e auxílio. Sem o senhor esse trabalho não seria possível. Obrigado por confiar em mim.

Aos meus amigos, minha rede de apoio, eu devo tudo a vocês. Vocês me suportaram nos momentos de agonia, desespero, ansiedade, mas também estiveram comigo nos momentos de glória, vitória e alegria. Comentei por diversas vezes que achei o processo do Mestrado solitário, por vezes melancólico. Mas, saibam que a presença física e espiritual de vocês foi fundamental. Obrigado!

No mais obrigado por todo mundo que torceu por mim de alguma forma. Que mandou mensagem, que falou diretamente para mim ou que pensou positivo. É um trabalho nosso, logo é uma conquista nossa.

Obrigado.

“Chega de festejar a desvantagem e permitir que desgastem a nossa imagem. Descendente negro atual meu nome é brown. Não sou complexado e tal, apenas racional. É a verdade mais pura. Postura definitiva. A juventude negra agora tem voz ativa”

Racionais MC's, Voz Ativa

“Faça as perguntas. Confronte aqueles que julgar culpados. Todos temos culpa. Todos precisamos ser confrontados. Ninguém ganha direitos no mundo se acaba cedendo em seus princípios. Por isso são importantes as perguntas, porque homens que fizeram esses questionamentos sempre alcançaram seus objetivos ou foram seguidos por outros que chegaram lá”.

Bill Russel, Go Up for Glory

RESUMO

Questões relativas a conflitos étnico-raciais estão ganhando cada vez mais espaço na mídia, na comunicação e mais especificamente no jornalismo. No esporte, por conta dos aos Relatórios Anuais do Observatório da Discriminação Racial do Futebol, os jornalistas esportivos possuem uma fonte segura de informação para dimensionar o racismo no esporte. O jornalismo e os jornalistas têm sido desafiados a cada vez mais a tratar sobre o tema. Alguns autores apontam a necessidade de se pensar o jornalismo e a Comunicação de forma combativa e pedagógica. O jornalismo pode servir como uma instituição de conhecimento e de educação para quebras de estereótipos da sociedade. Mas, na prática, de que forma o telejornalismo esportivo tem atuado? Num contexto de eclosão de protestos de cunho racial, o objetivo geral desta pesquisa é refletir os perfis de jornalismo que podem ser identificados na cobertura da Rede Globo no que se refere aos conflitos étnico-raciais no esporte. É possível dizer que há ativismo na cobertura ou existe a prevalência da objetividade? A abordagem metodológica da pesquisa corresponde a análise de conteúdo e estudo caso, o corpus de análise são as reportagens que abordam a tematização de conflitos étnico-raciais disponíveis na plataforma Globoplay entre 2017-2021. A análise dos dados apontou para um perfil que predomina o combate ao racismo dentro das reportagens. Entretanto, essa abordagem prevalece no espaço do jornalismo nacional e semanal. No entanto, houve um predomínio desse perfil no jornalismo de escala nacional e de periodicidade semanal. No jornalismo regional e diário, o distanciamento e a objetividade prevaleceram. Ao final do estudo foi possível caracterizar uma fórmula de reportagem ativista dentro do Telejornalismo no que se refere a cobertura dos esportes.

Palavras chave: Jornalismo; Racismo; Esporte; Rede Globo; Ativismo.

ABSTRACT

Issues relating to ethnic-racial conflicts are gaining more and more space in the media, communication and more specifically in journalism. In sport, due to the Annual Reports of the Football Racial Discrimination Observatory, sports journalists have a reliable source of information to assess racism in sport. Journalism and journalists have been increasingly challenged to deal with the topic. Some authors point out the need to think about journalism and Communication in a combative and pedagogical way. Journalism can serve as an institution of knowledge and education to break stereotypes in society. But, in practice, how has sports television journalism worked? In a context of the outbreak of racial protests, the general objective of this research is to reflect the journalism profiles that can be identified in Rede Globo's coverage regarding ethnic-racial conflicts in sport. Is it possible to say that there is activism in the coverage or is there a prevalence of objectivity? The methodological approach of the research corresponds to content analysis and case study, the corpus of analysis are the reports that address the theme of ethnic-racial conflicts available on the Globoplay platform between 2017-2021. Data analysis pointed to a profile that predominates the fight against racism within the reports. However, this approach prevails in the space of national and weekly journalism. However, there was a predominance of this profile in national and weekly journalism. In regional and daily journalism, detachment and objectivity prevailed. At the end of the study, it was possible to characterize an activist reporting formula within Telejournalism with regard to sports coverage.

Keywords: Journalism; Sport; Rede Globo; Activism; Racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Manifesto escrito "Stop Racism" feito pela torcida do Fortaleza	76
Figura 2: Mosaico em português em protesto da torcida do Fortaleza.....	76
Figura 3: Exemplo de informação referente a data.....	111
Figura 4: Exemplo de como o título foi retirado da reportagem	111
Figura 5: Como o nome do programa foi identificado na pesquisa	115
Figura 6: Exemplo de narrativa Hard News	116
Figura 7: Narrativa Hard News evidencia caso de racismo.....	117
Figura 8: Exemplo de narrativa soft news destaca racismo na natação.....	118
Figura 9: Racismo recreativo é tema de reportagem com narrativa soft news.....	118
Figura 10: Marinho sofre racismo � exemplo de matéria com foco em denúncia	120
Figura 11: Reportagem destaca campanha antirracista que foi acusada de racismo	121
Figura 12: Manifestações de atletas contra racismo foi tema da reportagem.....	121
Figura 13: Reportagem destaca o racismo na sociedade e como ele afeta o futebol....	122
Figura 14: Números de casos de racismo e homofobia no futebol brasileiro.....	123
Figura 15: Repórter Diego Moraes possui traços fenotipicamente negros.....	126
Figura 16: Mauri Dornelles possui traços fenotipicamente brancos	126
Figura 17: Jogador Tchê Tchê mostra suas tatuagens de Malcom X e Luther King....	127
Figura 18: Martin Luther King � exemplo de ativista	128
Figura 19: O zoom no olhar com lágrimas é um exemplo de uso da emoção.....	130
Figura 20: Reportagem incita oportunidades para garoto de 11 anos	130
Figura 21: Repórter "brinca" com elementos da cultura tailandesa	131
Figura 22: Mário Filho � uma das referências da reportagem	132
Figura 23: Professor de História � fonte da reportagem	133
Figura 24: Um jornalista � fonte da reportagem.....	133
Figura 25: Sociólogo � uma fonte da reportagem.....	134
Figura 26: Ex-�bitro vítima de racismo � fonte da reportagem	134
Figura 27: Jogador em atividade � fonte da reportagem	135
Figura 28: Ex-jogador e gerente de futebol � fonte da reportagem	135
Figura 29: Crítica para desmistificar mitos de pessoas negras na natação	136
Figura 30: Atletas contam sobre suas trajetórias dentro do esporte	137
Figura 31: Reportagem aciona a função pedagógica da apreensão da realidade.....	140
Figura 32: Reportagem aciona o saber pedagógico do saber escutar	142

Figura 33: O mediador da reportagem chora durante a matéria	142
Figura 34: Repórter fenotipicamente negro conduz a reportagem	171
Figura 35: Marcelo Carvalho é uma fonte especialista na reportagem	172
Figura 36: Aranha é uma fonte ilustrativa e especialista na reportagem.....	173
Figura 37: Presença do ativismo negro na reportagem.....	174
Figura 38: Roger Machado é uma fonte especialista e ilustrativa na reportagem	175
Figura 39: Reportagem utiliza de elementos visuais que remetem ao ativismo.....	176
Figura 40: Reportagem questiona o papel do atleta branco no combate ao racismo....	177
Figura 41: Estímulo à pratica do esporte durante a reportagem	179
Figura 42: Fonte institucional utilizada durante a reportagem	181

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de reportagens disposto por ano e meses.....	150
---	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Ações de combate ao racismo no Brasil nos últimos 20 anos.....	74
Quadro 2: Códigos de Ética do Jornalismo e o combate ao racismo	81
Quadro 3: Perfis de jornalismo.....	83
Quadro 4: Etapas da Análise de Conteúdo	104
Quadro 5: Papeis atribuídos aos jornalistas.....	106
Quadro 6: Exemplos da narrativa objetiva e subjetiva.....	143
Quadro 7: Comparação entre as categorias Passivo-Neutro e Ativo-Advogatório	146
Quadro 8: Tabela comparativa dos resultados da pesquisa	169
Quadro 9: Composição do perfil ATIVO-ADVOGATÓRIO	179
Quadro 10: Composição do perfil PASSIVO-NEUTRO	183

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Tempo das reportagens analisadas	150
Gráfico 2: Escala das reportagens analisadas	150
Gráfico 3: Tipo de programa analisado nas reportagens	151
Gráfico 4: Periodicidade dos programas analisados.....	151
Gráfico 5: Resultados das emissoras analisadas.....	152
Gráfico 6: Resultados dos programas mais recorrentes na análise.....	153
Gráfico 7: Tipos de fontes mais presentes na análise.....	153
Gráfico 8: Tipo de reportagem mais encontrada na análise	154
Gráfico 9: Esportes mais encontrados na análise	154
Gráfico 10: Tema central das reportagens analisadas	155
Gráfico 11: Fenótipos mais encontrados dos repórteres na análise.....	156
Gráfico 12: Presença e ausência de ativismo nas reportagens analisadas	156
Gráfico 13: Presença de ativismo negro nas reportagens analisadas.....	157
Gráfico 14: Características do jornalismo esportivo nas reportagens analisadas.....	158
Gráfico 15: Funções pedagógicas nas reportagens analisadas	158
Gráfico 16: Tipo de narrativa das reportagens analisadas	159

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 DE QUAL JORNALISMO ESTAMOS FALANDO?.....	18
2.1. Quem é o jornalista e qual o papel que ele desempenha na sociedade?.....	18
2.2. A responsabilidade social do jornalismo	25
2.2.1. O jornalismo enquanto uma instituição social.....	28
2.2.2. Jornalismo Esportivo é antes de tudo jornalismo	31
2.2.3. Jornalismo Esportivo, interesse público e sua função social.....	35
2.2.4. Desafios da cobertura de conflitos étnico raciais do esporte no Jornalismo	38
2.3. As funções pedagógica do telejornalismo	40
2.3.1. Os saberes pedagógicos baseados em Alfredo Vizeu e Laerte Cerqueira.....	44
3 ATIVISMO SOCIAL NO ESPORTE	49
3.1. Definição e configurações do ativismo social	49
3.2. O esporte como ferramenta social e política	51
3.3. O “Olimpismo” e a proibição de manifestações políticas por parte dos atletas	54
3.4. Exemplos de movimentos de ativismo no esporte contemporâneo.....	56
3.4.1. O ano de 2020 e a explosão de ativismo esportivo.....	57
3.4.2. A origem do <i>#BlackLivesMatter</i> e sua apropriação no mundo do esporte.....	60
3.4.3. “Aquele cara negro?”: A importância do caso do PSG x Istanbul Basaksehir na luta antirracista no esporte.....	63
3.4.4. O outro lado da moeda: o caso Yaya Touré	65
3.5. Reflexões sobre o ativismo esportivo no Brasil no século XXI.....	66
3.5.1. O Observatório da Discriminação Racial do Futebol e outras iniciativas antirracistas no esporte brasileiro	68
4 ENEGRECENDO O OLHAR: O LUGAR DA SUBJETIVIDADE NO JORNALISMO	78
4.1. Os Códigos de Ética e o combate ao racismo.....	78
4.1.1. Perfil racial dos jornalistas brasileiros.....	83
4.2. Jornalismo, Subjetividade e Ativismo	88
4.2.1. O jornalismo de subjetividade: “algo para ser evitado ou perseguido?”	95
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	101
5.1. A Análise de Conteúdo e o Estudo de Caso como metodologias para pesquisas em jornalismo	101
5.1.1. Conceituação	104
5.1.2. Desenho da pesquisa: Unidades e subunidades de análise	106

5.1.3. Categorias de análise e a planilha de codificação.....	108
5.1.4. Categorias de identificação.....	110
5.1.5 Categorias sobre a reportagem	115
5.1.6 Categorias sobre o/a repórter	124
5.1.7 Categorias sobre o ativismo.....	126
5.1.8 Categorias sobre jornalismo	128
5.1.9. Amostragem da pesquisa	147
6 RESULTADOS	149
6.1. Análise quantitativa	149
6.1.1 Categorias de Identificação do Conteúdo, do programa e do veículo	149
Fonte: Elaboração própria	153
6.1.2 Categorias sobre a reportagem	153
6.1.3 Categoria sobre o/a repórter	155
6.1.4 Categorias sobre o Jornalismo	157
6.2 Análise qualitativa	159
6.2.1. Diagnóstico do perfil Ativo-Advogatório.....	159
6.2.2. Diagnóstico do perfil Passivo-Neutro	165
Fonte: Autoria própria	169
6.3 Caso de jornalismo Ativo-Advogatório na cobertura de conflitos raciais no esporte	169
6.4 Caso de jornalismo Passivo-Neutro na cobertura de conflitos raciais no esporte ..	179
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	184
BIBLIOGRAFIA	190
APÊNDICE	202
APÊNDICE A: LIVRO DE CÓDIGOS (LdC)	202
APÊNDICE B: FORMULÁRIO DO GOOGLE FORMS	210
APÊNDICE C: PLANILHA DE AMOSTRAGEM DA PESQUISA.....	210

1 INTRODUÇÃO

Zapear os programas esportivos na televisão pode ser uma tarefa rica de análise. Através das tradicionais mesas redondas é possível identificar discussões inerente dos esportes. No caso do futebol, por exemplo, a tática, a técnica, o aspecto emocional, as disputas, a queda de tabus, enfim, são apenas alguns dos temas que são noticiados dentro dos mais diversos formatos do telejornalismo de cobertura esportiva. As reportagens, sendo o principal produto do jornalismo informativo, possibilita a imersão nestes temas. Ademais, os aspectos de composição e estrutura do esporte e da sociedade são desafiados ainda mais nela. O racismo, sendo esse sistema estruturante e adaptável em todas as esferas da sociedade, traz para o Jornalismo Esportivo novas exigências e provocações.

Raça e racismo, neste sentido, são duas categorias que necessitam um olhar mais atento na Comunicação. Pesquisadoras como Rosane Borges (2019) ressaltam que existe uma renovação que essas duas categorias trazem para os estudos e observação do objeto comunicacional. O histórico de movimentos antirracistas do Brasil e os mais recentes protestos e ações do “*Black Lives Matter*” fizeram com o que tema tenha ganhado notoriedade na imprensa, sendo noticiado a partir de diferentes perspectivas – que vão da violência policial, há falta de oportunidades e ausência de emprego formal para pessoas negras no Brasil ou ainda os conflitos raciais dentro do esporte que são pautados mais precisamente no Jornalismo.

Muniz Sodré (2015) argumenta, porém, que o que for dito, falado ou escrito sobre o tema tem que ser precedido de muita cautela. Produções que se baseiam em construções vazias e irresponsáveis podem resultar em diversos problemas de representação e identidade. Fato que autores como Neuza Santos Souza (2021) e Abdias Nascimento (2016) relacionam diretamente com a construção da identidade negra no Brasil e como isso pode ser influenciado pela mídia e pela comunicação. Ou seja, um espaço que seria um importante instrumento de combate ao racismo, bem como, na conscientização e estímulos de ações, como por exemplo, denunciar como os apelidos no esporte podem ter uma conotação racista (Fumaça, Grafite, Somália)¹, pode, entretanto, tomar um rumo oposto e se dessensibilizar desse papel (SODRÉ, 2015). O jornalismo pode ser

¹ O racismo recreativo no esporte. Disponível em: <https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/grafite-fumaca-somalia-robinho-como-o-racismo-recreativo-se-propaga-no-esporte.ghtml>, acesso em 20 de julho de 2022.

considerado um campo de conhecimento singular (PARK, 1972; GENRO FILHO, 1987; MEDITSCH, 1992). Logo, também tem essa capacidade de auxiliar a sociedade para o combate de problemas que são externos ao jornalismo, mas que também o permeiam e respingam na instituição - como veremos nos dados da Pesquisa Racial da Imprensa Brasileira². O jornalismo tem uma função da internalização e a formação de representações sociais que irão circundar e retroalimentar hábitos, ações e maneiras de enxergar a vida (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

O movimento que queremos investigar gira em torno da necessidade de perceber quais funções o jornalismo tem acionado no que se refere aos conflitos étnico-raciais dentro do esporte. É possível dizer que o jornalismo esportivo da Rede Globo tem atuado enquanto uma instituição ativista no combate ao racismo ou ainda existe uma perspectiva de distanciamento do objeto, que se baseia na objetividade?

O objetivo geral do estudo é verificar qual o perfil de jornalismo pode ser encontrado na cobertura dos conflitos étnico-raciais no esporte realizado pelo jornalismo da Rede Globo de Televisão. Através das reportagens encontradas no *Globoplay* entre 2017 e 2021. A escolha da Rede Globo, bem como do corpus da pesquisa, se deu pela disponibilidade do material na Internet e pela relevância que a emissora possui no Jornalismo e na sociedade brasileira. O corpus da pesquisa é composto justamente por reportagens que explicitamente abordam o racismo no esporte a partir de diversas frentes: racismo individual, campanhas antirracistas, racismo estrutural e sistêmico do esporte, etc. A pesquisa tenta compreender quais mecanismos são acionados pelo jornalismo na construção da reportagem que tematiza o racismo no esporte. Ao fim do presente estudo foi possível também determinar a configuração de reportagens que tendem a ser ativa-advogatória e aquelas tendem a predominar a objetividade e o distanciamento (passivo-neutro).

Através da Análise de Conteúdo (AC) foi possível identificar repetições e padrões de comportamento nesse sentido. Mas, também observar ausências e inconsistências afim de trazer elementos indicativos de um cenário maior.

Além disso, foi de interesse deste estudo investigar e discutir sobre a objetividade e as subjetividades possíveis no jornalismo, refletir sobre o ativismo social e o ativismo

² Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2021/11/pesquisa-perfil-racial-da-imprensa-17-nov-2021.pdf>, acesso em 20 de julho de 2022.

esportivo e identificar de que forma os códigos de ética em jornalismo se posicionam em relação ao combate ao racismo.

Compreender o papel do jornalismo no contexto de combate ao racismo é uma das principais justificativas que orientam o trabalho. Discussões sobre o ativismo esportivo tem sido mais publicizadas desde a eclosão do *Black Lives Matter* no mundo esportivo. Jogadores, torcedores, técnicos, diretores e demais atores esportivos têm se envolvido nessa discussão. Logo, faz-se necessário perceber o acionamento ou não do ativismo dentro da reportagem jornalística – tido como o principal produto do Jornalismo.

Estudiosos do campo da Sociologia do Esporte como Helal e Gordon (2007) apontam a necessidade de pensar o futebol e o esporte enquanto uma lente para observar fenômenos sociais presentes na sociedade brasileira. Através do esporte é possível investigar esses fenômenos e até criar mecanismos para pensar de que forma o corpo negro se encontra na estrutura da sociedade. Os racismos (BORGES, 2019) e outros conflitos étnico-raciais também podem ser visualizados e estudados dentro deste contexto.

A importância da mídia e do jornalismo enquanto instituições de grande responsabilidade social, que podem construir imaginários e estereótipos, como também no movimento oposto de desconstrução de preconceitos, são um braço importante de observação neste contexto. Estudos anteriores como em Sodré (1999), Erbolato (1980), Lovisollo (2011), Borges (2012), vão salientar essa faceta do jornalismo: ele está longe de ser uma atividade e prática simples, mesmo em suas perspectivas mais romantizadas existe uma necessidade de se complexificar o fazer jornalismo.

Para Guimarães (1999), o antirracismo tem que significar, entretanto, antes de tudo, a admissão de sua "raça", isto é, a percepção racializada de si mesmo e dos outros.

As práticas antirracistas no jornalismo esportivo também passam pela consciência de que mesmo o esporte seja algo que a branquitude (BENTO, 2002) relaciona diretamente com o ser negro no Brasil, no que existiria uma “habilidade quase que natural com os esportes”, existe uma série de expectativas que se depositam nisso. Joel Rufino dos Santos (1984) relacionou, por exemplo, que é esperado pela sociedade que pessoas negras sejam atletas, porém quando se pensa o espaço dessas mesmas pessoas negras em cargos de gestão fora dos gramados as expectativas já são outras. São raríssimos dirigentes, presidentes ou gerentes de futebol negros. Sendo essa também uma perspectiva fundamental que o jornalismo de cobertura esportiva precisava problematizar.

Isso também pode ser explicado pela noção de racismo conceituados em Almeida (2019) e Sodré (2023) que destacam, a atuação do racismo em impedir, dificultar ou excluir pessoas negras de cargos de gerências nas estruturas organizacionais. Não apenas do esporte, do futebol ou de uma multinacional de carros, mas na instituição jornalismo também.

São instituições que predominam a maioria de pessoas brancas, que além de visar resguardar seus privilégios, se veem enquanto universais. O universalismo engendra em si diversas barreiras para o enfrentamento ativo do racismo e ele não está absorto no espaço ou perdido em estruturas da sociedade. Ele também está no jornalismo. A pesquisa também foi orientada a partir de uma continuidade de análise que é de interesse do presente autor. Logo, essa investigação parte de um interesse acadêmico, profissional e pessoal.

A pesquisa foi organizada em seis capítulos a partir da Introdução, que contextualiza, identifica o objeto e os problemas de pesquisa que serão abordados ao longo do estudo. Na sequência é possível ler uma breve descrição de cada um dos capítulos.

O segundo capítulo é intitulado “De que Jornalismo estamos falando?” e nele foi procurado caracterizar a partir de diferentes teorizações o jornalismo contemporâneo e profissional, com destaques para a descrição e crítica sobre a objetividade, a responsabilidade social e o papel do jornalismo esportivo. No capítulo três, nomeado como “Ativismo Social no Esporte” é destacado as ações ativistas no meio esportivo e como elas tem afetado a prática do esporte. No capítulo quatro, intitulado como “Enegrecendo o olhar: o lugar da subjetividade no Jornalismo”, busca contrapor as teorias descritas no capítulo dois a partir do olhar da subjetividade no Jornalismo.

No capítulo cinco está descrito os procedimentos metodológicos, as justificativas de escolhas de corpus e amostra e a explicação para as categorias e unidades de análise. No sexto capítulo está presente a análise do material, com exemplos, conexões com a teorização da pesquisa e inferências condicionadas pela Análise de Conteúdo. Por fim, no capítulo sete estão as “Considerações Finais”, em que é possível elencar possibilidades de entender, observar e criticar o campo, tendo em vista a base concluída do estudo.

2 DE QUAL JORNALISMO ESTAMOS FALANDO?

O objetivo deste capítulo é introduzir abordagens que investigam e caracterizam o jornalismo enquanto atividade profissional e social. O movimento feito aqui é o de mapear as diversas funções/visões que o jornalista assume na sociedade a partir de um suporte teórico de intelectuais do campo, assim como de pensadores das Ciências Humanas e Sociais. Também é de interesse deste capítulo demarcar alguns conceitos referentes ao Jornalismo Esportivo, entendido como um segmento profissional e com características específicas.

2.1. Quem é o jornalista e qual o papel que ele desempenha na sociedade?

A tarefa de detalhar os papéis do jornalismo na sociedade, bem como de que forma o jornalista deve desempenhar seu trabalho não é tão simples quanto parece. Fiscalizar as instituições em nome do interesse do público, uma das interpretações possíveis da atuação do jornalista, pode estar imerso num jogo de interesses econômicos, tecnológicos que se orientam por uma lógica industrial e que não necessariamente visam atender uma ação social (PEREIRA, 2004).

O pesquisador Fábio Henrique Pereira descreve que o jornalismo tem passado por processos de transformação que vão desde os primórdios de sua atuação, ainda artesanal, para fases mais contemporâneas permeadas por interesses de mercado. O objetivo desse pesquisador é propiciar uma discussão sobre o jornalismo enquanto ação social e o jornalista como um intelectual, na qual a evolução da profissão consiste a partir da relação do discurso humanista com o tecnológico-metodológico (PEREIRA, 2004).

Como afirma Manuel Carlos Chaparro, o Jornalismo é um processo social de ações conscientes, controladas ou controláveis. Segundo ele “[...] cada jornalista é responsável moral pelos seus fazeres” (CHAPARRO, 1994, p. 22). O papel cognitivo de atribuir significados aos fenômenos sociais é uma tarefa substancial para o jornalista. “Pelo exercício ético, com a elevação do seu nível de consciência poderá melhor pensar-expressar, compreender e levar a compreensão à audiência, como autor e responsável moral por seus fazeres e compromissos” (IJUIM, 2009, p. 38).

Outros pesquisadores vão além e afirmam que o jornalismo pode desempenhar uma função ainda mais significativa. O jornalismo como um espaço de construção e produção do conhecimento é uma das teses de defesa de Adelmo Genro Filho. Sendo esse

um conhecimento singular, que difere do produzido pela ciência, dialogando com o mundo sensível. Enquanto a ciência trabalha com hipóteses, o jornalismo trabalha com o universo das notícias que diz respeito às aparências do mundo (GENRO FILHO, 1987; MEDITSH, 1992; VIZEU, 2015).

Mesmo com essas propostas de leituras possíveis do jornalismo, Pereira (2004) mantém uma preocupação com a dificuldade em definir a relação ao papel do profissional do jornalismo. As reconfigurações do jornalismo artesanal para o jornalismo de mercado impacta diretamente as empresas e no modo de fazer jornalismo. Segundo Jorge Ijuim (2009) os modernos modelos de administração se preocuparam com a otimização de recursos, o que provoca, prontamente, numa virtual profissionalização das redações e, certamente, as torna mais enxutas. As chamadas novas tecnologias de informação – ferramentas importantes e aliadas na produção e divulgação do noticiário – muitas vezes, equivocadamente, constituem argumentos para a diminuição de quadros de jornalistas.

É nesse momento que há um choque entre a visão “romântica” do jornalismo e a visão do jornalismo de “mercado”, como aponta Pereira (2004). “Este ‘painel identitário’ se configura a partir da transição da visão romântica da profissão ao aprofundamento do caráter empresarial da imprensa, expresso na concepção de ‘jornalismo de mercado’” (PEREIRA, 2004, p. 3). O movimento proposto pelo pesquisador é visualizar a função do jornalismo na sociedade a partir de três óticas: romântica, mercado e intelectual. Vejamos um panorama geral de cada uma delas.

Segundo a abordagem romântica, o jornalista possuiria um status diferenciado das demais profissões. Seu dever, por princípio, seria servir a sociedade e os valores democráticos. Abordagens do jornalismo como “Cães de guarda da sociedade”, “princípio da responsabilidade social” ou imprensa como o “Quarto Poder”, são expressões que correspondem a esse ideário (PEREIRA, 2004). Segundo o qual:

Se supunha que o jornalismo deveria servir ao público em sua totalidade e não a interesses particulares (habitual no estilo de jornalismo panfletário do século XIX), nem, tampouco, aos estreitos objetivos comerciais de anunciantes e proprietários (HALLIN, 1996, p. 2).

Vale ressaltar que essa visão romântica teve algumas barreiras para se popularizar no Brasil, visto que a profissionalização do jornalismo tem início durante o Estado Novo (1937 a 1945) e só seria concluída em 1969, já no período da Ditadura Militar, com a aprovação da Lei de Imprensa. De certa forma, a forte interferência estatal na organização

profissional atrapalhou o desenvolvimento de um jornalismo romântico, aponta Pereira. No Brasil, se consolidou uma tradição de um jornalismo estritamente informativo, similar aos Estados Unidos (PEREIRA, 2004).

Em decorrência disso, nas sociedades democráticas a função dos jornalistas se assemelharia em alguns pontos com a do educador, responsável por impor uma certa clareza ao caos dos acontecimentos (NEVEU, 2005). A imagem do jornalista como mediador neutro, distante (e superior) aos jogos de interesse da sociedade, estaria subjacente ao ideal de objetividade na profissão (PEREIRA, 2004). De acordo com Moretzsohn (2002), é se apropriando deste ideal que os jornalistas vão resguardar suas práticas jornalísticas das pressões políticas e econômicas. “Sob discurso da objetividade, o jornalista aparenta o que não é (alguém que influencia os próprios acontecimentos) e assegura seu lugar como autoridade independente, capaz de fiscalizar os atos do governo perante a sociedade.” (PEREIRA, 2004, p. 7)

A objetividade ocupa um local de muita relevância nessa abordagem. Segundo o pesquisador, é ela quem marca a passagem do jornalismo panfletário do século XIX para o “jornalismo profissional”. Ou seja, sob o amparo da objetividade, o repórter projeta a imagem de herói solitário, comprometido apenas com o interesse público e a transparência democrática (PEREIRA, 2004).

A Objetividade se relacionaria diretamente na noção de ouvir fontes diversas de todos os lados possíveis, inclusive aquelas que não têm necessariamente uma opinião a expressar (VIZEU, 2015). Se distanciar desse ideal ou ao menos não o buscar pode colocar o jornalismo à mercê de todo tipo de interferência e também pode esvaziar sua identidade:

Buscar a realidade é uma tarefa que o Jornalismo pode e deve fazer. Abdicar a ela seria o mesmo que aceitar todo tipo de manipulação e esvaziar o Jornalismo de sentido, exatamente quando tanto se precisa dele. Dentro desse contexto, a questão da objetividade é subsidiária à discussão sobre a verdade no campo jornalístico. (VIZEU, 2015, p. 873)

O pesquisador Alfredo Vizeu (2015) destaca que embora a informação produzida pelo jornalismo reflita um fragmento da realidade, ela não é a verdade em si. Ela contribui para o aumento do saber, “Inscreve-se no projeto do homem que consiste em descobrir de maneira tão completa e precisa quanto possível o universo que o rodeia, a fim de reduzir a incerteza do seu meio ambiente”. (VIZEU, 2015, p. 873)

O jornalista desempenha um papel de intérprete da atualidade, compreendido como o momento presente da realidade. Em sua atuação jornalística, o homem ou mulher não pode apreendê-la na sua verdade profunda, pois ela lhe escapa. Segundo Vizeu (2015), não há verdade sem sujeito, nem interpretação sem intérprete. O objetivo é estabelecer uma relação próxima entre o objeto da interpretação e o sujeito interpretante, no seu trabalho de compreensão de si mesmo. Desta forma, não se trata de afirmar unicamente a existência de uma subjetividade.

Para ele, a discussão sobre a verdade jornalística e a objetividade se torna banal quando não se preocupa com a relação entre três ordens de informação: a observação (o acontecimento, os fatos); a interpretação (o sentido, os comentários) e a narração (o estilo, o relato, a retórica), e se não implicar plenamente a intervenção do jornalista como sujeito (VIZEU, 2015). A intelectual dialoga com o conceito de “objetividade possível”, que segundo ele possui mais consistência. Segundo o qual, o bom jornalismo que se aproxima da verdade está estreitamente ligado ao rigor da averiguação dos fatos através do método (MIOTTO, 1993; VIZEU, 2015).

Mas, quando tudo isso começou a desestabilizar e pôr em xeque a identidade profissional do jornalista? Segundo Pereira (2004), o período de ouro dessa visão compreende o final da década de 40 a meados da década de 70, nos Estados Unidos. Após esse período começa a ganhar força a ideia do jornalismo como uma profissão voltada exclusivamente para os interesses do mercado. De acordo com ele, o “jornalismo de mercado” colocaria em xeque todo o ideal romântico que perpassa a profissão. “De certa forma, há uma radicalização do caráter mercantil da imprensa, intrínseca à própria produção noticiosa. Essa radicalização é resultado de alterações não só no jornalismo, mas em toda estrutura social” (PEREIRA, 2004, p. 8).

Fatores como mudanças na estrutura das empresas de comunicação e a informação ter se tornado antes de tudo uma mercadoria, levaram a uma submissão da produção jornalística à lógica de exploração do sistema capitalista (PEREIRA, 2004). No Brasil, um outro fator é elementar na discussão da interferência do mercado na execução da visão romântica: a administração dos jornais ser marcada pelo conflito entre o autoritarismo centralizador dos grupos familiares que controlam o jornal e a racionalidade de exigir metas e desempenhos profissionais (RIBEIRO, 1994),

Por isso, apesar da descentralização do poder e da contratação de executivos profissionais, ainda é forte o poder do dono do jornal no controle da empresa jornalística. A influência da lógica comercial nas redações trouxe consigo a redução de custos na fabricação de notícias e um processo de precarização do mercado de trabalho (PEREIRA, 2004, p. 10)

Neste contexto, em muitas situações de dia-a-dia na redação, por conta da deterioração do mercado de trabalho e para se manter no emprego ou conseguir um melhor status, o jornalista se vê cada vez mais tentado a “desrespeitar” algumas regras morais e deontológicas da profissão (PEREIRA, 2004). No entanto, o jornalista que abre mão do rigor do método, por consequência, pode acarretar uma série de problemas de ordem social, como desrespeitar o outro, vítima, testemunha, parente e até ele mesmo (VIZEU, 2015): “Se há rigor no método, a notícia se aproxima da objetividade e da verdade dos fatos, garantindo uma postura ética do jornalismo diante da realidade dos acontecimentos” (idem, 2015, p. 872).

Uma consequência direta desse processo é no texto produzido possuir um caráter cada vez mais instrumental, condicionado por interesses de mercado. “O jornalista perde a aura de herói e identifica-se, cada vez mais, como simples operário de um sistema de produção taylorizado” (PEREIRA, 2004, p. 10)

O jornalismo cidadão, o ciberjornalismo, o deslocamento das fronteiras da privacidade, em resultado da emergência de um novo regime de visibilidade promovido pelas novas tecnologias, a hiperconcorrência no jornalismo, a instantaneidade da informação, o poder das fontes, as redações multimídia e a globalização dos discursos mediáticos são apenas alguns dos temas críticos de onde podem emergir novas práticas que põem em causa a hierarquia dos valores do jornalismo, assentes numa visão menos problematizada sobre a veracidade nas notícias. A busca pela legitimidade e papel do jornalismo num contexto de novas formas de acesso, produção e divulgação da informação, no quadro de um novo espaço público será predominante neste cenário de transformações (CAMPONEZ, 2014).

A posição de contestação do ideal da objetividade, tanto pela filosofia e pelas ciências naturais, como posteriormente pelas teorias construcionistas, que concebem uma realidade construída e objetivada socialmente, vão instaurar um solo de dúvidas no jornalismo a partir da década de 1960. A nova era de subjetividade na imprensa, expressa

pelo movimento do “novo jornalismo”, é uma consequência à falta de confiança dos profissionais nas autoridades políticas (PEREIRA, 2004).

Esse processo vai impactar no quase desaparecimento do conceito de objetividade dos códigos normativos do jornalismo, sendo esses substituídos por outros conceitos como o rigor, a honestidade e a exatidão (MESQUITA, 2000). Porém, na realidade pode-se dizer que a relativização da objetividade e sua valorização como um ideal a alcançar apenas foi renomeado, sem, porém, conseguir constituir-se como um elemento verdadeiramente crítico e de resistência à emergência do infoentretenimento e à informação-espetáculo, na era da hiper concorrência (CAMPONEZ, 2014). Sob a ótica da ética e da deontologia do jornalismo no que tange as questões relativas à qualidade da informação, a perspectiva de objetividade, da busca pela verdade e do rigor da informação seguiram tendo um papel fundamental para diferenciar a atuação do jornalista de outras profissões (TRAQUINA, 2005).

Como já salientado, as mudanças provocadas dentro das organizações, econômicas e corporativas tiveram grande impactos no modo como o jornalismo se ver e pode atuar. Para Camponez (2014, p. 118), entretanto, “seria igualmente descabido tornar o conceito de verdade e de objetividade no jornalismo como o centro dos problemas que enfrenta a profissão”. Em suma, para o autor, existe a percepção de que a objetividade, enquanto filosofia moral da profissão dos jornalistas, não tem dado respostas convincentes a muitos desafios que se colocam ao jornalismo, nomeadamente no que se refere à homogeneização e perda de diversidade dos conteúdos informativos, à hiperbolização da sua linguagem, ao sensacionalismo, à crescente superficialização e leveza das notícias, à hibridização entre a informação e entretenimento e à excessiva dependência das fontes de informação organizadas, entre outras questões (CAMPONEZ, 2014).

O autor vai defender o uso do conceito “Ética do cuidado” que segundo ele “permite contrabalançar as questões que se prendem com uma visão estreita da ideologia da objetividade, sem, no entanto, recusar o compromisso e o dever de verdade dos jornalistas enquanto mediadores do discurso público” (CAMPONEZ, 2014, p. 119). O ideal de verdade como uma condição essencial e transversal exigida pelo respeito aos diferentes interlocutores no quadro geral de uma ética da comunicação, se mantém.

Para Camponez (2014), na Ética do cuidado o nível de complexidade mais coerente com as exigências epistémicas e normativas do jornalismo contemporâneo. O

jornalismo centrado nos valores do cuidado não deixa de integrar a dimensão do respeito do jornalista para consigo mesmo, com o público, com as fontes, com os sujeitos tratados nas narrativas jornalísticas e com o próprio jornalista, enquanto profissão empenhada na prestação de um serviço público para a qualidade da vida social e da democracia (CAMPONEZ, 2014)

Nessa abordagem, segundo o pesquisador, a “Ética do cuidado” pode contribuir para perceber enquadramentos necessários nas novas narrativas nos media, renovar as temáticas objeto de tratamento, integrar estratégias destinadas a melhor escutar os cidadãos, no contexto de uma exigência, por um lado, epistémica e, por outro, normativa, assente no serviço público, e não apenas como formas estratégicas de mercado e de busca e renovação de audiências. (CAMPONEZ, 2014)

Retomando a sistematização proposta por Pereira (2004), para verificar os papéis do jornalista na sociedade, após o aspecto romântico e o de mercado, ele apresenta uma terceira via possível de ler o papel do jornalista: a partir da análise do jornalismo enquanto uma categoria de intelectuais. Nesse sentido, mantém-se o carácter mercantil da profissão que assume um novo papel nas sociedades contemporâneas. Na posição que o capitalismo se encontra atualmente, o conhecimento se configura como uma categoria central que influencia todas as demais esferas sociais. Porém, o problema estaria na decadência das demais categorias intelectuais que por consequência deixaria um vácuo na produção e transmissão do saber (ORTEGA & HUMANES, 2000).

Em consonância disso, a mídia ocuparia esse vácuo intelectual, estabelecendo uma relação comunitária de proximidade com o público. Os meios de comunicação assumiriam o papel de estabelecer um horizonte de referências culturais e modificar a estrutura da pauta cotidiana por meio da construção de uma realidade que vai além da representação (ORTEGA & HUMANES, 2000; PEREIRA, 2004).

De acordo com Pereira (2004), mesmo o jornalismo nunca tendo deixado de produzir um trabalho intelectual, foi a partir de um processo de redistribuição da função intelectual na sociedade que ele atinge este status. “Como intelectual, o jornalista desempenha um papel decisivo na construção social da realidade, expresso na função do agenda-setting” (PEREIRA, 2004, p. 13).

Esse é um panorama geral a partir de algumas visões sobre o jornalismo, que se baseiam na sistematização de Pereira (2004) além de contribuições de outros autores. O que defendemos neste trabalho é que embora esteja imerso numa lógica empresarial, o

jornalista ainda possui um compromisso com o público e com a sociedade. Principalmente na interface subjetiva que visa combater o racismo, sem, no entanto, abdicar das técnicas oriundas da objetividade.

O duplo discurso ao qual o jornalista está condicionado, o humanista e tecnológico-metodológico, são representações da não linearidade da identidade do jornalista. Uma dessas identidades profissionais (HALL, 2000), ao qual já foi citada, é a da responsabilidade social.

2.2. A responsabilidade social do jornalismo

Essa é uma noção que tem muita preocupação pelo jornalismo e por jornalistas. Ela aparece em diversas normatividades estabelecidas dentro do campo (Bourdieu, 1997). A Associação Brasileira de Imprensa (ABI), por exemplo, apresenta em Seu Princípio III:

Informação em jornalismo é compreendida como bem social e não como uma comodidade, o que significa que os jornalistas não estão isentos de responsabilidade em relação à informação transmitida e isso vale não só para aqueles que estão controlando a mídia, mas em última instância para o grande público, incluindo vários interesses sociais. A responsabilidade social do jornalista requer que ele ou ela agirão debaixo de todas as circunstâncias em conformidade com uma consciência ética pessoal. (ABI, s.d., on-line)³

O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros também dá destaque para essa noção. Em seu Artigo 2º ela determina:

Art. 2º - Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que: [...] III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão. (CÓDIGO DE ÉTICA, 2007)

O papel social que o jornalista desempenha se relaciona diretamente com sua função de estabelecer pontes na realidade dividida, estratificada em grupos de interesse, classes sociais, extratos culturais e faixas até mesmo etárias (MEDINA, 1982). “No

³ Texto na íntegra da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo/>

exercício desse papel social, ao sair para a sociedade o jornalista rastreia o maior número possível de versões, na busca incessante de uma verdade inatingível, na solidariedade aberta a todos que tenham alguma coisa a falar” (MEDINA, 1982, p. 23), o jornalista constrói a realidade. A busca pela objetividade e a valorização do rigor da investigação são muito importantes para essa abordagem que está inserida num guarda-chuva das teorias construcionistas, ao passo que “[...] não permitir que os acontecimentos permaneçam no limbo do aleatório, mas sejam trazidos aos horizontes do significativo” (HALL *apud* TRAQUINA, 2005, p. 171).

O processo de atribuição de significados é determinante para o jornalista. Ele não executa simples técnicas de investigação e redação, mas desenvolve apurada e cuidadosa habilidade de ver o mundo e sentir-se com o mundo (IJUIM, 2009). Ao concluir sua reportagem, por exemplo, o profissional não apresenta apenas um relato sobre fatos, “pois o que viu, ouviu, sentiu e vivenciou foi processado pela sua inteligência e pelos seus sentimentos – um processo de atribuição de significados. Ele apresenta uma narrativa viva, uma construção da realidade, mediada pelo social” (IJUIM, 2009, p. 35).

De acordo com Medina (2006), seguindo uma lógica de agente cultural, o jornalista deve produzir narrativas que possuam contradições, embates de visões de mundo, incertezas e interrogações através do uso de uma linguagem dialógica que enfrenta não apenas a polifonia, mas a complexidade conflitiva dos diferentes. “Por essas razões, o enfrentamento ao risco da especialização profissional requer o constante aperfeiçoamento técnico, intelectual, ético – a capacidade de refletir para agir.” (IJUIM, 2009, p. 39).

O que defende esses autores é que embora esteja num contexto de árdua estratificação social, controle externo e interferências de valores mercadológicos, “o jornalista precisa cavar sua trincheira e avançar, gradativa e firmemente.” (MEDINA, 1982, p. 23). O dever de buscar seu compromisso social, senão num embate aberto com a corporação, seja aproveitando as “brechas” do sistema, tem o objetivo concretizar o projeto de vida e profissional (IJUIM, 2009; MEDINA, 1982).

A perspectiva da responsabilidade social do Jornalismo relaciona-se intrinsecamente com à ideia de que a condição de existência primeira deste é o interesse público (LAGO, 2014). É na instrução dos povos que será possível a formação de povos que podem tomar decisões livres.

O valor destas decisões depende, por sua vez, do grau de informação dos cidadãos e estes não estão informados mais do que na medida em que os fatos e acontecimentos lhes são relatados de um modo exato e completo. A qualidade da informação depende da compreensão, dos conhecimentos, das qualidades profissionais e do sentido de responsabilidade do jornalista (UNESCO apud MEDINA, 1982, p. 35).

Uma premissa importante dessa abordagem é a de que a qualidade da informação jornalística é parte substancial do sistema democrático e fundamental para o exercício da cidadania (LAGO, 2014). O papel pleno do cidadão na sociedade:

[...] carece de uma informação inteligível, completa e contraditória, que seja reflexo do maior número possível de dimensões da vida social e que não se polarize apenas nos discursos institucionais, não identifique as vias normais com o trivial ou o subalterno nem reduza a sociedade aos seus dirigentes (NEVEU, 2005, p. 115).

É possível conceber que o papel do Jornalismo, a partir da perspectiva da responsabilidade social, reside na obrigação moral de deixar antever a multiplicidade de opiniões da sociedade. A defesa do interesse público não pode se resumir a fornecer as informações que supostamente interessam ao público (LAGO, 2014). Segundo Neveu (2005, p. 135),

O ideal democrático requer um jornalismo de informação econômica e culturalmente acessível a todos e produtor de reflexão sobre os desafios políticos”. A condição de existência deste tipo de jornalismo assenta-se em três apoios: o Estado, o pluralismo e a introdução dos saberes científicos “no seio do debate público”. Em relação ao pluralismo, o autor reforça que este deve ser político, mas também sociológico. Por pluralismo sociológico, especifica a necessidade de o jornalismo estar “atento às várias experiências da sociedade e de suas expressões”, sabendo “captá-las onde elas têm pouca capacidade de se fazer ouvir institucionalmente” e dando-lhes “voz de modo a suscitar a reflexão de públicos mais vastos.

O Jornalismo é uma atividade central nas sociedades democráticas. Deve ter como preocupação contribuir para o acesso e a compreensão de homens e mulheres do mundo que os cerca. O Jornalismo é nesse sentido uma espécie de “Lugar de Referência” para homens e mulheres (Vizeu, 2008). A afirmação de Schudson (1996) de que os cidadãos e cidadãs mais informados criarão uma melhor e mais completa democracia reforça a perspectiva da importância do Jornalismo na democracia. O Jornalismo é uma instituição

central na sociedade moderna, uma referência do conhecimento e da autoridade cultural (SCHUDSON, 1996).

Dentro desse contexto compartilhamos a definição de Lorenzo Gomis (1991), para quem o Jornalismo é o resultado de uma atividade profissional de mediação vinculada a uma organização que se dedica basicamente a interpretar a realidade social e mediar os que fazem parte do “espetáculo mundano” e o público. A mídia não só transmite, mas prepara e apresenta uma realidade dentro das normas e das regras do campo jornalístico contribuindo dessa forma para a percepção do mundo da vida (GOMIS, 1991).

2.2.1. O jornalismo enquanto uma instituição social

O jornalismo se configura como uma atividade social que possui especificidades. Pode ser caracterizada como uma instituição política da sociedade civil, logo, independente do Estado. Porém, é preciso reconhecer que por conta disso, o jornalismo é marcado por divisões e conflitos de interesse dos próprios agentes da sociedade. Fatores econômicos, políticos, simbólicos entre classes sociais são disputas constantes dentro desta instituição social (SOARES, 2008). O Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, Murilo César Soares, defende em seu texto “O papel do jornalismo na política democrática” (2008), que os jornalistas atuam como observadores avançados da sociedade em relação ao governo. Ele defende a independência do serviço jornalístico em relação ao Estado, porém enfatiza que isso não impede que na prática haja uma aproximação do Governo, que dispõe de recursos para criar uma relação íntima com o Jornalismo.

Como instituição da sociedade civil, alega-se, a instituição jornalística tem uma independência e um distanciamento do poder político, o que faz os jornalistas serem como que observadores avançados da sociedade em relação ao governo, profissionais da informação sobre os rumos que as autoridades dão à coisa pública e sobre o destino dado ao dinheiro dos impostos. O distanciamento institucional existe de direito, mas o governo tem recursos para aproximar-se dos meios noticiosos. (SOARES, 2008, p. 3)

Sendo uma instituição da sociedade civil, o jornalismo pauta outros atores sociais, especialmente a opinião pública, em que por sequência eventualmente pode suscitar falas de autoridades e de representantes políticos, porém não consegue necessariamente influir nas políticas públicas ou ações específicas. Segundo Soares (2008, p. 14), “haveria uma

independência relativa entre políticas públicas do governo e agenda mediática, o que revelaria a limitação do poder dos meios noticiosos na política”.

Um aspecto importante que deve ser mencionado, de acordo com o pesquisador, é o fato que o jornalismo *mainstream* representa as perspectivas de grupos hegemônicos, embora outros atores sociais, como os movimentos sociais, possam também os agendar (SOARES, 2005). Nesse contexto, o jornalismo se conecta com o interesse público a partir do caráter democrático que ele assume nesta.

A existência de algum tipo e de certo grau de interesse público na operação da mídia de massa já foi clara e amplamente aceita, e isso tem muito a ver com o surgimento da democracia e de uma “esfera pública”, na qual opiniões são formadas e expressas por cidadãos com base no conhecimento comum e em valores largamente promovidos (MCQUAIL, 2006, p. 19).

O uso do conceito de interesse público foi intrinsecamente incorporado e defendido por diversos jornalistas ao redor do mundo sem que necessariamente existisse uma precisão do mesmo por eles (CHRISTOFOLETTI; TRICHES, 2014). Em linhas gerais, ele é considerado um “princípio fundamental”, norteador, para os profissionais no dia-a-dia, mas que também pode até mesmo ser utilizado como escudo em circunstâncias que envolvem o rompimento de direitos, como a presunção da inocência e a privacidade (CHRISTOFOLETTI; TRICHES, 2014).

De acordo com a Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB), Delcia Maria de Mattos Vidal, o conceito de interesse público se relaciona diretamente com a cidadania na medida que a informação/notícia que dialoga com o interesse público contribui para o desenvolvimento intelectual, moral, físico do cidadão, com informações que possibilitem ao leitor refletir e tomar decisões em relação ao governo, à saúde, à segurança, à educação, ao trabalho, enfim, para o exercício da cidadania (VIDAL, 2009). Para ela, o conceito se relaciona diretamente com as condições propiciadas por uma sociedade democrática, “Em suma, a notícia de interesse público tem agregado ao seu valor-notícia um valor de cidadania. É o valor que possibilita ao cidadão ter integração e participação na vida em sociedade” (VIDAL, 2009, p. 85).

O papel do jornalismo é uma construção social coletiva que fornece uma explicação para as atividades regulares das mídias e de seus profissionais. Denis McQuail (2006) defende o caráter profissional do jornalismo e apresenta a perspectiva das

características que estão vinculadas a este jornalismo profissional. Para ele, o jornalismo profissional representa conflitos em suas práticas diárias. Por exemplo, jornalistas em suas interpretações podem trazer representações de minorias (sejam elas sociais, étnico-raciais, de gênero, sexualidade) em contraponto a uma provável hegemonia da empresa jornalística. McQuail (2006) elenca outros conflitos básicos, oposições ou escolhas enfrentadas pelas mídias ou jornalistas, citemos algumas: Adotar um papel neutro *versus* participante em relação ao ambiente à sociedade; concentrar-se em ‘fatos’ *versus* determina-se a interpretar e fornecer conselhos e comentários; Atuar como um ‘guardião’ para a sociedade *versus* ser um ‘defensor de causas ou interesses’.

No que tange as características gerais do jornalismo profissional é possível destacar a busca pela objetividade, a operacionalização a partir de um sistema de mercado, a execução a partir de normas e regras profissionais, a disposição de uma “liberdade de imprensa” e é definido separadamente de acordo com os diversos setores da mídia de notícias – o chamado jornalismo especializado (MCQUAIL, 2006).

O Código de Ética dos Jornalistas pode ser citado como um importante documento que aglutina e fixa as normas que os profissionais brasileiros do jornalismo devem seguir. Seja em relação com a sociedade, com as fontes de informação e entre outros jornalistas. Esse é um aspecto que se relaciona diretamente com a Responsabilidade Social da mídia e do jornalismo. Já que é preciso que existam normas, a partir dos quais veículos de imprensa devam se responsabilizar frente a sociedade.

O dever de buscar seu compromisso social, senão num embate aberto com a corporação, seja aproveitando as “brechas” do sistema, tem o objetivo de concretizar sua função em sociedades democráticas (IJUIM, 2009; MEDINA, 1982). Segundo Juarez Bahia, “certos críticos do jornalismo mais atentos às funções sociais dos veículos, estes procuram fugir às suas responsabilidades com a educação das pessoas. As objeções a este respeito procuram evidenciar um crescente desinteresse dos veículos pela crença de valores” (BAHIA, 1990, p. 27)

No exercício da profissão o jornalista tem, também, uma vocação para ser o intermediário entre os acontecimentos e a comunidade para servir à sociedade.

(...) missão do jornalismo se confunde com a natureza da informação. Sua prioridade básica é difundir notícias. Fora dessa função primordial, absorve muitas outras como, por exemplo, a de promover o bem comum e a de estimular a mais ampla e livre troca de ideias entre as pessoas, quaisquer que sejam suas convicções. (BAHIA, 1990, p.20)

Esse aspecto ressaltado pelo autor se relaciona com o papel de “Facilitador” que McQuail (2006) atribui ao jornalismo. Segundo ele, o jornalismo apoia a atividade de deliberação na esfera pública mais ampla da sociedade civil. Além disso, também apoia a comunidade na formação e participação cidadã fornecendo canais de comunicação entre os cidadãos e o governo. Esse papel atende às necessidades do indivíduo-cidadão e da sociedade em geral e não é normalmente impulsionada pelo lucro (MCQUAIL, 2006).

Outros três papéis são atribuídos ao jornalismo de acordo com McQuail (2006): monitorador, colaborador e radical. O primeiro se relaciona com a ideia de vigilância, onde o jornalismo monitora o mundo social afim de encontrar, processar e publicar notícias objetivas e confiáveis. Nessa função, o jornalista atua como um canal para informações e pontos de vista de uma série de outras fontes da sociedade, além de sinalizar eventos e definir uma agenda para o público.

O papel do colaborador pode ser considerado menos comum, normalmente é adotado sob circunstâncias em que as necessidades mais amplas de uma sociedade têm precedência sobre o lucro ou outros propósitos jornalísticos e requerem cooperação da mídia com outras agências externas, às vezes até mesmo o governo - exceto quando este é descrito como um adversário em potencial. As circunstâncias envolvem, por exemplo, situação de desastre natural ou outras ameaças em qualquer sociedade, seja uma guerra ou crise. O autor (2006) destaca que o patriotismo e outras identificações culturais e sociais fornecem o impulso à colaboração da sociedade.

Por fim, o papel radical que McQuail (2006) atribui ao jornalismo se refere à escolha de uma postura adversária em relação a autoridades, em bases normativas claramente motivadas. Nesta função, o jornalista defende uma causa ou uma crença, minoria ou outro grupo vitimado. Frequentemente, há um ponto fundamental: o desafio à sociedade e à sua estrutura econômica e de poder. O papel claramente não é consistente com o modelo dominante de objetividade, pluralismo e do que se caracteriza como conduta “profissional”. É mais provável encontrá-lo fora do jornalismo *mainstream* e em uma variedade de formas de “Jornalismo alternativo” e de Jornalismo independente” (MCQUAIL, 2006).

2.2.2. Jornalismo Esportivo é antes de tudo jornalismo

Compreendemos aqui o jornalismo esportivo como uma área especializada, com especificidades que o diferenciam de outros segmentos do jornalismo (ERBOLATO, 1980). O termo “especializado” é atribuído para designar o campo do saber junto a determinada área e considerando as interfaces do esporte com o lazer, a saúde, a prestação de serviço etc. (CARDOSO, 2018).

Seja nos manuais mais clássicos como no “Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso” (ERBOLATO, 1980) ou no “Manual do jornalismo esportivo” (BARBEIRO e RANGEL, 2006), o conceito em torno do jornalismo esportivo é abrangente, mas os estudiosos do esporte e do jornalismo compreendem que o profissional deve se especializar para ter condições de analisar o esporte pelas suas múltiplas facetas. (CARDOSO, 2018).

Erbolato (1980), destaca, por exemplo, a necessidade de o jornalista saber todas as regras do esporte que está cobrindo, bem como, as atualizações e modificações na regra. O autor aborda em seu livro clássico – “Jornalismo especializado: emissão de textos no jornalismo impresso” - sugestões de coberturas ou de abordagens de modalidades e explica regras de modalidades, como se disputam, medidas de quadras e campos.

Já para o pesquisador da Universidade de São Paulo, Luciano Maluly (2013), uma outra forma do jornalista ter contato com o esporte é por meio de sua prática. Através da disputa de modalidades esportivas o jornalista terá mais diálogo com a filosofia, a dinâmica, as regras e particularidades somente observadas pela vivência. Dessa forma, o jornalista será capaz de incrementar o seu repertório para usá-lo desde a concepção de pautas à linguagem de suas narrativas que serão enriquecidas. Entretanto, “O excesso de trabalho e os baixos salários, característicos da profissão no Brasil, porém, ironicamente mantêm o profissional afastado do esporte *in loco*”. (CARDOSO, 2018, p. 49)

Embora o jornalismo esportivo obedeça às regras gerais que regem a profissão, ele apresenta algumas particularidades. Oselame (2012) diz que essa especialização do jornalismo permite uma abrangência de possibilidades de narrativas, sendo orientado pela lógica comercial, especialmente na televisão. Por se tratar de um assunto (esporte) que tem o objetivo de entreter (OSELAME, 2012), o jornalismo esportivo pode utilizar uma linguagem mais informal, flexível e até experimental, porém não menos objetiva. Historicamente, é uma área muitas vezes sujeita a um certo preconceito.

Segundo Coelho (2004) o nascimento desse preconceito remonta ao Brasil no início do século passado, quando sequer existia uma imprensa especializada no país.

Neste contexto, uma vitória no futebol, por exemplo, não ganhava as manchetes: era algo impensável para uma época que ainda não sentia os efeitos da espetacularização do esporte. As editorias de política e economia eram as mais prestigiadas e eram tidas como os carros-chefes dos jornais neste cenário inicial.

Entretanto, a partir dos anos 2000, num contexto propício à popularização da internet e com a inevitável e ferrenha concorrência com a agilidade dos meios digitais, o jornalismo esportivo, principalmente na televisão, teve que se readaptar. De acordo com Bourdieu (1997), a espetacularização dos acontecimentos esportivos passou a ser o principal atributo para se definir as notícias. Este foi o pontapé da era do jornalismo esportivo da informação-entretenimento. O objetivo já não era buscar, apurar e divulgar as informações, mas divertir, distrair e entreter o telespectador.

Segundo o jornalista Coelho (2004), em muitas oportunidades a informação esportiva teve que ficar em segundo plano em detrimento da necessidade de se promover o espetáculo, já que o produto - fruto de alto investimento das concessões de direitos de transmissão, por exemplo - necessita ter um retorno, um lucro.

Diante da maturação de uma linguagem própria e da espetacularização do esporte, a cobertura dos eventos esportivos exigiu de repórteres, fotógrafos, radialistas, cinegrafistas e comentaristas, uma dinâmica de constante movimentação para cobertura dos eventos. Muitas vezes, precisam-se construir narrativas em que o produto final não fosse dos mais atrativos aos olhos do público, porém a necessidade de construir uma narrativa excitante não possui restrição quanto à qualidade.

As narrativas remontam à emoção. Esta é a área do jornalismo que lida diretamente com as paixões do torcedor, do amante do esporte, e existe a necessidade de fazer com que a audiência se emocione (LOVISOLO, 2011).

O esporte aumentou o campo de atuação profissional na mídia. O “estar aí” tornou-se uma marca do jornalismo esportivo, portanto, de “veracidade”. A forma e o conteúdo emocional dominaram o jornalismo esportivo desde a fotografia e o radialismo. Formar o apreciador do esporte significou, e ainda significa, criar suas emoções, fazer com que se emocione com o esporte (LOVISOLO, 2011, p. 93)

Segundo o autor, o jornalismo esportivo desempenhou um papel relevante em trazer para os meios de comunicação a informação, com o objetivo de divertir, entreter, emocionar. “Por último, nossas atitudes e sentimentos em relação ao esporte seriam pouco compreensíveis se não levássemos em conta a formação de emoções, crenças e

competências técnicas geradas e difundidas pelo jornalismo esportivo” (LOVISOLO, 2011, p. 94).

Além de transmitir informação, ao passo em que envolve sua audiência com narrativas de heróis e vilões, o jornalismo esportivo também tem uma função social que se traduz em “cumprir o seu papel de estimular as novas vocações e de valorizar o espírito de competição” (BUENO, 2005, p. 21). Num país como o Brasil, conhecido mundo afora como o “país do futebol”, tradicional em outras tantas modalidades esportivas, a narrativa do jornalismo esportivo incide na criança e no jovem, um estímulo para seguir carreira no esporte.

Este estímulo a prática do esporte é uma das funções sociais do segmento do jornalismo esportivo. Esse tipo de abordagem pode ser visto frequentemente em época de megaeventos, como as Olimpíadas, onde acontece a ampliação da angulação das pautas a fim de trazer para os noticiários esportivos a pluralidade de ideias e estímulos que representam os temas ligados ao esporte (CARDOSO, 2018).

Uma reportagem pode ser o pontapé inicial de uma jornada para muitas crianças e adolescentes porque representa a chance de aprendizado e melhor inserção na sociedade por meio de práticas esportivas e do componente gregário e lúdico que as acompanham. Para realizar bem as articulações em torno do processo que abarca a produção de notícias o jornalista esportivo necessita se aprofundar mais para criar pautas e fazer reportagens que vinculem esporte com saúde, educação e lazer (CARDOSO, 2018, p. 51)

Para Marcelo Cardoso (2018), para que o jornalismo continue a desempenhar bem a sua função social em prol do interesse público é necessário que eles estejam cada vez mais bem preparados. É indicado conhecimentos nas áreas da administração, da gestão, da fisiologia, da educação física, da psicologia, da nutrição, da sociologia, etc., para conseguir abordar com mais profundidade os temas ligados ao esporte e, ao mesmo tempo, ter a liberdade de suitar suas reportagens para relatar seus desdobramentos ou aprofundá-las.

Contornar os baixos salários e a precarização das redações juntamente com pressões organizacionais para que o conteúdo veiculado siga determinada linha editorial e que, frequentemente, se impõem e contrapõem à ideologia do jornalista. O profissional, no entanto, sempre terá a opção de procurar caminhos alternativos, observar novas possibilidades e driblar algumas regras para se aventurar - com mais equilíbrio - pela pauta esportiva. Ampliará a diversidade de abordagens, irá melhorar a qualidade dos conteúdos e cumprirá a função social do jornalismo. (CARDOSO, 2018, p. 52)

2.2.3. Jornalismo Esportivo, interesse público e sua função social

No jornalismo profissional contemporâneo, o esporte frequentemente é enquadrado a partir das competições de alto rendimento, dos megaeventos e das imagens espetaculares que proporcionam (CAMARGO, 2001). Permeado por aspectos mercadológicos, as modalidades esportivas, neste contexto, são tratadas frequentemente como sinônimos de ufanismo, entretenimento ou com excessivo favorecimento do futebol (CAMARGO, 2001).

Bueno (2005, p. 21) destaca exatamente esse movimento da prática da modalidade no país ao afirmar que o futebol tem a escolha de “multidões em nosso País, mas há uma desproporção entre o número de praticantes das diversas atividades esportivas e o espaço (e o tempo) a eles dedicados pela mídia”.

Os recortes mais veiculados na mídia especializada na cobertura do esporte ressaltam “aspectos políticos e econômicos como os escândalos, valores vinculados ao marketing ou tocam basicamente em pautas sobre resultados da alta performance e a prática da competição pela vitória” (CARDOSO, 2018, p. 41). Além disso, a cobertura concentra o interesse por capturar imagens espetaculares que visam construir um sistema de práticas e de sentidos imersos e guiados por motivações capitalistas, como afirma o Doutor em Comunicação e Semiótica, o pesquisador Anderson Gurgel.

O esporte como espetáculo gera um “show de imagens”, que é ingrediente perfeito para o entretenimento na sociedade contemporânea. Jogos, jogadores, jogadas, façanhas e narrativas, arenas, torcedores, produtos e celebridades do (e no) esporte são alguns dos itens fundamentais dessa grande fonte geradora de imagens e imaginários que constroem um sistema de práticas e de sentidos inseridos no ambiente capitalista do trabalho e da geração de interesses econômicos. (GURGEL, 2009, p. 203)

Assim como ressalta Cardoso (2018), a cobertura do esporte pode ser mais do que isso, até porque o esporte é. Considerado uma importante ferramenta de inclusão social, de formação e de educação da sociedade, as pautas esportivas podem buscar mostrar esses aspectos sociais da prática esportiva. Mesmo num contexto de diversas barreiras, como organizacionais, financeiras e de abordagem, Cardoso (2018, p. 43) salienta: “Sabemos que a linha editorial e os objetivos mercadológicos ditam as orientações sobre as pautas”,

porém, há caminhos construtivos que visem o interesse público de uma cobertura social do esporte.

Ao articular-se à cidadania e sendo sua enteléquia, o jornalismo articula-se, também, ao interesse público. É a imprensa que por sua capacidade de empoderar cada indivíduo terá um papel diferenciado na sociedade, que justamente se dá por sua inclinação para a cidadania e para o interesse público (MORAES JUNIOR, 2011). Nesse modelo de jornalismo, e especificamente do jornalismo esportivo, a cidadania acontece pela ação do jornalista e pela ação do cidadão. Mesmo sendo ambos considerados cidadãos, o que o autor destaca é que a ação do jornalista no contexto da cidadania de um país só atinge sua dimensão mais extensa quando ela se desdobra na ação do segundo agente: o público. Essas ações possuem um caráter retroalimentativo (MORAES JUNIOR, 2011).

Esse cometimento e compromisso com o interesse público, entende-se aqui, estão claramente estabelecidos em uma noção de cidadania que perpassa a Declaração Universal dos Direitos Humanos. Daí, considerando o vigor e o cometimento e compromisso assentados nesse documento, pode-se falar em uma articulação entre o jornalismo e o interesse público (MORAES JUNIOR, 2011, p. 41)

Nelson Traquina (2005) destaca que a centralidade e o protagonismo da cobertura jornalística estão no cidadão. Segundo ele, parte do jornalismo articulado ao interesse público reside no conceito de jornalismo cívico. Dentro da disputa com os interesses do mercado, como o jornalismo pode se comportar para atingir esse valor? Segundo Enio Moraes Junior (2011), o interesse público, ao ser coerente com a cidadania, não é incoerente com o mercado. Ele afirma,

Em primeiro lugar, porque nem todo jornalismo contemporâneo se faz no mercado. O jornalismo realizado por instituições públicas, por organizações não-governamentais ou por sindicatos nem sempre se insere no âmbito mercadológico. Em segundo lugar – e mais importante para essa discussão –, mesmo que a grande imprensa oriente sua produção pelo mercado consumidor da informação como produto, não se pode perder de vista o interesse público. Se isso ocorre, perde-se antes o jornalismo (MORAES JUNIOR, 2011, p. 43)

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, determina não apenas os direitos de cidadania, mas, sobretudo, aponta as bases de atuação de uma imprensa comprometida com os direitos humanos (MORAES JUNIOR, 2011):

Todo o homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios, independentemente de fronteiras. (DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS, 1948)

No Brasil, a partir da Constituição Federal 1988 vigente, a forma como o esporte é visto foi ampliada, de acordo com Cardoso (2018). Deixou de privilegiar a sua perspectiva do desempenho, passando-se a compreendê-lo também sob a ótica da educação e lazer. Introduzindo novos conceitos que entendem o esporte enquanto manifestações Esporte-educação, Esporte participação (lazer) e Esporte-performance (desempenho). Nos anos posteriores outras leis auxiliaram a regulamentar o esporte - Pelé em 1998 e Maguito Vilela em 2000, o que fortaleceu a visão oficial em torno do direito do cidadão (CARDOSO, 2018).

Pensar o jornalismo profissional extrapolando a abordagem do esporte como mero entretenimento ou a partir de sua perspectiva do alto rendimento é uma tarefa para os profissionais que visam atingir o interesse público. Coelho e Cardoso (2009) observam que durante a graduação, ou no mercado, o jornalista acaba moldado por paradigmas que espelham a sociedade. Nesse sentido, os jornalistas brasileiros são cidadãos que vivem em uma sociedade organizada dentro de um sistema capitalista e que, portanto, compartilham dos valores que norteiam esta sociedade.

São valores inerentes a ela e que são naturalizados pelo jornalista mesmo no momento que atua na profissão. A ideologia age em favor do próprio sistema capitalista e influenciará a prática profissional, inclusive quando o jornalista utiliza as técnicas e lês foram ensinadas nos cursos superiores. (COELHO; CARDOSO, 2009). Para Cardoso (2018), o que acontece é que antes mesmo de exercer a profissão, ainda na academia, durante sua formação no jornalismo se “reproduz um modelo vigente na mídia hegemônica que é dominada por poucas famílias no país e que perpetua não somente sua ideologia, mas, também, os *modus operandi* profissional” (CARDOSO, 2018, p. 45)

Segundo o autor, a formação do jornalista contém princípios que estão ocultos nas escolas e nas redações dos principais jornais. Para ele, “O principal deles é a reprodução do modelo tradicional exercido pelos monopólios das redes de rádio e televisão e de alguns conglomerados de periódicos impressos, agora estendidos ao universo online” (OLIVEIRA; MALULY, 2013, *apud* CARDOSO, 2018).

Cardoso (2018) propõe que o jornalista esportivo precisa de uma formação transdisciplinar para compreender e atingir variadas e complexas interfaces entre jornalismo e esporte e, assim, exercer de forma mais completa a sua profissão afim de atingir seu objetivo enquanto instituição social.

A transdisciplinaridade de Piaget prevê mais do que uma simples colaboração entre disciplinas, mas uma interação, um forte diálogo entre diferentes áreas do conhecimento sem posições dominantes de uma e de outra e com objetivo de solucionar e apresentar diferentes visões sobre um problema. (CARDOSO, 2018, p. 45)

2.2.4 Desafios da cobertura de conflitos étnico raciais do esporte no Jornalismo

Segundo a pesquisadora Rosane Borges (2019, p. 18), “raça e racismo são categorias que renovam as práticas midiáticas e questionam a comunicação em suas múltiplas faces”. O histórico de movimentos antirracistas do Brasil e os mais recentes protestos e ações do “*Black Lives Matter*”, fizeram com o que tema tenha ganhado preponderância no jornalismo *mainstream*, sendo enquadrado a partir de diferentes perspectivas e interpretações – que vão da violência policial, há falta de oportunidades e ausência de emprego formal para pessoas negras no Brasil (IBGE, 2019), ou ainda conflitos étnico-raciais dentro do esporte.

De acordo com o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (FENAJ, 2007) é dever de homens e mulheres jornalistas “combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza”. Logo, faz parte do fazer jornalismo não apenas pautar o tema do preconceito racial, mas também combatê-lo.

Construções vazias, superficiais e irresponsáveis podem manifestar sobre o negro brasileiro representações estereotipadas e visões folclóricas que devem ser superadas (SODRÉ, 1999). Segundo o autor, muitos profissionais midiáticos que acabam

dessensibilizando-se com problemas dessa ordem, pode gerar uma indiferença profissional, este sendo outro elemento que proporciona situações de racismo no cenário midiático. Um espaço que seria para o combate e para práticas que levassem a conscientização, pode tomar um rumo oposto e retroalimentar perspectivas e abordagens prejudiciais a grupos minoritários raciais (SODRÉ, 1999).

O jornalismo pode ser considerado um campo de conhecimento singular (GENRO FILHO, 1987). Sendo uma importante instituição da sociedade civil e constituído por uma construção social que visa o interesse público, no telejornalismo essa força e capacidade se amplia, já que esse é uma fonte de informação importante do brasileiro e que desempenha um papel social (VIZEU; CERQUEIRA, 2019). Para esses autores, além de ensinar a se comportar, agir e até pensar, no jornalismo a estrutura de sua mensagem é composta para que ela possa ser acessível, com sinais de abertura para interpretação e compreensão. Além disso, outro elemento que pode ser desempenhado pelo jornalismo nesse formato/mídia é em função da internalização e a formação de representações sociais que irão circundar e retroalimentar hábitos, ações e maneiras de enxergar a vida (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

O “Guia para jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia” (BASTHI, 2011) é uma publicação de parceria entre a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ) e a ONU Mulheres – Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres -, e tem o objetivo de ser uma ferramenta do plano pedagógico do curso de formação de jornalistas na temática de gênero, raça e etnia. Em sua apresentação, o Guia destaca que “historicamente, a mídia recusa a adoção de uma perspectiva de gênero em seus conteúdos e reforça os estereótipos de gênero, raça e etnia” (BASTHI, 2011, p. 7).

Intelectuais do campo da sociologia do esporte como Helal e Gordon (2007) apontam a necessidade de pensar o futebol e o esporte enquanto um importante lente para observar fenômenos sociais presentes na sociedade brasileira. Os racismos (Borges, 2019) e outros conflitos étnico-raciais também podem ser observados e estudados dentro deste contexto pelo jornalismo profissional especializado em esportes. A mídia, e mais precisamente o jornalismo profissional, atua na construção de imaginários e estereótipos, como também no movimento oposto de desconstrução de preconceitos através do didatismo e de mecanismos dialógicos. Isso pode propiciar a produção de conteúdo voltados para as causas sociais e raciais, como podem ser observados em estudos de Sodré (2015), Erbolato (1980), Lovisoló (2011), Borges (2012), Vizeu e Cerqueira (2019).

Pesquisas recentes de Laerte Cerqueira e Alfredo Vizeu (2019) se aprofundam em um aspecto que defendemos em nossa abordagem teórico-metodológica e normativa, a função pedagógica do telejornalismo. De acordo com eles, existem três dimensões nesta função: a dos saberes, da linguagem e dos dispositivos didáticos, que serão detalhadas nos tópicos posteriores.

2.3. As funções pedagógica do telejornalismo

O profissional do jornalismo pode gerar um produto que a partir de princípios éticos podem estimular a transformação social. É interessante notar como não havendo menções explícitas ao jornalismo nos estudos de Paulo Freire, a relação entre ele e as práticas educacionais e jornalísticas se guiam na noção de que informar também é educar (MEDITSCH; FARACO, 2003).

O pensamento de Freire, segundo Temer e Santana (2014) também contribui com a comunicação e o jornalismo ao passo que “a respeito da leitura do mundo, precedente à leitura da palavra e a imprescindibilidade do diálogo como umas das relações compreendidas no ato de conhecimento” (TEMER; SANTANA, 2014, p. 102). Para além da compreensão dos simples fatos da realidade, a obra de Freire no que tange a educação e as suas pedagogias podem ser aplicadas ao jornalismo “tanto por sua universalidade como pela utilidade de suas concepções de diálogo, rigor, leitura do mundo, percepção crítica da realidade, entre tantas outras, também, nesta prática social” (MEDITSCH; FARACO, 2003, p. 26).

O conceito geral de comunicação, dentro da bibliografia de Paulo Freire, foi estabelecido em 1971. Ele afirma que a comunicação é a coparticipação dos sujeitos no ato de pensar e ela implica uma reciprocidade que não pode ser rompida. Para o pedagogo, comunicação é diálogo na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados (MEDITSCH; FARACO, 2003; LIMA, 2011)

Para Vizeu (2015), o pensamento de Freire é rico para perceber que não apenas a compreensão sobre os simples fatos do mundo real devem ser o objetivo do Jornalismo. É necessário ir além, perceber as parcialidades constitutivas da totalidade de cada um, e, de outro lado, “Necessidade de estabelecermos uma vigilância constante sobre nossa própria atividade pensante” (Freire, 1976, p. 136). É através do método que essa

vigilância e produção de conhecimento do desvelamento acontece. Sendo essa, uma das conexões que o autor faz entre o fazer jornalismo e a pedagogia de Paulo Freire. “[...] o conhecimento do Jornalismo nunca é um conhecimento acabado. Procura-se trabalhar com os vários ângulos que constituem os fatos, desvendar o acontecimento. Trabalhar com uma objetividade possível.” (VIZEU, 2015, p. 869).

Segundo o autor, é importante contextualizar a objetividade a partir de seu caráter possível. Afirmar que o jornalismo reproduz o real é se prender a uma visão romântica e ingênua sobre as questões que permeiam a profissão. Porém, a relação do jornalismo em se aproximar o máximo possível com a verdade dos fatos afim de produzir um conhecimento é assegurada pelo rigor do método, um caminho de segurança (VIZEU, 2015).

O Jornalismo é atividade profissional como o futebol e a política, sobre os quais todo mundo tem uma opinião formada. Ótimo do ponto de vista da socialização da discussão. No entanto, o que observamos de uma maneira geral é que é preciso avançarmos e refletirmos mais sobre o papel do Jornalismo nas sociedades democráticas. (VIZEU, 2015, p. 871)

Um jornalista é, antes de tudo, um homem, uma mulher, um ser humano. O compromisso de transformação antes de ser profissional, social, das particularidades dos códigos deontológicos, é do homem/mulher. De acordo com Paulo Freire é indispensável reconhecer que um profissional, antes de ser profissional, é ser humano e que deve ser comprometido por si mesmo (FREIRE, 1983). Em outros termos, firmar o compromisso com o mundo tanto requer como é decorrência de um processo humanizador – humanização dos outros homens, como de si mesmo (IJUIM, 2009).

Através da reflexão, da tomada de consciência, do olhar crítico do mundo que é possível ter uma ação para a transformação. “O olhar crítico diante do mundo, porém, não admite uma postura de admiração, ou contemplação. Ao contrário, supõe a ação para a transformação” (IJUIM, 2009, p. 34). Dessa forma, não pode haver reflexão e ação fora da relação homem-realidade. O jornalista que vê em seu trabalho apenas a mera execução de técnicas, cabe desenvolver habilidades de agir e refletir (IJUIM, 2009). Isso dialoga com os papéis sociais que o jornalista possui (MEDINA, 1982; VIZEU, 2015; GENRO FILHO, 2012).

O engajamento dos jornalistas pode ser compreendido a partir uma lógica descrito por Cremilda Medina (1982) como uma “solidariedade às dores universais”. Isso o

distancia de noções de um jornalista militante de causas, ideologias ou grupos políticos, já que esse compromisso se refere à possibilidade de criar identidade entre o que se propõe a divulgar e a criação de identidade com a audiência (IJUIM, 2009). A função pedagógica do (tele)jornalismo que Vizeu e Cerqueira (2019) valem-se se configura neste contexto apresentado.

A grosso modo, a função pedagógica é acionada a partir de processos e operações didáticas (VIZEU; CERQUEIRA, 2016) baseada nos estudos de Paulo Freire. Os autores ressaltam que na formação do cidadão e o alcance do conhecimento, o jornalismo, telejornal ou reportagem não substitui a escola ou a família no processo. Eles defendem o (tele)jornalismo em um lugar de referência na sociedade (VIZEU, 2008; 2009), onde partilham com outras instituições sociais a atenção sobre a apreensão do conhecimento social.

A partir disso, a pedagogia do telejornalismo não se configura na mesma dimensão que a da Educação (VIZEU; CERQUEIRA, 2019). Porém, o conhecimento produzido pela profissão é ainda mais ampliado no telejornalismo, dado este ser uma importante fonte de informação do brasileiro, cerca de 79% dos brasileiros utilizam o meio para obter informações segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia⁴. O telejornal cria uma relação pedagógica com a audiência, já que “ensina como se portar diante do texto televisivo, com que atitude comunicativa e em que condições devem aprender as características do gênero” (VIZEU, 2009, p. 80).

Além disso, o telejornal ao ensinar a se comportar, agir e até pensar, estrutura sua mensagem de uma forma que possa ser acessível, com sinais de abertura para interpretação e compreensão. Através dele também, os processos de internalização e a formação de representações sociais irão circundar e retroalimentar hábitos, ações e maneiras de enxergar a vida. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

Três dimensões correspondem a função pedagógica do (tele) jornalismo de acordo com os autores. A dimensão dos saberes, da linguagem e dos dispositivos didáticos. Essas dimensões se complementam com objetivo de fornecer saber. Um saber que passa pela identificação dos fatos, processos de investigação e uso da linguagem para a elaboração da mensagem, protegida pelo rigor na busca referencial de verdade, pela preocupação

⁴ Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Disponível em: [Livro 2015 ok.indd \(presidencia.gov.br\)](#)

com a ética jornalística e os códigos deontológicos (CORNU, 1994; VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

A dimensão dos saberes, são aplicados à prática jornalística por meio da atuação, comportamento e decisões de jornalistas; a da linguagem, acontece quando se adota uma forma própria de produzir esse conhecimento, utilizando signos e o acervo de conhecimento compartilhável; e, por fim, a dimensão dos dispositivos didáticos: operações na produção de uma reportagem, que buscam tornar o conteúdo mais compreensível para audiência. “São recursos linguísticos, imagéticos, auditivos, oriundos de ações individuais ou coletivas, internalizadas nas rotinas produtivas e materializados no conteúdo que vai ao ar”. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 4)

O que os autores propõem é considerar a relação entre o papel do jornalista e os saberes necessários à prática educativa, condensados por Freire no livro *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2017; STRECK, 2010). A intenção de Cerqueira e Vizeu (2019) é pensar a partir das afinidades e aproximações entre as áreas. O significado do termo/conceito pedagogia é atrelado em todos os contextos que se realizam processos de ensino e, consequente, aprendizagem, produção e distribuição de conhecimento, como acontece no jornalismo (CERQUEIRA; VIZEU, 2019).

Ao longo de sua carreira Paulo Freire (1983; 1997; 1992; 2017) abordou diversas pedagogias, como a do oprimido, da autonomia, da esperança que se guiam por intencionalidade, instrumental metodológico e resultados diferenciados. De acordo com Streck (2010), as pedagogias se encontram num espaço de tensão entre a prática e a teoria que estão em constante diálogo. Cerqueira e Vizeu (2019) trabalham o conceito da pedagogia do telejornalismo em sua grande maioria a partir da obra de Paulo Freire (2017), a *Pedagogia da Autonomia*. “Esse livro aglutina um conjunto de 27 saberes necessários à prática educativa, orientações, sem regras e normas prontas, mas que trazem diretrizes essenciais na busca pela eficiência do ensinar” (CERQUEIRA; VIZEU, 2019, p. 7). Esses saberes, indicados para os educadores, em grande parte, são os mesmos que os jornalistas afim de produzirem um conhecimento embasado, contextualizado, crítico e transformador podem se apropriar (CERQUEIRA; VIZEU, 2019).

Os autores trabalham com alguns desses saberes que podem ser aplicados a profissional jornalística: rigorosidade do método, contextualização, a criticidade, a estética e ética, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento de ser condicionado, apreensão da realidade, saber escutar (FREIRE, 2017; STRECK, 2010).

2.3.1 Os saberes pedagógicos baseados em Alfredo Vizeu e Laerte Cerqueira

Bebendo diretamente na fonte de Paulo Freire, os pesquisadores Alfredo Vizeu e Laerte Cerqueira (2019) desenvolveram uma sistematização de saberes pedagógicos que podem ser acionados pelo telejornalismo. Através deles, além de assegurar o rigor do método – aspecto defendido na esfera do jornalismo profissional – o jornalismo busca atingir um outro fundamento: a justiça social.

O primeiro é o saber da “Rigorosidade no Método”, que na teoria do jornalismo, diz respeito ao rigor do método. No jornalismo um método rigoroso é um dos principais elementos, é a força motriz, a justificativa de existência. Ele assegura a diferença entre o conhecimento que o jornalismo se propõe a oferecer à sociedade e qualquer outra informação que circula nela (CERQUEIRA; VIZEU, 2019).

Na obra de Paulo Freire (2017), o rigor no método diz respeito a não superficialidade no processo de ensino. Segundo ele, “Ensinar” deve se fortalecer em condições que implicam ou exigem a presença de criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes.

A busca pela informação correta que instrui, orienta e gera o debate social, é o início do processo de construção de uma parte da realidade de maneira pedagógica no jornalismo. Não há correção sem apurar os fatos, levantar os dados, ouvir diferentes vozes e contextualizar o acontecimento. Não há conhecimento confiável. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 8)

O saber da “Contextualização” é uma peça chave no método. Seja para educadores ou jornalistas, buscar entender a realidade de maneira plural, conexa, em contexto com o qual está inserido pode gerar facilidades de compreensão do acontecimento (VIZEU; CERQUEIRA, 2019). Não contribuir para que o fato seja visto de forma isolada, ou seja, contextualizar o máximo possível de peças no quebra-cabeça noticioso, contribuindo para que o fato faça parte de uma história, é uma das contribuições propiciadas pelo contexto.

Outro saber de destaque para os autores baseado em Freire (2017), é a “Críticidade”. Essa característica, para Freire proporciona ao educador a curiosidade ingênua que se torna curiosidade epistemológica. A primeira que nasce do saber de pura experiência. A segunda, de procedimentos metodicamente rigorosos (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

O jornalista também necessita dessa criticidade na sua atuação. Esta pode ser geminada a partir do olhar de observador, de um ingênuo curioso ou mesmo crescer em meio ao senso comum. O objetivo do jornalista nesse processo é alcançar o conhecimento do desvelamento.

Mas, na produção do conhecimento orientador, transformador, precisa ir além. O jornalista, com rigor no método, e olhar crítico, busca retirar o véu, “descurtinar”, ação que está na natureza pedagógica da atividade. Na produção do conhecimento do desvelamento (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 9)

Os autores defendem a noção de que na superação da ingenuidade diante da realidade e aproximação da criticidade que o conhecimento do jornalismo se concretiza (VIZEU; CERQUEIRA, 2019). A raiz problematizadora dessa abordagem ainda se ancora em dois outros conceitos que Paulo Freire aplica na Educação: sendo eles a problematização e diálogo.

Não é possível falar em conhecimento do jornalismo sem uma problematização constante das práticas jornalísticas, na função do jornalismo de informar. Outro aspecto importante é também a centralidade do diálogo nos processos jornalísticos de construção do real. O fazer jornalístico é um “estar em diálogo”. é dentro desse contexto que o método, a investigação jornalística, que atravessa todo o processo de produção do jornalismo da coleta de dados até a audiência comunicativa, é central na construção da realidade social (VIZEU, 2016, p. 7).

Essa característica, para os autores, é de extrema importância, visto que perdê-la significa, muitas vezes correr o risco de ser meros repetidores de fórmulas e técnicas. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019). A percepção e consciência das limitações e dos condicionantes são outros elementos importantes no processo. A tomada de consciência possibilita visualizar que mesmo diante de um contexto desfavorável, com obstáculos e imposições externas e internas, a busca pelo trabalho honesto e ético continua. Mesmo não havendo garantias de que o resultado seja o esperado “quando o modelo de mídia oligopolizada e privada é preponderante, mas é a garantia de resistir, dentro das limitações e condicionantes que mantém a legitimidade das observações e narração do jornalista” (idem, 2019, p. 12).

Faz do jornalista alguém que lembra que o inacabado é uma construção permanente e que os limites ideológicos, políticos e mercadológicos não são impedimentos para realizar um trabalho ético e honesto. Limites, obstáculos e imposições organizacionais são naturais nas relações de interdependência do tecido social e nas instituições sociais,

principalmente, entre aquelas que pautam comportamentos, atitudes, olhares e o debate público (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 12)

Um outro saber destacado por Vizeu e Cerqueira (2019) é o da “Apreensão da Realidade”. Ele se refere ao processo do aprendiz funcionar mais como transferidor do objeto ou do conteúdo do que como um sujeito crítico, epistemologicamente curioso, participante da construção do objeto ou é o próprio construtor. Entretanto, é por causa da habilidade de apreender a substantividade do objeto que é possível reconstruir um mal aprendido (FREIRE *apud* VIZEU; CERQUEIRA, 2019). A busca pela apreensão só é possibilitada pela abertura para arriscar concedida no processo.

Na busca pela apreensão da realidade, jornalistas comprometidos com a construção da realidade de maneira ética, precisa, contextual fazem mais que repassar burocraticamente, com a objetividade mecânica, a interpretação dos acontecimentos ou fatos. É a capacidade de apreender a realidade dos fatos em sua completude – ou em seu máximo possível – em meio às limitações determinantes da prática jornalística, que torna o trabalho diferenciado, que o destaca. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 13)

Sem a abertura de espírito para apreender, não é possível construir, reconstruir e constatar para mudar (FREIRE, 2017). Na conjuntura de redações conduzidas por necessidades mercadológicas, demarcados por espaço e tempo, limites e forças editoriais, a apreensão mais eficiente da realidade não só vai fornecer combustível mais completo para o debate público, como irá facilitar o aval do público (VIZEU; CERQUEIRA, 2019). Esse saber possibilita “gerar reconhecimento e mais possibilidades de enfrentar os condicionantes, os obstáculos que vão limitar, mas não impedir eternamente que o jornalista sonhe com a transformação social” (idem, 2019, p. 13).

O saber da ética e a estética indicado por Freire (2017) aos educadores na prática educativa, diz que deve ser um “testemunho rigoroso da decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis que somos tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar” (FREIRE, 2017, p. 34). Segundo o educador, na promoção da ingenuidade à criticidade, não deve haver uma distância entre o rigor da formação ética e a presença da estética. Não adianta ser apenas belo, porque fora da ética, homens e mulheres são uma transgressão. Esses saberes unidos devem ser incorporados como forma de correção e beleza, retidão e atração, legitimidade e convencimento (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

O sexto saber que os autores debatem é o da “Reflexão Crítica sobre a Prática”. Muitos jornalistas têm dificuldade, indisponibilidade, falta de vontade, medo ou até

vergonha de permitir análises sobre a atuação ou mesmo se auto avaliarem (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

Há os que preferem virar as costas para a análise “interior” porque correm o risco de ver a sua vaidade rasgada pela verdade dos erros, da maneira irresponsável que se trataram os fatos e os reconstruíram para sociedade. Há também aqueles que simplesmente não acham necessário refletir. Engolem o pote de arrogância e se sente o super-homem, em um mundo sem kryptonita . (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 11)

Esse saber dialoga diretamente com o processo de crítica sobre a prática com objetivo único de melhorar. Freire (2017) considera esse saber a oportunidade de ouro de educadores (e jornalistas) tornarem seu trabalho realmente balizador em uma sociedade que consome cada vez mais informação. “Como prática instrutora, formadora, o jornalismo autocrítico implica, como afirmou o educador à prática do ensinar, no pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 11).

Por fim, um dos saberes mais simples no fazer jornalismo, mas que em muitas vezes sua discussão é deixada de lado. Mesmo soando óbvio, o saber “Ouvir” é importantíssimo nesse processo, segundo Vizeu e Cerqueira (2019). O escutar está no centro do processo de comunicação, muitas vezes interrompido por quem se acha exclusivamente necessário ao processo dialógico (FREIRE, 2017). Em todo processo de produção da notícia, da pauta a apuração, é fundamental a consciência da necessidade de que os profissionais estejam dispostos a ouvir o outro. A necessidade do jornalista ter escuta empática e solidária também é destacada nos estudos de Medina (1982).

Não é raro telejornalistas saírem da redação com ideias prontas, textos prontos, imagens projetadas em suas próprias cabeças, vindas de referências diferentes que são forçadamente tornadas iguais para se encaixar na pauta, para manter o padrão, para ficar bonito como se imaginou. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 14)

O ciclo de autoinformação feito por jornalistas pode ser muito danoso para a qualidade da notícia produzida e do conhecimento proporcionado pelo jornalismo. Ouvir é um elemento importante na realização do método jornalístico, pois diminui a margem de erros grosseiros e permite enxergar a realidade nos contextos mais reais possíveis (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

O esforço proposto pelos autores com esse movimento de olhar para os estudos de Paulo Freire em interface com a comunicação reside em uma

Tentativa de contribuir com a reivindicação de um jornalismo ético, de qualidade e de uma informação que busca a verdade possível, com toda a sua polifonia. O jornalismo tem efeitos para o bem e para o mal. Interessam-nos suas possibilidades para o bem (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 15)

Um outro saber que a pesquisa Freyriana apresenta, mas que não foi destacado por Vizeu e Cerqueira (2019), e que para o presente estudo é pertinente a menção e os seus desdobramentos possíveis para o jornalismo é a “Rejeição a qualquer forma de discriminação” (FREIRE, 2017). Segundo o educador, assim como faz parte do campo educacional a rejeição a qualquer forma de discriminação, podemos assim como Vizeu e Cerqueira (2019) fizeram, incorporar isso no fazer jornalismo.

A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia. Quão longe dela nos achamos quando vivemos a impunidade dos que matam meninos nas ruas, dos que assassinam camponeses que lutam por seus direitos, dos que discriminam os negros, dos que inferiorizam as mulheres (FREIRE, 2017, p. 17).

Deste modo, este sabor deve ser acionado para que a democracia seja a mais plena possível. Se existe discriminações, não podemos dizer que existe uma democracia plena e podemos considerar o papel substancial do jornalismo no combate delas – como inclusive mencionado no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (2007).

3 ATIVISMO SOCIAL NO ESPORTE

Neste capítulo, o principal objetivo é mergulhar no ativismo social e em como é possível encontrá-lo no esporte. Para isso, será realizada uma definição de ativismo social, bem como quais características e elementos o compõem. Por fim, trazemos o esporte para a conversa e o esforço proposto é verificar através de alguns exemplos como esse ativismo é apropriado por atletas com enfoque em movimentos que tenham a raça e etnia como centralizadoras.

3.1 Definição e configurações do ativismo social

Para chegarmos a alguma definição de ativismo social faz necessário mergulhar numa bibliografia essencialmente da área das Ciências Sociais e Humanas. Frequentemente, o tema tem sido diluído pela ótica da teoria da ação coletiva e pela perspectiva dos movimentos sociais (BATISTA, 2012).

Na academia, de acordo com Batista (2012), o termo ativismo é usado extensivamente a partir de suas subclassificações, como por exemplo, o ativismo digital (SILVEIRA, 2010), porém sem uma formulação conceitual acerca. Segundo o autor, outra perspectiva para visualizar o ativismo é evidenciar seu caráter de adaptação as novas tecnologias disponíveis para a sociedade, porém sem também existir um esforço para determinar como se configura um ativismo social. O que torna a tarefa confusa já que pode existir uma mistura de conceitos correlatos.

As amplas possibilidades de coordenação social por meio das novas tecnologias de comunicação, mas não se apresenta uma preocupação de ordem conceitual. Pela imprecisão do plano teórico, ativismo se confunde, assim, com ação coletiva, movimento social, sindicalismo, militância partidária, com qualquer mobilização individual ou de um grupo de pessoas (BATISTA, 2012, p. 25)

Num cenário em que tudo pode se transformar em ativismo, Batista (2012), recorre ao dicionário Aurélio. O dicionário sugere como conceito de “ativista” a acepção “militante político”. Já por “ativismo”, as definições sugeridas são mais amplas: (1) “doutrina que admite algum tipo de oposição entre a ação e dos domínios diversos do conhecimento, e que dá primazia à ação, primazia que comporta diferentes graus e

definições”; (2) “estilo impressionista em que se empregam os gêneros literários para propaganda de ideias políticas”; (3) “militância política”.

Mesmo com as definições não sendo as mais precisas, porém elas revelam a relação essencial entre ativismo e política. Assim é possível considerar o ativismo essencialmente político (BATISTA; 2012; SILVEIRA, 2010).

A partir dessa perspectiva,

O ativismo assim empreendido é a expressão coletiva de um movimento de forças entre segmentos sociais com diferentes coloridos ideológicos e intencionalidades. O político assim entendido é poder e poder, nesse sentido, é aquela parcela de sanidade social que desacomoda a lógica individualista” (HERNANDEZ, 2010, p.93)

O ativismo, ou seja, a atividade militante em prol de uma causa política, social ou cultural e que se mantém em oposição a algum poder vigente (SILVEIRA, 2010), neste trabalho será restrito à sua observação a partir de sua relação com o esporte e a circunstâncias de natureza essencialmente da luta antirracista.

Para isso, é importante recorrer a Galily (2019), cientista comportamental e chefe do Laboratório de Pesquisa em Esportes, Mídia e Sociedade da Escola de Comunicações Sammy Ofer. É importante salientar que mesmo os estudos do teórico partindo do ativismo esportivo realizado por atletas negros dos Estados Unidos, é possível ainda assim relacionar com posicionamento de outros atletas do mundo, incluindo os brasileiros.

Em seu artigo “*Shut up and dribble!*”? *Athletes activism in the age of twittersphere: The case of King James*⁵”, o ativismo esportivo pode ser definido como ações empregadas por atletas e agentes do esporte, como técnicos e dirigentes, para “[...] alterar ou mitigar a natureza hegemônica de arranjos estruturais, regras/políticas/leis, e práticas de organizações esportivas que servem para reforçar a subordinação, marginalização e exploração de certos grupos.” (GALILY, 2019, p. 01).

Ainda segundo ele, o impacto dessas ações pode ser vinculado à visibilidade de atletas, que no gozo dos seus status como superestrelas podem se envolver em

⁵ Cala-se e dribla! O ativismo dos atletas na era da esfera do Twitter: O caso do Rei James (Tradução própria). Texto, em inglês, pode ser consultado na íntegra em: < https://www.researchgate.net/publication/330516702_Shut_up_and_dribbleAthletes_activism_in_the_age_of_twittersphere_The_case_of_King_James>, acesso em 25 de abril de 2022.

problemáticas que não concernem diretamente o esporte, visando transformações sociais (GALILY, 2019). No caso do futebol brasileiro, por exemplo, podem ser tentativas de ações que envolvam diretamente o esporte. Como no caso da escassez de treinadores negros no futebol brasileiro que hora ou outra entra em radar no ativismo esportivo do Brasil⁶ ou na ausência de afro-brasileiros nos cargos de gestão dos clubes⁷.

Segundo Melnick e Jackson (2002) *apud* Coombs e Cassilo (2017) a força do ativismo esportivo se encontra na perspectiva de que atletas tem a capacidade de influenciar as atitudes e crenças de fãs e consumidores de esporte. Isso corrobora com que Carlson e Donavan (2013) tratam, ao afirmar que identificação que atletas geram nos públicos, torna-os figuras ideais para agirem como porta-vozes de mensagens ligadas a questões sociais.

3.2 O esporte como ferramenta social e política

Entender a importância dos esportes enquanto esfera que incorpora ações sociais é vital para compreender sua relação com a política e a sociedade (DAMO, 2006, p. 19). Mais que uma ação meramente biomecânica ou da Educação Física, os esportes foram apropriados de formas e objetivos diferentes ao longo da história, até chegar na contemporaneidade.

No artigo “A história do uso político do esporte”⁸, Sigoli e Rose Junior (2004) elaboram uma sistematização geral de como o esporte teve uma função ligada aos interesses políticos e estratégicos das instituições sociais e dos Estados com o passar dos anos. Por exemplo, na antiguidade, o Esporte, de forma geral, não tinha uma finalidade em si mesmo. “Era sempre um elemento interno de instituições militares, educacionais ou ainda religiosas. As atividades atléticas tiveram seu desenvolvimento a partir de ações

⁶ Técnicos negros sofrem para quebrar preconceito e ganhar espaço no futebol: Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141111_racismo_tecnicos_futebol_rm>, acesso em 25 de abril de 2022.

⁷ Negros são protagonistas em campo, mas minoria na gestão de clubes da Série A e B: Disponível em <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/7771363/negros-sao-protagonistas-em-campo-mas-minoria-na-gestao-de-clubes-da-serie-a-e-b->, acesso em 25 de abril de 2022.

⁸ A história do uso político do esporte : Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/173309/mod_resource/content/1/marquinho%20A%20hist%C3%B3ria%20do%20uso%20pol%C3%ADtico%20do%20esporte%20imprimir.pdf>, 25 de abril de 2022.

utilitárias que visavam simular situações de combate, caça e rituais religiosos”. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p. 112)

Já na Grécia Antiga, os esportes eram as atividades atléticas e ginásticas que faziam parte do ideal grego de formação integral do homem.

O Esporte era utilizado, na época escolar, como preparação militar para os jovens. Os jogos gregos tinham caráter predominantemente religioso, neles eram homenageados os Deuses do Olimpo. Os Jogos Olímpicos significaram o intercâmbio cultural entre as cidades-estado gregas e eram realizados para celebrar a paz entre os povos gregos. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p. 112)

Em Roma surgiram os Jogos Públicos, que eram grandes espetáculos realizados nos circos e anfiteatros, onde ocorriam corridas de bigas, lutas entre gladiadores, combates com animais e execuções. Na época do Império Romano, os Jogos foram utilizados na “Política do Pão e Circo” para alienar a população diante das ações antipopulares do Imperador. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004).

O surgimento do esporte moderno se dá na Inglaterra, no final do século XIX, através do movimento de regulamentação dos jogos populares, ocorrido nas escolas aristocráticas (*Public Schools*). A partir desse momento foi institucionalizado o associacionismo (clubes e federações). O esporte foi utilizado como instrumento de disciplina e fortalecimento do trabalhador visando evitar faltas e aumentar a produção nas fábricas. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004).

Os esportes foram impregnados pelos valores da Revolução Industrial. A principal competição dos esportes mundial, os Jogos Olímpicos da era moderna, tiveram o papel de propagar esporte por todo o mundo. Apesar de este ter se tornado uma instituição independente, continuou a ser apropriado por estados nacionais e por outras instituições.

Este fato pôde ser observado na Alemanha nazista durante os Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e também durante toda a Guerra Fria. Com o desenvolvimento da mídia, o esporte foi englobado pelas estruturas econômicas do mundo capitalista e tornou-se uma mercadoria da indústria cultural. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p. 111)

Na contemporaneidade, os Esportes passaram a compor as estruturas neoliberais da economia de mercado, transformando-se em uma grande instituição financeira que representa os interesses das corporações transnacionais, as quais ditam as regras no mercado mundial (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p. 111).

Os esportes reúnem algumas características, que segundo os autores, possibilitam esse envolvimento direto entre instituições sociais e políticas. Sendo as mais relacionadas a abordagem dessa pesquisa seu caráter comunicativo, já que apresenta uma linguagem fácil e regras de fácil compreensão e na possibilidade de o esporte refletir os valores existentes na sociedade na qual está inserido. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p. 111).

No que tange essa possibilidade de representação que o esporte pode reunir na sociedade ao qual está vinculado, partindo da ótica da Antropologia, Da Matta (1982) é um autor que traz importantes contribuições a discussão. Falando especificamente do futebol, esporte que se consolidou como mais tradicional e popular do Brasil, Da Matta afirma que esse esporte se configura como espécie de “drama da vida social” do brasileiro, onde se colocam em cena questões estruturais e hierárquicas da sociedade brasileira. Esse elemento tem sido objeto de apropriações ideológica, no sentido de compor uma “identidade nacional”, na qual o futebol desempenha um papel de aglutinador do “povo brasileiro” na sua constituição como nação (DA MATTA, 1982).

Em consonância a isso, uma abordagem e campo de investigação tem se consolidado no Brasil, a Sociologia do Esporte (HELAL, 1990). O esforço principal dos estudos nessa área é perceber justamente o espaço esportivo não apenas como o estudo de suas modalidades, mas sua relevância enquanto ciência para a sociedade. O movimento proposto é enxergar o esporte como um fato social, econômico e político, que busca e dá sentido ao desenvolvimento do ser humano.

Desta forma, o esporte deixa de ser apenas uma competição que acontece delimitado de um campo de futebol, pista de skate ou quadra, e passa a ser visto como uma importante lente para enxergar fenômenos sociais. Helal e Gordon Junior (2007), Soares (2007) e Lovisolo (2001) possuem importantes contribuições para entender como as estruturas sociais, políticas e econômicas do Brasil do fim do século XIX e primeiras décadas do século XX foram incorporadas no futebol.

O esporte que viria a se consolidar como o mais popular entre os brasileiros décadas a frente, em seu embrião, possuía um caráter elitista, excludente e até mesmo com regulamentos que distanciavam jogadores negros e das classes mais populares. Sendo assim, os agentes do esporte como, jogadores, técnicos, dirigentes e outros, podem ser investigados não apenas pelo seu desempenho nos campeonatos ou na análise do esporte de alto desempenho, mas através de da ótica social e da sociologia do esporte (HELAL; GORDON JUNIOR, 2007).

3.3 O “Olimpismo” e a proibição de manifestações políticas por parte dos atletas

Atualmente, tanto o esporte nacional, quanto internacional, passa por um momento em que as discussões sobre os posicionamentos políticos e sociais realizados pelos atletas está em alta. Essa é uma discussão que não se iniciou agora, mas tem se intensificado no atual contexto por conta de posturas de atletas ir de encontro ao que está normatizado na regra: a não permissão de comportamentos “políticos” pelos atletas em ambiente de competição. (EHRENBURG, 2020)

Questionamentos e pedidos de revisão das regras e punições a atletas que se pronunciam “politicamente dentro do esporte” são ainda mais emergentes na contemporaneidade. Mas, a origem dessa postura do esporte como um espaço “apolítico” tem origens antigas, que remontam ainda o final do século XIX com o desenvolvimento dos Jogos Olímpicos Modernos e o Olimpismo de Pierre de Coubertin (EHRENBURG, 2020).

O Olimpismo, movimento desenvolvido por Pierre de Coubertin, um educador, buscava resgatar entre os países um sentimento de representação nacional junto ao universalismo. Com a adesão de valores como fair play, e a regulamentação das atividades competição, com uma base educacional e moral, temos a primeira edição dos Jogos Olímpicos modernos em 1896, em Atenas (MEIHY e SOUZA, 2017, p.149).

A elaboração da Carta Olímpica e do Olimpismo, pelo fundador dos Jogos Olímpicos Modernos, o educador Pierre de Coubertin, trouxe consigo a absorção do modelo educacional inglês. Os valores pedagógicos do Esporte se relacionavam a formação de cidadão honrados e líderes. “O Esporte tinha por preceitos a competição, a regulamentação das atividades e o jogo limpo, *fair play*” (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004)

Uma outra característica referente ao surgimento dos Jogos Olímpicos Moderno é o preceito básico do amadorismo, ou seja, era imbuído a prática desinteressada das atividades esportivas, não sendo permitida a remuneração dos participantes em função de sua atuação esportiva. Segundo o Ideário Olímpico, lançado em 1895, os principais objetivos do Jogos Olímpicos eram: 1. Promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais que são a base do esporte; 2. Educar a juventude através do espírito esportivo para um melhor entendimento e amizade entre os povos, ajudando a construir um mundo melhor e mais pacífico; 3. Espalhar os princípios olímpicos pelo mundo,

criando a amizade internacional; 4. Unir os atletas do mundo a cada quatro anos em um grande festival esportivo, Os Jogos Olímpicos. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004)

Logo, já em sua gênese o que se tinha era uma estratégia de distanciar movimentos sociais e políticos das práticas esportivas de alto rendimento. Segundo Courbetin, o movimento olímpico e o Comitê Olímpico Internacional eram instituições apolíticas e independentes que visavam promover o Esporte pelo mundo.

Porém, o que os autores já apontam sobre esse início que essa perspectiva dos Jogos na verdade criou condições para gerar um sentimento patriótico nos atletas e nos países participantes.

O esporte exaltou elementos simbólicos da pátria, tais como bandeiras e hinos, que foram exibidos ostensivamente em cerimônias de abertura e de premiação nos Jogos Olímpicos. Percebendo o grande poder convocatório e nacionalista do Esporte, os governos passaram a investir na preparação das seleções nacionais em busca do prestígio obtido com as vitórias esportivas. (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p. 115)

Enquanto a Carta Olímpica no papel ainda determinava o caráter apolítico da entidade (Comitê Olímpico Internacional) e da competição em si (Jogos Olímpicos), o que se viu foi o esforço dos Estados de “usufruir os valores do Esporte em benefício próprio na disputa de prestígio internacional para seus respectivos regimes políticos” (SIGOLI; ROSE JUNIOR, 2004, p. 115).

O fato é que esse posicionamento apolítico do COI, ainda no século XIX, originou regras de proibição de manifestações políticas por parte dos atletas em espaços olímpicos como arenas, campos, pódios e vila olímpica. A regra 50 da Carta Olímpica⁹, chamada “Publicidade, manifestações, propaganda”, no segundo artigo determina: 2. Nenhum tipo de manifestação ou propaganda política, religiosa ou racial é permitida em quaisquer espaços olímpicos. (tradução nossa)

O documento ainda procura resguardar o Comitê de uma acusação do não cumprimento do artigo 19 dos Direitos Humanos (que garante o direito à liberdade de expressão) ao permitir esse tipo de manifestação em áreas como a zona mista e as centrais de mídia dos eventos. (EHRENBERG, 2020, p. 6)

A influência do COI dentro do espaço esportivo fez com que muitas federações outras entidades esportivas tenham se espelhado nas condutas do COI e nos princípios da

⁹ Carta Olímpica (inglês), disponível em: https://stillmed.olympic.org/media/Document%20Library/OlympicOrg/General/EN-Olympic-Charter.pdf#_ga=2.248657799.1871592072.1592319729-1875299761.1583814696, acesso em 25 de abril de 2022.

Carta Olímpica (EHRENBURG, 2020). Como resultado desse movimento, ocorreu a proibição de demonstrações políticas em eventos e competições esportivas. Por exemplo, a FIFA – entidade suprema que coordena o futebol no mundo –, se declara neutra em questões de política e religião¹⁰.

A Fifa defende que não se faça manifestações políticas em partidas de futebol e prevê sanções como multas e suspensões. A UEFA - União das Federações Europeias de Futebol, principal órgão que gere o futebol europeu, tem uma normatização parecida com a Fifa. Ela chegou a proibir que o estádio Allianz Arena, localizado na cidade de Munique (Alemanha) ganhasse as cores do movimento LGBTQIA+ durante o jogo entre Alemanha e Hungria, pela última rodada da fase de grupos da Eurocopa em 2021¹¹.

Mesmo com essas determinações, isso não impediu definitivamente que manifestações de atletas de diferentes modalidades tenham sido feitas. Seja por motivos políticos, sociais, raciais ou por uma junção disso tudo.

Um dos casos mais emblemáticos e importantes no que tange o seu contexto, é o dos velocistas norte-americanos Tommie Smith e John Carlos, nas Olimpíadas do México em 1968. Em meio a ebulição dos protestos pelos direitos civis Estados Unidos e no ano da morte de Martin Luther King Jr., os atletas subiram ao pódio para receberem suas medalhas de ouro e bronze da prova dos 200m de atletismo dos Jogos Olímpicos do México. Descalços, com as cabeças baixas e com os punhos erguidos, usando luvas pretas, em uma alusão ao movimento de resistência e combate ao racismo. Como punição ambos tiveram que devolver suas medalhas, foram expulsos dos Jogos e banidos do atletismo (EHRENBURG, 2020; PIPERNO, 2016). Em 2005, os dois atletas ganharam uma estátua na San Jose State University. “48 anos depois dos Jogos foram reconhecidos pelo governo federal por sua luta a favor dos direitos humanos em uma homenagem feita na Casa Branca pelo então presidente Barack Obama”. (EHRENBURG, 2020, p. 6)

3.4. Exemplos de movimentos de ativismo no esporte contemporâneo

¹⁰ Estatuto da FIFA. <
<https://digitalhub.fifa.com/m/7af12a40897b1002/original/azwxwekfmx0nfdixwv1m-pdf.pdf>> acesso em 25 de abril de 2022.

¹¹ Proibição da Uefa a atos em prol do movimento LGBTQIA+ gera protestos na Europa. <
<https://www.ovale.com.br/esportes/proibicao-da-uefa-a-atos-em-prol-do-movimento-lgbtqia-gera-protestos-na-europa-1.141827>> acesso em 25 de abril de 2022.

No que tange as questões sociais, o ano de 2020 foi marcado intensivamente por protestos. Movimentos antifascistas organizados por torcedores de futebol, que historicamente já eram percebidos, foram acompanhados de protestos do *Black Lives Matter*, o “Vidas Negras Importam”, em tradução literal. O estopim para o desencadeio dos movimentos se originou após o assassinato de George Floyd, onde o homem negro foi asfixiado por um policial branco até a morte, nos Estados Unidos. (VALVERDE, 2021). As minúcias e particularidades sobre o *Black Lives Matter* e o esporte será desenvolvido nos próximos tópicos.

O fato é que tais protestos invadiram o meio esportivo e o recorte do ano de 2020 é uma lupa para entender as complexidades do recorte racial e social no esporte. Os protestos antirracistas adentraram não apenas as redes sociais de times e atletas, como também os espaços esportivos de competição de alto nível. Tudo isso provocou ampla manifestação popular e contou com o apoio de alguns dos maiores atletas da atualidade, trazendo à tona uma discussão em âmbito mundial. (EHRENBURG, 2020)

No Brasil, podemos visualizar algumas manifestações nesse sentido, algumas delas serão destacadas a seguir. É importante ressaltar que protestos de cunho social não são nenhuma novidade no âmbito esportivo. Por exemplo, no país, as manifestações em prol da democratização, ainda no período do Regime Militar, provocaram intensos rebuliços entre os atletas que atuavam em solo brasileiro (RIBEIRO, 2012).

Porém, o objetivo principal da descrição dos eventos a seguir é justamente contextualizar alguns episódios importantes no que tange a ativismo social de atletas em situações que nos ajudam a visualizar uma fotografia geral do antirracismo do mundo do esporte na contemporaneidade (GALILY, 2019). Levando em conta aspectos sociais e políticos do esporte, dos atletas e do mundo durante a pandemia da Covid-19¹².

3.4.1 O ano de 2020 e a explosão de ativismo esportivo

O ano de 2020 se configurou como um ano bastante atípico. A pandemia global da Covid-19, que atualmente já vitimou mais de 6 milhões de pessoas¹³, submeteu o

¹² A Covid-19 atrapalhou, mas 2020 foi inesquecível para o esporte; relembre <https://www.cnnbrasil.com.br/esporte/a-covid-atrapalhou-mas-2020-foi-um-ano-inesquecivel-para-o-esporte-relembre/>

¹³ Dados do Coronavírus no mundo: <https://news.google.com/covid19/map?hl=pt-BR&gl=BR&ceid=BR%3Apt-419>

mundo à muitas restrições nas relações sociais, impulsionou novas configurações nos processos de educação e trabalho e ocasionou grandes problemas econômicos (EHRENBERG, 2020).

O esporte, sendo uma esfera social e que está sujeito a interações do meio, não ficou de fora. Campeonatos foram suspensos, estádios fecharam e o calendário do ano ficou comprometido por conta das condições impostas. Nos primeiros passos do retorno as competições o que se viu foram títulos serem decididos com os portões fechados. Taças foram erguidas, sem que um torcedor sequer pudesse comemorar ao lado de outros milhares nas praças esportivas. Além desse condicionante atípico, o que se viu no ano de 2020, no meio esportivo, foram os protestos.

Retomemos a ligação entre esportistas e ativismo que Sigoli e Rose Junior (2004) fazem. Enquanto as manifestações do *Black Lives Matter* tomavam as ruas em maio e junho de 2020, em decorrência do assassinato do estadunidense George Floyd, em Minneapolis, Estados Unidos, esportistas de todo o mundo se envolveram em protestos – seja nas ruas ou através das redes sociais – o ativismo digital. Na liga americana de basquete, a NBA, os atletas jogaram todas as partidas com “*Black Lives Matter*” em suas camisas e após mais um caso por racismo no país os jogadores se uniram e decidiram não entrar em quadra, causando o cancelamento da rodada¹⁴. (VALVERDE, 2021)

No caso específico, em 23 de agosto de 2020, Jacob Blake foi baleado pela polícia de Kenosha, no estado de Wisconsin. O jovem negro foi alvejado por sete tiros pelas costas quando tentava apartar a briga entre duas mulheres. No momento do acontecimento, Blake estava desarmado e perto dos filhos. Jacob teve que ser internado e perdeu o movimento das pernas, de acordo com familiares. O fato gerou uma nova onda de protestos contra o racismo nos Estados Unidos.

O boicote na NBA surgiu quando os Toronto Raptors e Boston Celtics, que fariam o Jogo 1 da semifinal da Conferência Leste no dia 27 de agosto, estudaram não entrar em quadra. Na sequência, os jogadores dos Milwaukee Bucks decidiram antecipar o protesto e nem deixaram o vestiário para o Jogo 5 contra o Orlando Magic (que perdiam por 3x1), válido ainda pela primeira rodada dos playoffs. A franquia fica situada no estado em que Blake foi baleado. (QG, 2020)

¹⁴ Black Lives Matter: NBA tem boicote após novo caso de racismo nos EUA: <https://gq.globo.com/Noticias/Esporte/noticia/2020/08/black-lives-matter-nba-tem-boicote-apos-novo-caso-de-racismo-nos-eua.html>

Ao verem a manifestação dos Bucks, os jogadores do Magic saíram da quadra depois de fazer o aquecimento. Na sequência, os árbitros os seguiram. Pouco tempo depois, os Houston Rockets e o Oklahoma City Thunder também decidiram não fazer o Jogo 5 da série, empatada em 2x2. Depois, os Los Angeles Lakers e os Portland Trail Blazers também entraram no movimento e confirmaram que não disputariam o também Jogo 5 entre eles.

A repercussão desta atitude foi mundial e eles foram seguidos por atletas da liga americana feminina de basquete, a WNBA (Women's National Basketball Association), da liga de baseball do país, MLB (Major League Baseball) e pela tenista japonesa (radicada nos Estados Unidos), Naomi Osaka, que impulsionou a paralisação do torneio de Tênis de Cincinnati e se uniu aos manifestantes nas ruas do país. (EHRENBURG, 2020).

Outro atleta bastante ativo em 2020 foi o piloto britânico de Fórmula 1, Lewis Hamilton. Único negro da modalidade, Hamilton sempre fala sobre o assunto nas entrevistas que dá e repetidamente utiliza camisetas com conteúdo ativista chamando atenção para este tema nos treinos e corridas em que participa. Inclusive, em agosto de 2020, a Federação Internacional de Automobilismo (FIA) anunciou que estava investigando se a camisa que o atleta estampava durante o pódio do GP da Toscana, escrito “Prendam os policiais que mataram Breonna Taylor”, feria alguma regra do estatuto do esporte¹⁵.

No caso da NBA, é importante destacar que a Liga que coordena a modalidade deu apoio aos atletas envolvidos nos protestos.

Desde a retomada da competição, após a interrupção dos jogos devido a pandemia, foi permitido que se ajoelhassem durante o hino nacional, que usassem camisetas com os dizeres Black Lives Matters, que esta expressão ficasse em destaque no piso da quadra de todas as partidas e que pudessem falar sobre o tema durante as entrevistas coletivas. Os técnicos também se uniram à causa, fizeram um manifesto disponível no site da sua associação⁵ e passaram a utilizar em seus uniformes uma espécie de botton com os dizeres "técnicos pela justiça racial". (EHRENBURG, 2020, p.12)

O ativismo em 2020 furou a bolha até mesmo do futebol, o maior esporte global, e causou mudanças no comportamento de atletas. O ato de se ajoelhar antes das partidas

¹⁵ “Não vou parar”, diz Hamilton após risco de pena por protesto antirracista: <https://www.metropoles.com/esportes/automobilismo/nao-vou-parar-diz-hamilton-apos-risco-de-pena-por-protesto-antirracista>

como um apoio aos protestos antirracistas que eclodiam nas ruas tomou conta dos estádios. No retorno as disputas do Campeonato Alemão (Bundesliga) entre Borussia Dortmund e Hertha Berlin, os jogadores fizeram um minuto de silêncio em memória a George Floyd. As duas equipes agacharam-se durante a homenagem, no ato que virou símbolo de atitude antirracista. Em toda rodada que se seguiu as atitudes foram replicadas. (GLOBOESPORTE, 2020)

Jogadores das Ligas da Inglaterra, Itália, Espanha também aderiram as manifestações pré-jogos. Entretanto, não foi incomum ouvir vaias das arquibancadas durante a realização dos atos, como no caso de torcedores da Inglaterra que vaiaram os protestos antirracistas antes do início da partida entre os ingleses e a Croácia pela primeira rodada da Eurocopa¹⁶.

Na mesma Inglaterra, jogadores da Premier League – principal liga de futebol do país – decidiram manter o ato de se ajoelhar antes das partidas como manifesto antirracista até pelo menos 2022. O que não impediu que alguns atletas não acompanhassem os protestos, como foi o caso dos jogadores do Brentford – que há época disputava a segunda divisão inglesa - através de uma nota do clube justificou-se dizendo que “o ato de se ajoelhar não está mais tendo o impacto necessário”¹⁷.

Esses foram apenas alguns casos para exemplificar o quão atípico foi o ano de 2020 no que tange aos protestos de cunho racial. Porém, vale a menção importante de que o mesmo *Black Lives Matter* já havia motivado outras ações em anos anteriores.

3.4.2. A origem do #BlackLivesMatter e sua apropriação no mundo do esporte

No contexto dos Estados Unidos, no início da década de 2010, surgiu um movimento de cunho social, étnico-racial e político que reverberou em diversas esferas. O Black Lives Matter (BLM) – “Vidas Negras Importam” - surgiu como um movimento ativista que tinha o objetivo de combater o racismo e intervir político e ideologicamente. Em seus primeiros passos, por volta de 2013, o BLM mobilizou suas atividades via internet, através da *hashtag* #BLACKLIVESMATTER em redes sociais como Twitter e Tumblr (MELO, 2017).

¹⁶ Torcedores da Inglaterra vão ao protesto antirracista na Eurocopa: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2021/06/13/torcedores-da-inglesa-voam-protesto-antirracista-na-eurocopa.htm>

¹⁷ Atletas se recusam a ajoelhar antes de jogo e geram debate na Inglaterra: <https://www.umdoisesportes.com.br/futebol/jogadores-brentford-se-recusam-ajoelhar-inglesa/>

Segundo, Melo (2017), um caso de repercussão internacional acontecido em 2012 foi um dos grandes estopins para a constituição do movimento. O caso de violência policial contra a população negra estadunidense movimentou ações de resistência contra a opressão policial. No dia 26 de fevereiro, Trayvon Martin, de apenas 17 anos, foi assassinado pelo vigilante George, que fazia patrulha no bairro, quando seguia para a casa do pai em Sanford, no Estado da Flórida¹⁸.

A ativista Alicia Garza foi uma das pessoas que estiveram à frente do *Black Lives Matter*. Ela manifestou seu repúdio com a neutralidade do sistema judiciário e as implicações negativas para a população negra, dado que a ideia de *color blindness*, que remete a ausência de racismo e de tratamento igual independentemente da cor, adotado por esse sistema, invisibiliza o processo histórico de repressão dos afro-estadunidenses (MELO, 2017). De acordo com Williams (2015), o BLM age em prol da necessidade que a sociedade reconheça que todas as vidas negras são importantes. E aqui inclui recortes de gênero, sexualidade, passando por questões que vão do corpo, à beleza e até mesmo a perspectiva do combate ao racismo estrutural. Ele enfatiza que,

#BlackLivesMatter exige que reconheçamos que todas as vidas dos negros são importantes, incluindo as pessoas trans, indivíduos portadores de deficiência e outros que são frequentemente marginalizados. Embora o movimento reconheça o impacto que várias formas de racismo têm sobre uma série de comunidades marginalizadas, ele enfatiza como a exploração do trabalho negro, a objetificação de corpos negros e o subsequente trauma e morte desses seres humanos continuam a ser centrais para o funcionamento político e econômico dos Estados Unidos. Desta forma, requer que as pessoas entendam que nossas lutas pela libertação estão conectadas, ao mesmo tempo que reconhecem os papéis específicos que o racismo antinegro e a supremacia branca desempenharam em séculos de discurso e práticas opressoras. (Williams, 2015, p.3)

Em 2014, o assassinato de Eric Garner, por asfixia, por policiais de Nova Iorque, ganhou ampla divulgação e deu início a muitas manifestações que traziam o nome da ONG como palavra de ordem. Black Lives Matter passou a ser dito pelas ruas do país, junto com a frase proferida por Garner antes de morrer: "*I can't breath*" (eu não consigo respirar). Alguns jogadores da NBA (National Basketball Association – Liga Norte-Americana de Basquete) como Derrick Rose, LeBron James e Kobe Bryant aderiram aos

¹⁸ Entenda o caso do adolescente negro assassinado na Flórida: acesso em https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/03/120323_entenda_trayvon_florida_cc

manifestos utilizando durante o aquecimento de jogos uma camiseta com a frase dita pelo jovem assassinado (EHRENBURG, 2020).

Não demorou para que o Black Lives Matter saísse das hashtags da internet e se tornasse um movimento das ruas. Muitas pessoas aderiram as manifestações em forma de *die-ins*, forma de protesto em que os participantes simulam estar mortos, bloqueio de vias públicas, greves comerciais, protestos durante reuniões do conselho da cidade e aparições nos tribunais, intervenção popular durante noticiários, de noticiários, ativismo digital e entre outras formas de protesto (MELO, 2017). Vale ressaltar, que a partir desse momento as manifestações que eram antes restritas ao território dos Estados Unidos se expandiu, se transformando em um movimento global de todos os negros em diáspora, incluindo o Brasil.

Além disso, essa resistência contra o racismo anti-negro e a violência sancionada pelo Estado não se limitou às fronteiras dos Estados Unidos, mas foi abraçada por povos negros em toda a diáspora – como nos continentes Africano, Europeu, Oceania e em demais países do próprio continente americano – como o Canadá e o Brasil. (Melo, 2017, p. 31).

Segundo Melo (2017), os artistas, as ONG's, eventos e até mesmo atletas, foram os responsáveis em colocar o Black Lives Matter numa escala global de repercussão. O ano de 2016 marcou essa expansão para outros territórios do BLM, onde países da Europa como Inglaterra, França e Alemanha, Senegal e África do Sul, na África, e Brasil e Canadá, América, registraram discussões sobre racismo e violência policial que caracterizam a forma sistemática de expansão do movimento na comunidade internacional (Melo, 2017).

Em conformidade com isso, o *Black Lives Matter* impulsionou as denúncias de ditadores que assumiram o poder nos países da diáspora africana, bem como, as contradições do Ocidente em somente se atentar quando convém especialmente em problemas derivados dos fluxos migratórios (MELO, 2017).

Um atleta que esteve nos holofotes durante esse período de consolidação dos protestos do *Black Lives Matter* foi, o então jogador da NFL (Liga Norte-americana de Futebol Americano, Colin Kaepernick. Em decorrência de uma série de mortes de cidadãos negros nos Estados Unidos por conta de abusos da Polícia, Kaepernick, em 2016, em um jogo de pré-temporada abaixou-se durante o hino nacional e se recusou a cantá-lo. Ele também usou meias que tinham imagens de policiais caracterizados como

porcos durante os jogos¹⁹. Como numa relação em cascata, o ativismo de Kaepernick gradativamente motivou outros jogadores a repetirem o ato. Até de outras ligas, como os astros da NBA (Liga Norte-Americana de Basquete) Stephen Curry e Carmelo Anthony. O então presidente Barack Obama, primeiro negro a se tornar presidente dos EUA, endossou o gesto. Naquela época, já havia a campanha "Black Lives Matter" (Vidas Negras Importam) (GLOBOESPORTE, 2020). Porém, isso gerou retaliação para o atleta dentro do esporte. Após o fim de seu contrato com o San Francisco 49ers, Kaepernick não conseguiu atuar em mais nenhum time e argumenta que a Liga realiza um boicote a ele como punição por sua atitude.

Este é só mais um exemplo do uso político do esporte e em como atletas possuem um aparato social importante, tal como voz e visibilidade, para abraçar pautas de cunho social, político e étnico-racial (SIGOLI; DE ROSE JUNIOR, 2004)

Após anos de atividade já com muita repercussão, pressão e denúncias na mídia, o Black Lives Matter foi ainda mais preponderante em 2020. O ano pandêmico também foi marcado pela explosão de manifestações, não apenas por todo os Estados Unidos, mas também em diversos países do mundo, incluindo até mesmo o Brasil.

Eis anos depois, em maio de 2020, a morte de George Floyd, no Estado de Minnesota, também por asfixia e por policiais, originou uma explosão de manifestações em todo o país, levando às ruas milhares de pessoas que protestaram e pediram justiça. Com este caso, os jogadores da NBA aderiram de maneira mais veemente aos manifestos, trazendo para dentro da quadra os dizeres BLM. Em todo o mundo a hashtag. (EHRENBERG, 2020 p. 10)

Apenas três meses depois, em agosto, policiais deram sete tiros nas costas de Jacob Blake, após uma inspeção de rotina, aumentando ainda mais as tensões nos Estados Unidos. Neste amplo ambiente de manifestações, ocorreu uma das mais notáveis, a paralisação da NBA – citada no tópico 2.4.1.

3.4.3 “Aquele cara negro?”: A importância do caso do PSG x Istanbul Basaksehir na luta antirracista no esporte

¹⁹ Entenda por que Colin Kaepernick virou ícone de protesto contra o racismo nos EUA; acesso em: <https://ge.globo.com/futebol-americano/noticia/entenda-por-que-colin-kaepernick-virou-icone-de-protesto-contr-o-racismo-nos-eua.ghtml>

O ano de 2020 provou ser um período extremamente relevante para percebermos o ativismo de atletas diante de casos de racismo no esporte. Um deles chamou a atenção pelo ineditismo e por todos os elementos que tornam a discussão sobre ativismo esportivo efervescente e necessária no contexto atual (GALILY, 2019).

No dia 08 de dezembro de 2020, jogadores do PSG (França) e do Istanbul Basaksehir (Turquia) protagonizaram um momento histórico na luta antirracista no esporte. Na ocasião, em partida válida pela fase de grupos da Liga dos Campeões – principal competição de clubes do continente europeu –, as duas equipes deixaram o gramado do estádio Parque dos Príncipes (Paris) no meio do primeiro tempo após uma ofensa racista do quarto árbitro romeno Sebastian Coltescu contra o camaronês Pierre Webó, ex-atacante e membro da comissão técnica da equipe turca²⁰.

O tumulto teve início quando o lateral brasileiro Rafael, do Istanbul, foi punido com cartão amarelo. Membros da equipe turca reclamaram bastante da punição. Nesse momento, segundo relato de jornalistas romenos, o quarto árbitro Sebastian Coltescu chamou o juiz principal, Ovidiu Hategan, e pediu punição a Pierre Webó. Ele disse o seguinte (GLOBOESPORTE, 2020): "Aquele preto ali. Vá lá e verifique quem é. Aquele preto ali. Não dá para agir assim", afirmou Coltescu, a Hategan, ao se referir ao camaronês da comissão técnica do Istanbul. Webó se revoltou e questionou Coltescu por várias vezes: "O que você falou? Por que você falou preto?". O árbitro principal, Ovidiu Hategan, se aproximou e deu um cartão vermelho em direção ao camaronês. A partir daí, a revolta dos membros da comissão técnica e reservas do Istanbul Basaksehir ficou maior.

Dirigentes das duas equipes foram ao gramado para entender a situação, e os atletas de PSG e Istanbul Basaksehir decidiram abandonar a partida. Nas redes sociais, o clube turco publicou uma mensagem de combate ao racismo que foi republicada pelo perfil do time de Paris. Durante a transmissão da partida o diálogo entre o atacante senegalês Demba Ba junto ao quarto arbitro Sebastian Coltescu pode ser captado: "Você nunca diz 'esse cara branco', você diz 'esse cara'. Então por que você está mencionando 'cara preto'? Você tem que dizer 'esse cara preto'? Por quê?!" (GLOBOESPORTE, 2020). Jogadores como Kylian Mbappé e o brasileiro Neymar foram vistos durante a transmissão oficial deixaram claro para o juiz Ovidiu Hategan que não voltariam para o

²⁰ Jogadores do PSG e Istanbul Basaksehir deixam jogo após acusação de racismo, acesso em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/liga-dos-campeoes/noticia/jogadores-do-psg-e-istanbul-basaksehir-deixam-jogo-apos-suposto-caso-de-racismo.ghtml>

jogo, caso o quarto árbitro Sebastian Coltescu continuasse em campo: “Não vamos jogar. Não podemos jogar. Com esse cara (quarto árbitro) aqui, não vamos jogar” (MBAPPÉ; NEYMAR, GLOBOESPORTE, 2020)

Segundo o que se foi apurado pelos jornalistas que faziam a cobertura da partida, o Istanbul Basaksehir se recusou a terminar a partida, mesmo após a Uefa insistir em remarcar o horário do reinício do jogo para às 18h (horário de Brasília). Após longa indefinição, a entidade anunciou às 19h15 o adiamento do jogo para quarta-feira (dia seguinte), às 14h55, com uma nova equipe de arbitragem. A Uefa informou que abriria imediatamente uma investigação sobre o caso. "O racismo e a discriminação em todas as suas formas não têm lugar no futebol", disse em comunicado oficial (GLOBOESPORTE, 2020).

O Comitê de Controle, Ética e Disciplina da Uefa no mesmo dia anunciou a suspensão do quarto árbitro Sebastian Colțescu até o fim da temporada europeia, que se encerrou em junho de 2021. Octavian Sovre, também envolvido na arbitragem daquela partida, foi advertido. Ambos foram submetidos a um programa educacional que se estendeu até 30 de junho de 2021. Porém, vale mencionar que nenhum dos membros da equipe de arbitragem foi condenado por racismo e condutas discriminatórias, que consta no artigo 14 do Regulamento Disciplinar da Uefa. Coltescu, quarto-árbitro no jogo, e Sovre, assistente, foram punidos pelos artigos 11 e 6 dos “Termos e Condições para Árbitros em Jogos da Uefa”, que tratam de “comportamento impróprio” durante a partida.

Sebastian Colțescu, inclusive, já retomou as atividades como árbitro no futebol romeno. Mesmo com a consequente punição branda, o ato dos jogadores de deixarem o gramado e se recusarem a jogar a partida simboliza um momento único na luta antirracista do futebol e em todo o ativismo social (GALILY, 2019).

3.4.4 O outro lado da moeda: o caso Yaya Touré

Para entender como o que aconteceu no Parque dos Príncipes, na partida entre PSG e Istanbul Basaksehir, e em como o comportamento dos atletas em não aceitar a ofensa racista e agir de tal modo que abandonaram o gramado é importante para a história do ativismo esportivo não precisamos voltar muito no tempo. No ano de 2013, em partida válida também pela Liga dos Campeões, o jogador negro costa marfinense, Yaya Touré, que há época defendia a equipe do Manchester City, foi hostilizado com ofensas racistas

por torcedores do CSKA Moscou²¹. A cada toque na bola de Touré era possível ouvir sons de torcedores nas arquibancadas que imitavam macacos.

Revoltado com a situação, ele interrompeu o jogo e pediu que o árbitro encerrasse a partida, mas ao contrário do que vimos em 2020 no Parque dos Príncipes, além do árbitro não ter interrompido o jogo, os outros atletas não se mobilizaram para paralisar o prélio. Mesmo com a falta de suporte que recebeu no momento do ocorrido, todavia, isso foi incapaz de provocar qualquer tipo de intimidação a Touré, que utilizou os meios de comunicação para avisar que se acontecimentos como esse tivessem continuidade ele organizaria um boicote dos jogadores e dos torcedores negros ao Mundial da Fifa de 2018.

O presidente da FIFA – principal entidade do futebol do mundo – há época Joseh Blatter, havia declarado anteriormente que ofensas raciais dentro do campo de futebol não deviam ser levadas a sério, pois ao término da partida tudo se acertava com um aperto de mãos²², precisou agir diante de uma pressão. No mesmo ano, a FIFA apresentou novas proposições sobre os casos de racismo e de discriminação no futebol. O Grêmio, time de futebol do Brasil, como uma das equipes que aprovou tais proposições, deu início a sua campanha de antirracismo.

3.5. Reflexões sobre o ativismo esportivo no Brasil no século XXI

Não apenas o esporte norte-americano e europeu teve ações de ativismo esportivo significativas nos últimos anos. O Brasil, importante praça esportiva mundial em diversas modalidades, apresentou algumas ações importantes no que tange o combate ao racismo e discriminações, seja principalmente pelo caráter individual das ações (partindo de atletas, técnicos, ex-jogadores, ex-árbitros), como também por organizações ligadas a sociedade. Nesse tópico, vamos discorrer sobre o contexto brasileiro e algumas especificações que podem contribuir para entender como se dá o ativismo esportivo (GALILY, 2019), principalmente no século XXI.

É importante retomar ao conceito de ativismo esportivo através de Galily (2019) aonde ele aponta que o esporte não é algo isolado da sociedade, mas é também um espaço de reprodução de práticas como ataque às minorias e o racismo. Um exemplo claro e

²¹ Vítima de racismo, Yaya Touré pede punição e lamenta: 'Muito, muito triste': <http://ge.globo.com/futebol/liga-dos-campeoes/noticia/2013/10/vitima-de-racismo-yaya-toure-pede-punicao-e-lamenta-muito-muito-triste.html>

²² "Jogador que sofre insulto racial em campo deve aceitar a situação", diz Blatter: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2011/11/16/presidente-de-fifa-diz-que-insulto-racista-deve-acabar-com-aperto-de-maos-apos-os-jogos.htm>

evidente disso, a nível de contextualização na história do esporte no Brasil foi o que aconteceu com o goleiro Barbosa, frisando aqui por ser um jogador da seleção negro, titular da equipe que foi derrotada na final da Copa do Mundo de 1950 para o Uruguai, no Maracanã.

Após a perda do título, em casa, o principal “culpado”, vilão, pelo insucesso do Brasil foi o goleiro Barbosa. A sua suposta falha, na derrota por 2 a 1 no Maracanã, nestas circunstâncias gerou todo um estigma sobre a capacidade e segurança que goleiros negros podiam ou não gerar. Barbosa faleceu em 2000 e conviveu com o estigma de ser um dos principais culpados pela derrota até o fim de seus dias. (HUBER, 2006).

Entretanto, essa situação não parou em Barbosa, e a conhecida “Maldição do goleiro negro na seleção brasileira” (Huber, 2006, p. 69) reverberou pelas décadas seguintes. Apenas na Copa do Mundo da Alemanha, em 2006, o Brasil voltaria um goleiro negro a frente das traves na principal competição de seleções de futebol de mundo, Dida esteve naquele time que parou nas quartas de final para a França.

Logo, o racismo através de diversos atos e expressões, sempre marcou a história recente do esporte, ao qual o futebol, basquete, vôlei, enfim, se tornam verdadeiros “espelhos” no qual estão refletidas as formas pelas quais as relações sociais se estabelecem” (LUCCAS, 1998). Assim, é possível afirmar que, “dentro desse contexto, pode-se observar recorrentes situações onde atos racistas foram praticados em todos os âmbitos do esporte”. (OLIVEIRA, 2021, p. 2)

A bibliografia internacional vai apontar que atletas negros possuem uma relação muito próxima com o ativismo esportivo num movimento que não é de agora, mas que remonta ainda a meados do século XX. Protestos do boxeador profissional Muhammad Ali, que perdeu seus títulos ao recusar-se a lutar na Guerra do Vietnã em 1967. Na ocasião, notáveis atletas afro-americanos de diversos esportes, como Bill Russel e Kareem Abdul-Jabbar, jogadores de basquete, e Bobby Brown, jogador de futebol americano, se uniram para declarar apoio a Ali em uma coletiva à imprensa (GALILY, 2019).

No Brasil, Reinaldo, maior artilheiro da história do Atlético Mineiro, que comemorava seus gols com o punho cerrado, ato emblemático ligado aos Panteras Negras, foi um dos expoentes do ativismo esportivo no século XX. Porém, por conta de

tais posicionamentos ele teve que lidar com casos de boicote²³ (GLOBOESPORTE, 2020). O atleta também defendia o fim da Ditadura Militar e depois de muita pressão da opinião pública, ele foi para a Copa do Mundo de 1978, mesmo com um descontentamento explícito dos militares. De acordo com relatos de sua biografia, “Punho cerrado: a história do Rei”, após marcar um gol e comemorar com o punho cerrado, já na estreia do Brasil, no jogo seguinte ele ficou no banco. O que representava uma insatisfação clara dos militares que tinham uma relação muito próxima com a seleção brasileira.

Logo, para falar de ativismo dentro do contexto do esporte brasileiro, e mais especificamente do futebol, o contexto social, político, cultural e econômico não pode ser deixado de fora da discussão. A potencial perda de posições socioeconomicamente favoráveis (FERNANDES, 1972) fez parte da vivência de negros que alcançaram o sucesso ao longo do tempo, e gerou ainda estratégias de autonegação que ainda tem reverberações sociais. Esse cenário pode indicar possíveis pistas quanto ao resguardo de atletas negros em relação ao ativismo político-social ao longo dos tempos. (SANTOS, 2021, p. 34)

3.5.1. O Observatório da Discriminação Racial do Futebol e outras iniciativas antirracistas no esporte brasileiro

Como dito, o ato de se posicionar ativamente por atletas negros dentro do contexto do esporte, e mais precisamente do futebol, no Brasil, pode não ser dos mais consistentes na história. Cunningham e Regan (2012) descrevem que um dos motivos para que isso ocorra é o medo das perdas que podem resultar do posicionamento, como o rompimento de contratos de patrocínios, por exemplo. Aliado a fatores como a complexidade da autoafirmação étnico-racial (SANTOS, 1984), falta de suporte pelos times e entidades que coordenam o esporte e os possíveis boicotes seguintes configuram algumas das barreiras que atletas negros precisam contornar para conseguir aproximar-se do ativismo esportivo.

Mello (2021) organizou um estudo para refletir sobre o espaço do antirracismo no futebol brasileiro a partir do caso do goleiro Aranha. Em partida realizada em Porto

²³ Antirracismo no futebol: por que os atletas no Brasil não repetem o movimento das ligas americanas. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/futebol-racismo-antirracismo.ghtml>

Alegre, diante do Grêmio, em agosto de 2014, Aranha há época defendia a camisa do Santos e foi vítima de insultos racistas que partiam da torcida tricolor do sul. Na ocasião, Câmeras do canal ESPN Brasil flagraram uma torcedora claramente chamando Aranha de macaco e o resto do grupo fazendo sons que lembravam o animal²⁴.

De acordo com Mello (2021, p. 167), existe

um discurso que organiza as relações raciais no Brasil que tanto acentua a cordialidade e a indistinção social dos grupos quanto atua na construção de uma identidade deturpada e estereotipada da população negra, acionando uma série de insultos, tais como macaco, senzala, entre outros.

O futebol, possuindo essa natureza espetacular e uma alta penetrabilidade social, se torna um vetor de operações práticas, tais como a formação da opinião pública, ditar as regras de comportamento, difundir normas e valores sociais, entre outros (MELLO, 2021; DAMATTA, 1982).

No processo de transformação do futebol em esporte nacional alguns elementos tiveram que ser recalcados, tais como o uso de pó-de-arroz no Fluminense para esconder a cor do atleta Carlos Alberto ou a rejeição de equipes de futebol em aceitar jogadores negros. Também é importante sublinhar que a integração dos negros no futebol não impediu que a derrota na Copa de 1950 para a seleção uruguaia no Maracanã – o famoso “Maracanaço” – tenha propiciado um recrudescimento do racismo (MELLO, 2021, p.167).

A força do estereótipo racial entre negros no futebol ainda é mais acentuada. Mello (2021) cita os casos que aconteceram durante a década de 2010, como o de Neymar em 2014 que foi insultado por torcedores do Barcelona, que fizeram sons de macaco para protestar contra a sua atuação pela equipe; do brasileiro Daniel Alves, também jogador do Barcelona há época, foi vítima da torcida do Villarreal, que atirou bananas para dentro do campo em direção ao jogador; de Arouca que vestia a camisa do Santos quando num jogo em Mogi Mirim, foi chamado de macaco pela torcida santista, após sua equipe ter sido goleada por 5 a 2; o mesmo ocorreu com Paulão do Internacional, Paulo César Tinga do Cruzeiro e tantos outros que ou foram chamado de macaco ou ouviram sons de macaco que vinham das arquibancadas dos estádios de futebol.

²⁴ Goleiro Aranha é alvo de ofensas racistas na Arena do Grêmio: disponível em <https://www.terra.com.br/esportes/santos/goleiro-aranha-e-alvo-de-ofensas-racistas-na-arena-do-gremio,a35122e4c2f18410VgnVCM3000009af154d0RCRD.html>

Esses casos estão longe de serem isolados. Segundo levantamento do Globo Esporte²⁵, em 2019, quase metade dos atletas negros das séries A, B e C sofreram racismo no futebol. Entre os que sofreram, 92,4% afirmam que o incidente ocorreu no estádio. Dados do Observatório da Discriminação Racial acentuam ainda mais a gravidade da situação em campos brasileiros. O 8º relatório da discriminação racial no futebol, referente ao ano de 2021²⁶, aponta 158 casos e incidentes discriminatório, dos quais 137 aconteceram no Brasil e 21 sucederam-se com atletas brasileiros no exterior.

Dos 158 casos descritos, 124 dizem respeito ao futebol e 34 a outros esportes. Dos 124 casos que envolvem o futebol; 74 dizem respeito à discriminação racial (soma total de casos ocorridos no Brasil, 64, e no exterior, 10), 25 envolvem LGBTfobia (soma total de casos ocorridos no Brasil, 24, e no exterior, 01); 15 de machismo; 10 xenofobia (soma total de casos ocorridos no Brasil, 06, e no exterior, 04).

Em relação às vítimas das ofensas, de acordo com o Relatório, dos 74 que dizem respeito à discriminação racial no futebol (64 Brasil + 10 Exterior), em 48 deles as vítimas são atletas; em 03 as vítimas são árbitros; em 10 as vítimas são torcedores; em 06 deles os prejudicados são funcionários dos estádios ou algum membro da comissão técnica dos clubes; em 01 caso a vítima foi um membro familiar do atleta; em 02 as vítimas foram ex-atletas, em outros 02 as vítimas foram integrantes da imprensa esportiva e por fim em 02 deles os ofendidos foram um jogador de e-sport e os modelos negros de uma campanha publicitária no lançamento de uniforme do clube.

Em relação ao acusado de cometer as ofensas, dos 74 casos que dizem respeito à discriminação racial no futebol, em 44 o agressor é, pelo menos, um torcedor ; em 06 casos a agressão partiu de outro atleta; em 05 casos o ataque originou-se de dirigentes de clubes; em 06 casos a hostilidade partiu de membros da comissão técnica ou funcionário do estádio da partida, em 07 casos o ato discriminatório partiu de, pelo menos, um membro da imprensa; 01 caso a discriminação partiu do treinador da equipe; 01 cônsul oficial como representante de clube no exterior, 01 caso veio de uma personalidade pública/influencer e em 03 situações o Poder Público cometeu o ato discriminatório.

²⁵ Levantamento inédito: quase metade dos atletas negros das Séries A, B e C sofreu racismo no futebol: <https://ge.globo.com/pe/futebol/noticia/levantamento-inedito-quase-metade-dos-atletas-negros-das-series-a-b-e-c-sofreu-racismo-no-futebol.ghtml>

²⁶ Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol 2021. Disponível em: https://observatorioracialfutebol.com.br/Relatorios/2021/RELATORIO_DISCRIMINACAO_RACIAL_2021.pdf, acesso em 06 de nov. 2022

Em um contexto de um racismo estrutural (ALMEIDA, 2019) no próprio esporte brasileiro é importante salientar ações e iniciativas antirracistas no esporte brasileiro. Fora do âmbito administrativo de clubes e federações, o próprio Observatório da Discriminação Racial do Futebol, fundado em 2014, se configura como um importante órgão:

Para monitorar, acompanhar e noticiar os casos de racismo no futebol brasileiro, assim como divulgar e desenvolver ações informativas e educacionais que visem erradicar essa praga que tanto macula a sociedade nacional (OBSERVATÓRIO, 2021, p. 15).

Em novembro de 2021, mais precisamente no dia 20 – Dia Nacional da Consciência Negra – a Confederação Brasileira de Futebol – divulgou uma campanha intitulada “Manifesto por um futebol antirracista”²⁷, que contou com apoio de clubes brasileiros (sem especificar quais) e Observatório da Discriminação Racial no Futebol. No texto, a CBF afirmava que nenhum espaço esportivo é local para racismo, além de reiterar que qualquer ação racista se configura crime no Brasil. Texto abaixo na íntegra:

Campo de futebol não é lugar para racismo. Estádio não é lugar para racismo. Rede social não é lugar para racismo. Racismo é crime. Provocação racista é crime. Comentário racista é crime. Xingamento racista na arquibancada é crime. E não basta que o futebol apenas não seja racista. Precisamos ir além. Chega! Acabou o silêncio. Temos o melhor futebol do mundo e muito disso vem da nossa mistura, nossas múltiplas cores, nossas diferentes culturas. Vamos levantar nossa voz contra o racismo. Clubes brasileiros, CBF e Observatório da Discriminação Racial no Futebol: por um Futebol Antirracista! (CBF, 2021, s.p.)

A CBF, organizou de forma inédita o primeiro Seminário de Combate ao Racismo e à Violência no Futebol²⁸, que aconteceu em agosto de 2022. O evento foi uma iniciativa da CBF, com apoio e parceria da FIFA, da CONMEBOL e do Observatório da Discriminação Racial no Futebol e “promete ser um pontapé inicial em uma nova era de combate à discriminação no futebol brasileiro”, de acordo com a entidade. O presidente

²⁷ Manifesto por um futebol antirracista - <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/manifesto-por-um-futebol-antirracista>

²⁸ 1º Seminário de Combate ao Racismo e à Violência no Futebol: disponível em, <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/ednaldo-rodrigues-abre-seminario-contra-o-racismo-estamos-aqui-para>, acesso em 06 de nov. 2022

da CBF em curso é Ednaldo Rodrigues, que propôs também durante o Seminário uma punição desportiva pelos casos de racismo. Vale lembrar que Ednaldo Rodrigues é o primeiro presidente negro da história da CBF, a entidade tem mais de 100 anos.

O dirigente propôs a perda de pontos por episódios de racismo durante a disputa do campeonato, ainda em 2022. Em 2023, a CBF instituiu punições por racismo em competições brasileiras. A decisão foi anunciada durante o Conselho Técnico na sede da CBF. A direção da entidade decidiu não colocar o caso em votação.

Visto que, segundo levantamento do site Globoesporte.com²⁹, apenas seis clubes dos 40 que disputam as Séries A e B concordavam integralmente com a perda de pontos nos casos em que torcedores tenham comportamento racista. O novo regulamento prever:

Art. 134 – A inobservância ou descumprimento deste RGC, assim como dos RECs, sem prejuízo de outras penalidades estabelecidas no presente Regulamento, sujeitará o infrator às seguintes penalidades administrativas que poderão ser aplicadas pela CBF, de forma cumulativa ou não, não necessariamente nesta ordem:

I – Advertência;

II – Multa pecuniária administrativa, no valor de até R\$ 500.000,00 (quinhentos mil reais), a ser revertida em prol de causas sociais, inclusive através da dedução de cotas a receber;

III – vedação de registro ou de transferência de atletas; e.

IV – Perda de pontos, em relação a clubes por infração ao disposto no §1º e observado o §4º.

O Código Brasileiro de Justiça Desportiva sobre o tema, no artigo 243-G estabelece que há punição a quem "praticar ato discriminatório, desdenhoso ou ultrajante, relacionado a preconceito em razão de origem étnica, raça, sexo, cor, idade, condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência". A suspensão seria de cinco a dez partidas em caso de jogadores e treinadores. Em caso de torcedores, o CBDJ (2009) assim define:

Caso a infração prevista neste artigo seja praticada simultaneamente por considerável número de pessoas vinculadas a uma mesma entidade de prática desportiva, esta também será punida com a perda do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do resultado da partida, prova ou equivalente, e, na reincidência, com a perda do dobro do número de pontos atribuídos a uma vitória no regulamento da competição, independentemente do

²⁹ Veja a posição de cada clube sobre a proposta da CBF de perda de pontos em caso de racismo: disponível em <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2022/08/27/veja-a-posicao-de-cada-clube-sobre-a-proposta-da-cbf-de-perda-de-pontos-em-caso-de-racismo.ghtml>, acesso em 06 de nov. 2022

resultado da partida, prova ou equivalente; caso não haja atribuição de pontos pelo regulamento da competição, a entidade de prática desportiva será excluída da competição, torneio ou equivalente.

Alguns clubes brasileiros tem desenvolvido políticas antirracistas em suas cláusulas de contratos de funcionários e jogadores. Internacional, Bahia, Bragantino, Ceará, Corinthians, Cuiabá e Palmeiras adotaram a prática, o levantamento é do Globo Esporte³⁰. Outras expressões de preconceitos como xenofobia e homofobia também estão citadas em itens contratuais entre os sete clubes da série A. Outros clubes como Grêmio, Fluminense, Flamengo, Juventude e Santos afirmam que preveem punições em caso de desrespeito aos códigos de conduta dos clubes por parte dos profissionais, mas não especificam preconceitos nesta situação. Para o criador e diretor-executivo do Observatório da Discriminação Racial, Marcelo Carvalho, a implantação da cláusula é efetiva contra o racismo, desde que seja cumprida pelos clubes, caso ocorram atos de discriminação (CARVALHO, 2021).

De acordo com o levantamento, o Bahia foi o primeiro clube a divulgar a inclusão da cláusula antirracista em seus contratos. Nela, existe uma previsão de multa ou demissão por justa causa em caso de infração do tipo. A medida foi tomada logo após um jogador de seu elenco, Índio Ramirez, ser acusado por Gerson, na época atleta do Flamengo, de injúria racial, durante uma partida do Brasileirão de 2020. Na ocasião, o Tricolor chegou a afastar Ramirez por um período, mas reintegrou o jogador por considerar não haver elementos que comprovassem as ofensas (GLOBOESPORTE, 2021). O Internacional de Porto Alegre/RS também está entre os precursores da medida. Desde março de 2021, o clube adota, em contrato, multas e até demissão a quem cometer ações preconceituosas. Regra que se estende até aos fornecedores do clube.

Segundo Marcelo Carvalho, entretanto, “as instituições do futebol ainda precisam ampliar essas medidas. Sobretudo, aprofundar, em seus quadros, o nível da informação sobre racismo e outros tipos de preconceito” (CARVALHO, 2021, s.p.).

Para além de ações específicas dos clubes, através de códigos de conduta internos, é importante investigar o combate do racismo a partir das instituições que gerem o esporte. O estudo feito por Oliveira; Rocha e Silva (2021) trouxe alguns marcos importantes no que tange o recorte das décadas iniciais do século XXI. Conforme visto

³⁰ Sete clubes da Série A têm cláusulas antirracistas em contratos de funcionários e jogadores: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/sete-clubes-da-serie-a-tem-clausulas-antirracistas-em-contratos-de-funcionarios-e-jogadores.ghtml>

no TABELA 1, instituições como a FIFA e a CBF criaram legislações para combater o racismo no futebol. A exemplo disso, a FIFA criou um código disciplinar de combate ao racismo afirmando que "a discriminação por palavras ou ações por causa da raça, cor da pele, língua, religião, origem ou qualquer outra razão é estritamente proibida e passível de punição".

Além desta ação legislativa, muitos times criaram campanhas de combate ao racismo, como é o caso do Bahia e do Cruzeiro destacados no quadro acima. Ambos através de ações promoveram não somente ações de combate ao racismo dentro do clube, como propuseram ações para além do campo. Uma outra ação que o quadro 1 destaca é a criação do Observatório do Futebol pelo Bahia objetivava monitorar e publicar relatório denunciando casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro ou com brasileiros no exterior, nos estádios ou na internet. (OLIVEIRA; ROCHA; SANTOS, 2021, p. 5)

De acordo com Oliveira; Rocha e Santos (2021), ao menos seis ações de combate ao racismo foram observadas nos últimos 20 anos no futebol brasileiro. Ver Quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Ações de combate ao racismo no Brasil nos últimos 20 anos

ANO	AÇÕES DE COMBATE AO RACISMO	LINK DE REFERÊNCIA
2002	Desde 2002, no futebol existe o Dia contra a Discriminação. Está lá no código disciplinar da FIFA: "a discriminação por palavras ou ações por causa da raça, cor da pele, língua, religião, origem ou qualquer outra razão é estritamente proibida e passível de punição".	http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2014/05/casos-de-discriminacao-racial-fazem-parte-da-historia-do-futebol-brasileiro.html
2014	Neste ano, o Tricolor de Aço vai além, por meio da campanha "Dedo na Ferida". O Bahia irá a empresas e órgãos governamentais levar treinamentos e debates sobre igualdade racial e racismo estrutural para a diretores, gestores e funcionários.	https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/11/20/noticia_futebol_nacional,3284811/consciencia-negra-o-que-os-clubes-podem-fazer-alem-da-rede-social.shtml
2014	Criação de Observatório Contra a Discriminação Racial no futebol. Monitora e publica relatórios sobre casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro ou com brasileiros no exterior, nos estádios ou na internet.	https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/discriminacao-racial-no-futebol-2017-ja-tem-mais-casos-do-que-todo-o-ano-de-2016.ghtml
2018	Criação de um Plano Nacional de Combate ao Racismo no Esporte. O Plano previsto para iniciar em 2018, sob a coordenação técnica da Secretaria Nacional de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), pretende em parceria com instituições públicas e privadas de defesa do futebol, promover a articulação entre Confederação Brasileira de Futebol (CBF), dirigentes e atletas dos clubes e torcidas contra o racismo no futebol e aperfeiçoar as estratégias de enfrentamento a esse tipo de crime, definido na Lei 7.716/89.	https://aegea.com.br/respeitodaotom/debate-enfrentamento-ao-racismo-no-futebol/
2019	o Cruzeiro lançou a ação Cartão Vermelho para o Racismo. Em seu site oficial, o clube afirmou que é preciso falar sobre racismo e revelou que procurou "ouvir negros que militam na causa e têm conhecimento do assunto para moldar a campanha".	https://www.mg.superesportes.com.br/app/noticias/futebol/futebol-nacional/2019/11/20/noticia_futebol_nacional,3284811/consciencia-negra-o-que-os-clubes-podem-fazer-alem-da-rede-social.shtml
2019	Segundo a matéria, no ano de 2019 a CBF promoveu uma campanha nacional de combate ao racismo, onde os jogadores deveriam utilizar camisas com a Campanha "Todos Iguais" levando a hashtag #ChegaDePreconceito nas costas de cada jogador.	https://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/em-parceria-com-clubes-cbf-fara-acoes-contra-o-racismo-na-proxima-rodada-do-brasileirao.ghtml

Fonte: (OLIVEIRA; ROCHA; SANTOS, 2021)

Com a explosão das manifestações influenciadas pelo *Black Lives Matter* no esporte mundial, nomes influentes de várias modalidades esportivas que compõem o grupo "Esporte pela Democracia" lançaram, em 2020, um manifesto em defesa dos

direitos humanos, liberdade de imprensa, diversidade e valores democráticos³¹. Entre as personalidades que assinam a carta estão a ex-nadadora Joanna Maranhão e o ex-jogador de futebol e comentarista Walter Casagrande, além de Gustavo Kuerten (tênis), Luciano Corrêa (judô), Ana Moser, Fabi, Fê Garay, Isabel, Pedro Solberg e Serginho (vôlei), Alex Pussieldi e Arilson Silva (natação), Grafite, Igor Julião, Juninho Pernambucano, Raí e Reinaldo Lima (futebol), os ex-árbitros Carlos Simon e Salvio Spinola e os jornalistas José Trajano, Juca Kfourri e Lúcio de Castro.

O documento ressalta que é obrigação do esporte se contrapor à marginalização de minorias étnicas no Brasil. “Seguimos testemunhando o fruto da violência cotidiana que sistematicamente atinge as populações negras, periféricas, pobres, alvos preferenciais dos sistemas de poder. A banalização da vida negra soma historicamente milhares e milhares de mortos por violência, discriminação, práticas racistas diárias bem diante dos nossos olhos”. Uma outra manifestação do cunho que chamou atenção não veio de atletas, confederações ou de órgão independentes, mas sim dos estádios. Mais especificamente da Arena Castelão, Fortaleza, quando a torcida do clube homônimo no dia 05 de maio de 2022 exibiu dois mosaicos antirracistas antes da partida contra o River Plate válido pela quarta rodada da fase de grupos da Copa Libertadores da América.

A primeira mensagem exibida foi "Juntos na Luta" em um mosaico temporário. Minutos depois, a torcida exibiu um mosaico permanente com os dizeres "Stop Racism" (traduz-se Pare com o Racismo). Além do mosaico, uma faixa com a frase "Sonho que um dia meus filhos sejam julgados pelo seu caráter, não pela sua cor", frase originalmente dita por Martin Luther King, também tomou a arquibancada.

³¹ Personalidades do esporte lançam manifesto contra o racismo e pela democracia: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-03/personalidades-do-esporte-lancam-manifesto-contra-o-racismo-e-pela-democracia.html>

Figura 1: Manifesto escrito "Stop Racism" feito pela torcida do Fortaleza



Fonte: Fortaleza/Twitter

Figura 2: Mosaico em português em protesto da torcida do Fortaleza



Fonte: Fortaleza/Twitter

O episódio ocorreu duas rodadas após a torcida do Fortaleza ser alvo de injúria racial no jogo diante do mesmo adversário, na Argentina. Na ocasião, um torcedor adversário jogou uma banana em direção aos apoiadores do Fortaleza³². Porém, é importante mencionar que a manifestação da torcida do Leão do Pici ficou “escondida” durante a transmissão da televisão pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) – instituição que gere o futebol sul-americano. As imagens do protesto

³² Torcida do Fortaleza faz mosaico antirracista em jogo contra argentinos do River Plate: <https://oglobo.globo.com/esportes/torcida-do-fortaleza-faz-mosaico-antirracista-em-jogo-contra-argentinos-do-river-plate-25501914>

leonino nas arquibancadas rodaram o mundo pelas redes sociais, sendo repostada por diversas pessoas e veículos de comunicação do Brasil e de fora do País. Porém, os mosaicos pouco aparecerem na transmissão da televisão. Durante a partida, apenas em breve momento foi televisionado e ainda com a imagem desfocada.

No dia 09 de maio de 2022, apenas quatro depois das manifestações da torcida do Fortaleza, a Conmebol anunciou mudanças em seu Código de Disciplina, mais precisamente no artigo 17 sobre Discriminação³³. As alterações tornam mais duras as punições contra clubes cujos torcedores cometerem atos de racismo. Qualquer jogador ou dirigente que "insulte ou atente contra a dignidade humana de outra pessoa ou grupo de pessoas, por qualquer meio, por motivos de cor de pele, raça, sexo ou orientação sexual, etnia, idioma, credo ou origem, será suspenso por um mínimo de cinco jogos ou por um período de tempo mínimo de dois meses". Além disso, o código agora prevê a possibilidade de os clubes punidos terem que jogar com portões fechados por um ou mais jogos – ou ainda com parte das arquibancadas fechadas. Essa punição não fazia parte da versão anterior do código.

³³ Modificação do Art. 17 – Código Disciplinar da CONMEBOL: disponível em <https://www.conmebol.com/pt-br/noticias-pt-br/modificacao-do-art-17-codigo-disciplinar-da-conmebol/>, acesso: 12 de mai. de 2022.

4 ENEGRECENDO O OLHAR: O LUGAR DA SUBJETIVIDADE NO TELEJORNALISMO

O objetivo deste capítulo é primeiro observar de que forma os Códigos de Ética de Jornalismo do Brasil e de outros países abordam a luta contra o racismo e qual o papel é posto para o jornalista neste processo. Na sequência, a proposta é pensar caminhos e alternativas possíveis para o combate ao racismo na comunicação e pelo jornalismo, dentre elas na absorção da abordagem subjetiva no fazer jornalismo.

4.1. Os Códigos de Ética e o combate ao racismo

Para refletir sobre a prática é necessário entender de que forma a teoria se configura.

A ética jornalística trata, desse modo, das práticas jornalísticas, ou seja, as características, causas e consequências da moral jornalística (ibid.). Em geral, a ética é definida como teoria da reflexão, instância moral ou explicada como as práticas normativas aceitas do dever (SCHOLL, 2010, p. 79).

A ética lida com o conflito entre as normas ideais e a realidade prática do jornalismo. Nela, reúnem-se a responsabilidade entre todas as esferas, ou seja, indivíduo, instituições/corporações, profissionais e o próprio público (CAZZAMATA, 2015) – o que se aproxima das descrições feitas das teorias da responsabilidade social no jornalismo que foram abordadas no Capítulo 1. Esses códigos promovem uma autorreflexão legitimada e institucionalizada e que permitem um autocontrole da própria mídia e da profissão (STAPF, 2006), porém possíveis limitações sobre a efetividade de tais códigos não devem ser anulados na análise.

Embora os códigos sirvam para orientação da prática jornalística, para a determinação dos papéis sociais e para o estabelecimento de normas profissionais, seus efeitos são questionáveis, uma vez que possíveis sanções ou formas potenciais de pressão são bastante baixas ou quase inexistentes (HIMELBOIM & LIMOR, 2008, p. 240-241).

No caso do jornalismo brasileiro, um dos principais documentos deontológicos utilizado por profissionais no mercado e na academia durante a formação, é o Código de

Ética de Jornalistas do Brasil³⁴ (FENAJ, 2007). Como citado no capítulo 1, esse código normativo contém os códigos éticos da profissão, que foram discutidos e elaborados no âmbito da própria profissão e são ditados por empresas ou associações de classe, ou ainda constam de documentos internos de organizações jornalísticas. No que tange os códigos de ética relacionados à comunicação, no Brasil, não existe somente o Código de Ética do Jornalista Brasileiro, sendo essa uma produção da Federação Nacional dos Jornalistas.

É possível citar ainda o Código da Associação Nacional dos Jornais (ANJ), o Código de Ética da Radiodifusão Brasileira, documento da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e TV (Aberta), os Princípios Éticos da Associação Nacional dos Editores de Revista (ANER), documento que orienta as publicações seriadas no Brasil.

Para este levantamento foi escolhido o Código de Ética da Fenaj pois de maneira geral é o mais utilizado durante a formação do jornalista e também é comumente citado por profissionais do mercado. No art. 6º o documento detalha quais são os deveres do jornalista e destaca a defesa dos direitos humanos, bem como ressalta o papel do jornalista em contribuir para a promoção das garantias individuais e coletivas, especialmente de crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias. Além de mencionar a promoção, o documento detalha a necessidade de se combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza.

Art. 6º É dever do jornalista:

I – Opor-se ao arbítrio, ao autoritarismo e à opressão, bem como defender os princípios expressos na Declaração Universal dos Direitos Humanos;

XI – defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias;

XIV – combater a prática de perseguição ou discriminação por motivos sociais, econômicos, políticos, religiosos, de gênero, raciais, de orientação sexual, condição física ou mental, ou de qualquer outra natureza. (FENAJ, 2007)

³⁴ Código de Ética do Jornalista Brasileiro, disponível: <https://fenaj.org.br/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros-1985-2007/>, acesso: 01 de jun. 2022.

Já no artigo 7, o Código de Ética do Jornalista Brasileiro descreve o que o jornalista não pode fazer e entre outras recomendações, encontramos no quinto inciso:

“V – Usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime” (FENAJ, 2007). Ou seja, em suma, no que se refere ao combate ao racismo, este documento dialoga com três perspectivas: garantir a promoção dos negros, determina o combate à discriminação racial e regulamenta que não deve haver incitação à violência, intolerância, arbítrio e o crime.

Essa abordagem não é muito diferente do que podemos ver em Códigos Deontológicos de outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, o Código da “Society of Professional Journalists”³⁵, prever no tópico “Busque a verdade e a relate”, que o jornalista deve “Evitar estereotipar por raça, gênero, idade, religião, etnicidade, geografia, orientação sexual, deficiência, aparência física ou status social” (SPJ, 2014).

No Reino Unido, o Código de Conduta da União Nacional de Jornalistas³⁶ estabelece os princípios britânicos e irlandeses de jornalismo desde 1963 e foi atualizado em 2007. O documento destaca que o jornalista não deve produzir “nenhum tipo de material que incite o ódio ou a discriminação em relação à idade, gênero, raça, cor, crença, status legal, doença, estado civil ou orientação sexual de uma pessoa”.

A vizinha do Brasil, a Argentina, em seu Código de Ética do Fórum de Jornalismo Argentino³⁷ (Fopea, 2006), no tópico sobre “Respeito pela cidadania” determina que “o jornalista só pode mencionar questões de religião, etnia, nacionalidade, orientação sexual, deficiência física ou mental, etc, se é indispensável para compreender a informação e esta referência não ofender ou discriminar” e completa abaixo: “Evitar generalizações que ferem grupos minoritários, as fronteiras de gênero, observações provocantes e preconceitos de qualquer espécie”.

³⁵ Society of Professional Journalists: disponível em <http://www.spj.org/ethicscode.asp>, acesso em 01 de jun. 2022.

³⁶ Código de Conduta da União Nacional de Jornalistas, disponível em <https://objethos.files.wordpress.com/2010/01/codigo-reuno-unido.pdf> (Tradução Objethos). Acesso em: 01 de jun. 2022.

³⁷ Código de Ética do Fórum de Jornalismo Argentino (FOPEA), disponível em: <https://objethos.files.wordpress.com/2010/01/codigo-argentina.pdf> (Tradução Objethos). Acesso em: 01 de jun. 2022.

Quadro 2: Códigos de Ética do Jornalismo e o combate ao racismo

País	Código de Ética	Descrição
Brasil	Código de Ética do Jornalista Brasileiro	"defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, adolescentes, mulheres, idosos, negros e minorias; “evitar generalizações que ferem grupos minoritários, as fronteiras de gênero, observações provocantes e preconceitos de qualquer espécie”.
Argentina	Código de Ética do Fórum de Jornalismo Argentino	“o jornalista só pode mencionar questões de religião, etnia, nacionalidade, orientação sexual, deficiência física ou mental, etc, se é indispensável para compreender a informação e esta referência não ofender ou discriminar”.
Estados Unidos	Society of Professional Journalists	“Evitar estereotipar por raça, gênero, idade, religião, etnicidade, geografia, orientação sexual, deficiência, aparência física ou status social”.
Reino Unido	Código de Conduta da União Nacional de Jornalistas	“nenhum tipo de material que incite o ódio ou a discriminação em relação à idade, gênero, raça, cor, crença, status legal, doença, estado civil ou orientação sexual de uma pessoa”.

Fonte: Elaboração própria

Sobre o cenário sul-americano dos códigos de ética do jornalismo, Regina Cazzamatta (2015) realizou um estudo comparativo entre os documentos com base em quatro papéis atribuídos aos jornalistas “passivo/ativo” e “neutro/advogatório” (Donsbach e Patterson *apud* Cazzamatta, 2015). Neste estudo o papel passivo, entende-se a função do jornalista como um simples mediador de posições políticas e sociais de atores externos ao sistema midiático. Eles assumem as demandas temáticas de tais grupos sem se envolver. Já o jornalista ativo, independentemente das especificações temáticas dos grupos externos, aborda os temas políticos por si só e aproveita sua liberdade de ação durante apuração e preparação do produto jornalístico (Donsbach e Patterson *apud* Cazzamatta, 2015). Em contrapartida, a diferenciação entre os papéis neutro e advogatório está baseada no autoentendimento do jornalista como ator político.

A posição do profissional neutro é a de não tomar partido em nenhuma discussão política, a não ser em casos de exceção a exemplos de governos corruptos ou terroristas (ibid.). O habitual desta posição é uma rotina de cobertura tratada com distância e equilíbrio. Já ao contrário desse autoentendimento profissional está o papel advogatório, em que o jornalista se coloca claramente a favor de uma posição. Tal posicionamento não precisa necessariamente corresponder a visão do governo e/ou oposição. Um jornalista é advogatório quando ele claramente fala por algum grupo social específico ou por alguma visão ideológica (Donsbach e Patterson *apud* Cazzamatta, 2015).

A partir dessas definições, Donsbach e Patterson (2003, p. 298-300) criaram quatro possíveis categorias para descrever o autoentendimento profissional de um jornalista que foram utilizadas pela pesquisadora na análise dos códigos de ética da América do Sul: “(1) Passivo-neutro: o mediador neutro, moderador, corretor, espelho da realidade, carreira comum e etc; (2) Passivo-advogatório: repórter ordinário, imprensa partidária; (3) Ativo-neutro: investigativo, busca por pistas, quarto poder, adversário e (4) Ativo-advogatório: ideológico, missionário, intérprete.”

Cazzamatta (2015) no estudo tinha o foco da análise em códigos como veracidade e objetividade; liberdade de imprensa e expressão; proteção à esfera privada do indivíduo; o engajamento atribuído aos jornalistas; e o problema do sensacionalismo. Para as observações de como a luta contra a discriminação racial estava disposta nesses códigos o que importa para gente é a categoria de “engajamento atribuído aos jornalistas”. Em geral, a pesquisadora chegou à conclusão que pode-se dizer que há muito mais semelhanças do que diferenças entre os códigos de ética dos países da América do Sul. O aspecto do jornalista engajado é o mais recorrente nestes documentos, termos como “lutar”, “exigir”, “defender”, são utilizados na forma ativa, indo de encontro a uma visão baseada na neutralidade. Entretanto, os códigos não refletem necessariamente a realidade profissional do sistema midiático dos países em questão. Segundo a autora,

Embora não haja nenhuma pesquisa sobre o autoentendimento da profissão entre os jornalistas sul-americanos, é possível ler por meio de quatro códigos de ética que alguns profissionais na região se identificam muito mais com o papel do jornalista engajado e não do neutro informante. Nos documentos, são atribuídas à profissão diversas atividades por meio de uma linguagem bastante ativa: lutar, exigir, defender ou realizar. Assim, esses quatro documentos vão de encontro à tese de Restrepo (ibid.) de que a neutralidade é vista como um engajamento por aqueles que detém o poder. A consequência dessa decisão moral (a narrativa neutra) seria então a manutenção do status quo. Com a ética de responsabilidade como pano de fundo, as consequências da pura objetividade é então trazida à luz nos documentos. No entanto, não se pode afirmar que esta tendência é válida para todos os países. Mesmo em nações nas quais os códigos ressaltam um papel mais advocatório do jornalista (Brasil, Chile, Ecuador e Venezuela), trata-se somente de um indicador. Como demonstrado na parte teórica, os códigos não refletem necessariamente a realidade profissional do sistema midiático do país em questão. (CAZZAMATA, 2015, p. 198)

A autora aponta ainda a defesa de um engajamento social mais ativo e do papel de advogado dos menos favorecidos num contexto em que existe um certo ceticismo em relação à objetividade/ imparcialidade pelos jornalistas do continente sul-americano.

Contra esta visão cética dos jornalistas da região, autores como Ryan (2001, p.15) se perguntam quem decide qual vertente ou opinião entre os marginalizados pela mídia devem ser priorizadas. Para o autor, os códigos de ética não possuem grande significado, uma vez que o conceito filosófico ainda é altamente debatido e, assim, não há nenhuma linha clara. De qualquer forma, não se pode deixar de considerar a leitura desses códigos como um indicador de como os jornalistas entendem a própria profissão. (CAZZAMATA, 2015, p. 199)

Quadro 3: Perfis de jornalismo

Passivo	Entende-se a função do jornalista como um simples mediador de posições políticas e sociais de atores externos ao sistema midiático. Eles assumem as demandas temáticas de tais grupos sem se envolver
Ativo	Independentemente das especificações temáticas dos grupos externos, aborda os temas políticos por si só e aproveita sua liberdade de ação durante apuração e preparação do produto jornalístico.
Neutro	A posição do profissional neutro é a de não tomar partido em nenhuma discussão política, a não ser em casos de exceção - a exemplos de governos corruptos ou terroristas (ibid.). O habitual desta posição é uma rotina de cobertura tratada com distância e equilíbrio.
Advocatório	O jornalista se coloca claramente a favor de uma posição. Tal posicionamento não precisa necessariamente corresponder a visão do governo e/ou oposição. Um jornalista é advocatório quando ele claramente fala por algum grupo social específico ou por alguma visão ideológica
Categorias	Passivo-neutro (1), Passivo-advocatório (2), Ativo-neutro (3), Ativo-advocatório (4).

Fonte: Cazzamata (2015)

4.1.1 Perfil racial dos jornalistas brasileiros

Além de observar de que forma os códigos deontológicos de jornalismo tratam sobre o combate da discriminação racial, uma outra frente de exame é pensar de que forma os profissionais estão distribuídos nas redações jornalísticas a partir de códigos étnico-raciais. A presença de profissionais negros nas redações pode resultar em práticas de ações afirmativas nesses espaços, bem como, reverberar em um jornalismo mais diverso e que investe em pautas e fontes que contemplem a diversidade da população brasileira (SANTOS, 2019; ROSA, 2016).

Já a ausência de profissionais negros – bem como de outras representações sociais - no interior das instituições pode promover uma ampliação da reprodução das práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc.

Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá tornar-se uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. De tal modo que se o racismo é inerente à ordem social, a única forma de uma

instituição combater o racismo é por meio de implementação de práticas antirracistas efetivas. (ALMEIDA, 2019, p. 37)

Logo, o esforço em pensar em um jornalismo que dialogue com a pluralidade étnico-racial de um país como o Brasil “pode impedir que a história seja contada apenas por uma perspectiva branca e racista.” (LEITE, S. P. M. et al. p. 126). Em consonância a isso, “a construção de um jornalismo diverso não é de responsabilidade dos grupos minorizados, mas daqueles que detém poder dentro da redação” (SANTOS, 2019, p. 59). Porém, os números revelam uma situação que aponta ainda muita margem para evolução nesse aspecto. De acordo com a pesquisa Perfil Racial da Imprensa Brasileira³⁸ (2021, p. 5) “as redações jornalísticas brasileiras são mais brancas e masculinas do que a população brasileira e o racismo está presente na vida de praticamente todos os profissionais negros durante seu percurso profissional”.

Os resultados do estudo divulgado em novembro de 2021 e que contou com a produção do Jornalistas&Cia, Portal dos Jornalistas, Instituto Coda e I'MAX Communicate More, além do apoio da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), Associação Nacional dos Jornais (ANS) e outras organizações ligadas ao jornalismo brasileiro, trouxe importantes resultados no que tange a presença e permanência dos jornalistas negros nas redações do Brasil. A iniciativa ouviu 1.952 jornalistas negros e negras, nos mais diversos veículos e regiões do Brasil. Em vários dos aspectos pesquisados a dificuldade dos negros para a ascensão e o desenvolvimento profissional é marcada.

São exemplos de menor intensidade a maior prevalência de um segundo emprego entre negros em relação aos brancos, a maior proporção entre os negros da condição de assalariados do que de empregadores; e, de maior relevância e intensidade a maior proporção entre os brancos de carreiras mais longevas, com mais de 10 anos de trabalho no atual vínculo, maior proporção de brancos realizando trabalho em home office, e, principalmente, maior proporção de brancos em cargos gerenciais e de negros em cargos operacionais. (PERFIL RACIAL DA IMPRENSA BRASILEIRA, 2021, p. 5)

Em dados estatísticos, a análise específica das entrevistas com jornalistas negros sobre racismo e discriminação ao longo de suas trajetórias profissionais permite afirmar que ainda hoje uma grande variedade de ações discriminatórias está presente nas redações

³⁸ Disponível: <http://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf>, acesso em 02 de junho de 2022.

brasileiras. Assim, ao longo da vida profissional, 57% dos entrevistados identificam marcas de discriminação e, 98%, de maior dificuldade para o desenvolvimento da carreira em relação aos brancos (ibidem). A pesquisa revelou que as ações racistas mais relatadas dizem respeito a aspectos relacionados a preconceito racial em geral, discriminação pela aparência, discriminação no tratamento profissional e assédio racial. Para o desenvolvimento da carreira os aspectos mais citados estão relacionados a temas como: cultura geral da empresa privilegia brancos, chefia é sempre branca, discriminação pela aparência e ambiente de trabalho branco (PERFIL RACIAL DA IMPRENSA BRASILEIRA, 2021).

A definição de pautas e fontes que, em grande medida, definem as notícias e são processos importantes na rotina de produção das redações, têm, para os entrevistados da pesquisa, escolhas que são enviesadas pela recusa de temas ligados a questões raciais e pela preferência por fontes brancas. Embora a minoria, 37%, seja dos que não consideram o veículo do atual trabalho como antirracista essa é ainda uma proporção importante para empresas de produção e divulgação de notícias. “Como o antirracismo exige protagonismo, há nesse resultado a indicação de um longo caminho ainda a ser percorrido pela imprensa no País” (PERFIL RACIAL DA IMPRENSA BRASILEIRA, 2021, p. 6).

Segundo os dados do censo do IBGE de 2010, a população brasileira é majoritariamente negra. Somados, pretos e pardos, que juntos resultam na população negra de acordo com o IBGE, compõem 50,94% da população, e, por projeções consolidadas na PNAD/IBGE³⁹ de 2019, a população negra atingiu a marca de 56,20% da população brasileira total. Entretanto, os resultados da pesquisa Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021), indicam que as proporções não estão refletidas na composição racial do contingente de jornalistas nas redações brasileiras. Apenas 20,10% dos jornalistas de redação se autodeclaram pretos ou pardos, negros. A grande maioria, 77,60%, se autodeclara “branca”. A população amarela (2,10%) e indígena (0,20%) soma menos de 3% do total. Esse é um indicador expressivo para apontar a desigualdade racial no Brasil e que, também nessa atividade profissional, está presente em grandes dimensões.

Autores como Stuart Hall (1997), Shakuntala Banaji (2019) e Muniz Sodré (2015) acentuam a importância de compreender como as práticas de representação relativas à

³⁹ Cor/Raça da população brasileira: disponível em <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>, acesso em 02 de junho de 2022.

raça na comunicação podem mudar e também contribuir com as pautas da justiça social. Abordagens como a representação positiva (em que grupos raciais e étnicos que normalmente são submetidos a estereótipos negativos passam a ser representados mais positivamente) e a transcodificação (uma tentativa de retomar os significados de determinados discursos representacionais de raça do estereótipo hegemônico e atribuir significados diferentes a tais representações), são estratégias válidas de contestação, mas são apenas uma pequena parte de um contexto mais amplo. Segundo Hall (1997), os discursos racistas se reinventam em representações mais complexas e ambivalentes que permitem que os produtores e os públicos se sintam conscientes e antirracistas enquanto continuam o trabalho de classificação e estereotipização de formas mais sutis.

Os resultados do Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021) refletiram que proporcionalmente existem mais jornalistas negros empregados assalariados (70,3%) do que brancos (64,3%) e há mais brancos, proporcionalmente, como Empregadores/Donos do Negócio, 23,7%, do que negros, 16,1%. Pensar a política antirracista de uma instituição passa por refletir sobre as pessoas que estão por traz dos cargos de gerência, dos cargos que dentro do jornalismo correspondem a Editores, Chefes de Redação e de Jornalismo. Almeida (2019) a partir do conceito de “Racismo Estrutural” e Sodré (2023) a partir do “Fascismo da Cor” refletem justamente em como as instituições e empresas podem agir para impedir a ascensão de pessoas negras em cargos de gestão. A ausência de diversidade étnica no quadro de gestão pode impactar diretamente em como temas relacionados ao ser negro no Brasil serão abordados.

Ainda segundo a pesquisa, brancos (61,8%) ocupam mais as posições de gestão no jornalismo brasileiro, contra 39,8% de negros. Já os cargos operacionais são ocupados em maior proporção relativa por negros do que por brancos, 60,2% e 38,2%, respectivamente. “Esses são resultados que indicam, com contornos bem definidos, a dificuldade de acesso dos profissionais negros aos patamares mais altos das redações brasileiras” (PERFIL RACIAL DA IMPRENSA BRASILEIRA, 2021, p. 13).

Outros dados significativos, no que tange o processo produtivo das redações jornalísticas brasileiras, se relacionam com a escolha das pautas e das fontes, “nesta perspectiva, as fontes de informação apresentam os elementos necessários para o jornalista se apropriar dos fatos narrados, considerando que esses fatos são situados em um determinado contexto e trabalhados a partir de técnicas jornalísticas” (LEITE, S. P. M. et al, 2021, p. 125). São escolhas que podem ou não ter como critério a pluralidade, a

representatividade social, a diversidade em todos os seus aspectos. Nesta perspectiva, as fontes de informação apresentam os elementos necessários para o jornalista se apropriar dos fatos narrados, considerando que esses fatos são situados em um determinado contexto e trabalhados a partir de técnicas jornalísticas.

Ao tratar especificamente da fonte especializada e da fonte popular, destaca-se a importância de investir em pautas que tragam o olhar de pessoas negras, o que possibilita:

1) apresentar problemáticas diferenciadas para o tema tratado ao trazer a perspectiva de pessoas negras; 2) investir num jornalismo antirracista e plural ao apresenta pessoas negras atuando em diferentes setores da sociedade; 3) combater uma leitura distorcida do papel das pessoas negras na sociedade que se resume a perpetuar estereótipos e 4) investir no protagonismo de pessoas negras na sociedade (LEITE, S. P. M. et al, 2021, p. 125).

De acordo com os resultados da pesquisa Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021), de acordo com os entrevistados, a questão étnico-racial tem peso nesse processo de “seleção de pautas” (61%) e “fontes” (57%). Com relação à definição de pautas obtém destaque o registro de que “Assuntos étnico-raciais não têm relevância para os veículos” (22,6%), de “Profissionais negros sem espaço para matérias com temas positivos” (35,5%) e de que “Tema racismo não é bem-vindo na mídia em geral” (21,8%). A opinião sobre o critério para definição de fontes apontou, como temas gerais, principalmente: “Cultura geral da empresa privilegia fontes brancas” (73%) e “racismo evita fontes negras” (43,5%).

A maioria, 63% dos entrevistados, considera antirracista o veículo de imprensa em que trabalha. Entretanto, de acordo Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021), ainda que perdurem expressivos 37% de organizações que não atuam nessa perspectiva, esse é um resultado que indica condições favoráveis para um avanço ainda mais profundo do processo de busca pela igualdade racial e extinção completa das perversas ações discriminatórias.

Antirracismo é um posicionamento e, necessariamente, uma atitude. Ser antirracista é promover ações, estar no protagonismo de eventos, programas e projetos antirracistas. Entre os que consideram que o veículo em que trabalham não é antirracista, principalmente as seguintes situações são apontadas como justificativa: Não há uma política racialmente inclusiva na empresa (33,3%), a Desvalorização dos profissionais negros, remuneração abaixo do piso do sindicato, poucas oportunidades, quase não tem chefes negros (24%); Faltam ações de inclusão de negros, não há diálogos sobre o assunto com os

colaboradores da empresa (20%); Pautas sobre questões raciais são desprezadas (33,3%); Empresa sem política efetiva contra o racismo, as pessoas não abordam esse tema, não querem ouvir a respeito (26,7%); Empresa não é racista, mas não tem ações antirracistas (28%); Não há ações antirracistas concretas na empresa (13,3%) (PERFIL RACIAL DA IMPRENSA BRASILEIRA, 2021, p. 35)

4.2 Jornalismo, Subjetividade e Ativismo

Como destacado no capítulo 2, os estudos em jornalismo de maneira geral partem a partir de uma perspectiva epistêmica que preza pela objetividade, a neutralidade e a universalidade. Essas diretrizes também podem ser vistas em menor ou maior grau nos diversos códigos deontológicos e éticos que regem a profissão. No entanto, para autoras como Márcia Veiga e Fabiana Moraes (2019), esse cenário apresenta uma série de vazios e violências que constituem o jornalismo. A reflexão parte do olhar e da compreensão da epistemologia ao qual está sentada o próprio jornalismo, fundamentada essa numa “matriz de poder colonial” (QUIJANO, 2000), que se constitui os modos pelos quais seus saberes, métodos e práticas seguem construindo noções de realidade e delimitando as condições de pensamento tanto do campo quanto de suas inter-relações com a sociedade (VEIGA; MORAES, 2019).

O jornalismo visto por sua abordagem de conhecimento social (GENRO FILHO, 1987; MEDITSH, 1992), de acordo com as autoras, requer ser investigado considerando suas históricas condições de produção em relação aos demais poderes e saberes. Sendo assim, noções de sistema, sócio-política e outras interseções precisam ser levadas em consideração.

Não pode ser descontextualizado dos sistemas de poder que regem as políticas (econômicas, sociais, culturais) da sociedade, nem das racionalidades e condições epistêmicas mais amplas nas quais está interseccionado em suas diferentes formas de conhecer e de produzir conhecimentos. (VEIGA; MORAES, 2019, p. 5)

A proposta das pesquisadoras é reivindicar o processo descolonizador do jornalismo como um caminho para outras formas de produção do conhecimento jornalístico que se distanciam de um olhar simplista do mundo e aposta em perspectivas complexas e que historicamente foram marginalizadas pelo conhecimento colonizador (VEIGA; MORAES, 2019). Logo, o caminho acadêmico de debate que essas intelectuais partem visa resgatar e propor discussões acerca das condições de pensamento que

delineiam o jornalismo como um conhecimento colonizado, moderno, positivista, masculinista, racista, classista, heterossexista (VEIGA, 2015).

Ao passo que essa perspectiva reivindica um “Jornalismo de Subjetividade” como uma prática que vai em busca de um modo de apreensão da realidade não respaldado no espetacular e no insólito; não pelo exótico, mas pelo endótico (MORAES, 2019). Essa subjetividade “preza por uma produção discursiva que não se contenta em apontar um “outro” como diferente enquanto mantém o lugar da normalidade para si”. (VEIGA; MORAES, 2019, p. 3).

A partir de estudos decoloniais e sua interação com a comunicação, o objetivo dessa corrente de pensamento – por assim dizer -, é pensar caminhos para um jornalismo cuja epistemologia não se assenta em pressupostos universalistas e racializados que são mirados e insistidos pelo jornalismo colonial, tanto nas universidades, seja nas redações, já que eles resultam em cenário enormemente assimétrico e no qual mantém-se a opacidade imagética/discursiva sobre milhões de pessoas (VEIGA; MORAES, 2019). A epistemologia reducionista ao quão criticam essas intelectuais se mostra dominante na estrutura, no pensamento e nos pensadores do jornalismo (idem, 2019), assim, “Evidencia-se, nessa assombrosa assertiva, outro fator limitante das condições epistemológicas que regem o cientificismo em geral e o jornalismo em particular: a estrutura simplificadora na qual se sustenta o paradigma moderno” (VEIGA; MORAES, 2019, p. 7).

Tal reducionismo é igualmente parte dos sistemas de pensamento que conformam o chamado cientificismo, uma vez que “fala-se de cientificismo quando se está persuadindo de que a sua redução dá conta de todo o problema” (FOUREZ apud VEIGA, MORAES, 2019, p. 7). É possível perceber os conhecimentos que delineiam o jornalismo na mesma “senda reducionista e generalizante acerca dos complexos fenômenos e problemas sociais que se dedica a compreender e a narrar” (VEIGA; MORAES, 2019, p. 7).

Fórmulas que pretendem explicar em detrimento da problematização estão presentes sob perspectivas epistemológicas dominantes do jornalismo. A busca por generalizações e rótulos simplificantes, contribuem para a concepção de um mundo que parece passível de ser ordenado e, no entanto, impossível de ser compartilhado, como afirma Resende (2009, p. 7):

Envoltos em um imaginário secular que tem como princípio o progresso e o ordenamento do mundo, vivemos em busca de fórmulas facilitadoras que nos ajudem a apreender o mundo de forma simples; queremos tê-lo explicado, muito mais que problematizado. [...] Não se trata de pensar toda a produção jornalística sob essa perspectiva, mas, em linhas gerais, no quadro epistemológico dominante neste campo, seus números de mortos, suas definições generalizadas, seus rótulos que simplificam problemas antes de tudo complexos muito contribuem para a concepção de um mundo que parece passível de ser ordenado e, no entanto, impossível de ser compartilhado.

Guiados por conceitos norteadores e valores paradigmáticos e epistemológicos como objetividade, neutralidade e universalidade, o jornalismo a partir dessas noções, segundo Veiga e Moraes (2019) tende a se basear numa visão modernopositivista-masculinista-racista que fundamenta o cientificismo. “Tais valores fundamentam os métodos e conceitos que ainda parecem predominar no pensar e no fazer jornalístico, envolvendo o campo como um todo, e não apenas restrito às práticas jornalísticas desempenhadas no mercado” (VEIGA; MORAES, 2019, p. 8). Na busca pela objetividade, os jornalistas parecem agir como os pesquisadores partícipes destas visões científicas, e que corroboram para uma visão reducionista e pelo desenvolvimento de instrumentos padronizados em que a estatística procura garantir fatores como validade e confiabilidade (ibidem, 2019).

De acordo com Veiga da Silva (2015), existem indicativos de ser o paradigma modernopositivista-masculinista-racista-heterossexista que permeia a maior parte das estruturas curriculares, dos métodos e das técnicas dominantes no ensino da prática, constituindo uma racionalidade mais proeminente nas possibilidades de reflexão do e no próprio campo. E isso pôde ser visualizado, por exemplo, nas estruturas dos Códigos de Ética, descritos no capítulo anterior, em que existe uma preponderância da busca por valores ditos “universais” e objetivos. Elevando a lente, segundo a estudiosa, no âmbito das teorias da comunicação, observa-se uma ampla gama de teorias, hipóteses e conceitos derivados dos modos de compreensão da realidade ligados às perspectivas funcionalistas, estruturalistas e críticas (VEIGA DA SILVA, 2015). Processos que foram discutidos e apresentados no capítulo 1.

As correntes de pensamento predominantes no campo da Comunicação, campo de saber por onde o jornalismo é majoritariamente teorizado e investigado no Brasil, dão conta das imbricações com pensamento hegemônico em diversos campos de poder e de produção do conhecimento científico. (VEIGA; MORAES, 2019, p. 8)

A fim de pensar novas perspectiva de pensamento dentro do jornalismo, as autoras salientam o esforço em revisar as perspectivas fundantes que “em função do tempo histórico e das relações constitutivas de poder-saber nas quais foram elaboradas, acabam por restringir as condições de compreensão dos sujeitos e das coisas do mundo”. (VEIGA; MORAES, 2019, p. 9)

As condições de pensamento que circunscrevem o jornalismo constituído nas bases paradigmáticas e epistemológicas que tomam as noções positivistas de objetividade, neutralidade e universalidade merecem ainda discussão tendo em vista as estruturações profundas e restritivas na produção de conhecimento do campo [...] Se os vieses estruturalistas, funcionalistas e marxistas não puderem ser revisados a partir do resgate dos processos de colonização do pensamento intrínsecos às relações de poder, corre-se o risco de atrasar ainda mais as capacidades analíticas que complexificam os dispositivos de poder que se retroalimentam na sociedade também com a participação dos jornalistas e pesquisadore/as do campo (VEIGA; MORAES, 2019, p. 9).

Sendo assim, a não problematização e complexificação de noções como objetividade e neutralidade, no jornalismo, pode, de acordo com Veiga e Moraes (2019), gerar uma incapacidade de romper com o racismo epistêmico e estrutural do jornalismo (GROSFOGUEL, 2016; ALMEIDA, 2019). Esse ideal de objetividade “que possui um significado inerente à sua positividade e autônomo em relação aos sujeitos” (LAGE, 1979 apud GENRO FILHO, 1987, p. 81), de acordo com Veiga da Silva (2015) limita a percepção dos processos que cercam o jornalismo, não prescreve uma (inter)subjetividade e assim restringe-se a percepção do quanto nestas subjetividades reside o simbólico hegemônico que os sujeitos-jornalistas em alguma medida acionarão ao produzir seus discursos. Em suma,

Restringe-se à percepção dos processos cognoscentes que cercam a produção do conhecimento social do jornalismo. Desse modo, pode-se compreender as razões pelas quais este viés da objetividade ainda esteja perpassando os discursos sobre a prática não apenas no mercado, mas, também, em alguma medida, no processo ensino-aprendizagem. [...] Ao se prescrever para a produção noticiosa um ideal de objetividade que não prevê a (inter)subjetividade como parte do processo cognitivo na apreensão do real, e que interfere nos contornos do objeto que se irá produzir, restringe-se a percepção do quanto nestas subjetividades reside o simbólico hegemônico que os sujeitos-jornalistas em alguma

medida acionarão ao produzir seus discursos. Ao negar a subjetividade potencializa-se a reprodução de visões de mundo hegemônicas nas bagagens culturais dos sujeitos produtores (VEIGA DA SILVA, 2015, p. 48).

Retomando com Veiga e Moraes (2019), neste contexto histórico e conceitual no estudo e ensino do jornalismo, os vieses supracitados trazem implícitas formas que, hoje, “podem ser consideradas restritas para os modos de compreensão da realidade, dos funcionamentos do poder e da problematização mais efetiva dos próprios conceitos de verdade” (VEIGA; MORAES, 2019, p. 10).

Segundo elas, nesse sentido,

uma noção de objetividade que não prescindia da subjetividade, bem como o resgate dos sujeitos nos processos cognoscentes que envolvem a compreensão complexa da realidade e das relações de poder-saber são caminhos urgentes para as transformações do jornalismo e de uma melhoria de suas históricas limitações de compreensão das alteridades. (ibidem, p. 10)

Para Grosfoguel (2008, p. 121) “estes conceitos precisam de ser descolonizados e tal só pode ser conseguido por meio de uma epistemologia descolonial que assuma abertamente uma geopolítica e uma corpo-política do conhecimento descoloniais como pontos de partida para uma crítica radical”.

Embora os estudos raciais na comunicação não sejam uma novidade, já que estudos sobre as representações, dramaturgia, publicidade e imprensa, etc, demarcaram formas de pensar os fenômenos comunicacionais em que as categorias raça e racismo (BORGES, 2019) sejam preponderantes, há, no entanto, especificamente pensando no jornalismo, de acordo com Veiga e Moraes (2019, p. 10):

uma lacuna no que se refere ao racismo que o atravessa a partir de sua própria epistemologia, de onde derivam justamente tantas subrepresentações, construções vitimizantes ou estereotipantes e, fundamental dizer, todo um pensar e fazer até hoje repercutido nas universidades e redações.

Para as autoras, raça e outras questões como o machismo, o classismo e o preconceito geográfico não são pensadas a partir dessa construção epistemológica

(VEIGA; MORAES, 2019). Para elas, essa base estruturante do campo jornalístico foi construída sobre todo um aparato bastante sedimentado no mundo ocidental.

A questão é que, blindado por uma suposta neutralidade e uma mal disfarçada posição de superioridade epistêmica, o jornalismo resiste a pensar a si mesmo como difusor e reproduzidor de uma lógica racista. O estrago é imenso: não é muito dizer que essa área de conhecimento que também repousa, aqui sem usar o termo de maneira diminutiva, no senso comum, encontrou no Brasil da “democracia racial” um ambiente perfeito. (VEIGA; MORAES, 2019, p. 11)

De acordo com Sodré (1999, *apud* CHRISTOFOLETTI; BASSO, 2007), são várias as estratégias discursivas para o não reconhecimento do racismo nacional, e isso propicia uma invisibilidade social do indivíduo que aumenta na razão inversa da visibilidade da sua cor. Os estudos decoloniais conseguem perceber essa separação inócua e instrumental – e que atinge seu objetivo no sentido de “higienizar” os discursos e conferir “credibilidade” aos agentes e veículos noticiosos – entre política e vida (VEIGA; MORAES, 2019). Para as autoras, esta é uma das razões pelas quais “eles ganham tamanha força no campo da comunicação e especialmente no jornalismo, que, no Brasil, ainda caminha lentamente no enfrentamento, por dentro, das questões raciais”. (ibidem, 2019, p. 13).

Muniz Sodré (2015), ressalta que a mídia opera como um gênero discursivo “capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, em geral estruturadas por uma tradição intelectual elitista que, de uma maneira ou de outra, legitima desigualdade social pela cor da pele” (SODRÉ, 2015, p. 278). Pensar uma comunicação decolonial, segundo Villanueva (2018) se situa na compreensão crítica do momento inicial da violência colonial que significou a negação da humanidade de alguns povos por outros povos autoconsiderados superiores. E no contexto contemporâneo, existe um esforço ainda mais emergente de pensar os códigos consolidados de se pensar e fazer jornalismo, segundo Veiga e Moraes (2019, p. 14):

Essa perspectiva, em que se pese uma necessária atualização do contexto mundial frente às enormes mudanças percebidas pós fenômenos como espraiamento da internet, o 11/9, o fortalecimento do conservadorismo e ascensão da extrema-direita em diversos países do planeta (incluindo o Brasil), é vital para alimentar uma crítica aos modelos jornalísticos ainda prevalentes.

A configuração hegemônica epistemológica do jornalismo é cúmplice do universalismo, do sexismo e do racismo (BALLESTRIN, 2013). Pois cria-se, evoca-se e celebra-se um ser neutro, “limpo” e desinteressado, noção que CastroGómez (2005, apud BALLESTRIN, 2013) vai localizar na “hybris del punto cero”. A definição dessa perspectiva se casa perfeitamente com os dogmas jornalísticos ainda fortemente em curso: “O ‘ponto zero’ é um ponto de partida de observação, supostamente neutro e absoluto, no qual a linguagem científica desde o Iluminismo assume-se “como a mais perfeita de todas as linguagens humanas” e que reflete “a mais pura estrutura universal da razão” (Castro-Gómez, 2005, p. 14, apud BALLESTRIN, 2013, p. 104).

Esse sujeito epistêmico universal se coloca e é entendido, divulgado e utilizado como entidade sem gênero, etnia, classe, raça, língua e espiritualidade e será assumido pelas ciências humanas a partir do século XIX “como a epistemologia da neutralidade axiológica e da objetividade empírica do sujeito que produz conhecimento científico” (GROSFOGUEL, 2007, apud BALLESTRIN, 2013, p. 104).

Villanueva (2018) sugere uma tomada de posição in/surgente, decolonial, uma intervenção decolonizadora, para traçar um diferente ponto de vista do pensamento teórico da comunicação, que se baseia desse eurocentrismo universalista. Para o intelectual, o foco de interesse não está nas mediações tecnológicas e suas consequências e contextos políticos, econômicos e culturais, e sim “sacudi-la” a partir de sua epistemologia. Assim, a proposta do autor é realocar o ponto de definição do que chama de fato comunicacional na própria natureza da comunicação histórica e cultural e no seu caráter constitutivo do humano e do social. Por essa defesa de uma intervenção decolonizadora no campo teórico da comunicação, o autor propõe alguns caminhos-chave para estabelecer uma comunicação decolonial: não negar a possibilidade de uma “Outridade” (otredad) epistemológica e teórica (Alternativa); ela dá ênfase aos aspectos locais e históricos dessa outridade (Alter/nativa); ela está aberta a uma alteração do status quo (Alter/ativa) (VILLANUEVA, 2018).

Essa dimensão tripla que caracteriza essa comunicação decolonial encontra enorme ressonância no que procuramos enquadrar no jornalismo de subjetividade (MORAES, 2015). É importante ressaltar que existem estudos anteriores no campo da comunicação que já se esforçaram para articular jornalismo/decolonialidade e um repensar epistemológico, aquilo o que reconfigure o jornalismo a partir de dentro (VEIGA; MORAES, 2019). Veiga e Moraes apresentam alguns exemplos, sendo eles:

Veiga da Silva (2010, 2015, 2018) realiza uma leitura a partir não só das autoras e autores do grupo Modernidade/Colonialidade quanto da epistemologia feminista, essencial para sublinhar o quanto do pensamento hegemônico se constrói também pela negação de um gênero – um gênero aliás entendido como maculado por uma quase incontrolável subjetividade. Cruz (2017) pensa o jornalismo narrativo latino-americano como um exemplo de meio capaz de romper o status quo jornalístico. Nesse sentido, ele promove um diálogo entre nomes como Dussel e Salcedo Ramos para lançar luzes em algo que o jornalismo até agora falhou: a multiplicidade de rostos e vozes, o fortalecimento de existências outras. A ideia é, também, promover uma reconfiguração das identidades latino-americanas. Timóteo (2017) vai em um caminho similar e propõe uma ruptura epistêmica jornalística a partir da adoção de um jornalismo literário alinhado às ideias de Sousa Santos e seu pensamento pós-abissal: jornalismo centrado no lead e na pirâmide invertida engendra óticas de apagamento e instaura uma visão atomizada e hierarquizada do contexto sócio histórico, defende (2019, p. 16).

Um dos caminhos para romper com uma colonialidade epistemológica e que abrace perspectivas complexas e que obtivem uma luta antirracista, para Veiga e Moraes (2019), se encontra no jornalismo de subjetividade. Já que segundo elas, “a defesa de uma subjetividade jornalística clara, nunca negada, vem se juntar, em maior ou menor grau, a esses estudos que buscam desarticular a consagrada epistemologia jornalística” (VEIGA; MORAES, 2019, p. 16).

Dito isso, é importante ressaltar alguns aspectos e elementos estruturais do Jornalismo de Subjetividade que corroboram para uma noção que vise incorporar raça e racismo como categorias constituintes do fazer e pensar jornalismo.

4.2.1 O jornalismo de subjetividade: “algo para ser evitado ou perseguido?”

Numa progressão dos estudos que tendem a tensionar as configurações da epistemologia jornalística, “a defesa de uma subjetividade jornalística clara, nunca negada, vem se juntar, em maior ou menor grau” dialoga com esse escopo de problematização (VEIGA; MORAES, 2019, p. 16).

O jornalismo de subjetividade nasce a partir da reflexão de um longo percurso prático e também teórico, de autoras como Márcia Veiga e Fabiana Moraes (2019). A proposta dessa abordagem é buscar pela horizontalidade entre o eu e o outro, compreender a dimensão ativista (entendendo que o posicionamento explicitado não macula a

prática/reflexão), contribuir para a escrita e observação a partir de critérios que não se assumem como neutros, mas levando em consideração aquilo o que atravessa também a autora/o autor do texto (MORAES, 2015; MORAES; VEIGA DA SILVA, 2019).

Nesse sentido, a subjetividade refuta os códigos estabelecidos pela colonialidade, ainda que, em sua elaboração inicial, não haja a inclusão de uma teoria decolonial específica. No entanto, “há no cerne dessa abordagem uma crítica aos pressupostos jornalísticos que floresceram justamente sobre ideais eurocentrados e que surgem em normas e práticas jornalísticas naturalizadas”. (VEIGA; MORAES, 2019, p. 16). Dessa forma, para as autoras o jornalismo precisa se entender tendo um papel importante na sociedade no que tange a constituição e enquadramentos de questões raciais:

O jornalismo brasileiro precisa assumir-se como um produtor e reprodutor de uma diferença que ecoa fortemente na sociedade, um meio que constitui um imaginário no qual pessoas negras surgem frequentemente enquadradas nos termos vistos nos jornais do período da abolição (em que se pese mudanças tecnológicas e mesmo em tentativas de inclusão racial por parte de alguns veículos). (VEIGA; MORAES, 2019, p. 17)

Para Fabiana Moraes (2019), refletir sobre um jornalismo subjetivo e sua prática ativista que não se esconde como tal e pode estar presente não só no que se entende como jornalismo independente/alternativo, mas ainda nas grandes empresas. Isso passa inicialmente por marcadores como a reflexão da produção do próprio campo, a não exotificação do outro e a crítica a neutralidade.

A perspectiva ativista na produção da informação não é percebida como algo menor, que macula um enquadramento, para Moraes (2019, p. 1): “entendemos que o ativismo é algo pertinente ao jornalismo, seja ele localizado no literário, público, investigativo, etc. (“gavetas” questionáveis que, veremos, traçam perigosas hierarquias entre produtores e produções)”.

Este jornalismo promove a possibilidade de quebra de representações, repensa fortemente os valores-notícia (extremamente excludentes) e, finalmente, se abre a uma prática ativista, não a entendendo inclusive como algo possível apenas entre um ambiente digital, “independente”, “alternativo”. Esse ativismo, ação também delicada, pode estar localizado no cotidiano de grandes empresas jornalísticas, em matérias frugais ou grandes reportagens, em editoriais de cultura ou política, dentro daquilo que Russell (2016, p. 15) chamou de uma “sensibilidade hacker”. Estendemos essa ideia, sobre a qual falaremos sobre a mesma em breve. (MORAES, 2019, p. 2)

A autora problematiza a posição neutra do jornalismo, abordagem que se consolidou e se propagou durante décadas, e aponta a necessidade de uma reflexão acerca dessa noção. Para ela, este se construiu o mais próximo possível de um rigor científico, do verificável (os fatos, somente os fatos), do que se pode provar (MEDINA, 2008; VEIGA, 2014), uma forma de garantir ao público que as paixões de um jornalismo partidário, apaixonado, tão a gosto daquele visto na Europa do século 18 (THOMPSON, 2010) ou no Brasil colônia (SODRÉ, 1998) ficara, com suas “contaminações” e falta de rigor, para trás. (MORAES, 2019).

Mas o fato é que não apenas o público ainda carrega fortemente o mito do jornalista objetivo: mesmo jornalistas de longa experiência, profissionais com prática em reportagem, gênero que comumente nos presenteia com as limitações das noções de pureza, isenção e objetividade, também acreditam na distinção entre um jornalismo ativista e um jornalismo isento, entre um profissional que é dominado por suas paixões e outro que as controla e não as deixa repercutir em seu trabalho. (MORAES, 2019, p. 3)

O intuito dessa abordagem, na verdade, não é negar a necessidade da objetividade, mas que também que se reconheça os aspectos subjetivos da prática como necessários para que a mesma seja mais íntegra e integral (MORAES, 2019). A subjetividade é vista como um ganho fundamental na reportagem e mesmo na notícia cotidiana. Nela, são considerados, e não negados, os elementos que escapam da “rede técnica” desta área de conhecimento, “O jornalismo de subjetividade busca pela não exotificação de pessoas e grupos; por uma escrita a partir de um lugar não neutro; por uma busca daquilo o que não é necessariamente extraordinário” (MORAES, 2019, p. 5)

Segundo Moraes (2019), a subjetividade sobre a qual os defensores e autores que trabalham com essa perspectiva se referem neste jornalismo se irmana a partir de critérios objetivos, mas que tantas vezes não são entendidos como tais, sendo eles:

Necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais, grupais; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante; na procura de fissurar representações previamente dadas (ou fatos previamente dados e não conferidos e investigados); em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular. Necessário dizer que a dimensão subjetiva também é conduzida ao lado de uma apuração rigorosa, análise de dados, pesquisas bibliográficas e

de campo, observação direta ou indireta, etc., técnicas comuns ao trabalho jornalístico. (MORAES, 2019, p. 5)

Para Veiga (2019), o jornalismo empresarial, das redes e conglomerados mais assentados, contém, para público e parte dos jornalistas, uma tão celebrada quanto frágil ideia de universalidade, constituindo-se como a norma. Tudo aquilo que não está nesse jornalismo universal seria, assim, um desvio, uma anormalidade situada. A noção de ao um jornalismo “isento” em oposição a um jornalismo contaminado pelo ativismo pode esconder, na prática, interesses das grandes empresas no jornalismo, que se colocam como neutras. (MORAES, 2019). Como destaca Christofolletti (2008), “como um ritual estratégico que preserva o profissional de críticas à qualidade de seu trabalho, de questionamentos a sua legitimidade, de acusações de parcialidade em uma cobertura” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 92). Assim,

criou-se a ideia de que há o bom jornalismo e o “jornalismo engajado”, com o primeiro ocupando melhor posição hierárquica, o segundo devendo ser desconsiderado. Ele é feito por apaixonados demais por suas causas, o que os leva a não realizar um bom trabalho – a emoção, entendida como característica feminina, novamente surgindo como uma erva daninha na prática jornalística. Mas um jornalismo que reúne informação, boa apuração, enquadramentos não viciados e temas sociais urgentes – estejam eles na política institucional, nas oberturas ricas à beira-mar, nas favelas, nas escolas municipais, na música ouvida pelos jovens, etc. - é algo para ser evitado ou perseguido? (MORAES, 2019, p. 8)

O esforço de Moraes (2019) é na busca de uma prática ativista possível mesmo em redações mais orientadas ao conservadorismo, no entendimento que existem formas de fazer política no interior de editorias que não são vistas como lugares desse tipo de prática (esportes, cultura, turismo, etc). Esta proposta de abordagem foi realizada na prática por Moraes (2015), o que possibilitou a observação dessa perspectiva ativista mesmo no ambiente de dominância do “bom jornalismo” centralizado pela objetividade:

Esse caminho foi feito pela autora deste texto em uma série de reportagens realizadas durante 20 anos em uma redação, trabalhos que traziam temas como racismo, feminicídio, transfobia, machismo, classismo. A autora observou, na prática, que questões urgentes e emergentes podiam ser trabalhadas a partir de uma perspectiva ativista sem prejuízos ao chamado “bom jornalismo” – na verdade, ao procurar

repensar a produção de notícias e reportagens do seu ao redor, a jornalista já realizava uma forma de ativismo em si. (MORAES, 2019, p. 10)

A reflexão sobre a escolha dos temas das matérias, de acordo com a pesquisadora, era oriunda da reflexão sobre o próprio campo e a questão forte era perceber e evitar a manutenção das formas violentas de exposição de pessoas e grupos minoritários. “, “Tais reflexões, alinhadas a estratégias básicas do jornalismo, foram a fórmula para exercer esse engajamento”. (MORAES, 2019, p. 10). Além disso, Moraes (2019) ressalta e evidencia a necessidade de pensar a teoria juntamente com a prática, refletindo sobre ética e nas potencialidades do fazer jornalismo:

Os dois modelos – jornalismo comercial versus jornalismo ativista – mostravam, assim, que não precisavam estar desconectados. Importante dizer que analisar a própria produção não deve soar aqui como uma auto-referência: a teoria não pode ser apartada da prática, e refletir sobre o fazer é algo vital para entender que jornalismo está sendo realizado. É antes um exercício ético, no qual a/o jornalista não se neutraliza, mas pensa na potência e nos limites da própria produção. A técnica, afinal, é realizada, como lembra Veiga (2019) por um sujeito cognoscente. Todos nós somos orientados ideologicamente. (MORAES, 2019, p. 10)

Segundo ela, na subjetividade - que compreende a prática ativista como pertinente ao bom jornalismo - aquele que procura informar para além do senso comum, não se nega a tomada de “um lado” (MORAES, 2019). Ela completa afirmando que “a questão é que “tomar partido” é algo que está no DNA do jornalismo, e se isso foi um dia declarado (como, por exemplo, nos jornais opinativos do século 19), passou a ser encoberto justamente pelo manto da objetividade. A pureza é um mito”. (ibidem, 2019, p. 11)

Intelectuais como Cremilda Medina (1986) vão acentuar justamente o encontro único entre a criação do jornalismo e a interação com a sociedade. A autora ressalta a sensibilidade que esse processo está disposto e que o jornalista, em sua figura subjetiva, estar imerso. Para Fabiana Moraes (2019), discutir, debater a subjetividade e o ativismo é fundamental, ainda mais em um contexto de descredibilidade que as instituições jornalistas estão atravessadas no contexto atual. É necessário repensar a prática e a epistemologia em um mundo em movimento.

Mas, frente a um desmonte de credibilidade de um campo que insiste em não refletir sobre si mesmo, já não é possível continuar empregando molduras anacrônicas para dar conta de uma sociedade que também se

repensa. Há algo de muito errado em uma prática jornalística que não absorve os movimentos à sua volta em nome de uma “isenção”. (MORAES, 2019, p. 12)

Com esse cenário, para Veiga (2019) e Moraes (2019) é o momento de “reivindicar o que é jornalismo, complexificar sua deontologia, não simplificá-la”. Apontar procedimentos, limites, resgatar o sujeito cognoscente, não se entender como neutro, assumir as interpretações. “Um bem maior que o individualismo: ter a noção de que o que fazemos tem impacto sobre a vida das pessoas. Ou se toma consciência disso ou se continua a jogar como se fossem simplesmente valores universais, que são antes valores da empresa” (MORAES, 2019, p. 14).

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O objetivo desse capítulo é traçar os componentes metodológicos adotados para a presente pesquisa. O uso da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021) combinada ao Estudo de Caso (YIN, 2001) compõem as ferramentas metodológicas desta pesquisa. As descrições destas formas de pesquisa científicas serão descritas nos próximos tópicos, bem como as aplicações no presente estudo.

5.1 A Análise de Conteúdo e o Estudo de Caso como metodologias para pesquisas em jornalismo

O estudo de caso pode ser considerado uma investigação empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”. (YIN, 2001, p. 32). Esse conjunto de técnicas são indicados quando deliberadamente se pretende compreender as condições contextuais que são pertinentes ao fenômeno de estudo investigado. A pesquisa de estudo de caso pode incluir tanto estudos de caso único quanto de casos múltiplos e pode trazer resultados tanto qualitativos quanto quantitativos. (YIN, 2001).

O mais importante para o Estudo de Caso é explicar os vínculos causais em intervenções da vida real que são complexas demais para as estratégias experimentais ou aquelas utilizadas em levantamentos. Mas, não apenas. Segundo Yin (2001), o Estudo de Caso pode ter outras aplicações como descrever uma intervenção e o contexto na vida real em que ela ocorre; podem ilustrar certos tópicos dentro de uma avaliação; explorar aquelas situações nas quais a intervenção que está sendo avaliada não apresenta um conjunto simples e claro de resultados; "meta-avaliação", o estudo de um estudo de avaliação. O autor ressalta que “certos trabalhos da área jornalística podem ser qualificados como estudos de caso” (YIN, 2001, p. 34).

Combinada ao Estudo de Caso, a análise proposta por esse estudo mergulha nas inferências e significados que podem ser extraídas através da Análise de Conteúdo. Ela é uma das metodologias mais utilizadas no campo da Comunicação, e pode ser caracterizada por um conjunto de técnicas de análises comunicacionais e funciona segundo procedimentos sistemáticos com o objetivo de produzir inferências de

conhecimentos relativos às condições de produção através de indicadores (BARDIN, 2016).

Aplicada na comunicação, frequentemente se busca perceber os modos como os veículos noticiosos constroem os acontecimentos com o objetivo de observar as (des)articulações entre os agentes midiáticos e sociais (LEAL, 2011). Para Bauer (2007), a Análise de Conteúdo pode ser caracterizada por uma tentativa de busca por regularidades e recorrências, mas também por discrepâncias e ausências. Através dela é possível reconstruir indicadores, cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos e compará-los entre comunidades (BAUER, 2007). Laurence Bardin (2016, p. 44), uma das teóricas mais importantes na construção acadêmica dessa abordagem metodológica, ressalta que “o fundamento da especificidade da análise de conteúdo reside na articulação entre a superfície dos textos, descrita e analisada e os fatores que determinam estas características, deduzidos logicamente”.

O livro “Análise de Conteúdo categorial: Manual de aplicação” da autoria de Rafael Cardoso Sampaio e Diógenes Lycarião (2021) foi amplamente utilizado para embasar os procedimentos metodológicos da presente pesquisa. Os autores fazem um passeio sobre as principais obras e autores que trabalham com a Análise de Conteúdo (AC). Para pensar os procedimentos metodológicos adotados pela atual pesquisa, é necessário antes, conceituar e descrever os processos que Sampaio e Lycarião (2021) propõem para AC. Para eles, a Análise de Conteúdo pode ser considerada:

Uma técnica de pesquisa científica baseada em procedimentos sistemáticos, intersubjetivamente validados e públicos para criar inferências válidas sobre determinados conteúdos verbais, visuais ou escritos, buscando descrever, quantificar ou interpretar certo fenômeno em termos de seus significados, intenções, consequências ou contextos. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 17)

A partir do levantamento bibliográfico preliminar de produções do campo referente a Análise de Conteúdo, os autores organizaram a sistematização a partir de três partes. A primeira fase envolve as definições básicas das diferenças entre códigos, codificação e categorias, elementos que segundo eles, são usualmente tomados como

sinônimos na literatura. A segunda, determina a criação do desenho adequado de uma AC e a terceira a análise propriamente dita (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021).

A análise de conteúdo categorial, como já dito, é uma técnica de pesquisa que busca permitir a criação de inferências sobre determinado conteúdo. Para tanto, os pesquisadores realizam a codificação do conteúdo, fazendo a aplicação de códigos, que vão formar categorias. Apesar de, frequentemente, serem vistos como sinônimos, cada um desses termos é importante para uma aplicação adequada da técnica. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 45)

O código é o elemento essencial da Análise de Conteúdo. Ele pode ser “uma palavra ou frase curta que confere um atributo saliente, essencial, evocativo e/ou que resume um dado baseado em texto ou mesmo visual” (Saldaña, 2012, p. 3). Um código deve resumir, filtrar ou condensar dados de acordo com os interesses de pesquisa. Em outras palavras, código é um rótulo ou uma etiqueta que usamos para classificar, qualificar, registrar partes do conteúdo de acordo com os objetivos da pesquisa. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021). Desta forma, é possível dizer que o processo de codificar a pesquisa se refere ao método que o pesquisador irá organizar e agrupar dados codificados em categorias ou famílias pelo compartilhamento de suas características (SALDAÑA, 2012; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021).

Passados os códigos, temos as categorias. Elas são consideradas “construtos analíticos derivados de teorias ou práticas existentes; experiência ou conhecimento de experts ou pesquisa” (KRIPPENDORFF, 2004, p. 173). Na prática, as categorias “são elementos que nos dão meios para descrever o fenômeno sobre investigação, aumentando o conhecimento e gerando conhecimento” (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 45).

Segundo Sampaio e Lycarião (2021) as categorias são geralmente baseadas na pergunta de pesquisa, na unidade de análise selecionada, em teorias relevantes, em pesquisa prévia e mesmo com base nos próprios dados. Sendo assim, a codificação se dará pela aplicação de códigos contidos em categorias.

Para a presente pesquisa, optou-se por seguir o passo a passo proposto por Sampaio e Lycarião (2021) e que se baseia no modelo sugerido por Riffe, Lacy, Fico (2014) composto por três grandes etapas: 1) Conceituação e propósito; 2) Desenho e 3) Análise. Porém, inserido nas subetapas desses processos, Sampaio e Lycarião (2021) fizeram algumas adições.

O esquema abaixo descrito e desenvolvido por Sampaio e Lycarião (2021, p. 48) será considerado na investigação desse estudo:

Quadro 4: Etapas da Análise de Conteúdo

ETAPAS DA ANÁLISE DE CONTEÚDO	
Conceituação	
1. Identificar o problema (revisão de literatura)	
2. Questões de pesquisa e hipóteses	
Desenho	
3. Selecionar a(s) unidade(s) e subunidade(s) de análise	
4. Criar e definir categorias	
a. elaboração do livro de códigos	
b. elaborar a planilha de codificação	
5. Amostragem	
6. Pré-teste das categorias e das regras de codificação	
a. treinamento	
b. revisão do livro de códigos	
c. teste de confiabilidade-piloto	
7. Treinamento final e teste de confiabilidade das categorias	
8. Codificação	
9. Testes de confiabilidade intermediário e final	
Análise	
10. Tabulação e aplicação de procedimentos estatísticos	
11. Interpretar e reportar os resultados	
12. Validação e replicabilidade	

Fonte: Sampaio e Lycarião (2021)

5.1.1. Conceituação

Dentro desta etapa, duas subetapas são identificadas de acordo com Sampaio e Lycarião (2021): a identificação do problema de pesquisa (revisão de literatura) e questões de pesquisa e hipóteses.

Como tal, ela deve ser aplicada para responder a problemas e, especialmente, a questões de pesquisa. Em outras palavras, a própria maneira como uma análise de conteúdo será configurada depende diretamente do tipo de questões a que ela deseja dar resposta. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 49)

Neste estudo, o problema de pesquisa é ancorado em três perguntas. A primeira delas visa investigar “Em que medida o jornalismo esportivo combate, retroalimenta ou se mantém isento aos conflitos étnico-raciais na cobertura esportiva?” e inserido nesta questão, se ancora duas perguntas complementares: “Qual o perfil de jornalismo,

especificado em Passivo-neutro x ativo/advogatório pode ser observado em matérias que tratam sobre racismo no esporte?” e se “é possível observar se o jornalismo esportivo da Rede Globo tem atuado enquanto ativista no combate ao racismo ou ainda existe uma perspectiva de distanciamento, que se baseia na objetividade”?

Além disso, o objetivo geral da pesquisa é “Verificar se o jornalismo esportivo praticado pela Rede Globo de Televisão combate, retroalimenta ou se mantém indiferente à tematização de conflitos étnico-raciais no esporte”, além de entender qual o perfil de jornalismo pode ser encontrado na cobertura dos conflitos étnico-raciais no esporte realizado pelo jornalismo da Rede Globo de Televisão.

Além disso, outros objetivos são buscados pela pesquisa sendo eles:

1. Analisar qual o perfil de jornalismo pode ser encontrado na cobertura dos conflitos étnico-raciais no esporte realizado pelo jornalismo da Rede Globo de Televisão através das matérias disponibilizadas no Globoplay entre 2017 e 2021;
2. Discutir sobre objetividade e as subjetividades possíveis no jornalismo;
3. Refletir sobre o ativismo social e o ativismo esportivo;
4. Identificar de que forma os Códigos de Ética em jornalismo abordam a questão do combate ao racismo;
5. Descrever o papel social do jornalismo e a sua responsabilidade social.

De acordo com Sampaio e Lycarião (2021, p. 49) “acredita-se que uma revisão de literatura adequada e a criação de questões de pesquisa e hipóteses baseadas em resultados prévios contribuem para o acúmulo de conhecimento na ciência”. Através das discussões teóricas propostas nos três capítulos iniciais, em que foi realizado um estado da arte dos conceitos mais recorrentes para a presente pesquisa, torna possível a elaboração tanto das unidades quanto das subunidades de análise da investigação.

Na tabela abaixo está disposto os conceitos/categorias que serão apropriados para a realização da análise, que será mais detalhada a frente.

Quadro 5: Papeis atribuídos aos jornalistas

Passivo	Entende-se a função do jornalista como um simples mediador de posições políticas e sociais de atores externos ao sistema midiático. Eles assumem as demandas temáticas de tais grupos sem se envolver
Ativo	Independente das especificações temáticas dos grupos externos, aborda os temas políticos por si só e aproveita sua liberdade de ação durante apuração e preparação do produto jornalístico.
Neutro	A posição do profissional neutro é a de não tomar partido em nenhuma discussão política, a não ser em casos de exceção - a exemplos de governos corruptos ou terroristas (ibid.). O habitual desta posição é uma rotina de cobertura tratada com distância e equilíbrio.
Advogatório	O jornalista se coloca claramente a favor de uma posição. Tal posicionamento não precisa necessariamente corresponder a visão do governo e/ou oposição. Um jornalista é advogatório quando ele claramente fala por algum grupo social específico ou por alguma visão ideológica
Categorias	Passivo-neutro (1), Passivo-advogatório (2), Ativo-neutro (3), Ativo-advogatório (4).

Fonte: Cazzamatta (2015)

Cazzamatta (2015) utiliza as quatro categorias contidas no quadro acima, entretanto, afim de garantir a segurança da análise de conteúdo e pensando em um método que assegure categorias sólidas de observação, optou-se por trabalhar com apenas duas delas: Passivo-Neutro e Ativo-Advogatório, como será justificado e detalhado mais à frente.

5.1.2. Desenho da pesquisa: Unidades e subunidades de análise

De acordo com Sampaio e Lycarião (2021, p. 51) “uma das decisões mais importantes para o desenho da pesquisa da análise de conteúdo é a definição da unidade de análise e de possíveis subunidades de análise”. A unidade de conteúdo investigada pode ser desde a posts de uma rede social, a editoriais de jornais, até mesmo transcrição de falas de discursos de parlamentares, sendo esses alguns exemplos que os pesquisadores apresentam em seu livro. Além disso, nessa fase deve-se descrever exatamente como o conteúdo está sendo analisado, ou seja, cada palavra está sendo avaliada, ou são frases, ou ainda parágrafos? Ou a unidade de análise é o texto como um todo?

São questões que precisam de respostas inequívocas, inclusive para fins de transparência, confiabilidade e replicabilidade da pesquisa. Trata-se inclusive de erro comum a existência de ACs que não deixam claras ou explícitas as unidades de análise sendo verificadas (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 51).

De acordo com a análise de conteúdo categorial, é possível simplificar a questão, tendo apenas três divisões em vista, de acordo com sugestões de Neuendorf (2002) e Krippendorff (2004). “A primeira definição está na unidade amostral, afinal, quais serão as “porções” de texto ou de conteúdo a serem analisadas?” (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 51). É possível dizer que a unidade amostral já definirá a unidade física (Cervi, 2016), ou seja, “qual o meio físico do qual o conteúdo se originou, se era jornal impresso,

rádio, TV, blogs, sites de redes sociais on-line, ou documentos impressos, por exemplo; não sendo, portanto, útil a separação taxonômica” (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 51).

Após a definição da unidade amostral, de acordo com Sampaio e Lycarião (2021), é necessário determinar a unidade de análise, sendo esse o elemento unitário de conteúdo a ser classificado (Moraes, 1999). Geralmente, a unidade de análise será idêntica à unidade amostral, ou seja, “a análise de conteúdo se dará no texto/documento como um todo. Em análises bibliométricas, por exemplo, a unidade de análise frequentemente é o artigo acadêmico como um todo” (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 51).

A identificação correta da unidade de análise é vital para replicabilidade e confiabilidade da análise de conteúdo. Os codificadores devem estar cientes da unidade a ser codificada ou, então, poderemos ter resultados distintos, porque cada codificador pode estar simplesmente codificando com base em trechos ou mesmo premissas diferentes (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 54).

De acordo com os autores, assim como no caso das unidades amostrais, também é possível se definir mais de uma unidade de análise em uma mesma pesquisa. No exemplo da postagem das redes sociais digitais, o texto da postagem pode ser uma unidade de análise e a imagem poderá ser outra. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021)

Na pesquisa, as reportagens de programas da TV Globo que abordam os conflitos étnico-raciais no esporte são consideradas as unidades amostrais. Logo, a unidade física está definida, sendo esta as reportagens retiradas da televisão e que foram inseridas na plataforma do Globoplay.

Reportagens são definidas como o formato mais complexo e completo de apresentação da notícia na televisão (MACIEL, 1995). Ela inclui o texto, as imagens, a presença do apresentador, do repórter e de entrevistados, “é o formato de jornalismo informativo que fornece um relato ampliado de um acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões” (REZENDE, 2009). Ela pode ser dividida em cinco partes (idem, 2009): cabeça, off, boletim, sonoras e nota pé, mas pode ser apresentada também sem uma ou mais dessas partes.

De duração mais longa, a reportagem incorpora, portanto, todas as outras formas de apresentação de notícias. A possibilidade de uma parte (boletim, off ou sonoras) aparecer mais de uma vez e a omissão um ou

mais dos formatos que a compõem não significa, necessariamente, uma descaracterização do conceito de reportagem. De modo algum, todavia, deve prescindir da intervenção - direta ou em off - do repórter. Quanto ao assunto tratado, divide-se em dois tipos factual, relativa a acontecimentos do dia-a-dia, chamada de matéria quente que requer divulgação imediata, sob pena de perder a atualidade e necessário impacto sobre o público e a feature - referente a assuntos de interesse permanente, que não necessitam do atributo da atualidade, denominada de matéria fria ou de gaveta, quando produzida para divulgação em dias de poucos acontecimentos. (REZENDE, 2009, p. 12)

5.1.3. Categorias de análise e a planilha de codificação

A fase de criação e definição das categorias de análise é um dos momentos mais importantes da Análise de Conteúdo categorial. A apropriação do referencial que se derivam de teorias e práticas existentes, bem como da experiência ou conhecimento de peritos e pesquisa anterior, devem dar os subsídios necessários para a criação das categorias.

Então, o referencial de codificação vai determinar quais são as categorias e códigos a serem aplicados, assim como as regras para a codificação que deverão ser devidamente seguidas pelos codificadores. Portanto, esse referencial de codificação é materializado numa espécie de manual de codificação (codebook) ou simplesmente livro de códigos. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 58)

O código é a unidade elementar da AC, segundo Sampaio e Lycarião (2021, p. 58) “ele irá resumir, filtrar ou condensar dados de acordo com os objetivos e com os interesses da pesquisa. Grupos de códigos, por sua vez, são agrupados em categorias, ou seja, unidades analíticas que materializam as questões a serem verificadas”.

De acordo com Bardin (2016), as categorias de uma análise de conteúdo de boa qualidade devem ser: a) homogêneas, b) exaustivas, c) exclusivas, d) objetivas e e) adequadas ou pertinentes. Para Sampaio e Lycarião (2021), as categorias devem ser objetivas (codificadores diferentes devem chegar a resultados iguais) e adequadas ou pertinentes (adaptadas ao conteúdo e ao objetivo) por questão de confiabilidade e validade, respectivamente; portanto, podem e devem ser avaliadas de outras maneiras. Os autores restringem apenas os três primeiros itens no que se refere explicitamente às categorias e que devem ser observadas pelo pesquisador, sendo elas: 1) exclusivas, 2)

exaustivas e 3) homogêneas, nesta ordem de importância. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 59)

Em primeiro lugar, as categorias precisam ser mutuamente exclusivas. “Isso significa que o mesmo conteúdo não é classificado de forma similar ou idêntica em diferentes categorias ou, mais frequentemente, que ele só pode ser classificado em um único código no interior de uma categoria”. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 59)

Logo, de acordo com os pesquisadores, isso significa dizer que cada código contido em uma categoria também é mutuamente exclusivo. Caso o material em questão apresente característica dos dois códigos, o codificador deve tomar uma decisão, marcando o código preponderante (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021).

Por conseguinte, categorias e códigos exclusivos tendem a facilitar tanto melhores índices no teste de confiabilidade quanto uma maior chance de replicabilidade do estudo. Afinal, se o codificador pode decidir incluir o conteúdo em várias categorias e/ou códigos, isso tende a diminuir a necessidade de maior precisão na codificação e tende a aumentar a disparidade com outros codificadores (sejam aqueles presentes no mesmo estudo ou outros que desejam replicá-lo) (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 60).

Logo, “a criação de códigos como ‘ambíguo’, ‘híbrido’, ‘aplicável a mais de um código’ tende a gerar categorias menos confiáveis, enviesar os resultados de pesquisa e revelar a falta de conceitos adequados para avaliar o conteúdo” (SAMPAIO; LYCARIÃO, p. 60, por conta disso, a escolha por categorias distintas e opostas entre si foram o foco neste processo e evitou-se as categorias Passivo/Advocatório e Ativo/Neutro.

O segundo critério salientado por Bardin (2016) e destrinchado por Sampaio e Lacaryão (2021) é o de que suas categorias e seus códigos precisam ser exaustivos. Em resumo, todo o conteúdo analisado precisa ser passível de codificação, de acordo com os interesses da pesquisa. Os autores alertam, porém, que caso exista conteúdo pertinente que não possa ser devidamente codificado, “isso significa que o referencial de codificação está inadequado ou incompleto e deveria ser revisado antes da codificação completa” (ibidem, 2021, p. 61).

Por fim, as categorias precisam ser homogêneas, ou seja, isso quer dizer que tanto as categorias quanto os códigos que as formam devem buscar realizar classificações

homogêneas entre si. “Em outras palavras, não é adequado que tenhamos categorias ou códigos com “tamanhos” muito heterogêneos entre si, apresentando lado a lado códigos muito abrangentes e muito restritos. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021, p. 62)

De acordo com os autores, a criação de um *codebook*, ou em tradução literal livro de códigos (LdC), é fundamental para descrever as categorias e seus códigos detalhadamente, assim como as regras para a codificação, que devem ser seguidas explicitamente pelos codificadores. (SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021). Um livro de códigos pode incluir, ao menos, seis componentes básicos: 1) categorias e seus códigos; 2) breve descrição; 3) definição completa; 4) regras para quando aplicar os códigos; 5) regras para quando não aplicar os códigos; 6) exemplos. (ibidem, 2021). Em suma, o Livro de Códigos deve conter definições claras, instruções fáceis de serem seguidas e exemplos que não deixem ambiguidade. As instruções devem ser escritas detalhada e cuidadosamente, e mesmo detalhes mundanos de codificação precisam ser especificados (NEUENDORF, 2002).

As categorias e unidades de análise descritas abaixo serão aplicadas no corpus e amostra da pesquisa através do Google Forms⁴⁰, plataforma digital que auxilia em pesquisas quanti-qualitativas.

Para a presente pesquisa, **19 categorias** foram desenvolvidas afim de responder o problema de pesquisa descrito anteriormente. Elas foram divididas em cinco seções: “Identificação do Conteúdo, do Programa e do Veículo”, “Sobre a Reportagem”, “O/A repórter”, “Sobre Jornalismo” e “Sobre Ativismo”. Nos próximos tópicos serão descritas suas finalidades, bem como as regras e aplicação.

5.1.4. Categorias de identificação

As categorias e códigos referentes a identificação visa descrever informações gerais sobre as reportagens. Ela busca caracterizar elementos como tempo do conteúdo, nome e data identificados no momento da coleta, a periodicidade e o tipo de emissora. Abaixo serão descritos categoria a categoria, código a código.

⁴⁰ Link do Formulário utilizado na pesquisa: <https://forms.gle/gfaPWN1d3HK6T1rj6>

Data de exibição: Corresponde à data de exibição da reportagem no Globoplay, não é a data da coleta. A categoria não apresenta códigos de análise, foi feita apenas a identificação da data de exibição. O modelo adotado foi: 14/02/2012.

Com as reportagens foi possível observar a data ao lado do nome da reportagem, como no exemplo abaixo:

Figura 3: Exemplo de informação referente a data



Fonte: Globo Esporte/RJ, 24/12/2020⁴¹

Nome/identificação: Título da matéria: Para essa matéria foi utilizado o termo “Vídeo” juntamente com o número do momento da coleta: Por exemplo, Vídeo 1, 2, 3. Para o título da matéria foi utilizado o mesmo que estava presente no Globoplay.

Exemplo abaixo:

Figura 4: Exemplo de como o título foi retirado da reportagem



Fonte: Bom dia Rio Grande, 20/11/2019⁴²

⁴¹ Reportagem está disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9127727/?s=0s>

⁴² Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8101418/?s=0s>

Tempo: Se refere ao tempo da reportagem. Para a contagem, foi descartado as cabeças e eventuais nota-pé. A categoria apresenta quatro códigos de análise: “Até 2 minutos”, “Entre 2 e 4 minutos”, “Entre 4 e 6 minutos”, e “Acima de 6 minutos”. Apenas uma das opções deve ser marcada durante a análise.

Escala do programa: De acordo com Aguiar (2016), o jornalismo pode ser organizado a partir de “regiões jornalísticas” que transitam entre a escala “local”, “regional” e “nacional”. Para a análise, o objetivo é identificar em qual das três opções a reportagem analisada está inserida a partir do veículo que a transmite. Apenas uma opção deve ser marcada. Por exemplo: Se a matéria for exibida no Jornal Nacional ou no Esporte Espetacular, dois jornais que apresentam um recorte nacional, a opção a ser marcada é “Nacional”. Se a reportagem tiver sido veiculada em uma emissora afiliada da Rede Globo, como por exemplo a TV Verdes Mares – uma emissora de recorte regional, a opção a ser marcada será “Regional”.

A opção “Local” abrange os níveis hiper local, micro local, meso local e macro local. Os recortes espaciais cobertos vão desde “nanoterritórios” (prédio, rua, quadra), até um, município, cidade, metrópole e região metropolitana. (AGUIAR, 2016). Esse tipo de escala se baseia na proximidade, a partir da realidade e dos acontecimentos locais. A transmissão de informações locais, possibilita que a população se reconheça, aproprie-se da realidade do seu grupo, valorizando a cultura local. (PERUZZO, 2005). Exemplos jornalísticos dessa escala são, jornal, rádio, TV de um município.

A escala “Regional”, segundo Aguiar (2016), compreende uma microrregião, mesorregião, Estado e uma macrorregião. O recorte espacial é delimitado desde um aglomerado de pequenas cidades até uma unidade da federação. O jornalismo neste tipo de escala auxilia no desenvolvimento de uma região, assim como indica soluções para os problemas cotidianos da população. Essas representações regionais dadas pelos meios de comunicação aplicam-se principalmente para as produções jornalísticas, que como já sabido dão sentido aos acontecimentos cotidianos através dos produtos midiáticos. (BAZI, 2007). São exemplos jornalísticos dessa escala são jornal, rádio e TV local, a “grande imprensa” das capitais, rede regional de TV, além de grupos midiáticos regionais ou nacionais.

Por fim, a escala “Nacional” que compreende o nível de um país. Seu recorte espacial corresponde a todo o território nacional (AGUIAR, 2016). Exemplos dessa escala dentro do jornalismo são a rede nacional de TV, por exemplo. No caso da Rede Globo, o

conteúdo produzido pelas cabeças de rede é retransmitido para emissoras afiliadas (Escala Regional). Existe uma cobertura de temas mais amplos de impacto no cenário nacional: Política, Economia, Esporte, Cultura.

Tipo de programa: Nesta categoria o objetivo é verificar o formato de programa telejornalístico. As opções dessa categoria levam em conta o levantamento prévio junto ao corpus e amostra da pesquisa. Neste, foi possível observar cinco tipos diferentes de programa: Revista eletrônica, Programa temático de esportes (Semanal), Programa temático de esportes (Diário), Telejornal de Rede e Telejornal Local. Apenas uma opção pode ser marcada.

O Programa temático de esportes tem como foco desde a repercussão de jogos disputados, às leis de incentivo a atividades físicas, a preparação dos atletas à preparação de locais para os torneios. Eles podem conter mesas redondas, boletins informativos e análises sobre os mais diversos esportes. Ele pode ser encontrado em programas de periodicidade semanal, bem como diário. A diferença entre os dois tipos pode ser tida no tempo dado a cada programa, com o semanal tendo mais tempo na grande televisiva. Além disso, o programa de esportes semanal possui também um enfoque para as histórias dos atletas, aos resultados de competições esportivas, bem como, da intersecção do esporte com a sociedade. (SILVA, 2005)

Exemplo de programa temático de esportes semanal: Esporte Espetacular

Exemplo de programa temático de esportes diário: Globo Esporte

Telejornal de Rede: É considerado um dos formatos mais tradicionais do telejornalismo. Nos telejornais se constroem uma certa visão de mundo que lhes é específica trazendo notícias, que são apresentadas em diferentes formatos, a partir das mais variadas esferas (Economia, Política, Cultura, Esportes, Segurança, Ciência, etc), em editorias específicas. No telejornal encontramos a presença de apresentadores, normalmente em duplas, os repórteres através da construção da matéria fornecem ao telespectador as informações utilizando fontes de notícias que podem ser testemunhais, especialistas ou ilustrativas (SILVA, 2005). Abrange uma escala nacional (AGUIAR, 2012).

Exemplo: Jornal Hoje, Jornal Nacional

O telejornal local em termos técnicos, ocupam um *fade* (intervalo ou espaço sem conteúdo) na programação veiculada nacionalmente. A forma como esse espaço é usado/preenchido não é igual em todas as afiliadas, uma vez que nem todas as emissoras

ocupam todos os espaços. (TEMER, 2019). O foco de cobertura é de uma determinada região, local e regional. Na Rede Globo, o telejornal local é visualizado através de telejornais exibidos por emissoras afiliadas.

Exemplo: Jornal do Almoço (RBS-TV), Bom Dia PI (TV Clube).

Periodicidade: O objetivo dessa categoria é observar qual a periodicidade o programa que exibiu a reportagem possui. Quatro unidades de análise estão disponíveis nessa categoria: diário, semanal, quinzenal, mensal. Apenas uma delas deve ser marcada.

Diário: programa exibido diariamente – de segunda à sexta.

Semanal: programa exibido uma vez por semana – a cada sete dias.

Quinzenal: programa exibido quinzenalmente – a cada 14 dias.

Mensal: programa exibido mensalmente, uma vez por mês - a cada 30 dias.

Outra: Não corresponde a nenhuma categoria anterior

Pela pesquisa preliminar, foi possível identificar que apenas as periodicidades “Diário” e “Semanal” foram encontradas na análise.

Emissora: A categoria busca identificar em qual emissora foi veiculada a reportagem. Com base no levantamento feito pela amostragem da pesquisa, 11 emissoras diferentes foram identificadas. Apenas uma delas deve ser marcada. Confira abaixo uma breve descrição das emissoras que podem ser selecionadas na categoria:

TV Globo RJ: Emissora cabeça de rede sediada no Rio de Janeiro. Uma das emissoras próprias da Rede Globo.

TV Globo SP: Emissora cabeça de rede sediada em São Paulo. Uma das emissoras próprias da Rede Globo.

Globo Nordeste: Emissora situada em Recife, capital de Pernambuco. Anteriormente foi inaugurada como TV Globo Recife. Ela é uma das cinco emissoras próprias do Grupo Globo.

Rede Amazônica Porto Velho: Emissora sediada em Porto Velho, capital do estado de Rondônia. Faz parte do Grupo Rede Amazônica, afiliada da Rede Globo.

TV Clube: Emissora da Rede Globo afiliada no Piauí. Sua sede está localizada na capital do estado, em Teresina. Foi a primeira emissora do estado e possui uma cobertura e abrangência regional em todo o Piauí. Faz parte da Rede Clube.

TV Centro América: É uma emissora de televisão sediada em Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. É uma das afiliadas à TV Globo.

TV Globo Minas: É uma das cinco emissoras próprias da Rede Globo. Ela está sediada em Belo Horizonte, capital do estado de Minas Gerais.

RBS: É uma rede de televisão sediada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Ela possui 12 emissoras afiliadas à Rede Globo e realiza a cobertura em todo o estado da região sul do País. Além disso, ela possui uma sucursal em Brasília.

TV Anhanguera: Rede de televisão regional que atua nos estados de Goiás e Tocantins. A sede da Rede Anhanguera fica localizada em Goiânia, capital de Goiás.

TV Gazeta Alagoas: Emissora afiliada da Rede Globo sediada em Maceió, capital do estado de Alagoas.

TV Liberal: Emissora afiliada da Rede Globo em Belém, capital do estado do Pará. Ela pertence à Rede Liberal, sendo ela a cabeça de rede para todo o estado.

Nome do programa: Consiste na identificação do programa ao qual a reportagem foi veiculada. O nome do programa pode ser visualizado na plataforma do Globoplay, situado acima do nome da reportagem. Exemplo abaixo:

Figura 5: Como o nome do programa foi identificado na pesquisa



Fonte: Bom dia Amazônia – RO, 21/03/2018⁴³

5.1.5 Categorias sobre a reportagem

O objetivo das categorias desta seção é caracterizar a reportagem a partir do seu tipo e das fontes utilizadas, além do tema e esporte destacado. Confira abaixo a descrição das categorias e de suas respectivas unidades de análise.

⁴³ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6598441/?s=0s>

Tipo de reportagem: O objetivo dessa categoria é identificar se a reportagem se origina de algum fato factual, “quente”, ou se busca trazer uma narrativa que se desprende da factualidade. Para isso, foi utilizado as categorias Hard News e Soft News definidas por Motta (1997).

Enquanto que nas notícias que predominam a narrativa *hard news* teríamos o discurso objetivo sobre um acontecimento sendo contado, o registro, a objetividade do fato. A narrativa *Soft News*, por sua vez, permite uma liberdade de criação maior. (MOTTA, 1997). Segundo o autor, o valor-notícia das notícias de interesse humano (*soft news*) seria subjetivo, em oposição às *hard news* aos quais “o fato se faz escolher” (MOTTA, 1997, p. 313). Segundo ele, enquanto às *hard news* tendem ao registro e à objetividade, nas notícias de interesse humano o jornalista teria grande autonomia interpretativa e, mesmo, inventiva. (MOTTA, 1997). Abaixo é possível visualizar exemplos das duas narrativas.

Primeiro o exemplo de uma reportagem do tipo “Hard News”. No exemplo, a reportagem aborda uma reunião da FIFA e as propostas discutidas nela.

Figura 6: Exemplo de narrativa Hard News



Fonte: Bom dia Brasil, 10/05/2017⁴⁴

⁴⁴ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/5858501/?s=0s>

No segundo exemplo de reportagem Hard News, o assunto tratado é um caso de racismo sofrido por uma criança em um campeonato de várzea.

Figura 7: Exemplo de reportagem com narrativa Hard News evidencia caso de racismo

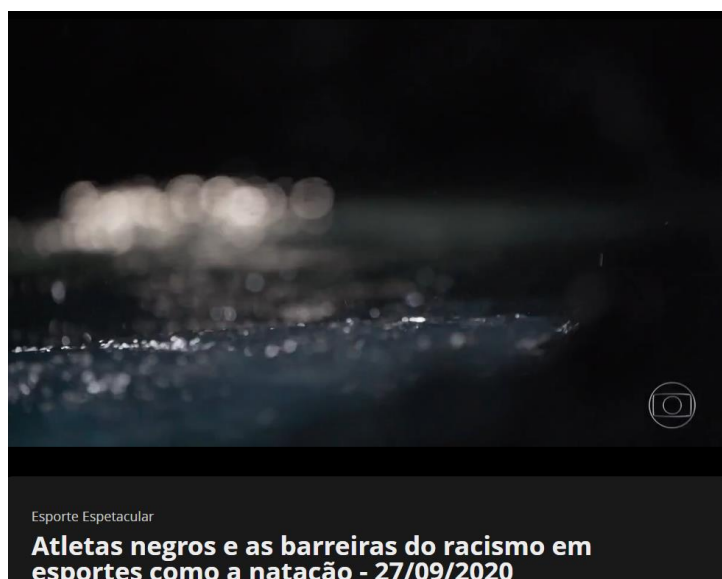


Fonte: JÁ 1ª Edição, 18/12/2020 ⁴⁵

Além da narrativa guiada pelo “Hard News”, a categoria apresenta a opção Soft News. Segue abaixo dois exemplos desse tipo de narrativa. No primeiro deles, a reportagem discute sobre o racismo sistêmico dentro da natação mundial.

⁴⁵ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9112889/?s=0s>

Figura 8: Exemplo de narrativa soft news destaca racismo na natação



Fonte: Esporte Espetacular, 27/09/2020⁴⁶

No segundo exemplo da reportagem com narrativa Soft News, o tema da vez é o recreativo que se perpetua no futebol através dos apelidos.

Figura 9: Racismo recreativo é tema de reportagem com narrativa soft news



Fonte: Globo Esporte PE, 12/03/2021⁴⁷

Tipos de fontes presentes na reportagem: Como apontou o Perfil Racial dos Jornalistas Brasileiros (2021), as escolhas das fontes, em grande medida, definem as notícias e são processos importantes na rotina de produção das redações. Em reportagens de cunho racial, podem, inclusive, encaminham as discussões que serão levadas à

⁴⁶ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8891652/?s=0s>

⁴⁷ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9343882/?s=0s>

sociedade. O objetivo dessa categoria de análise é observar quais são tipos fontes utilizadas pelas reportagens. Segundo a classificação de Silva (2005), as fontes de notícias podem ser testemunhais, institucional, especialistas ou ilustrativas. Além disso, foi criada a opção “outros” para designar fontes que não se encaixam nas opções anteriores. Mais de uma opção pode ser marcada nesta categoria visto que mais de um tipo de fonte pode estar presente na reportagem. Veja abaixo uma breve descrição de cada uma delas:

As fontes institucionais são oriundas em grande parte do poder público. Elas podem ser políticos, representantes de organizações e instituições públicas. Atores dos três poderes (executivo, legislativo e judiciário) podem ser caracterizados como fontes institucionais. No ambiente esportivo, as fontes institucionais podem ser observadas em por dirigentes de clubes, federações e outras instituições oficiais.

Exemplo de fonte institucional: Presidente da Confederação Brasileira de Futebol

As fontes testemunhais estão envolvidas diretamente com o acontecimento noticiado. No ambiente esportivo, elas podem ser atletas, jogadores, torcedores e outros atores deste campo (BOURDIEU, 1997).

Exemplo de fonte testemunhal: Vítima que denunciou caso de racismo no esporte

As fontes ilustrativas se assemelham com as fontes testemunhais, a diferença segundo Silva (2005) são que as primeiras são tomadas de exemplo para uma situação mais ampla abordada pela reportagem. Por exemplo, resgatar a informação e ouvir um jogador que sofreu anteriormente um caso de racismo no esporte e relacioná-lo com um caso “Hard News” que tenha acontecido.

Por sua vez, os especialistas são fontes que conhecem o assunto profundamente. Possuem uma visão técnica sobre o fato. Podem ser pesquisadores, estudiosos, e em alguns casos, até ex-atletas e atores do esporte. Por exemplo, o ex-jogador Aranha que foi utilizado como fonte ilustrativa para algumas reportagens analisadas e recentemente lançou um livro sobre a conjuntura racial do Brasil a partir do estudo de José do Patrocínio⁴⁸.

Tema central da reportagem: Nesta categoria, o objetivo é observar e marcar a melhor unidade de análise que sintetize o tema que predomina na reportagem. Vale ressaltar que esses temas estão relacionados com o Capítulo 2 da presente pesquisa e visa

⁴⁸ Ex-goleiro Aranha lança livro sobre José do Patrocínio, que lutou pelo fim da escravidão, no Flipocós: Disponível em: <https://ge.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2022/09/08/ex-goleiro-aranha-lanca-livro-sobre-jose-do-patrocinio-que-lutou-pelo-fim-da-escravidao-no-flipocos.ghtml>, acesso em 10 de fevereiro de 2023.

observar como a Raça e Racismo (BORGES, 2019) tem sido temas que desafiam o fazer jornalismo. As unidades que podem ser selecionadas foram escolhidas com base em pesquisas prévias⁴⁹, com a fundamentação teórica, e na análise preliminar do corpus da pesquisa. Abaixo estão descritos cada um deles:

Denúncia de injúria e racismo no esporte: O tema da reportagem gira em torno da denúncia feita por algum agente do esporte. As denúncias podem partir de jogadores, atletas e outros atores do esporte. A reportagem com esse foco visa predominantemente noticiar o acontecimento. Ela também pode repercutir uma denúncia acontecida anteriormente.

No exemplo, a reportagem destaca um episódio de racismo vivido pelo atacante Marinho, à época jogador do Santos Futebol Clube.

Figura 10: Marinho sofre racismo é exemplo de matéria com foco em denúncia



Fonte: Globo Esporte RJ, 01/08/2020⁵⁰

A campanha antirracista designa reportagens que têm em seu tema central alguma ação, atividade ou campanha concreta contra o racismo. As campanhas podem ser desenvolvidas por jogadores, entidades, organizações, por exemplo.

Abaixo, uma reportagem destacou que uma campanha que era pra ser antirracista foi acusada de racismo pela comunidade negra do futebol.

⁴⁹ Trabalho de Conclusão de Curso: Pele Alva E Pele Alvo: Uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol. Disponível em: https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/16763/2/Emerson_Maciel_Esteves.pdf

⁵⁰ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8743859/?s=0s>

Figura 11: Reportagem destaca campanha antirracista que foi acusada de racismo



Fonte: Jornal Hoje, 17/12/2019⁵¹

Como descritas por Galily (2019), as manifestações ativistas envolvem diretamente um posicionamento de protesto de cunho social pelos atores do esporte. Caso a reportagem tenha como tema central as ações desses atores, esta opção deve ser marcada. Na reportagem destacada abaixo as manifestações ativistas de jogadores da NBA e de outros esportes foram evidenciadas.

Figura 12: Manifestações de atletas contra racismo foi tema da reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 30/08/2020⁵²

A unidade “Racismo na sociedade” identifica reportagens que abordam o racismo de forma mais ampla. Desde aspectos sociais e estruturais que extrapolam o meio esportivo. O esporte é utilizado como um cenário para exemplificar o *modus operandi* do racismo na sociedade.

Como na reportagem destacada abaixo onde é possível destacar a tematização do racismo na sociedade mundial através da óptica do esporte.

⁵¹ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8172314/?s=0s>

⁵² Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8817431/?s=0s>

Figura 13: Reportagem destaca o racismo na sociedade e como ele afeta o futebol



Fonte: Globo Esporte PE, 21/11/2017⁵³

Por fim, a unidade de análise “Relatórios Anuais do Observatório da Discriminação Racial do Futebol” gira em torno de reportagens que veiculam a divulgação de novos levantamentos feitos pelo Observatório da Discriminação Racial do Futebol. Durante a pesquisa “Pele Alva, Pele alvo: Uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol” (ESTEVES, 2020) foi observado que os Relatórios Anuais cumprem um importante papel de fornecer à imprensa esportiva dados concretos sobre a situação do racismo – e de outros tipos de discriminação – no esporte brasileiro, por conta dessa relevância foi criada essa unidade.

Vale esclarecer que a menção aos números dos relatórios em reportagens não é suficiente para marcar essa opção. É preciso que a reportagem seja sobre os levantamentos, não que ele seja um recurso complementar dentro da reportagem.

No exemplo, é possível observar que o Relatório do Observatório da Discriminação Racial do Futebol é o tema central da reportagem. É ele que conduz todo o conteúdo e as informações trazidas pelo documento são o grande destaque da reportagem.

⁵³ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6304208/?s=0s>

Figura 14: Reportagem destaca os números de casos de racismo e homofobia no futebol brasileiro



Fonte: Esporte Espetacular, 08/09/2019⁵⁴

Caso o tema central da reportagem não tenha sido nenhuma das unidades de análise detalhadas anteriormente a opção “Outros” deve ser marcada.

Esporte: O objetivo dessa categoria é designar qual(is) esporte(s) são abordados durante a reportagem e perceber se existe a predominância de um esporte - e sob que circunstâncias. Nessa opção mais de uma opção pode ser marcada, visto que em uma mesma reportagem mais de um esporte pode ser representado. As opções de esporte especificadas abaixo levam em conta a pesquisa prévia realizada junto ao corpus da pesquisa. Podem ser selecionada as opções: Futebol, Voleibol, Basquetebol, Atletismo, Natação e Outros.

O futebol é considerado o esporte mais popular do mundo e é demasiadamente veiculado pelo jornalismo esportivo brasileiro (COELHO, 2004). Ele costumeiramente é reconhecido a partir de diversas faces como o esporte espetáculo, dos grandes atores midiáticos e por sua faceta social. (CARDOSO, 2018).

O voleibol é um dos esportes mais populares do Brasil e tem ganhado notoriedade desde os resultados conquistados pelos atletas brasileiros na década de 1970 e 1980.

⁵⁴ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7906587/?s=0s>

Também foi influenciado fortemente pela cobertura televisiva⁵⁵. (MARCHI JÚNIOR, 2005).

O basquetebol foi um importante espaço de construção do ativismo esportivo (GALILY, 2019) nos protestos do Black Lives Matter nos Estados Unidos. Por conta disso, a modalidade foi adicionada como uma unidade de análise. O atletismo é considerado um dos esportes basilares do universo Olímpico. É tido como uma das modalidades de mais prestígio pelo Olimpismo. No Brasil, é um dos esportes que mais trouxe medalhas em edições de Jogos Olímpicos⁵⁶. A natação foi inserida como unidade de análise por ser um esporte que historicamente tenha gerado uma série de preconceitos sobre o desempenho de pessoas negras⁵⁷. (SANTOS, 2019).

Caso outros esportes tenham sido abordados na reportagem a opção “outros” deve ser marcada e em seguida deve ser inserido o esporte em questão.

5.1.6 Categorias sobre o/a repórter

No Brasil, o preconceito racial destinado a população negra pode ser visualizado através de características fenotípicas como, o tipo de cabelo, a forma do nariz, a cor dos olhos, e o tom de pele (MOORE, 2007; NASCIMENTO, 2016; SOUZA, 2021).

Fenótipo do repórter: Retomando a pesquisa Perfil Racial da Imprensa Brasileira (2021), destacada anteriormente no presente estudo, dos jornalistas entrevistados apenas 20,10% se autodeclararam pretos ou pardos, que de acordo com o IBGE é a soma da população negra no Brasil. A grande maioria, 77,60%, se autodeclara “branca”. A população amarela (2,10%) e indígena (0,20%) soma menos de 3% do total.

A pesquisa também identificou marcas de discriminação nas redações de jornalismo. Mais da metade, 57% dos entrevistados, afirmaram ter identificado tais marcas e 98%, disseram ter uma maior dificuldade para o desenvolvimento da carreira em relação aos brancos. Pensando nesse contexto, o esforço dessa unidade é mapear os repórteres que assinaram as reportagens com base nos traços fenótipos (cor da pele,

⁵⁵ O Processo de resignificação do voleibol a partir da Inserção da televisão no campo Esportivo. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4013/401338509011.pdf>, acesso em 10 de fevereiro de 2023.

⁵⁶ Brasil chega a 19 medalhas no atletismo na história dos Jogos Olímpicos; confira a lista completa, Disponível em: <https://br.bolavip.com/noticias/Brasil-chega-a-19-medalhas-no-atletismo-na-historia-dos-Jogos-Olimpicos-confira-a-lista-completa-20210803-0117.html>, acesso em 10 de fevereiro de 2023.

⁵⁷ Natação e questões étnico-raciais: representações midiáticas. Artigo disponível em: <https://www.scielo.br/j/mov/a/6sFGpRmfd4ZHBspP9F6F45F/abstract/?lang=pt>, acesso em 10 de fevereiro de 2023.

formação do nariz, tipo de cabelo, cor dos olhos) através do processo de heteroidentificação - método de identificação étnico-racial de um indivíduo a partir da percepção social de outra pessoa. É importante destacar que embora eles assinem a reportagem, o trabalho do telejornalismo é em conjunto. Envolve pauteiro, editor, cinegrafista, produtor, logo a responsabilidade sobre o produto final é partilhada entre todos. (REZENDE, 2000; 2009; PATERNOSTRO, 1999). O objetivo desta categoria é investigar se existe um padrão de perfil de jornalismo entre repórteres negros dos não negros que dialogam com o problema de pesquisa. Como o IBGE soma a população preta e parda para resultar na população negra, a unidade de observação “Negra” será utilizada para designar a população que tem traços afrodescendentes. Segue abaixo uma breve descrição que o IBGE considera para cada uma das unidades de observação⁵⁸:

Negra: Descendentes dos africanos

Branca: Descendentes dos europeus

Amarela: Descendentes dos asiáticos

Indígena: Descendentes dos indígenas/povos originários

Outros: Marcar essa opção quando o processo de heteroidentificação não é preciso o suficiente para determinar a leitura social do(a) jornalista.

Regra: Os traços fenótipos serão utilizados através do processo de heteroidentificação. Porém, caso não fique evidente em qual unidade o/a repórter se enquadre será feita uma pesquisa sobre descendência do profissional.

Abaixo é possível identificar um repórter com traços fenotipicamente negros.

⁵⁸ É possível consultar mais informações sobre essa classificação do livro “Características Étnico-raciais da População: Classificações e identidades” publicado pelo IBGE. Disponível em: http://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/GT_Igualdade_Racial/Artigos_Estudos/Caracter%C3%ADsticas%20%C3%89tnico-Raciais%20da%20Popula%C3%A7%C3%A3o%20Brasileira.pdf, acesso em 20 de jan. 2023.

Figura 15: Repórter Diego Moraes possui traços fenotipicamente negros



Fonte: Globo Esporte, 09/10/2021⁵⁹

Abaixo é possível observar uma repórter com traços fenotipicamente brancos.

Figura 16: Mauri Dornelles possui traços fenotipicamente brancos



Fonte: Bom dia Rio Grande, 15/01/2020⁶⁰

5.1.7 Categorias sobre o ativismo

Conforme exposto no capítulo 2 do presente estudo, o ativismo pode ser encontrado através de ações que buscam alterar ou mitigar a natureza hegemônica de arranjos estruturais. Seja o ativismo social ou esportivo, o esforço é organizar protestos que visem desarticular um sistema de exploração de certos grupos sociais. Duas categorias estão presentes nesta seção: ausência ou presença de ativismo esportivo e ativismo negro.

Ativismo esportivo: Segundo Galily (2019), o ativismo esportivo pode ser definido como ações empregadas por atletas e agentes do esporte, como técnicos e dirigentes, para “[...] alterar ou mitigar a natureza hegemônica de arranjos estruturais, regras/políticas/leis, e práticas de organizações esportivas que servem para reforçar a

⁵⁹ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9933484/?s=0s>

⁶⁰ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8237464/?s=0s>

subordinação, marginalização e exploração de certos grupos. No esporte, pode ser visualizado através de protestos dos atletas.

No exemplo de ativismo esportivo abaixo, o atleta Tche Tchê mostra as tatuagens que ele possui de Malcom X e de Martin Luther King, dois reconhecidos ativistas pelos direitos dos negros.

Figura 17: Jogador Tchê Tchê mostra suas tatuagens de Malcom X e Luther King



Fonte: Esporte Espetacular, 07/06/2020⁶¹

Ativismo negro (Elementos visuais): O objetivo dessa categoria é observar se durante a reportagem é exibido elementos visuais que remetam ao Ativismo Negro (CHAVES, 2015). É uma questão de ausência e presença. Caso a matéria não apresente ao menos um elemento significa que ela não possui elementos visuais do ativismo negro. Os elementos podem ser: recursos visuais, ilustrações, imagens, estampas de camisas, gestos.

As unidades que foram selecionadas dialogam com o capítulo 3. Elementos como a presença/ausência do punho cerrado, símbolo dos Panteras Negras, Black Power (cabelo black, pente garfo), representações visuais de Organizações antirracistas, inserção da imagem de algum ativista político histórico (Malcom X, Martin Luther King, Abdias do Nascimento, Rosa Parks, W.E.B. Du Bois, Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento, etc.) ou até mesmo dentro do esporte como Colin Kaepernick (GALILY, 2019). O *Black Lives Matter* também será uma unidade de análise dentro dessa categoria, visto que assim como

⁶¹ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8609183/?s=0s>

descrito no capítulo 2, o movimento se alastrou para além dos Estados Unidos e chegou ao mundo todo.

Abaixo é possível observar um exemplo de ativismo negro (elementos visuais), identificado na imagem de Martin Luther King apresentada durante a reportagem.

Figura 18: Martin Luther King é exemplo de ativista



Fonte: Globo Esporte PE, 21/11/2017⁶²

5.1.8 Categorias sobre jornalismo

A partir de conceitos apresentados no capítulo 2 e 4, o objetivo das categorias de jornalismo é investigar a presença e ausência de elementos característicos da prática jornalística. Seja especificamente do Jornalismo Esportivo, como também das Funções Pedagógicas que podem ser acionadas pelo Telejornalismo. Além disso, observar a predominância da narrativa (Objetiva x Subjetiva) dará, em soma com as respostas anteriores, subsídios para determinar qual o perfil da reportagem.

Características do jornalismo esportivo: Através de características apontadas por autores como Cardoso (2018), Camargo (2001), Bueno (2005), Lovisolo (2011) e Oselame (2012), o objetivo dessa categoria é observar quais elementos do fazer jornalismo esportivo estão presentes em reportagens que reportam o racismo no esporte. É uma questão de ausência ou presença. O intuito é perceber se existe a utilização de elementos característicos do fazer jornalismo esportivo em reportagens que tem como foco o racismo no esporte. Segue abaixo as descrições das unidades de análise:

⁶² Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6304208/?s=0s>

Informalidade: Desde as roupas, até a linguagem utilizada dentro do jornalismo esportivo beiram a informalidade. O uso de gíria e de um texto que dialoga com o coloquial são muito comuns na editoria de esportes.

Infotretenimento: Intersecção de recursos visuais, estéticos, textuais do entretenimento com o jornalismo. A utilização de elementos do entretenimento no jornalismo esportivo da televisão pode ser observada, por exemplo, no uso de representações lúdicas do esporte: música, brincadeiras, a “resenha esportiva”.

Espetacularização: Essa unidade de análise busca observar se nas reportagens o esporte é tratado como um produto. Esse tipo de abordagem é comum na cobertura de grandes eventos, como a Copa do Mundo e Olimpíadas.

Emoção: Uso de recursos imagéticos e textuais característicos na narração do jornalismo esportivo. Elas evocam e transmitem emoção do esporte. O choro, a lágrima, a queda, a falha, ou o oposto, o sorriso, a conquista, a vitória, são elementos visuais que são evocados pelo jornalismo esportivo para transmitir “Emoção”.

Construção do herói e vilão: Principalmente através do texto e das imagens, o jornalismo esportivo constrói narrativas que remontam a jornada do herói. Existe uma personificação dos agentes do esporte (atletas, técnicos, árbitros, etc) em heróis e vilões.

Uso de hipérboles, metáforas e superlativos: O jornalismo esportivo possui um texto que apresenta o uso de figuras de linguagem que adjetivam os acontecimentos. Esses são elementos característicos do Jornalismo Esportivo, que, por exemplo, o distanciam do jornalismo de objetividade (VEIGA e MORAES, 2019).

Estímulo à prática do esporte: Essa é uma das responsabilidades sociais históricas do jornalismo, segundo Cardoso (2018). Incentivar a prática do esporte, levando em conta aspectos esportivos, sociais e de bem estar, é um dos papéis basilares que caracterizam o jornalismo da editoria de esportes.

Humor: No jornalismo esportivo, o humor está presente nas piadas, palavras de duplo sentido, trocadilhos e nos recursos de infoentretimento na narrativa do jornalismo esportivo.

Segue abaixo alguns exemplos visuais:

O uso da emoção pode ser observado na utilização do choro, das lágrimas das fontes entrevistadas. Como no exemplo do zoom que é dado no olhar do ex-árbitro que foi vítima de racismo.

Figura 19: O zoom no olhar com lágrimas é um exemplo de uso da emoção



Fonte: RBS Notícias, 20/11/2019⁶³

No que tange o estímulo à prática do esporte, ele é possível de ser identificado na reportagem destacada abaixo. Nela, após um garoto de 11 anos sofrer racismo, o tema da matéria gira em torno das possibilidades do jovem atleta no mundo do esporte, focando principalmente nas oportunidades que ele irá receber.

Figura 20: Reportagem incita oportunidades para garoto de 11 anos



Fonte: Jornal Hoje, 19/12/2020⁶⁴

⁶³ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8103457/?s=0s>

⁶⁴ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9115864/?s=0s>

Um outro exemplo de elemento que caracteriza o Jornalismo Esportivo é o infoentretenimento. Ele pode ser observado na reportagem destaca abaixo, onde o repórter utiliza elementos textuais da cultura tailandesa para “descontrair” a reportagem.

Figura 21: Repórter "brinca" com elementos da cultura tailandesa



Fonte: Globo Esporte SP, 04/09/2020⁶⁵

Funções pedagógicas: O objetivo dessa categoria é observar se as funções pedagógicas estabelecidas por Freire (2017) e apropriadas por Vizeu e Cerqueira (2019) nos estudos de telejornalismo, são acionadas nas reportagens e se sim quais são. Questão de ausência ou presença. Abaixo segue a descrição das sete funções estabelecidas pelos autores e exemplos de cada uma. A partir do entendimento do telejornalismo estando em um lugar de referência na sociedade (VIZEU, 2008) e partir da abordagem de enxergar o jornalismo como um campo de conhecimento singular (PARK, 1972 ; GENRO FILHO, 2012; MEDITSCH, 1992), que amplia sua força no telejornalismo, os autores elencam características que destacam o papel pedagógico do telejornalismo.

Ao nosso ver, mais do que isso, ao ensinar a se comportar, agir e até pensar, estrutura sua mensagem de uma forma que ela possa ser acessível, com sinais de abertura para interpretação e compreensão. E, também, para a internalização e a formação de representações sociais que irão circundar e retroalimentar hábitos, ações e maneiras de enxergar a vida (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 3).

Segundo Vizeu e Cerqueira (2019), a função pedagógica do telejornalismo se concretiza a partir de três dimensões: dos saberes, da linguagem e dos dispositivos

⁶⁵ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8831535/?s=0s>

didáticos. Para essa análise, serão levados em consideração os saberes na ação do jornalista.

Os saberes descritos pelo educador são, em sua maioria, os mesmos que o jornalista precisa dominar para produzir um conhecimento embasado, contextualizado, crítico e transformador, alicerces do jornalismo como instituição social legitimada na sociedade. Entre eles estão os sete que destacamos para detalhar neste trabalho: rigorosidade do método, a criticidade, a estética e ética, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento de ser condicionado, apreensão da realidade, saber escutar” (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 7)

Como esses saberes foram detalhados no capítulo 2, abaixo vai uma breve descrição de cada um dos sete:

Rigorosidade do método: rigor do método. Garante a credibilidade ao jornalismo. “A busca pela informação correta que instrui, orienta e gera o debate social, é o início do processo de construção de uma parte da realidade de maneira pedagógica no jornalismo. não há correção sem apurar os fatos, levantar os dados, ouvir diferentes vozes e contextualizar o acontecimento” (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 8). As várias faces do de um acontecimento devem ser apresentadas.

Nas reportagens, ela pode ser visualizada através do esgotamento das fontes múltiplas, que possuem visões óticas de observações diferentes sobre um mesmo evento. O uso das fontes para contextualizar, problematizar e gerar um debate social são as requisitadas nessa unidade de análise.

Através das figuras a seguir é possível observar o exemplo do rigor no método em uma reportagem, principalmente no que tange as fontes múltiplas e com olhares diversos sobre um mesmo objeto: racismo no futebol. A primeira é a fonte documental.

Figura 22: Mário Filho é uma das referências da reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 19/11/2017⁶⁶

⁶⁶ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6299737/?s=0s>

Depois a reportagem insere uma fonte especialista a partir da história, sendo este um professor de História Contemporânea da UFRJ.

Figura 23: Professor de História é fonte da reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 19/11/2017

A terceira fonte da reportagem é um jornalista. Ele traz a viagem do impacto da obra de Mário Filho dentro do esporte e do jornalismo.

Figura 24: Um jornalista é fonte da reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 19/11/2017

Na sequência, um sociólogo é consultado para caracterizar o viés sociológico da obra de Mário Filho dentro do contexto do negro no futebol brasileiro.

Figura 25: Sociólogo é uma fonte da reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 19/11/2017

Outra fonte utilizada durante a reportagem é de uma fonte testemunhal. Uma vítima que enfrentou o racismo dentro e fora dos gramados.

Figura 26: Ex-árbitro vítima de racismo é fonte da reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 19/11/2017

Outra fonte testemunhal/ilustrativa que dimensiona o racismo no futebol utilizada é de um jogador em atividade. Em depoimento emocionante o atleta narra um episódio que enfrentou de racismo no futebol.

Figura 27: Jogador em atividade é fonte da reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 19/11/2017

Por fim, a reportagem traz a visão de um ex-jogador e que atualmente trabalha nos bastidores do mundo do futebol. Mais precisamente em um cargo de gerência. A matéria traz a visão da dificuldade enfrentada por ex-jogadores negros em se inserir no mercado de trabalho do futebol depois que deixam os gramados, principalmente no preconceito e na desconfiança que precisam enfrentar quando ascendem em cargos de gestão e de liderança.

Figura 28: Ex-jogador e gerente de futebol é fonte da reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 19/11/2017

Embora as fontes partam de observações diferentes sobre o mesmo acontecimento, o racismo no futebol, todas elas buscam instruir, orientar e gerar um debate social.

Criticidade: O telejornalista precisa da criticidade que pode nascer do olhar de observador, de um ingênuo curioso, e germinar em meio ao senso comum. De acordo com os autores, “é na superação da ingenuidade diante da realidade e aproximação da criticidade que o conhecimento do jornalismo se concretiza” (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 9). A problematização e o diálogo são essenciais. Os jornalistas não devem ser meros repetidores de fórmulas e técnicas que, em muitos casos, são impostas por pressões externas.

No esporte, e no telejornalismo esportivo, a criticidade pode ser visualizada em problematizar questões centrais da perpetuação do racismo no esporte como as estruturas de poder, as punições de racismo e questões correlatas do tema (racismo recreativo, preconceitos, e mitos sobre a população negra no esporte, papel da branquitude do esporte, etc).

No exemplo abaixo, a reportagem utiliza da animação para ilustrar os preconceitos que nadadoras que possuem cabelos crespos e cacheados precisam enfrentar na modalidade. A matéria possui um tom crítico em desmistificar preconceitos e mitos de pessoas negras com a natação.

Figura 29: Reportagem utiliza da criticidade para desmistificar mitos de pessoas negras na natação



Fonte: Esporte Espetacular, 27/09/2020⁶⁷

A Ética e Estética acompanhado dos saberes anteriores, denota a transparência no fazer jornalismo. Além de princípios básicos e práticos como: “buscar a verdade, não se

⁶⁷ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8891652/?s=0s>

render às paixões próprias, deixando-as influenciar; dar espaço ao máximo de versões sobre o fato; contextualizar para diminuir equívocos de interpretação; ser referencial” (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 10), o jornalista atua como “formador” e não pode transformar essa experiência em puro treinamento técnico se esquecendo do mundo social. Freire (2017) vê beleza na parcialidade dos fatos, porque isso não é oposto a ter rigor do método. Para ele, quem observa o faz de um certo ponto de vista, o que não significa um erro. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019)

No jornalismo de cobertura de incidentes raciais a ética e a estética podem ser observadas, por exemplo, no tratamento dos relatos de vítimas de racismo no esporte, bem como na utilização de fontes diversas, afim de elucidar e esclarecer problemáticas sociais.

Na figura abaixo é possível observar um exemplo do uso da ética e da estética dentro de uma reportagem televisiva sobre racismo no futebol. Nela, diversos atletas contam suas trajetórias pessoais no esporte e em como a mobilização contra o racismo é algo necessário e parte de suas vidas.

Figura 30: Atletas contam sobre suas trajetórias dentro do esporte



Fonte: Esporte Espetacular, 05/07/2020⁶⁸

A Reflexão crítica sobre a prática envolve a autocritica de sua própria atuação para que os jornalistas possam se tornar melhores. O jornalismo autocrítico possibilita a prática instrutora, formadora, envolve o movimento dinâmico e dialético, entre fazer e o

⁶⁸ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8675497/?s=0s>

pensar sobre fazer. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019). No jornalismo, a figura da autocrítica é visualizada no Ombudsman – externa a reportagem.

A função pedagógica de “Reconhecimento de ser condicionado” estabelece que o jornalista precisa reconhecer os obstáculos sociais do que está sendo reportado. É considerada uma importante função no processo de difusão da pedagogia do telejornalismo. Para os autores

a consciência das limitações e dos condicionantes faz do jornalista alguém que lembra que o inacabado é uma construção permanente e que os limites ideológicos, políticos e mercadológicos não são impedimentos para realizar um trabalho ético e honesto. Limites, obstáculos e imposições organizacionais são naturais nas relações de interdependência do tecido social e nas instituições sociais, principalmente, entre aquelas que pautam comportamentos, atitudes, olhares e o debate público. (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 12)

Um exemplo do texto do jornalismo esportivo que elucida bem a forma que a função pedagógica pode ser acionada está no vídeo 1 analisado pela presente pesquisa, “Reportagem especial mostra que o racismo está longe do fim no futebol brasileiro”⁶⁹. No texto, o repórter Fábio Juppá fala frases como:

“A impunidade ainda costuma prevalecer” – que se relaciona com dados de um cenário que condiciona que o criminoso saia impune após práticas racistas no futebol; “Sobre o impacto da agressão, nem todos conseguem denunciar” – com um olhar empático sobre a situação, a reportagem aborda também a situação da ausência de denúncia e explica sobre como o racismo afeta diretamente no psicológico e mental dos atletas. Assim como Abdias Nascimento (2017) ressalta, o racismo é um sistema de genocídio étnico, cultural, afetivo. A reportagem embora incite que se deve denunciar, compreende que para algumas pessoas que sofrem racismo a situação é tão difícil ao ponto de que elas não se sentem seguras para realizar tal ato. Sensibiliza e humaniza as vítimas. A reportagem reconhece tais obstáculos, mas tenta romper com eles e isso pode ser concretizado através do acionamento das funções pedagógica seguintes.

A função pedagógica da “apreensão da realidade”, segundo Vizeu e Cerqueira (2019) destaque que os jornalistas devem buscar apreender a realidade dos fatos em sua completude – ou no máximo possível - em meio às limitações determinantes da prática jornalística. Isso é o que torna o trabalho diferenciado, que o destaca.

⁶⁹ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6043154/?s=0s>

diante do mecanicismo compulsório de alguns trabalhos jornalísticos, demarcados por espaço e tempo, limites editoriais e forças editoriais, a apreensão mais eficiente da realidade não só vai fornecer combustível mais completo para o debate público, como irá facilitar o aval do público. Isso gera reconhecimento e mais possibilidades de enfrentar os condicionantes, os obstáculos que vão limitar, mas não impedir eternamente que o jornalista sonhe com a transformação social; (VIZEU; CERQUEIRA, 2019, p. 13)

Um exemplo do acionamento da função pedagógica da “Apreensão da Realidade” se dá no trabalho de contextualização do racismo no esporte. No entendimento do problema a partir de diversas frentes – individual, estrutural, institucional - (ALMEIDA, 2019; SODRÉ, 2023) e no enfrentamento dele, com base, também, no ativismo.

A reportagem 31, “Atletas negros e as barreiras do racismo em esportes como a natação”⁷⁰, analisada na presente pesquisa traz consigo alguns elementos que auxiliar a visualizar a Apreensão da Realidade aplicada no Jornalismo Esportivo. Nela, o repórter Marcelo Courrage evidencia o cenário de poucos atletas negros na natação e o porquê isso acontece.

“O elemento primário da vida: água. Que não é só de beber. É de brincar. Afinal, quebrado o gelo do primeiro contato ela te abraça e não te deixa mais sair. Deveria ser um elemento para unir as pessoas. Infelizmente, nas melhores piscinas do mundo divide. Um racismo nada velado. De mitos criados para segregar. Loughborough é uma cidade na região central da Inglaterra. Sede do treinamento da seleção britânica de natação. A população não passa de 60 mil e é quase toda branca. Alice nasceu em Manchester, mas foi viver ali porque é uma nadadora de elite. Aos 23 anos, está entre as 10 melhores do mundo na maratona aquática. A sensação de não se ver representada nas piscinas é relativamente nova. A desigualdade racial nas piscinas daqui está longe de terminar. Mas, se aproxima de um marco importante. Caso tudo dê certo, no ano que vem em Tóquio, a Alice vai ser a primeira nadadora negra a representar a Grã-Bretanha numa edição de Jogos Olímpicos. Desde 1912, a Grã-Bretanha já recebeu duas edições dos Jogos, ambas aqui em Londres. Em 1948 e 2012, ainda assim naquela última disputa dentro desse parque aquático o time britânico era formado exclusivamente por nadadores brancos e o pior: o time brasileiro era quase igual. Etienne Medeiros é uma

⁷⁰ Reportagem “Atletas negros e as barreiras do racismo em esportes como a natação”, disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8891652/?s=0s>

das principais representantes do Brasil nas piscinas na atualidade. Em 2016, no Rio, ela se tornou a primeira nadadora negra a representar o país numa Olimpíada. E o Brasil tem maioria negra, 56,4% segundo o IBGE. Entre os homens, até hoje, o único medalhista olímpico negro da natação brasileira é o Edvaldo Valério, bronze no revezamento 4x100 nos Jogos de Sidney em 2000.”

A reportagem busca ilustrar através do acionamento da apreensão da realidade as barreiras enfrentadas por atletas negros nas piscinas do Brasil e do Mundo. Através do texto, o repórter denota compreender a realidade vivida pelos atletas, que mesmo em competições de alto rendimento, precisam lidar com um adversário mais cruel e implacável: o racismo.

Figura 31: Reportagem aciona a função pedagógica da apreensão da realidade



Fonte: Esporte Espetacular, 27/09/2020

Na reportagem, o repórter utiliza a natação para falar de racismo. Um racismo que como ele mesmo cita não é “nada velado”. Para isso, ele compreende a formação racial de uma cidade no interior da Inglaterra, sede dos treinamentos da seleção britânica, majoritariamente formada por pessoas brancas e relacionada com a realidade brasileira, que embora as pessoas negras sejam maiorias, existe proporcionalmente uma ausência delas nas piscinas brasileiras. O texto do repórter denota uma apreensão de uma realidade para além do fato, dos resultados nas piscinas, e mergulha nas raízes de um problema estrutural do Brasil.

Por fim, a última unidade de análise da categoria de Funções Pedagógicas, é a do saber escutar. De acordo com Vizeu e Cerqueira (2019), a consciência da necessidade do

silêncio e da escuta serve como parâmetro para os profissionais do jornalismo, em todo processo de produção da notícia: apuração, seleção e nomeação. Segundo os autores, jornalistas que não escutam, perguntam para si e respondem ao mesmo tempo. Em um ciclo de autoinformação. “Escutar fortalece o rigor do método, diminui a margem de erros grosseiros e permite enxergar a realidade nos contextos mais reais possíveis” (ibidem, 2019, p. 13).

Cremilda Medida (1982) também destaca a necessidade da escuta no processo jornalístico. A partir da sensibilização, subjetivação e humanização dos atores é possível construir diálogos e pontes entre as pessoas com o intuito de romper com problemáticas sociais. No contexto da cobertura sobre incidentes raciais, é fundamental que os jornalistas entendam que estão tocando em um assunto sensível para as vítimas. Que envolvem relembrar situações que ocasionaram muita dor. Logo, é necessário que seja uma escuta pautada na empatia e solidariedade.

Na reportagem 26 intitulada “Personalidades do esporte brasileiro debatem sobre o assassinato de George Floyd e relembram casos de racismo ocorridos por aqui”⁷¹, o repórter que conduziu – que no caso foi o ator e escritor Lázaro Ramos - destaca em sua fala inicial que tocar no racismo pode gerar desconforto para as vítimas. Mas, acentua que o poder da voz é um privilégio e faz disso sua arma.

“Como ficar calado? O assassinato de George Floyd gerou manifestações de atleta do mundo inteiro. Inclusive de brasileiros que também lembraram de casos de racismo que aconteceram aqui. “Foi muito importante ver atletas se posicionando contra o racismo. É preciso ter coragem para falar de um assunto tão delicado e doloroso. É claro que é escolha de cada um, a gente vai falar sobre isso e também sobre um atleta que sabe o poder transformador que tem nas mãos. “Quando eu era pequeno, quando eu era adolescente, meu sonho nunca foi virar uma voz que fala contra preconceito e hoje em dia eu falo e nem é uma fala prazerosa. Não tenho o menor prazer. Mas, pela situação que a gente vive e pelo privilegio que nós temos de ter uma voz, eu falo. Porque eu sei que pode tocar o coração de outras pessoas”.”

Neste momento, a reportagem inicia um bate-papo com o jogador Tchê Tchê. A entrevista conduz o atleta para pensar o racismo e tudo que implica. O atleta traz

⁷¹ Reportagem “Personalidades do esporte brasileiro debatem sobre o assassinato de George Floyd e relembram casos de racismo ocorridos por aqui”. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8609183/?s=0s>

depoimento de casos que já passou e ressalta sua própria jornada em prol do ativismo esportivo. A figura 32 (abaixo) apresenta um *frame* dessa entrevista.

Figura 32: Reportagem aciona o saber pedagógico do saber escutar



Fonte: Esporte Espetacular, 07/06/2020

Após o depoimento do Tchê Tchê, Lázaro Ramos destaca um cenário que se sucedeu mortes de crianças negras no Brasil e em como isso diz sobre o silenciamento de atletas negros.

“Mais uma das crianças que está sendo exterminada. A gente vem de um histórico já longo e toda semana a gente tem que tomar fôlego para seguir. Eu não sei como você viu essas últimas semanas para mim foi esse turbilhão de emoção. Existe também aqui no Brasil um histórico de silenciamento de atletas que se manifestaram”

Outros atletas são ouvidos durante a reportagem e ela mantém o tom de empatia e respeito. Compreende que falar em racismo, em muitos dos casos, é tocar em feridas abertas, que ainda não foram cicatrizadas. Inclusive, o próprio “repórter”, o Lázaro Ramos, se envolve com o tema e chora durante a reportagem.

Figura 33: O mediador da reportagem chora durante a matéria



Fonte: Esporte Espetacular, 07/06/2020

Tipo de narrativa: Com base nos estudos de Veiga e Moraes (2019) detalhados no capítulo 3, o objetivo dessa categoria é observar qual tipo de linguagem (objetiva x subjetiva) prevalece nas reportagens. Apenas uma opção deve ser marcada. Questão de múltipla escolha.

Segundo as autoras, algumas características definem a objetividade e a subjetividade dentro do jornalismo. Na narrativa que se baseia na subjetividade existe um envolvimento do repórter maior, por vezes até em 1ª pessoa, na presença do ativismo, na ênfase nas particularidades de cada caso, na não-exotificação e também na discussão de questões raciais enquanto um problema social. Segundo Veiga e Moraes (2019), existe uma defesa clara de uma causa.

Algo que não é visto com clareza na narrativa pautada na objetividade. De acordo com elas, existe uma prevalência do distanciamento dos fatos e de uma suposta isenção. Aqui, o jornalista se coloca numa posição externa ao fato. Se busca um universalismo e uma suposta neutralidade afim de assegurar o discurso objetivo. O jornalista que se guia pela narrativa objetiva não toma partido. Apenas reporta os acontecimentos com rigor e ética.

Segue abaixo exemplos de narrativa Objetiva e Subjetiva que foram identificadas nos textos dos repórteres nas reportagens analisadas:

Quadro 6: Exemplos da narrativa objetiva e subjetiva

Subjetiva	Objetiva
“Para atrair a atenção cada vez maior para o que chama de genocídio da população negra no Brasil, o Observatório Racial do Futebol decidiu usar a força do esporte para criar uma campanha. Com a participação de clubes, atletas e ex-atletas.” “Alcançada a tão visibilidade para a luta agora a discussão é qual o próximo passo a ser dado contra o racismo e não só pelos negros. Qual o papel do branco nessa história?”	“Ozil escreveu que não sente mais orgulho de vestir a camisa alemã. O motivo? A enxurrada de ofensas racistas e desrespeitosas que recebeu após pousar com o presidente da Turquia, que é visto como um chefe de regime repressor pelo ocidente. Os pais de Ozil são turcos e ele sempre mostrou orgulho das raízes. Mas, o encontro às vésperas da reeleição de Erdogan e um mês antes da Copa foi muito criticado. Alguns torcedores da

(Reportagem 25 ⁷²)	Alemanha e Políticos chegaram a questionar a lealdade de Ozil com o país”. (Reportagem 5 ⁷³)
“Quem aparece no meio da imagem em meio a um protesto é um homem negro. Imigrante. De pais africanos disposto a lutar por Justiça Racial nos Estados Unidos e é também o craque do momento da NBA. O grego Gianis Antetokoumpo se juntou nesta semana aos manifestantes na cidade de Milwaukee onde conseguiu o título de melhor na última temporada da Liga. Como ele, muitas estrelas do basquete foram as ruas ou se posicionaram na internet. Mais do que qualquer outra modalidade. Quer saber a razão? Então você precisa conhecer o Senhor dos Anéis” “Faça as perguntas. Confronte aqueles que julgar culpados. Todos temos culpa. Todos precisamos ser confrontados. Ninguém ganha direitos no mundo se acaba cedendo em seus princípios. Por isso são importantes as perguntas, porque homens que fizeram esses questionamentos sempre alcançaram seus objetivos ou foram seguidos por outros que chegaram lá” [trecho do Livro de Bill Russel é lido e encerra a reportagem] (Reportagem 27⁷⁴)	“O sofrimento do Marinho tem nome: racismo. Na última quinta-feira ele foi expulso na derrota do Santos para a Ponte Preta pelas quartas de final do Paulistão. 3 a 1 e eliminação. Durante a transmissão do jogo pela rádio Energia 97 FM, o comentarista Fábio Benedetti, foi questionado sobre o que diria para o Marinho em um grupo do WhatsApp. A indignação veio entre lágrimas nas redes sociais” Num texto, Marinho disse que perdoou Benedetti, mas pediu uma retratação e reforçou: que isso não se repita nunca mais, nem comigo nem com ninguém”. “O comentarista respondeu postando um vídeo”. (Reportagem 18⁷⁵)
“O Observatório da Discriminação Racial no Futebol publicou no início dessa semana que houve 50 casos de racismo no futebol brasileiro em 2019, o de ontem foi mais um. Para uma conta que não é pequena, é recorrente, é inadmissível. Revela não só o preconceito, mas problemas estruturais” “Imagens tristes, que envergonham. Miranda do Vasco não foi o primeiro e	“O menino tem 11 anos e é jogador de uma equipe de Uberlândia, no Triângulo Mineiro. O jogo aconteceu durante um campeonato em Caldas Novas.” “A Polícia Militar foi chamada e prestou um boletim de ocorrência.” Os Policiais disseram que o técnico negou as acusações e que ambas as partes entraram em acordo e encerraram de maneira pacífica.” A organização da Caldas Cup disse que

⁷² Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8161062/?s=0s>

⁷³ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/6892543/?s=0s>

⁷⁴ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8625432/?s=0s>

⁷⁵ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8743859/?s=0s>

provavelmente não será o último a sofrer racismo. Até quando?” (Reportagem 10 ⁷⁶)	repudia qualquer atitude racista dentro ou fora do evento. O pai do garoto mandou um vídeo” (Reportagem 19 ⁷⁷)
--	---

Fonte: Elaboração própria

Perfil da reportagem: A derradeira categoria busca avaliar qual o perfil de jornalismo pode ser identificado com base na classificação proposta por DONSBACH e PATTERSON (*apud* CAZZAMATTA, 2015). São duas opções disponíveis: Ativo-Advogatório e Passivo-Neutro.

Retomando o que foi detalhado no capítulo 4, a categoria Ativo-Advogatório diz respeito a junção Ativo e Advogatório (DONSACH; PATTERSON *apud* CAZZAMATTA, 2015). Esta categoria aponta para um papel baseado na defesa clara a favor de uma posição. Existe a explícita defesa por algum grupo social específico ou por alguma visão ideológica. Dispõe de sua liberdade de ação durante apuração e preparação do produto jornalístico. Mesmo que a apuração se origine a partir de preceitos ancorados na Objetividade, esta categoria possui uma interface clara com as subjetividades e dialoga com o ativismo.

É comum o uso de expressões usadas na forma ativa, indo de encontro a uma visão baseada na neutralidade. Na classificação de McQuail (2006) as características da categoria Ativo-Advogatório se aproximam das especificidades trazidas ao autor para o papel “Radical” que pode ser atribuído ao jornalismo. De acordo com ele, neste papel o jornalista defende uma causa ou uma crença, minoria ou outro grupo vitimado. Frequentemente, há um ponto fundamental: o desafio à sociedade e à sua estrutura econômica e de poder. No entanto, é importante demarcar que a categoria Ativo-Advogatório não nega a objetividade, pelo contrário, o intuito dela é averiguar de que forma as subjetividades do repórter e do jornalista são incorporadas dentro da dinâmica do discurso objetivo.

A categoria Passivo-Neutro surge através da junção dos perfis Passivo e Neutro (DONSACH; PATTERSON *apud* CAZZAMATTA, 2015). Esta categoria aponta um papel do jornalismo baseado na simples mediação dos fatos. Predomina a posição do

⁷⁶ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8161062/?s=0s>

⁷⁷ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9112889/?s=0s>

profissional que busca a neutralidade, a de não tomar partido. O habitual desta posição é uma rotina de cobertura tratada com distância e equilíbrio, ou seja, o horizonte é guiado a partir exclusivamente da Objetividade, sem interferências das subjetividades e do potencial papel ativista que este possa ter.

Essa categoria se assemelha ao papel de “Monitorador” descrito por McQuail (2006) ao qual ele determina que o jornalismo se relaciona com a ideia de vigilância, onde o jornalismo monitora o mundo social afim de encontrar, processar e publicar notícias objetivas e confiáveis. Não existe qualquer busca pelo ativismo ou o deslocamento do olhar da objetividade para a subjetividade. A prevalência é pela sua característica de apurar, processar e publicar informações.

Em suma, quando houver elementos de ativismo e de uma reportagem que tende a deslocar a perspectiva da objetividade para a subjetividade, seja através do olhar pessoal do repórter, seja através do uso de expressões de combatividades como: Lutar, Exigir, Defender, ou também da linguagem visual, a categoria ATIVO-ADVOGATÓRIO é a que estamos observando. Por outro lado, se a perspectiva da objetividade e distanciamento do objeto se prenda apenas em reportar os fatos sem se esforçar numa luta pelo ativismo o que predomina é a categoria PASSIVO-NEUTRO.

Segue abaixo um quadro comparativo com as características das categorias Ativo-Advogatório e Passivo-Neutro a partir da intersecção com as outras categorias analisadas. O quadro leva em conta uma análise preliminar existente do material.

Quadro 7: Comparação entre as categorias Passivo-Neutro e Ativo-Advogatório

	PASSIVO-NEUTRO	ATIVO-ADVOGATÓRIO
Narrativa objetiva	✓	×
Narrativa subjetiva	×	✓
Ativismo Esportivo	×	✓
Ativismo	×	✓
Todas funções pedagógicas acionadas	×	✓
Características do jornalismo esportivo	✓	✓
Hard News	✓	×
Soft News	×	✓

Fonte: Elaboração própria

5.1.9. Amostragem da pesquisa

Sampaio e Lycarião (2021, p. 68) consideram a ideia de amostra ou amostragem um aspecto muito comum não apenas nos estudos que envolvem análise de conteúdo, como também “nos diversos tipos de pesquisas que se veem diante do desafio de produzir resultados significativos ou representativos a partir de uma seleção da população a ser pesquisada; ou seja, sem analisar a totalidade de unidades ou indivíduos dessa população”. Pode-se dizer que uma amostra é representativa no momento em que “ela leva a conclusões que são aproximadamente as mesmas que aquelas que se alcançaria caso toda a população fosse pesquisada” (KRIPPENDORFF, 2004, p. 112).

De acordo com Neuendorf (2002, p. 83), “amostragem é o processo de se selecionar um subconjunto de unidades para o estudo da população como um todo”. O termo população aqui é utilizado, de acordo com Sampaio e Lycarião (2021) para se referir não apenas a conjuntos de indivíduos (humanos), mas a qualquer ser ou objeto que se almeja investigar.

A amostragem da presente pesquisa compreende as reportagens que tem como tema geral conflitos étnico-raciais no esporte. A plataforma do Globoplay foi utilizada como o campo de busca das reportagens. O recorte temporal compreende materiais publicados entre os anos de 2017 e 2021.

Para chegar até as reportagens o seguinte caminho foi adotado: acesso ao site Globoplay.com > campo de busca. No campo de busca, seis diferentes conjuntos de pesquisa foram utilizados para tentar esgotar ao máximo os resultados. Foram eles: “Racismo⁷⁸ + Futebol”, “Racismo + Esporte”, “Preconceito racial⁷⁹ + futebol”, “Preconceito racial + Esporte”, “Injúria racial⁸⁰ + futebol” e “Injúria racial + Esporte”. Ao todo, 90 resultados foram obtidos a partir dos filtros de pesquisa, sendo esses em primeira vista o número obtido sem repetições e/ou materiais duplicados. Porém, esse

⁷⁸ O crime de racismo atinge uma coletividade indeterminada de indivíduos, discriminando toda a integralidade de uma raça, ele é inafiançável e imprescritível. (BRASIL, 1997)

⁷⁹ O preconceito racial se baseia em estereótipos impostos a grupos racializados e que pode resultar ou não em práticas discriminatórias. Por sua vez, a discriminação tem como requisito fundamental o poder, ou seja, a possibilidade efetiva do uso da força, sem o qual não é possível atribuir vantagens ou desvantagens por cima da raça. (ALMEIDA, 2019).

⁸⁰ Injúria racial consiste em ofender a honra de alguém se valendo de elementos referentes à raça, cor, etnia, religião ou origem (BRASIL, 1997).

número reduziu para 36 quando foi restringido apenas os materiais com o formato de reportagem – cujo será analisado.

O número de reportagens analisadas por ano:

2017: 4 reportagens

2018: 2 reportagens

2019: 9 reportagens

2020: 15 reportagens

2021: 6 reportagens

Por programa encontrado, o Esporte Espetacular lidera a lista com 11 matérias, seguido pelo Globo Esporte/SP com 4 e pelo Globo Esporte/RJ com 3. Outros 16 programas/jornais também foram identificados na observação:

Bom dia Brasil, Globo Esporte/PE, Jornal Nacional, Bom dia Amazônia – RO, Jornal Hoje, Globo Esporte/PI, Globo Esporte/MT, Globo Esporte/MG, Bom dia Rio Grande, RBS Notícias, Globo Esporte/PI, JA 1ª Edição, MTTV 2ª Edição – Cuiabá, Bom dia Alagoas, Globo Esporte/PA.

Após a definição dos recortes temporais e da amostragem, a produção da pesquisa visou produzir uma planilha com os dados referentes a amostragem, sendo eles: Título da matéria encontrada no Globoplay, o ano que o conteúdo foi exibido, qual o veículo a matéria foi transmitido, a URL de acesso ao material e qual foi a busca realizada, repórter e o formato (reportagem) para chegar a tais resultados. A catalogação da amostra da pesquisa pode ser consultada no APÊNDICE C.

6 RESULTADOS

Para a fase de Análise, as 19 categorias de análise, detalhadas no capítulo anterior, foram submetidas em um Formulário do Google⁸¹ para aplicação de acordo com o Livro de Códigos⁸² da presente pesquisa. Os dois documentos serão anexados na seção de Apêndice.

A partir da aplicação do formulário nas reportagens com auxílio do Livro de Códigos foi possível criar resultados quantitativos no que se refere ao Perfil e as Configurações das reportagens, com o foco em responder os problemas de pesquisa propostos e detalhados anteriormente. Na sequência, serão descritos e exemplificados com a análise qualitativa a forma como as categorias trazem inferências para se pensar o comportamento do Jornalismo no contexto de tematização de conflitos étnico-raciais.

6.1. Análise quantitativa

A análise foi alcançada através dos métodos da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021) e do Estudo de Caso (YIN, 2001). Para a exposição dos resultados optou-se por seguir a ordem de seções que as categorias e unidades de análise foram divididas. Na seção de apêndice serão anexados os resultados da análise quantitativa obtidas através do Google Formulário, bem como o Livro de Códigos utilizado durante a análise.

6.1.1 Categorias de Identificação do Conteúdo, do programa e do veículo

O Corpus da pesquisa compreende 36 reportagens que foram encontradas dentro da plataforma do Globoplay conforme descrito no capítulo anterior. No que se refere a data de exibição 6 reportagens foram do ano de 2021, 15 do ano de 2020, 9 do ano de 2019, 2 do ano de 2018 e 4 do ano de 2017. O quadro abaixo apresenta as reportagens organizadas a partir do mês e ano.

⁸¹ Formulário da pesquisa: <https://forms.gle/gdmvthet1J1L985k9>

⁸² Para acessar o Livro de Códigos consulte o APÊNDICE A

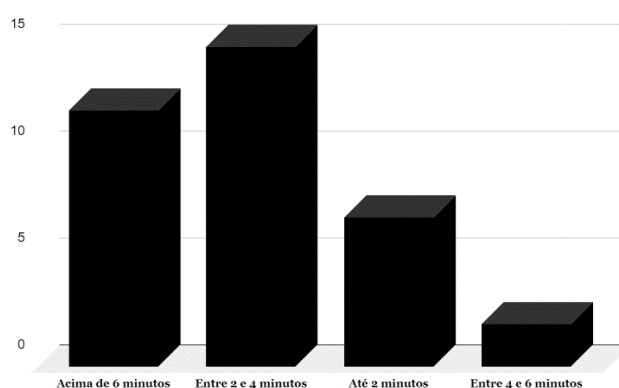
Tabela 1: Número de reportagens disposto por ano e meses

Ano	Quantidade de reportagens	Meses
2017	4	Mai, Jul, Nov (2x)
2018	2	Mar, Jul
2019	9	Set (2x), Nov (3x), Dez (4x)
2020	15	Jan, Fev (2x), Jun (2x), Jul, Agos (3x), Set (2x), Nov, Dez (3x)
2021	6	Mar, Jul, Ago, Out, Nov (2x)

Fonte: Elaboração própria

No que se refere ao tempo das reportagens, 41,7%, ou seja 15 delas, tiveram duração entre 2 e 4 minutos; 33,3% ou 12 reportagens tiveram mais que 6 minutos; 7 reportagens tiveram até dois minutos, equivale a 19,4%; e 2 reportagens tiveram entre 4 e 6 minutos.

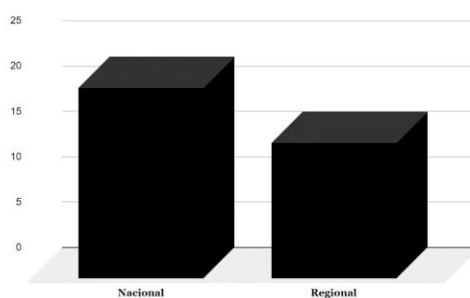
Gráfico 1: Tempo das reportagens analisadas



Fonte: Elaboração própria

Sobre a escala do programa, 21 reportagens corresponderam a escala Nacional (58,3%) e 15 reportagens corresponderam a escala Regional, segundo classificação proposta por Aguiar (2012).

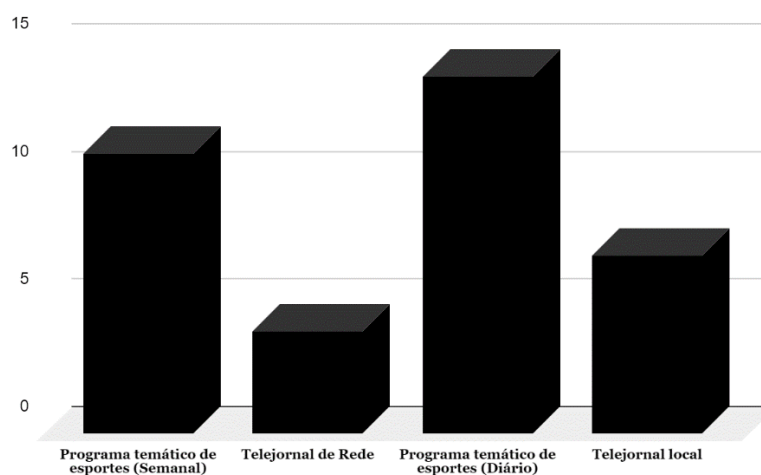
Gráfico 2: Escala das reportagens analisadas



Fonte: Elaboração própria

No que se refere o tipo de programa, com 14 reportagens, programa temático de esportes diário (38,9%) foi o mais encontrado, seguido do programa temático de esportes semanal com 11 reportagens (30,6%) e o telejornal local, com 7 reportagens (19,14%). O telejornal de rede, por fim, aparece com 4 reportagens (11,1%). Somados, os programas focados em esportes correspondem a 69,5% das reportagens, enquanto que programas não-esportivos somam 30,5%.

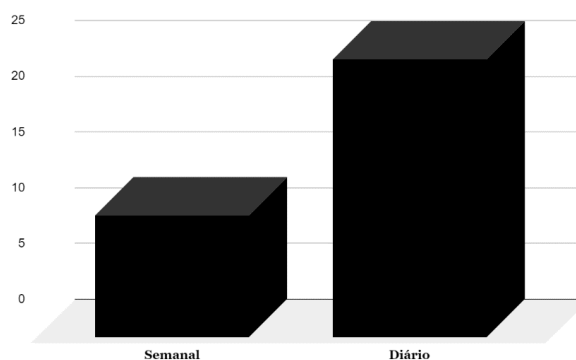
Gráfico 3: Tipo de programa analisado nas reportagens



Fonte: Elaboração própria

A periodicidade foi do programa noticioso foi outra categoria observada. Nela, através dela foi possível constatar que os programas diários (69,4%), ou seja, 25 reportagens, foram os mais encontrados. Na sequência, aparecem os programas semanais com 11 reportagens (30,6%).

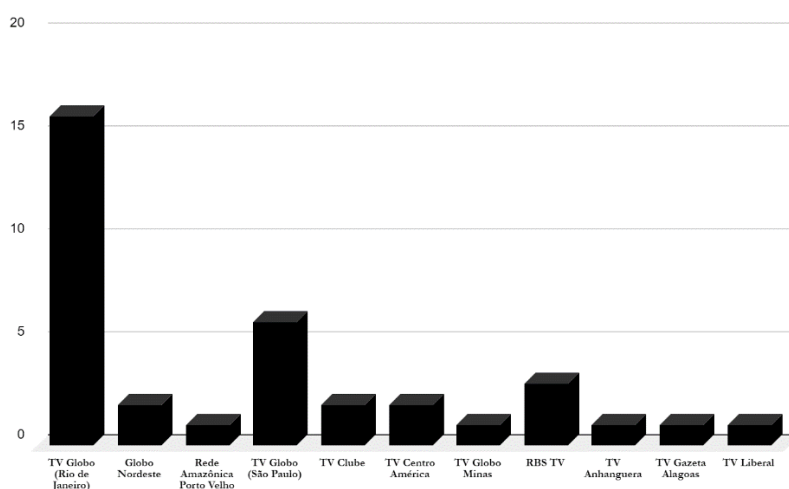
Gráfico 4: Periodicidade dos programas analisados



Fonte: Elaboração própria

Na seção de identificação também foi proposto a análise de quais emissoras exibiram as reportagens investigadas. A TV Globo/RJ aparece à frente no primeiro lugar com 16 reportagens computadas (44,4%), na sequência aparecem a TV Globo/SP com 6 reportagens (16,7%) e a RBS TV com 3 reportagens (8,3%); com 2 reportagens cada aparecem a TV Clube, a TV Centro América e a TV Globo Minas; com 1 reportagem analisada aparecem a Rede Amazônica Porto Velho, a TV Anhanguera, a TV Gazeta Alagoas e a TV Liberal.

Gráfico 5: Resultados das emissoras analisadas

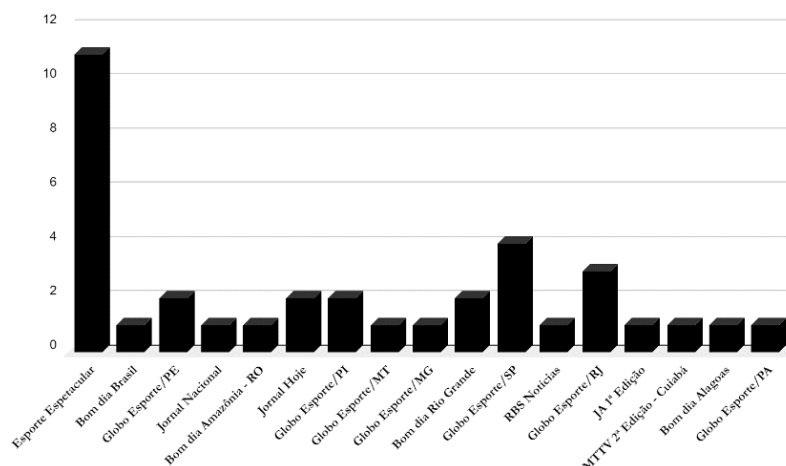


Fonte: Elaboração própria

Vale destacar que a soma das reportagens de emissoras próprias da Rede Globo soma 25 reportagens (69,4%), enquanto que as emissoras afiliadas computaram 11 reportagens (30,6%).

Por fim, foi observado o programa mais recorrente entre as reportagens analisadas. O Esporte Espetacular aparece em primeiro lugar com 11 reportagens (30,6% do total), seguido pelo Globo Esporte/SP com 4 reportagens (11,1%) do Globo Esporte/RJ com 3 reportagens (8,3%), do Globo Esporte/PE com 2 reportagens (5,65%) e outros 16 programas que somaram uma reportagem cada.

Gráfico 6: Resultados dos programas mais recorrentes na análise



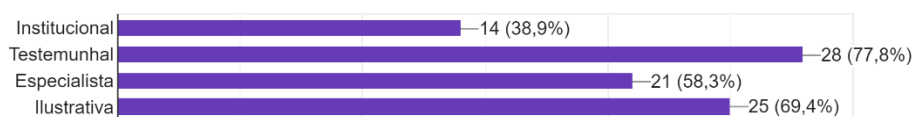
Fonte: Elaboração própria

6.1.2 Categorias sobre a reportagem

As categorias e unidades de análises sobre a reportagem visam buscar traçar um panorama sobre de que forma essas reportagens são compostas, levando em conta as fontes, o tipo e o tema da reportagem.

Sobre as fontes, a análise quantitativa identificou que as fontes testemunhais foram as mais recorrentes, sendo recorridas em 28 das 36 reportagens (77,8%). Na sequência aparecem as fontes ilustrativas com 25 reportagens (69,4%); depois as especialistas com 21 reportagens (58,3%); as fontes institucionais estão em 14 das 36 reportagens (38,9%); por fim, a categoria “outros” esteve presente em 6 reportagens (16,7%), nela é possível destacar o uso de capturas de telas de posts em redes sociais, documentos e livros.

Gráfico 7: Tipos de fontes mais presentes na análise

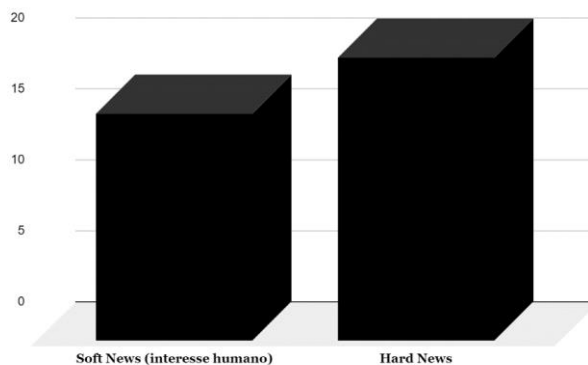


Fonte: Elaboração própria

No que se refere o tipo de reportagem, duas opções eram possíveis de serem assinaladas: o tipo “Hard News” e o “Soft News”. O primeiro tipo foi predominante em

20 das 36 reportagens (55,6%), enquanto que o segundo foi preponderante em 16 das 36 (44,4%).

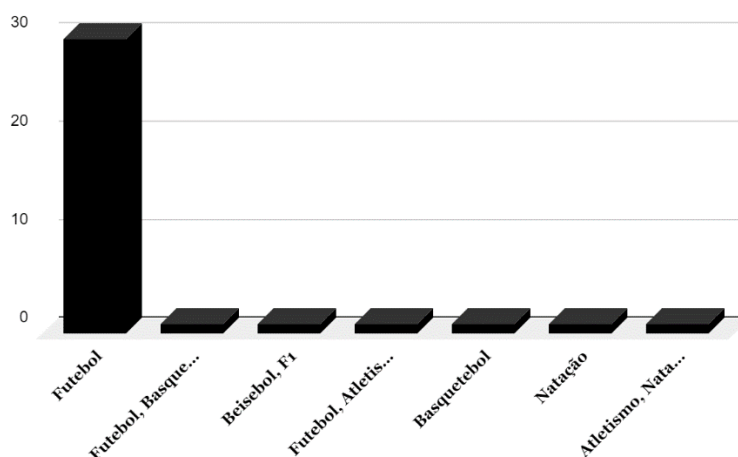
Gráfico 8: Tipo de reportagem mais encontrada na análise



Fonte: Elaboração própria

O Futebol foi o esporte mais encontrado entre as reportagens analisadas. Ele esteve presente em 32 das 36 reportagens, o que resulta em 88,9% de todo o corpus da pesquisa. Na sequência, a natação aparece com 3 reportagens (5,6%), basquete e atletismo com 2 reportagens (5,6%), e Beisebol, Ginástica, Tênis e Taekwondo com 1 cada. Lembrando que nessa categoria mais de uma modalidade esportiva poderia ser marcada.

Gráfico 9: Esportes mais encontrados na análise



Fonte: Elaboração própria

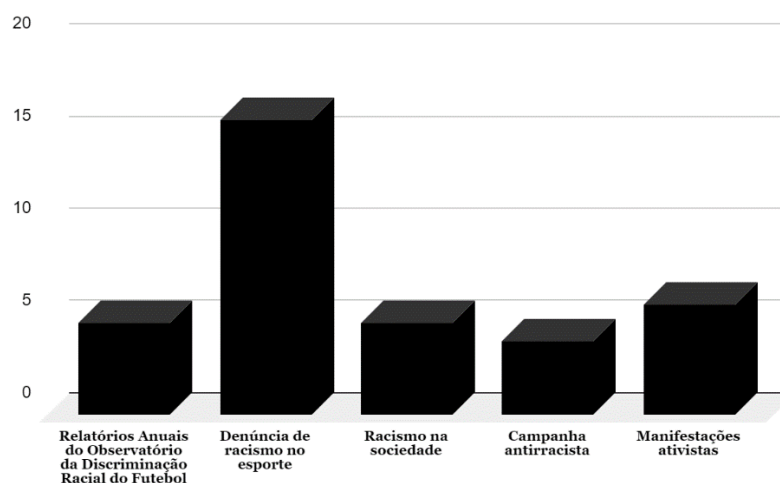
Na sequência foi observado qual foi o tema central das reportagens analisadas. A observação levou em conta o assunto preponderante, embora outros assuntos correlatos possam aparecer na reportagem, foi necessário escolher apenas uma opção nesta categoria.

Sendo assim, “Denúncia de racismo no esporte” foi o tema mais encontrado. Ele esteve presente em 16 das 36 reportagens analisadas (44,4%). Por ano, foram identificadas 6 reportagens no ano de 2020, 5 em 2019, 2 em 2018, 2 em 2021 e 1 em 2017.

Na sequência, as “Manifestações Ativistas” aparecem com 6 reportagens (16,7%). Foram 5 reportagens com tema central neste assunto em 2020 e 1 em 2021. Empatados na terceira posição aparecem as unidades “Racismo na sociedade” e os “Relatórios Anuais do Observatório”, ambos foram encontrados em 5 reportagens (13,9%). Enquanto que “Racismo na Sociedade” as reportagens foram identificadas 2 em 2021, 2 em 2017 e 1 em 2020, os “Relatórios Anuais do Observatório” foram observados em 2019 (3 reportagens), em 2017, (1 reportagem) e em 2021 (1 reportagem).

Por fim, a unidade “Campanha Antirracista” foi percebida em 4 reportagens (11,1%), sendo 3 em 2020 e 1 em 2019.

Gráfico 10: Tema central das reportagens analisadas



Fonte: Elaboração própria

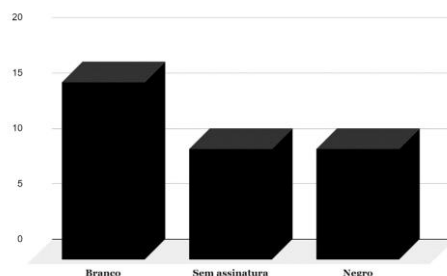
6.1.3 Categoria sobre o/a repórter

Esta categoria busca observar quais traços fenotípicos correspondem aos repórteres que assinaram as reportagens analisadas. O processo utilizado foi o de heteroidentificação.

A partir desses recortes, 16 repórteres foram lidos como pessoas brancas das 36 reportagens, o que dá 44,4% do total. Na sequência, 10 repórteres foram lidos como

pessoas negras (27,8%). Outras 10 reportagens não tiveram a assinatura do repórter, comumente no telejornalismo realizada através da passagem, logo não foi possível realizar o processo de heteroidentificação.

Gráfico 11: Fenótipos mais encontrados dos repórteres na análise

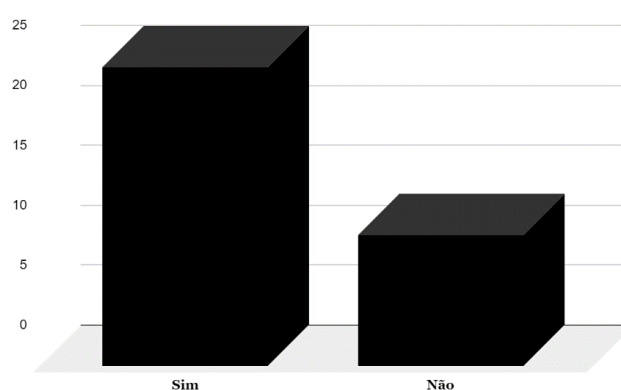


Fonte: Elaboração própria

6.1.4 Categorias sobre o Ativismo

O objetivo era identificar a presença e ausência de elementos que remetam ao ativismo esportivo e negro nas reportagens estudadas. No que se refere ao ativismo esportivo, ele esteve presente em 25 das 36 reportagens, ou seja em 69,4% delas. Nas outras 11 reportagens não foi possível apontar elementos do ativismo esportivo, conforme foi elencado nos capítulos anteriores.

Gráfico 12: Presença e ausência de ativismo nas reportagens analisadas

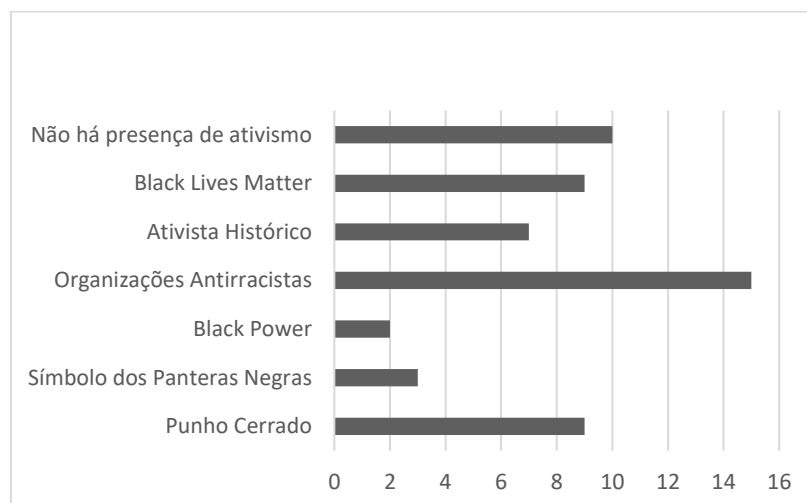


Fonte: Elaboração própria

No que tange aos elementos visuais do Ativismo Negro foi possível identificar que em 15 reportagens houveram aparições desses elementos referentes as organizações antirracistas (41,7%); Na sequência, a opção “Não houve ativismo” foi identificada em

10 reportagens (27,8%); empatados na terceira posição, aparecem o Punho Cerrado e o *Black Lives Matter* que foram identificados em 9 reportagens (25%); a unidade de análise ativista histórico foi observada em 7 reportagens (19,4%); o símbolo dos Panteras Negras em 3 reportagens (8,3%) e o Black Power em 2. No tópico referente a análise qualitativa será possível observar os cenários mais recorrentes que esses elementos foram utilizados.

Gráfico 13: Presença de ativismo negro (elementos visuais) nas reportagens analisadas



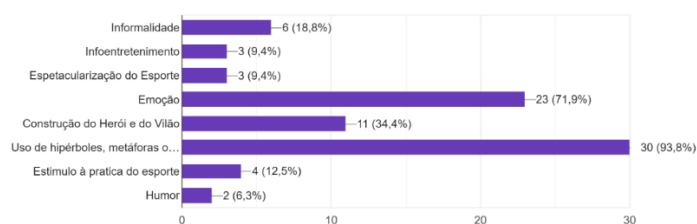
Fonte: Elaboração própria

6.1.4 Categorias sobre o Jornalismo

As categorias e unidade de análise referentes ao Jornalismo têm o objetivo de verificar a atuação jornalística com base em conceitos do Jornalismo Esportivo (BARBEIRO; RANGEL, 2006; BUENO, 2005; CAMARGO, 2001; CARDOSO, 2018; OSELAME, 2012), Pedagogia do Telejornalismo (VIZEU; CERQUEIRA, 2019) e na classificação dos papéis atribuídos ao jornalista feita por Donsbach e Patterson (*apud* Cazzamatta, 2015).

Entre as características do jornalismo esportivo, o uso de hipérboles, metáforas ou superlativos foi o mais recorrente entre todas as reportagens analisadas (30/36). O recurso da emoção também apareceu com uma certa frequência (23/36), seguido pela construção do herói e do vilão (11/36) e pela informalidade (6/36). Por outro lado, as unidades de análise “estímulo à prática do esporte (4/36), infoentretenimento (3/36), espetacularização do esporte (3/36) e o humor (2/36) foram as menos presentes.

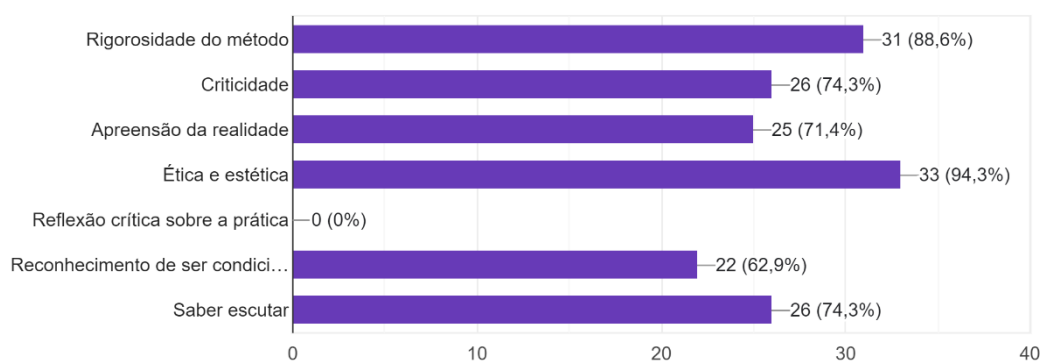
Gráfico 14: Presença das características do jornalismo esportivo nas reportagens analisadas



Fonte: Elaboração própria

As funções pedagógicas do telejornalismo propostas por Vizeu e Cerqueira (2019) foi outra categoria observada. Depois da análise é possível apontar que a função da ética e estética foi a mais presente entre todas, em 33 das 36 reportagens, ou 94,3%. O rigor do método vem na sequência, sendo observada em 31 das 36 reportagens (88,6%); a função de saber escutar foi a terceira mais identificada empatada com a criticidade, ambas aparecem em 26/36 (74,3%); a apreensão da realidade tem uma a menos, e foi contabilizada em 25 reportagens (71,4%) e, por último, a função de reconhecimento de ser condicionado que esteve em 22 das 36 matérias analisadas (62,9%). A reflexão crítica sobre a prática não foi observada em nenhuma reportagem.

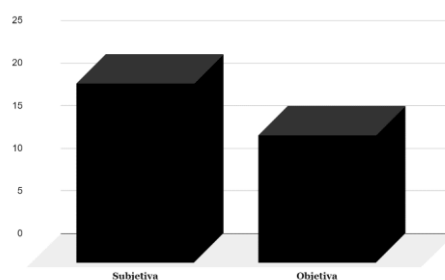
Gráfico 15: Funções pedagógicas nas reportagens analisadas



Fonte: Elaboração própria

No que se refere ao tipo de narrativa do jornalismo, a subjetiva prevaleceu. Ela esteve presente em 21 das 36 reportagens (58,3%), enquanto que a narrativa objetiva foi identificada em 15 reportagens (41,7%).

Gráfico 16: Tipo de narrativa das reportagens analisadas



Fonte: Elaboração própria

Por fim, a última categoria da análise procurou responder sobre o perfil da reportagem: Ativo-Advogatório ou Passivo-Neutro. Após a observação a partir das diretrizes detalhadas no capítulo anterior, foi possível identificar que o perfil Ativo-Advogatório foi o mais encontrado nas 36 reportagens, estando presente em 21 delas (58,3%). O perfil Passivo-Neutro, por sua vez, foi visto em 15 reportagens (41,7%).

6.2 Análise qualitativa

A partir da análise dos resultados dos dois perfis supracitados é possível construir um diagnóstico qualitativo das reportagens analisadas na presente pesquisa. Embora numericamente a categoria Ativo-Advogatório tenha sido mais encontrada, vale destrinchar componentes recorrentes que tiveram neste perfil e no Passivo-Neutro, afim de encontrar caminhos recorrentes e ausências sentidas.

6.2.1. Diagnóstico do perfil Ativo-Advogatório

A primeira coisa que vale observar nas reportagens que tiveram o perfil Ativo-Advogatório como predominante foi a presença do ativismo em todas as matérias – seja o ativismo negro, seja o ativismo esportivo. Na verdade, essas duas categorias de análise não foram observadas na categoria Passivo-Neutro.

O ativismo esportivo (GALILY, 2019) parte de um local de análise e enfrentamento público de atores do mundo do esporte diante de uma conjuntura política que é desigual, preconceituosa e racista. Logo, trazer à tona a visão de atletas engajados,

imersos nas problemáticas sociais ao qual estão inseridos, rompe com a falácia de atletas – e mais precisamente jogadores de futebol – serem alienados para essas questões.

Dentro da categoria Ativismo Esportivo, por exemplo, foi possível notar que todas as reportagens que tiveram como tema “Manifestações Ativistas, “Racismo na Sociedade” e os “Relatórios Anuais da Discriminação Racial do Futebol” tiveram em seu perfil final a postura Ativa-Advogatória. Ao contrário do tema “Denúncia de Racismo”, que dialoga diretamente com algo factual e o hard news, essas outras unidades de análise lidam com um tema contextualizado, problematizado e estrutural.

No que tange o Ativismo Negro, dentro de reportagens de perfil Ativo-Advogatório, o que se observou predominantemente foi o recurso da narrativa subjetiva. Ou seja, mais do que a busca pela mediação dos fatos, pelo rigor do método, e pela objetividade, essas reportagens buscaram lidar com as subjetividades, do repórter, das fontes e, principalmente, dos atores envolvidos. O que dialoga com o fato de o tipo de reportagem ser “Soft News”, reportagens de interesse humano. O uso de figuras políticas e ativistas históricas, e suas humanizações, a busca por entidades engajadas na luta antirracista, a representação de figuras de luta e combate ao racismo, como o punho cerrado, enfim, é notável que essas reportagens se esforçam em situar o antirracismo dentro do esporte.

O que nos faz pensar sobre de que forma a objetividade e, dentro da nossa análise, a categoria Passivo-Neutra, tem deixado de incorporar tais possibilidades. A prevalência do tipo de narrativa objetiva, andou de mãos dadas com a ausência de ativismo negro e do ativismo esportivo. É possível afirmar que, neste contexto, foram fenômenos antagônicos, para ser uma reportagem do perfil ativa-advogatória, ela necessariamente precisava ter a narrativa subjetiva, se distanciar da objetividade, e abraçar elementos do ativismo negro e esportivo. E vice-versa.

Continuando o passeio sobre o diagnóstico das categorias, em 100% das reportagens do perfil Ativo-Advogatória tiveram a narrativa subjetiva. Essas reportagens visaram construir um papel de atribuição de significados aos fenômenos sociais (CHAPARRO, 1994), mas não somente. O dialogismo e sensibilização ao tema (SODRÉ, 1999) reforçaram o anseio por uma construção sobre a tematização do racismo no esporte de forma complexa, de ordem variada, e principalmente, partindo da humanização dos atores envolvidos. O uso da “Emoção”, recurso comumente visto no Jornalismo Esportivo, aqui usado para humanizar corpos violentados, foram incorporados

nesse perfil de reportagem, mas o que se destaca mesmo é a recorrência do acionamento das funções pedagógicas (VIZEU; CERQUEIRA, 2019).

Essas reportagens tiveram um alto grau de criticidade, apreensão da realidade e do reconhecimento de ser condicionado. Juntos, tais recursos dialogam com um jornalismo que busca a transformação social (FREIRE, 2019). Existe um reconhecimento de um cenário longe do ideal, e que estruturas condicionam tais fenômenos – aqui, sendo o racismo -, porém através de exemplos de ações ativistas (individuais e coletivas), do reconhecimento de uma problemática que existe a partir de diversas fontes, para além do problema individual, e principalmente, no tom crítico de exigência de mudança e perspectiva, que as reportagens do perfil Ativo-Advogatória se colocam como combatentes ao racismo no esporte. Não meras reprodutoras de acontecimentos do mundo social, do factual, de uma “isenção” ou de “dessensibilização sobre o tema”, há um esforço para compreender, investigar e apontar caminhos possíveis para romper com este cenário.

O que nos leva a uma outra análise possível dentro do recorte do perfil Ativo-Advogatório. Este tipo de reportagem descrito acima foi mais identificado em reportagens que foram assinadas por jornalistas fenotipicamente negros. Isso não quer dizer que jornalistas fenotipicamente brancos não tenham contribuído no perfil Ativo-Advogatório, em números consolidados eles, inclusive são maioria. Porém, ao observar o a relação proporcional é possível afirmar que dentro da análise com os procedimentos e métodos descritos anteriormente, mais repórteres fenotipicamente negros tiveram em seus perfis de reportagem Ativo-Advogatório. Enquanto que dos 16 repórteres brancos, 8 tiveram este perfil, entre os repórteres fenotipicamente negros foram 7 de 10.

A partir disso é possível dizer que mais que uma mera representação ilustrativa de uma etnia-racial, em tais repórteres (bem como o restante da equipe que produziu as reportagens), existe um esforço maior em propiciar ações de afirmação nestes espaços de poder que é a mídia e o jornalismo. Stuart Hall (1997), Shakuntala Banaji (2019) e Muniz Sodré (2015) ressaltam esta importância de compreender como as práticas de representação relativas à raça na comunicação podem mudar e também contribuir com as pautas da justiça social. Logo, observar que a categoria que se ancora no ativismo, na subjetividade e na participação do jornalismo no combate as mazelas sociais, neste caso contra o racismo, não são aleatórias partindo das minorias afetadas. Embora, não seja

possível determinar que este tenha sido o fato motor para o cenário visto já que não foi feita uma análise individual dos jornalistas e o processo de criação de uma reportagem na televisão é feito por um conjunto de profissionais em uma cadeia produtiva complexa.

Outra categoria que é possível destacar e inferir resultados é o tipo de fonte utilizada por cada perfil de reportagem. Na categoria Ativo-Advogatório, as fontes testemunhais, especialistas e ilustrativas foram as mais recorrentes. A partir da presença delas, é possível afirmar que no perfil de reportagem Ativo-Advogatório houve a tendência em buscar observar o fenômeno do racismo no esporte a partir de três frentes: a vítima do fato atual, outras vítimas e/ou agentes envolvidos em outros casos de racismo e fontes que trazem um olhar de observação esclarecedora sobre o assunto, com um papel de dimensionar a amplitude e a complexidade que envolve o racismo.

Vamos a um exemplo. Na reportagem “Relatório anual mostra casos de racismo no esporte em 2020”⁸³, de 09/10/2021”, exibida pelo Globo Esporte SP, assinada pelo repórter Diego Moraes, fenotipicamente negro. A primeira fonte que aparece na matéria é uma especialista. Marcelo Carvalho, diretor executivo do Observatório da Discriminação Racial do Futebol. Abaixo segue a transcrição na íntegra do que é dito por ele:

“Racismo é crime, mas sem julgamento não é crime”. Ele destaca em sua fala inicial a necessidade de analisar o racismo como crime previsto em lei. A precisa da fonte especialista delimita, em sua primeira inserção, que o julgamento é necessário para punir casos de racismo no esporte. Ou seja, existe uma análise crítica em um cenário de ausência de julgamentos para casos de racismo no futebol.

Na sequência, o ex-jogador e agora comentarista Grafite é a segunda fonte a aparecer na reportagem. Ele declara: “Só vai ter melhora quando tiver pessoas negras julgando, não pessoas negras sendo as vítimas”. Grafite, neste caso, pode ser considerada uma fonte ilustrativa, pois enquanto jogador ele passou por situações de injúria. Em sua fala, ele aponta outro aspecto do julgamento: a necessidade de pensar pessoas negras em cargos de gestão no judiciário.

⁸³ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9933484/?s=0s>

Após isso, o repórter traz os dados referentes ao Decreto Lei nº 2.848/1940, referente a pena de injúria racial e emenda nos números atualizados do novo Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol organizado e publicado pelo Observatório.

“O 7º Relatório Anual da Discriminação Racial do Futebol feito pelo Observatório foi lançado no Museu do Futebol, em São Paulo. Durante a pandemia da Covid-19, as arquibancadas vazias contribuíram para uma queda no número de casos. De 154 em 2019 para 76 em 2020, mas destes 76 apenas 2 foram julgados”. Em seu texto, o repórter contextualiza o racismo no futebol e problematiza a ausência de julgamentos, mesmo em um cenário de queda do número de casos. Aqui é possível observar o acionamento das funções pedagógicas criticidade, apreensão da realidade e reconhecimento de ser condicionado.

“O primeiro foi em março de 2020, os torcedores do Santos ofereceram ofensas raciais num jogo da Libertadores e a Conmebol multou o Defensia e Justicia em vinte mil dólares. O outro caso aconteceu na partida Flamengo x Bahia pelo Brasileirão do ano passado, no Maracanã. Segundo o meio campo Gerson, o colombiano Indio Ramirez, jogador do Bahia, falou para ele “Cala a boca, negro”. Na súmula da partida o arbitro Flávio Rodrigues de Sousa relatou que não ouviu o episódio. O então jogador do Flamengo registrou boletim de ocorrência, em abril o MP decidiu arquivar o inquérito”, complementa o repórter em seu Off.

Após isso, vem a segunda inserção de Marcelo Carvalho, a fonte especialista. “O que a gente percebeu foram ações isoladas, posicionamentos isolados de alguns clubes e de alguns jogadores”. Em sua segunda inserção, a fonte especialista analisa o contexto de posicionamentos individuais e isolados em casos de racismo no futebol brasileiro. Embora o ativismo esportivo seja algo presente em tal contexto, isso não quer dizer que ele sempre estará presente em clubes e entidades. Esta é a análise do especialista. Ele dimensiona um aspecto importante do contexto brasileiro: a pulverização dos protestos efetivos.

A reportagem volta para o off do repórter que continua: “Único técnico preto da série A questionou em entrevista à Folha de São Paulo, a falta de outros treinadores pretos no futebol do Brasil”. Após isso, entra uma sonora do ex-auxiliar técnico da Seleção Brasileira, um homem negro, César Sampaio, que neste caso pode se encaixar como outra fonte ilustrativa: “Durante muito tempo na história não só do nosso país, mas do mundo,

nós negros somos cerceados de alguns direitos”. A sua inserção é importante para problematizar uma ausência história de direitos, de reconhecimento, nas pessoas pretas do Brasil. A fala se encaixa com a sonora anterior que em tom de crítica e incomodo diante do cenário de poucos treinadores negros em cargos de gestão e decisão no futebol brasileiro.

Após isso, a reportagem volta para o OFF do repórter: “Em 2021, já foram registrados 41 casos de injúria racial no futebol brasileiro”. A fonte especialista novamente é acionada para explicar a situação: “É que existem muitos casos de racismo que são praticados por quem deveria coibir esses atos”. Em sua sonora, Marcelo Carvalho traz outro olhar sobre o problema do racismo no futebol brasileiro, mais uma complexificação para observar o fenômeno. Ele segue demonstrando que o racismo no futebol está longe de ser um problema isolado, ele envolve diversos fatores.

Passada sua fala, o repórter retoma em seu OFF retratando sobre o mais recente caso de racismo no futebol brasileiro, os agentes envolvidos e as punições: “Foi o que aconteceu com Celsinho do Londrina que acusou Julio Antonio Petermann, um dirigente do Brusque, de chamá-lo de macaco, além de outros xingamentos. O Brusque foi multado em R\$ 60 mil reais e punido com perda de três pontos na Série B e o dirigente foi suspenso por 360 dias e multado em R\$ 30 mil reais”.

Para encerrar a reportagem, novamente a fonte especialista é recorrida e ela conclui e dá o tom da matéria: “E é isso que a gente precisa lutar contra essa falsa impressão que racismo não dá em nada”. Ou seja, a presença da fonte especialista, que neste caso é o diretor executivo do Observatório da Discriminação Racial do Futebol traz para a reportagem a complexidade que envolve o racismo no futebol brasileiro. Ele contextualiza, explica, exemplifica e encaminha uma discussão para a opinião pública de que racismo é crime, precisa de julgamento, precisa de punição. Logo, sua ausência como veremos em reportagens de perfil Passivo-Neutro, denota uma ausência de criticidade sobre o tema, contextualização e ativismo.

Por fim, uma outra observação sobre a configuração do perfil Ativo-Advogatório que merece uma reflexão é em como este perfil foi muito mais encontrado em reportagens de emissoras próprias da Rede Globo do que nas emissoras afiliadas. Das 21 reportagens do perfil Ativo-Advogatório, 17 correspondem a emissoras da Rede Globo enquanto que as outras 4 são oriundas de emissoras afiliadas. Qual o local de emissoras regionais neste e em que medida elas tem combatido de forma ativa o racismo no esporte? Essa é uma

das questões que gera um incomodo a partir desses resultados. Foi notório que todas as reportagens semanais e de cunho nacional tiveram o perfil Ativo-Advogatório, especialmente as reportagens do Esporte Espetacular da Rede Globo. Todas as reportagens acima dos 6 minutos analisadas vieram deste programa e se adequaram ao perfil Ativo-Advogatório. Porém, o cenário oposto para a categoria Passivo-Neutro foi observado: reportagens em programas diários, de duração de até quatro minutos.

É possível afirmar, diante disso, que o perfil de jornalismo *maisntream* pautado pela objetividade (VIZEU, 2019), pela ausência de subjetividades e ativismo, foi mais preponderante em um jornalismo feito pelas afiliadas da Rede Globo. Embora, os jornalismo observados na pesquisa estejam imersos numa lógica empresarial e mercadológica, o compromisso e o esforço para fugir da mera tentativa de reprodução dos fatos e almejar a transformação social partiu predominantemente do jornalismo feito “em rede”. Isso nos leva a pensar também, que o fator espaço na grade televisiva, duração e até as configurações de emissoras afiliadas, possam influenciar no quão profundo e complexo o racismo no esporte foi trabalhado por elas. A priori, esse tempo de discussão e, na prática, está chegando primeiro nas emissoras “Cabeças de Rede”, mesmo emissoras locais e regionais tendo mais proximidade com o fato noticiado e com a audiência (REZENDE, 2009; TEMER, 2014;)

6.2.2. Diagnóstico do perfil Passivo-Neutro

Primeiro elemento que sobressalta os olhos em relação a como as reportagens do perfil Passivo-Neutro se organizaram corresponde a data. 2020 foi o ano que mais possuíram reportagens analisadas na pesquisa, com 15 ao total. O ano corresponde a explosão do ativismo esportivo e é considerado atípico na história do esporte por também apresentar uma pandemia de escala global. Das 15 reportagens identificadas neste perfil, oito delas foram visualizadas no de 2020. Ou seja, no ano com mais reportagens analisadas, em meio aos protestos ativistas esportivos, o tipo de perfil que predominou foi o Passivo-Neutro. Isso quer dizer que ao invés de produzir interpretações sobre os acontecimentos, problematizar os fatos e pautar desdobramentos, no geral, as reportagens tenderam a apenas informar os acontecimentos. Assim como Pereira (2004) aborda, este jornalismo pode ser classificado por estritamente informativo. Ele não se preocupa em mastreiam ir além do fato e da informação objetiva, não existe uma preocupação com a

justiça social ou com a transformação social através da subjetividade e ativismo. O jornalismo não acompanhou, em sua maioria, o ativismo que era visto nas quadras, campos, piscinas e etc.

O jornalismo diário, feito seja por emissoras afiliadas ou pela própria Rede Globo, resultaram em todos os casos de matéria Passivo-Neutro. Sendo mais recorrente nos programas temáticos de esportes, nos telejornais de rede e locais. A cobertura da periodicidade diária comumente tende a abordar os fatos factuais, o *hard news*, observação que também foi atestada após a análise de conteúdo. O jornalismo de *hard news*, dentro da pesquisa, se pautou exclusivamente pela objetividade e pela mediação dos fatos sociais. Há uma clara distinção quando o tipo de jornalismo é o *Soft News*, ou de interesse humano, já que ele em seu embrião, visa ao menos tentar ser mais denso, complexo e abordando diversas faces de um mesmo objeto.

Recorrer a narrativa exclusivamente objetiva, assim como Camponez (2014) afirma, não responde a tudo. As reportagens deste perfil apenas tornaram público os fatos, mas no caso de reportagens que tem a tematização do racismo no esporte isso não é suficiente – como veremos nos exemplos dos itens posteriores.

Vizeu (2015) observa que se a objetividade não estiver acompanhada e não tiver preocupação de relacionar a observação, a interpretação, a narração e se não implicar plenamente a intervenção do jornalista como sujeito, a discussão sobre ela se torna banal. E, a partir das categorias analisadas, as reportagens do perfil Passivo-Neutro tenderam a não se preocupar com esses elementos.

A ausência de ativismo negro e de ativismo esportivo descritos anteriormente, foram somados no pouco acionamento das funções pedagógicas como a Criticidade, Apreensão da realidade e o Reconhecimento de Ser condicionado. A ausência dessas funções foi acompanhada do uso pouco recorrente das fontes ilustrativas e especialistas, ambas apareceram em apenas 5 das 15 reportagens. Em detrimento do uso frequente das fontes testemunhais (9/15) e institucionais (8/15).

Como exemplificado anteriormente, as fontes testemunhais, mas principalmente as fontes especialistas e ilustrativas, que dimensionam o racismo no esporte. Elas criticam uma estrutura desigual e racista, apontam problemáticas e soluções, desmistificam estigmas, mitos e preconceitos existentes na sociedade e no esporte. Ou seja, a ausência de fontes ilustrativas e principalmente especialistas, tiram o poder crítico da reportagem. Sem elas, a apreensão da realidade não é sentida. A sensação e o resultado disso é

veiculação apenas do caso de racismo no esporte como primeiro caso (ESTEVEES, 2020), sem contextualização, problematização, humanização, e presença de subjetividades.

Confira um exemplo na prática de em como a ausência de tais funções pedagógicas e das fontes ilustrativas e especialistas contribuem pouco para o combate ativo ao racismo no esporte.

A reportagem é a “Menino diz que foi vítima de racismo durante campeonato de futebol em Caldas Novas”⁸⁴, exibida em 18/12/2020, no JA 1ª Edição, da TV Anhanguera, afiliada da TV Globo no estado de Goiás, ela não foi assinada.

No primeiro OFF, o jornalista reporta o fato: “O menino tem 11 anos e é jogador de uma equipe de Uberlândia, no Triângulo Mineiro. O jogo aconteceu durante um campeonato em Caldas Novas.” Após isso, entra uma sonora do vídeo da denúncia da criança que chora bastante durante.

“Aí ele falava assim *fecha o preto, fecha o preto*. Aí eu fui falar no final com os pais. Ele falou um tanto de vez” (começa a chorar). Essa é a primeira fonte testemunhal da reportagem. O repórter dá prosseguimento na reportagem com a primeira fonte institucional, a Polícia Militar. “A Polícia Militar foi chamada e fez um boletim de ocorrência. No documento, os policiais dizem que quando chegaram no local ouviram o relato da criança que estava acompanhada pelo responsável legal. O responsável informou que o técnico adversário no campo aos jogadores adversários para marcar o preto. Os policiais disseram que ouviram o técnico e que ele negou as acusações. No fim do boletim de ocorrência os PMs colocaram que as partes entraram em acordo e encerraram de maneira pacífica”. O jornalista checkou o acontecimento com a Polícia Militar afim de compreender o que de fato havia acontecido.

Ele completa com a segunda fonte institucional, a organização do evento. “A organização da Caldas Cup publicou que repudia qualquer atitude racista ou discriminatória ou racista dentro e fora do evento”. Após isso, entra a sonora do pai da criança. “Só de olhar para o rostinho dele dá para ver que ele tá muito triste. A gente ver passando pela televisão a gente não sabe à proporção que é quando é com a gente. Está sendo muito difícil para mim [voz embargada], para ele, para a mãe dele e para toda a nossa família”.

⁸⁴ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9112889/?s=0s>

Na sequência, mais uma fonte institucional é recorrida, agora o diretor do time da vítima do caso. “No campo o que aconteceu? Ele soluçando, soluçando, nervoso e aí a gente começou a gravar ele contou o fato. A Polícia Militar não veio até nós, fomos à delegacia, fizemos o boletim de ocorrência. Não houve um pedido de desculpas para o garoto. A gente percebeu que ficou impune e aí colocamos nas redes sociais para que o fato não se repita.

O jornalista volta a conduzir a reportagem e apresenta ações da organizadora da competição e do suposto autor do crime: “Após a denúncia, a organizadora do campeonato decidiu suspender provisoriamente o técnico. O técnico informou que a comissão técnica ou atletas não falaram nada sobre nenhum atleta da equipe adversária ou comissão técnica e que nada foi relatado em súmula pelos árbitros. Ele disse ainda que foi o time dele que sofreu injúria racial e ameaça de morte. O técnico disse que irá até o fim para provar que é inocente”.

A ausência de fontes especialistas resulta em algumas problemáticas nesta reportagem. Primeiro de tudo, uma criança foi a vítima de racismo. Não há um esforço em compreender quais são os efeitos, inclusive psicológicos, sobre um caso como esse pode acarretar na vida do garoto. Lidar com racismo, é lidar com trauma. (SOUZA, 1983). Existe dessensibilização com o acontecimento. A reportagem se prende na objetividade, mas ela não dá um panorama crítico e ativo sobre a situação. A falta de punição também não foi abordada por nenhuma fonte especialista ou por nenhum dado do Observatório, por exemplo. Logo, não existe uma dimensão estruturante sobre o racismo no esporte e na sociedade. Isso é corroborada por não existir fontes ilustrativas na reportagem, algo que conecte este fato com outros tantos. Embora a função pedagógica rigor do método, ética e estética e saber escutar estejam presentes, ao não incluir a criticidade, a apreensão da realidade e o reconhecimento de ser condicionado, a reportagem perde o tom de confronto, de voz ativa e incomodo, ela naturaliza a situação algo que é um problema na cobertura de conflitos étnico-raciais (SODRÉ, 1999).

No que tange aos traços fenotípicos de repórteres em matérias que tiveram o perfil Passivo-Neutro, a grande maioria foram assinadas por profissionais fenotipicamente brancos. Das 15 reportagens, 8 delas correspondem a jornalistas que foram lidos como pessoas brancas. Apenas 3 reportagens de perfil Passivo-Neutro foram assinadas por repórteres fenotipicamente negros. Isso traz uma discussão importante à tona: o papel da branquitude na luta antirracista e mais precisamente dos jornalistas brancos – não apenas

repórteres – nesta luta. Assim como o ativismo esportivo, o ativismo antirracista parte de um lugar de coletividade. Não cabe a apenas repórteres negros terem uma postura de ataque, ativista ao problema, enquanto repórteres fenotipicamente brancos tendem a apenas contar os fatos a partir de uma objetividade que não consegue atuar de forma combatente ao racismo no esporte. Embora, como já dito anteriormente, o telejornalismo seja feito em diversas mãos, e que não necessariamente o repórter que assina a matéria é o único responsável por ela, isso mostra que precisa existir uma reflexão sobre a cadeia produtiva do jornalismo – desde a pauta até a execução – pensando o papel de luta, busca por justiça e transformação social no que tange ao racismo no esporte. E isso, como destacado pela pesquisa “Perfil Racial da Imprensa Brasileira” (2021) passa pela ocupação de profissionais negros e negras em cargos de gestão, de decisão, dentro da lógica produtiva do jornalismo que possuam a postura ativista. Mais do que a representação, é preciso pensar o lugar da ação política desses atores em prol da luta antirracista.

Quadro 8: Tabela comparativa dos resultados da pesquisa

RESULTADOS

ATIVO-ADVOGATÓRIO	PASSIVO-NEUTRO
• Predominante na escala NACIONAL • Predominante na periodicidade SEMANAL • Aciona todos os tipos de fontes (destaque para as especialistas) • Reportagens Soft News • Tema central: manifestações ativistas • Fenótipo do repórter proporcional: predominância de negros • Uso da Emoção • Aciona todas as Funções Pedagógicas (com ênfase na Críticidade e o Saber de Ser Condicionado) • Narrativa subjetiva • Presença do Ativismo Esportivo e Negro	• Predominante na escala REGIONAL • Predominante na periodicidade DIÁRIO • Uso recorrente de fontes INSTITUCIONAIS • Reportagens Hard News • Tema central: denúncia de racismo • Fenótipo do repórter proporcional: predominância de brancos • Uso de hipérboles • Aciona principalmente a função pedagógica da Ética e Estética • Narrativa objetiva • Ausência do Ativismo Esportivo e Negro

Fonte: Autoria própria

6.3 Caso de jornalismo Ativo-Advogatório na cobertura de conflitos raciais no esporte

Afim de ilustrar a observação das categorias de análise, bem como o problema de pesquisa e os perfis de jornalismo aqui estudados, neste e no próximo tópico serão destacados exemplos a partir das reportagens analisadas. Primeiro, vamos a um exemplo de um tipo de reportagem caracterizada como Ativo-Advogatória.

Identificação: Vídeo 35

Título da reportagem: Ações que nascem no futebol e tentam combater o racismo no Brasil⁸⁵

Data de exibição: 14/11/2021

Veículo: Esporte Espetacular

Emissora: Globo RJ

Repórter: Luiz Teixeira

Tempo: 6m19s (acima de 6 minutos)

A reportagem inicia com um OFF do repórter: “Os sonhos que frequentam a cabeça de Luiz Eduardo são bem parecidos aos de milhares de crianças e jovens brasileiros. Tem bola, tem gol, tem ídolo. Mas, para esse menino de 12 anos já há um outro elemento envolvido na breve trajetória dentro do futebol.” – **função pedagógica da apreensão da realidade acionada.**

Na sequência, entra um SOBE SOM com o registro do vídeo do caso de racismo que o garoto passou – **fonte testemunhal.** Após isso, a passagem do repórter explica o caso:

“Há quase um ano, o jovem Luiz Eduardo morador aqui de Uberlândia foi vítima de racismo em uma partida de futebol de Caldas Novas no sul de Goiás.” – **função do rigor do método e da ética e estética.**

⁸⁵ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/10040045/?s=0s>

Figura 34: Repórter fenotipicamente negro conduz a reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 14/11/2021

Após a passagem, entra a segunda sonora da reportagem, desta vez, com o Pai do garoto. “Foi muito difícil para mim. Eu recebi a notícia quando estava trabalhando aí quando eu vi o vídeo eu chorei muito”. O repórter segue contextualizando o caso, desta vez, situando o acontecimento dentro daquela semana e no país. – **Periodicidade semanal e escala nacional.**

“Na mesma semana o meia Gerson, então jogador do Flamengo, também denunciou injúrias raciais só que em uma partida do Campeonato Brasileiro”.

Sonora Gerson – **fonte ilustrativa**: “Ele falou assim cala a boca negro”.

A reportagem volta para o repórter que, após a contextualização, demonstra um olhar crítico e complexo sobre o fenômeno do racismo no futebol. “Dois casos diferentes, mas conectados pela falta de punições e pela voracidade de um racismo que não distingue categoria, idade ou até mesmo classe social. Em 2020, 31 denúncias foram levantadas pelo Observatório da Discriminação Racial do Futebol. Uma queda nos números que é atribuída a ausência de público nos estádios em função da pandemia.” – **funções pedagógicas da criticidade, apreensão da realidade, rigor do método e reconhecimento de ser condicionado.** A **adjetivação** característica do texto do jornalismo esportivo, neste caso, evidencia a força do racismo, “sua voracidade”. O distanciamento proposto pela objetividade se distancia, e dar lugar as subjetividades do repórter.

Primeira **fonte especialista** é acionada. O diretor executivo do Observatório da Discriminação Racial do Futebol, Marcelo Carvalho.

“Eu acho que a gente vem percebendo no Brasil um movimento de jogadores jovens que cada vez mais estão se manifestando contra o racismo. Não o racismo que eles sofrem em campo, mas o racismo que a gente tem na sociedade brasileira.”

Em sua primeira inserção, enquanto conhecedor do assunto, ele destaca um movimento de denúncia do racismo dos jogadores brasileiros. Porém, em sua análise ele destaca o caráter de que essas manifestações estão observando o racismo na sociedade brasileira e não apenas mais os casos individuais. A fonte especialista aprofunda as noções do racismo no esporte, sai da superficialidade e busca analisar outros aspectos.

Figura 35: Marcelo Carvalho é uma fonte especialista na reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 14/11/2021

Em seguida, o repórter Luiz Teixeira apresenta a segunda fonte ilustrativa, o ex-goleiro Aranha. Que dentro da reportagem, também funcionará como uma fonte especialista: “O ex-goleiro Aranha foi vítima de um dos episódios de maior repercussão no futebol. Em 2014, no Santos, ele foi ofendido por torcedores do Grêmio em um jogo da Copa do Brasil e como consequencial o time gaúcho foi excluído da competição.”

Após o OFF do repórter, acontece a primeira inserção de sonora de Aranha: “A grande verdade é que o racista precisa estar dentro da zona de conforto e seguro para ele praticar suas injúrias e seus atos racistas”. – Em sua fala ele elucida um contexto propício para que o racismo se perpetue dentro do ambiente esportivo, destaca seu **ativismo esportivo**.

Figura 36: Ex-goleiro Aranha funciona como uma fonte ilustrativa e especialista na reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 14/11/2021

O repórter retoma com mais um OFF: “Atualmente, Aranha dá palestra sobre os desafios da carreira de jogador e também fala de questões que envolvem o resgate da cultura afro-brasileira.” – aqui, o repórter **expande** a percepção da audiência sobre Aranha. Muito mais do que um atleta que sofreu racismo, ele tem tido um papel importante dentro do contexto afro-brasileiro.

Sonora de Aranha: “Eu via que tinha a necessidade de passar o que eu conhecia para outras pessoas. Porque eu conhecendo vários amigos, sabia que a maioria dos brasileiros, principalmente o povo negro, não conhece sua própria história, porque ela foi apagada propositalmente”. – Nesta sonora, Aranha traz uma importante análise sobre apagamento da cultura afro-brasileira, num projeto que é pautado pelo genocídio, inclusive epistemológico (NASCIMENTO, 2016). É neste momento que acontece sua transição de uma mera fonte ilustrativa, para uma fonte especialista que problematiza, interpreta e analisa a sociedade.

Luiz Teixeira segue com seu OFF: “Aranha ainda é autor de um livro que conta as histórias de brasileiros negros que foram referencias, mas que não foram devidamente reconhecidos no país” – a **presença do ativismo negro**.

Sonora Aranha: “Por que o pai da aviação é Santos Dumont? Ok, fez o 14bis, legal. Mas, e o José do Patrocínio que construiu o dirigível? Os dois estavam ali, os dois tinham o sonho de voar”. – A fonte traz o questionamento, instiga o olhar crítico sobre a situação que é externa ao futebol. Ele fala isso enquanto utiliza a camisa do Malcom X, importante ativista afro-americano.

Figura 37: Presença do ativismo negro na reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 14/11/2021

Ele continua falando na sonora: “A intenção é que o livro fosse de história para adolescentes, para escola, e que ele fosse simplesmente a história contada de uma maneira mais justa” – assim, como Freire (2017), Vizeu e Cerqueira (2019), a busca pela justiça social deve ser também incorporada no discurso jornalístico. A fonte especialista e ilustrativa que é Aranha elucida bem essa busca. A busca por alternativas para além da história oficial, objetiva, também caracteriza o esforço do repórter em abrir mão momentaneamente da objetividade para se segurar em alternativas subjetivas para contar a história do Brasil.

O repórter Luiz Teixeira retoma com seu *OFF* a continuidade da reportagem. Agora, a partir do papel dialógico e pedagógico que a educação pode ter – e o jornalismo – ele apresenta um novo personagem, que serve tanto como uma fonte ilustrativa, quanto especialista: “Esse incômodo com que o papel que a educação dedica à história do negro do Brasil também foi um motivador para o técnico Roger Machado.” – destaque para a observação e o tensionamento dos incômodos da fonte terem sido incorporados pelo texto do repórter. Ele **não possui um olhar ingênuo** sobre o mundo e sobre a história do Brasil.

Entra a sonora Roger Machado: “As imagens que eu tenho na cabeça eram as imagens dos equipamentos de tortura e as imagens dos açoites no tronco como as únicas imagens daquilo que eu aprendi na escola”.

Figura 38: Roger Machado é uma fonte especialista e ilustrativa na reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 14/11/2021

Por algum tempo, Roger Machado foi o único treinador negro entre os 20 clubes da primeira divisão do futebol brasileiro. Ele tem se consolidado como uma voz ativa no combate ao racismo e sua participação, mesmo que não o envolva diretamente como uma fonte testemunhal sobre caso de racismo no futebol, denota uma postura crítica sobre o tema.

Um outro elemento visual que chama atenção nesta matéria é o uso de imagens de livros. O conhecimento produzido por pessoas negras, como destaca autores como Abdias Nascimento (2016), Beatriz Nascimento (2006), Joel Rufino dos Santos (1984), foi historicamente relegado, não considerado ciência. Ao incorporar a bibliografia negra, a reportagem também passa a mensagem de que a ciência objetiva, europeia, branca, não é o pensamento único possível. Acompanhando desse olhar possível, a reportagem utiliza e recupera a imagem do livro como uma figura pedagógica de aprendizado e reaprendizado sobre a própria história do Brasil. Algo que a obra Freiriana consolidou-se em defender: a educação dialógica em prol da transformação social.

Figura 39: Reportagem utiliza de elementos visuais que remetem ao ativismo



Fonte: Esporte Espetacular, 14/11/2021

O repórter dar andamento a reportagem com mais um OFF: “Roger resolveu então criar um selo para publicação de livros que ajudassem a **mostrar uma outra face da história do negro no Brasil**. Na maioria, frutos de dissertação de mestrado e teses de doutorado que tratassem de questões relacionadas ao tema. Só na primeira leva foram lançados 12 títulos.” – Interessante observar como em toda reportagem as ações antirracistas de atores esportivos envolvem **ações que estão para além do racismo no esporte**, mas que também o permeiam. Por exemplo, nessa reportagem, há um destaque para ações voltadas para a educação, não necessariamente a busca pela punição ou denúncia de racismo no ambiente esportivo pautadas a partir de um caso factual.

Entra a última sonora de Roger Machado: “Eu acredito muito na educação e no letramento antirracista. Nós não nascemos racistas, nem preconceituosos, nós nos tornamos por um condicionamento social. Assim como nós nos tornamos, nós também podemos deixar de ser”. – Em sua última sonora, o técnico destaca o papel da educação e no conhecimento para superar o racismo e deixa uma mensagem de esperança para a transformação social.

Luiz Teixeira retoma a condução da reportagem e introduz uma nova ação de combate ao racismo: “As iniciativas contra o racismo no futebol são cada vez mais frequentes **só que ainda são tímidas entre jogadores brancos**. Uma exceção é Everton Ribeiro do Flamengo que tem apoiado projetos ligados ao Afroreggae no Rio de Janeiro”. – Este texto do repórter aciona novamente as funções pedagógicas e apresentam uma outra questão sobre as ações de combate ao racismo: Qual papel o ator esportivo branco

tem desempenhado e pode desempenhar neste cenário? A timidez que o repórter adjetiva tais ações partem de um olhar objetivo, mas principalmente subjetivo.

Figura 40: Reportagem questiona o papel do atleta branco no combate ao racismo



Fonte: Esporte Espetacular, 14/11/2021

O repórter segue em seu OFF expondo outros exemplos de ações esportivas: “Entre clubes da Série A, o Bahia é uma referência no trabalho pela igualdade racial. Assim como Inter e Corinthians.”

Após isso, ocorre a inserção de uma **fonte institucional**, o diretor do Corinthians. “Hoje o Corinthians tem como prisma e como instituição o combate ao crime de racismo, seja ele objetivo ou subjetivo”.

O fato narrado pelo diretor é incorporado e explicado pelo repórter no OFF seguinte. “O clube paulista foi o pivô recente de racismo. O zagueiro Danilo Avelar foi afastado após uma injúria em um jogo online”. O diretor do clube completa na sequência: “Não dá para vestir a camisa do clube do povo passando a mão na cabeça com práticas que nós combatemos. Se não você fica contraditório.” – interessante perceber como a reportagem comprova tal posicionamento ativo do Corinthians diante de casos de racismo. A matéria expõe um rigor de checar se as informações ditas pela fonte, mesmo sendo uma institucional, correspondem as ações da prática.

Passado isso, o repórter Luiz Teixeira retoma com como foi o desenrolar dos casos que iniciaram a reportagem, tanto do garoto de 12 anos, quanto do atleta Gerson: “O

Ministério Público do Rio arquivou o caso Gerson por considerar que não havia provas. A investigação sobre Luiz que sofreu injúria do técnico de um time rival segue sem definição” – as funções pedagógicas de apreensão da realidade e saber de ser condicionado são acionadas, visto que, embora muitas ações antirracistas estejam acontecendo no esporte, muitos dos casos denunciados acabam sem solução. Sem o devido julgamento.

Entra a sonora do pai da criança: “Infelizmente no mundo em que nós vivemos não vai ser a primeira, nem a última vez. Até me dói falar isso. Mas, infelizmente é a verdade.”

Em seu último OFF, o repórter Luiz Teixeira outra característica do texto do jornalismo esportivo, o estímulo à prática do esporte. “Logo após o caso o menino recebeu convites de vários times para participar de peneiras, mas até o momento nenhuma se concretizou. O único que manteve o contato foi o Santos que inclusive promoveu uma visita a sede do clube. **O trauma ainda machuca.** Mas, quase um ano depois fortalecido pelo apoio dos pais e dos amigos **Luiz sabe que ainda pode sonhar**”. – Duas coisas podem ser apontadas no último OFF da reportagem. O primeiro é que o racismo é tratado como um trauma. Como algo que machuca. Existe a humanização da vítima, em medida que a reportagem busca a justiça social através das ações do esporte. Ela não esconde que o esporte, assim como a sociedade, é um campo de muita violência e preconceitos, mas mesmo diante deste cenário, a reportagem deixa um sentimento de esperança de que é possível sonhar.

Luiz, o garoto de 11 anos, finaliza a reportagem: “Esse é o esporte que eu amo e eu não quero desistir.

Figura 41: Estímulo à prática do esporte durante a reportagem



Fonte: Esporte Espetacular, 14/11/2021

A partir disso é possível montar um diagnóstico geral de como o perfil de reportagem Ativo-Advogatório se constitui. O quadro abaixo descreve os elementos que compõe este perfil.

Quadro 9: Composição do perfil ATIVO-ADVOGATÓRIO

CATEGORIA	PRESENÇA/AUSÊNCIA
Escala	Nacional
Periodicidade	Semanal
Emissora	TV Globo RJ
Tipo de fonte	Todas
Tipo de reportagem	Soft News
Tema Central	Manifestações ativistas
Fenótipo do repórter	Negro
Características do jornalismo esportivo	Emoção, uso de hipérboles, estímulo à prática do esporte
Funções pedagógicas	Todas (exceção reflexão crítica sobre a prática)
Tipo de narrativa	Predominantemente subjetiva
Ativismo Esportivo	SIM
Ativismo Negro	SIM
Perfil de reportagem	ATIVO-ADVOGATÓRIO

Fonte: Elaboração própria

6.4 Caso de jornalismo Passivo-Neutro na cobertura de conflitos raciais no esporte

Identificação: Vídeo 8

Título da reportagem: Casos de Racismo marcaram de 2019 no futebol piauiense e FFP combate a prática criminosa⁸⁶

Data da exibição: 06/12/2019

Veículo: Globo Esporte PI

Emissora: TV Passados Club

Repórter: Lucas Oliveira

Tempo: 2m19s (entre 2 e 4 minutos)

A reportagem inicia com a imagem do documento assinado pela Federação de Futebol Piauiense (FFP) e com o primeiro OFF do repórter Lucas Oliveira: “O documento de duas páginas solicita uma audiência pública. A pauta seria tentativas de reprimir a injúria racial nos estádios piauienses que recebem partidas oficiais” – o texto utiliza uma **fonte documental** oficial para embasar o início da reportagem.

Na sequência, a única fonte humana, e **institucional**, aparece pela primeira vez. Trata-se do presidente da Federação de Futebol Piauiense, Robert Brown: “A gente assinou os termos de ajuste de conduta com o Ministério Público, tanto com a doutora Míriam quanto com a doutora Graça que também é da violência nos estádios e identificar quando acontece esses atos. A Federação, o delegado, identificar e comunicar à Polícia se estiver presente no estádio para que possa prender. Encaminhar para o Tribunal de Justiça Desportiva, para que o Tribunal julgue o caso e puna não só quem fez como o clube.” – sem sua fala, a partir de um olhar institucional da FPF, o presidente destaca o fluxo desde a denúncia até uma possível punição para os casos de racismo.

⁸⁶ Reportagem disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8145549/?s=0s>

Figura 42: Fonte institucional utilizada durante a reportagem



Fonte: Globo Esporte PI, 06/12/2019

Após isso, o repórter Lucas Oliveira, faz a sua passagem na reportagem: “A Federação de Futebol do Piauí, em 2019, realizou nove competições entre as categorias de base e a categoria profissional. Em pelo menos três delas um caso de racismo foi registrado” – o dado destaca que o racismo no futebol tem sido identificado no futebol piauiense.

Por conseguinte, o repórter detalha os casos em seu OFF: “Na sexta rodada do Campeonato Estadual, o Piauí e o Flamengo se enfrentaram no estádio Rodolfo Monteiro, aqui em Teresina. O zagueiro Alan foi vítima de insultos raciais da arquibancada. O torcedor foi identificado, denunciado pelo Ministério Público e banido dos estádios 1 ano. O clube pagou uma multa no valor de mil reais”. – O repórter, novamente, em seu texto se apoia da **objetividade** para narrar o fato.

A reportagem volta para o presidente da FFP: “Não tinha nenhuma punição. Você falava e ficava por isso e agora começou a ver essas penalidades, Ministério Público, Tribunal de Justiça Desportiva, a imprensa em si começou essa cobrança e está tendo essa penalidade” – em sua segunda fala, a fonte institucional destaca uma mudança de cenário no que tange a punições de racismo no futebol piauiense, porém ela não foi embasada e **a reportagem não problematiza** esse contexto. Ela aceita os dados e o cenário dado, visto que foram informações advindas de uma fonte institucional. Seria o momento de introduzir uma fonte especialista, que faria uma análise deste cenário e apontaria as causas para o acontecimento, bem como fatores que passaram despercebido.

Na continuidade da reportagem, o repórter apresenta seu segundo e último OFF: “No segundo semestre atos racistas voltaram a acontecer na Série B. Com portões fechados, Comercial e Corisabbá se enfrentaram em Campo Maior. O árbitro da partida foi ofendido **por um dirigente do time mandante**. Neste caso, o clube **não teve punição por ter expulsado o infrator**. Por último, no dia **da Consciência Negra**, outro árbitro foi ofendido. Ele trabalhava na partida entre River e Timón pelo Campeonato do Sub-15 quando torcedores o insultaram. O fato ocorreu dia 20 de novembro e segue em investigação. **Ao longo desse tempo, a Federação tem jogado contra as condutas discriminatórias.**” – Na parte final da reportagem fica perceptível como a ausência de fontes testemunhais e principalmente especialistas prejudicam o teor crítico da reportagem. Primeiro, não há qualquer aprofundamento sobre o caso de racismo ter sido praticado por um dirigente de um clube, alguém que em teoria deveria coibir esse tipo de ação. A fonte especialista, como por exemplo, o Observatório da Discriminação Racial do Futebol, destacaria o que essa modalidade de racismo (praticado não por torcedores, mas por autoridades) apresenta de diferente no combate à discriminação e no que ela possibilita que a gente pense o próprio racismo estrutural e institucional do esporte brasileiro. A ausência das vítimas deixa a reportagem com o tom número, sem sensibilidade e sem a percepção de quem passou por uma situação traumática. Será que o clube ter expulsado o diretor foi suficiente, neste caso? O clube não deveria ter sido punido também? A reportagem perde o tom crítico ao se prender exclusivamente na fonte oficial, ela não responde todas as perguntas. Assim como a predominância da objetividade e a ausência da subjetividade não respondem idem. Por fim, vale destacar ainda a ausência de ativismo, seja ele negro, seja esportivo. Embora cite a relação do caso de racismo com o dia da Consciência Negra, isso não passa de uma referência. Não há menções de ações e protestos ativistas dentro do futebol piauiense para além das ações desenvolvidas pela FFP.

A reportagem é concluída com a última sonora do presidente da FFP: “Eu não sei se a gente tem como acabar totalmente. Mas, pelo menos a gente procura formas para ver se acaba”.

Embora a reportagem não apresente nenhum problema ético, ou até mesmo de retroalimentação de racismo na sociedade, existe uma falta de criticidade, apreensão da realidade e reconhecimento de ser condicionado. O discurso objetivo auxilia na descrição dos fatos, mas não contribui para uma reportagem que busque a transformação e à justiça

social. Ao não problematizar e não possui um olhar crítico para o mundo, a reportagem busca uma isenção do discurso objetivo que não cumpre com o dever de combater o racismo. A ausência de fontes especialistas, testemunhais e ilustrativas, e a prevalência de uma única fonte institucional, também não ajuda a compreender a complexidade do racismo no esporte. Não existe a contradição e o contraste na reportagem – embora até cite que um dos casos não houve punição para o clube –, já que os atores que na prática teriam essa voz estão ausentes na reportagem. Por isso, até o rigor do método da reportagem é insuficiente.

Esta reportagem consegue elucidar bem em como ao não buscar uma linguagem ativa, subjetiva, de problematização dos fatos que permeiam o próprio racismo no esporte, a reportagem acaba por não contribuir na luta contra o racismo. Ela deixa de auxiliar no entendimento múltiplo que o racismo no esporte pode apresentar. Embora, como mencionado anteriormente, ela não retroalimente o racismo, ao se prender a objetividade jornalística ela não se esforça em compreender o contexto, as subjetividades envolvidas, se esquia da criticidade e principalmente da narrativa de combate ativa ao racismo.

No quadro abaixo é possível observar as características gerais que compõem o perfil PASSIVO-NEUTRO a partir da análise feita.

Quadro 10: Composição do perfil PASSIVO-NEUTRO

CATEGORIA	PRESENÇA/AUSÊNCIA
Escala	Regional
Periodicidade	Diário
Emissora	TV Clube
Tipo de fonte	Apenas institucional
Tipo de reportagem	Hard News
Tema Central	Denúncia de Racismo no Esporte
Fenótipo do repórter	Negro
Características do jornalismo esportivo	Uso de hipérboles, metáforas e superlativos
Funções pedagógicas	Ética e estética
Tipo de narrativa	Predominantemente objetiva
Ativismo Esportivo	NÃO
Ativismo Negro	NÃO
Perfil de reportagem	PASSIVO-NEUTRO

Fonte: Elaboração própria

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O título desta pesquisa faz referência ao livro “A pauta é uma de combate”, publicado por Fabiana Moraes, em 2022. Nele, a autora expressa, articula e reconhece o lugar do campo jornalístico como partícipe de narrativas que transformam diferenças e desigualdades. Assim como a autora enxerga que o Jornalismo, para ela sintetizado na pauta, pode trabalhar no auxílio de quebra de violências como racismo e misoginia defesa, esta pesquisa tenta se inserir nesta esteira.

No contexto da tematização do racismo no esporte, o jornalismo apenas consegue cumprir com seu aspecto transformador na medida que admite a Raça. Ao adotar uma perspectiva de raça sem reforçar estereótipos, o jornalismo pode refletir sobre os acontecimentos a partir do seu aspecto crítico. A “tomada de consciência” como Freire (1983) e Vizeu e Cerqueira (2019) argumentam, possibilita que o jornalista, individualmente, e o jornalismo enquanto instituição social, promova a construção de um conhecimento embasado, contextualizado, crítico e transformador.

Na presente pesquisa, o intuito de desvendar qual o perfil de jornalismo predomina na cobertura da tematização do racismo no esporte, revelou que embora o perfil Ativo-Advogatório, este que pretende incorporar elementos da subjetividade, ativismo e das funções pedagógicas, esteja em maior número se comparado com o perfil Passivo-Neutro, ainda existem desafios que o jornalismo esportivo precisa lidar.

Através das reportagens analisadas, e a partir dos critérios definidos e embasados ao longo do trabalho, é possível afirmar que embora esteja imerso em uma lógica empresarial, o jornalismo esportivo da Rede Globo tem buscado construir suas reportagens a partir do perfil Ativo-Advogatório. Os sinais de abertura para interpretação e compreensão, como destacados por Vizeu e Cerqueira (2019), foram bem construídos para ser possível compreender as diversas dimensões, facetas e formas do racismo no esporte foram desenvolvidas nessas reportagens. Essa busca pela voz ativa contribui para práticas que levam ao combate e a conscientização (SODRÉ, 1999), ao passo que evita retroalimentar ou se esvair da reponsabilidade social que envolve construções prejudiciais a esses grupos minoritários.

Para além do discurso objetivo, utilizado principalmente pelo jornalismo informativo, diário, e das grandes empresas, a produção do conhecimento do jornalismo na cobertura da tematização do racismo no esporte deve ser orientador, transformador,

pedagógico e incorporando as subjetividades. As subjetividades, do repórter, das fontes, dos agentes envolvidos na reportagem, não devem ser ignoradas, pelo contrário, elas precisam ser admitidas e incorporadas com transparência.

As formulas pré-prontas que se consolidaram no jornalismo tradicional brasileiro não conseguem propor na prática a transformação e busca pela justiça social das pessoas negras no Brasil. Para não ser meros repetidores de fórmulas neste contexto, o jornalismo brasileiro de cobertura de esportes precisa pensar o lugar do profissional negro e do profissional branco nesta luta.

A pesquisa apontou que o perfil Ativo-Advogatório foi mais encontrado em reportagens que tiveram repórteres negros. Embora o trabalho do telejornalismo envolva várias mãos, decisões e responsabilidades compartilhadas, isso possibilita uma discussão sobre como a presença – e ausência – de profissionais negros nas redações brasileiras em cargos de gestão influencia diretamente em como essas pautas serão trabalhadas pelo jornalismo. Como apontado pelo Perfil Racial da Imprensa Brasileira, proporcionalmente existe uma desigualdade dos cargos ocupados por pessoas negras e pessoas brancas em espaços de definição e decisão no jornalismo brasileiro. Desde a pauta até a veiculação da reportagem, todo o processo precisa ser refletido tendo a raça como foco central.

A pesquisa também possibilita trazer o questionamento sobre o papel da branquitude do jornalismo esportivo brasileiro, tendo em vista que os repórteres brancos são maioria. O ativismo e o discurso combativo não são construídos na individualidade ou na exclusividade de pessoas negras. Estando em maioria nestes espaços de delegação, existe uma necessidade de responsabilizar também os jornalistas brancos neste processo, não apenas o repórter que assina a reportagem. Tendo essa percepção, a leitura de possibilidades de observar o fenômeno do racismo no esporte se abrem. A existência de uma reportagem sobre o por que os atletas brancos se eximem de atuar ativamente contra o racismo no esporte passa pela admissão da raça e isto só é possível quando se admite o papel que a branquitude também desempenha neste processo.

Outra observação importante é sobre o papel das fontes de informação em reportagens que tematizam o esporte. O uso de fontes especialistas trouxe para as reportagens, além do olhar analítico sobre a situação, possibilidades múltiplas para contextualizar e explicar o racismo na sociedade e no esporte. Através delas foi possível captar a não superficialidade e o olhar “descortinado” do mundo. A presença do Observatório da Discriminação Racial do Futebol também revelou ser muito importante

em reportagens do perfil Ativo-Advogatório. A existência de uma fonte capacitada, prestigiada e que ativamente está envolvida em campanhas e ações contra o racismo, capacita a reportagem em trazer dimensões complexas para a reportagem e evidencia o papel do Observatório enquanto um importante instrumento de conscientização e combate ao racismo no esporte.

O uso de fontes testemunhais evoca a necessidade de refletir sobre o cuidado ao ouvir durante o processo jornalístico. Falar de racismo, é falar de trauma. No esporte e em qualquer outra editoria. Logo, a função pedagógica de saber ouvir (VIZEU; CERQUEIRA, 2019; FREIRE, 1983) aponta um olhar empático, acolhedor, reconfortante em situações de conflitos raciais. A entrevista deixa de ser uma mera técnica de obtenção de dados ou formato e passa a ser vista como uma ponte de diálogos sociais (MEDINA, 1982). As fontes ilustrativas, por sua vez, ao serem acompanhadas pelos dois tipos de fontes anteriores, possibilitaram observar o grau de continuidade, contexto e recorrência do racismo no esporte. Ou seja, através delas, em reportagens que tematizam o esporte e que são do perfil Ativo-Advogatório, ela evidencia o olhar não superficial sobre o racismo no esporte, nenhum caso é tratado como primeiro (ESTEVES, 2020), existe o esforço em perceber uma linha do tempo de violências.

As funções pedagógicas também revelaram ser importantes instrumentos que devem ser apropriados por jornalistas esportivos. Além do rigor do método e da ética e estética, já conhecidos dos manuais de jornalismo, a busca por um conteúdo que possua criticidade, apreensão da realidade, o reconhecimento dos condicionamentos impostos pelo racismo e o saber escutar contribuem para a perseguição da justiça social e revelam um aspecto que o jornalismo esportivo pode e deve ter como horizonte: a responsabilidade social é alcançada através da cidadania.

É responsabilidade social do jornalismo ser cobrado por suas ações. O estímulo a prática dos esportes é uma das funções mais tradicionais conhecidas do jornalismo esportivo. Embora seja uma editoria que dispute atenção e espaço no jornalismo, e na televisão, com outras editorias e que por vezes flerte com o entretenimento, o jornalismo esportivo deve ser cobrado igualmente. Afinal, jornalismo esportivo é antes de tudo jornalismo. A construção do conhecimento do perfil Ativo-Advogatório deixa como desafio para este profissional a necessidade de se informar sobre outras áreas. A formação inter, trans e multidisciplinar, ainda na graduação (CARDOSO, 2018) impõe para o jornalista esportivo na cobertura da tematização do racismo no esporte instrumentos

necessários para cumprir com sua função social de buscar a cidadania. De compreender o esporte através de outras lentes e poder observá-lo enquanto um fenômeno social que além de refletir problemáticas do mundo externo, estabelece seus próprios mecanismos de manutenção de práticas racistas – assim como ações de combate. Conhecimento de direito, sociologia, estudos raciais, história do Brasil, por exemplo, são imprescindíveis. Não cabe mais ao jornalista esportivo se prender exclusivamente a análises técnicas e táticas do jogo sem possuir conhecimentos que envolvem as pessoas que o formam. Afinal, embora por vezes o esporte espetáculo tome atenção desproporcional na cobertura esportiva, o esporte ainda é feito por pessoas que são permeadas por talento, técnicas, mas também traumas e que convivem diariamente com reflexos do racismo.

Por fim, também é possível problematizar o espaço que o perfil Ativo-Advogatório e o Passivo-Neutro foram identificados a partir da escala de jornalismo. Os resultados da pesquisa apontaram que o perfil que prevalece o ativismo e a subjetividade foram encontrados em sua maioria nas emissoras consideradas de “rede” da TV Globo. Apenas três reportagens do perfil Ativo-Advogatório foram exibidas em telejornais e programas das emissoras afiliadas. O porquê de isso acontecer pode envolver diversas questões, que embora a presente pesquisa não tenha o objetivo de responde-la, é possível indicar hipóteses.

Primeiro com relação ao tempo. Todas as matérias que tiveram mais seis minutos foram enquadradas no perfil Ativo-Advogatório. Com menor tempo na grade da televisão, os programas esportivos e jornais locais apresentaram a maior parte das reportagens com até quatro minutos. Além do tempo é possível indicar que o tipo de reportagem predominante ter sido o “Hard News” pode ter influência nisso, visto que apenas uma reportagem do tipo “Soft News” não foi identificada com o perfil Ativo-Advogatório” e todas as reportagens do tipo Hard News tiveram o perfil Passivo-Neutro.

Um outro elemento que chamou atenção foi o uso das fontes apresentadas em reportagens de emissoras afiliadas da Rede Globo. Elas tenderam a ouvir fontes testemunhais e institucionais, enquanto que as reportagens do perfil Ativo-Advogatório veiculadas por emissoras próprias da Rede Globo priorizaram as fontes Testemunhais, Ilustrativas e Especialistas. O espaço dado a fontes institucionais no jornalismo regional feito pelas emissoras afiliadas revelaram, no geral, a ausência de criticidade que precisa para o enfrentamento do racismo. Enquanto que a falta das fontes especialistas resultou em reportagens sem profundidade. A pergunta que fica é: por que mesmo com uma fonte

especialista como o Observatório da Discriminação Racial do Futebol, as reportagens veiculadas por emissoras afiliadas não a utilizaram? Por que o uso demasiado das fontes institucionais? Essas e outras questões ficam no horizonte e abrem outras possibilidades de pesquisas.

Além de possibilidades de pesquisa e questionamentos derivados, o presente estudo ocupa um espaço de reconhecimento das categorias Raça e Racismo dentro do Jornalismo Esportivo. A necessidade de encarar esta editoria pensando esses questionamentos atravessa o reconhecimento de um campo de estudo em formação. Embora existam pesquisadores e estudiosos que tenham contribuído de forma competente e que tenham buscado construir linhas teóricas para observar o Jornalismo, a editoria de Esportes, as subjetividades e objetividades, e raça e racismo, existiam lacunas e espaços que precisavam ser conectados entre esses campos. Logo, esta pesquisa também se coloca neste espaço de soma no entendimento do jornalismo profissional combatente e com margem para trabalhar ativamente contra o racismo, em busca da justiça e transformação social.

O ativismo detalhado ao longo do trabalho, no que tange a cobertura da tematização do racismo no esporte, não pode ser visto com maus olhos. Se em 2020, o ativismo esportivo motivado por ações do *Black Lives Matter* nos Estados Unidos mostrou ao mundo que não é mais tempo de se calar, de se manter distante ou isento a este tema, o mesmo deve ser problematizado ao jornalismo. Não há mais tempo para fugir da ação, da luta. Não há mais tempo para se esconder atrás de uma objetividade inalcançável. A bandeira do combate ao racismo precisa ser dita, mostrada, complexificada, explicada, sensibilizada. A inconformidade e a criticidade precisam ser cultivados dentro do jornalismo para com a audiência. O esporte, neste trabalho, é apenas um fragmento da observação, mas a afirmação é válida para as demais editorias. Todos precisamos ser confrontados.

A única perspectiva que o Jornalismo e os jornalistas profissionais precisam ter é o compromisso em combater o racismo em todas as suas expressões. Seja através de reportagens que busquem a voz ativa e o embate dito, expresso e embasado, seja através das mudanças que antecedem até mesmo a reportagem – como política de promoção de equidade racial dentro das instituições. Não tem como falar em romper com a lógica de um jornalismo que busca “os dois lados” no que se refere ao combate ao racismo se ainda vemos uma noção branca e europeia nas redações. Uma proposta antirracista do

jornalismo passa por olhar as bases, os currículos, a instituição jornalismo. Embora o cenário desenhado pelos resultados da pesquisa aponte para um processo em desenvolvimento, em mudança, ainda não é o cenário ideal, perfeito. Existem perspectivas negras, africanas, decoloniais que podem ser incorporadas pelo telejornalismo dito *mainstream*. Não abrir mão da centralidade da negritude é uma delas.

A raça e o racismo não podem ser pauta apenas no Dia da Consciência Negra, em novembro, ou no “caso da semana de racismo no esporte”. É algo que precisa ser o cerne, que move, que orienta as discussões. A desigualdade no Brasil é pautada pela raça, a partir de outras intersecções como classe e gênero. Logo, não ter essa interpretação acarreta diretamente para uma ineficiência no combate.

A fórmula e algumas pistas de como a reportagem na televisão deve se caracterizar para ao menos denotar um ar de ativismo foram colocadas. Os mecanismos que podem ser utilizados para uma reportagem subjetiva, humana e responsável, que trabalhem intrinsecamente com as noções de cidadania e equidade racial, foram estipuladas. Não ser ativista, no que tange a tematização do racismo não é uma opção.

Isso, no entanto, não significa colocar o jornalismo à mercê de todo tipo de interferência que pode esvaziar sua identidade. Na verdade, isso aponta para o olhar de que não há sujeito, nem interpretação, sem intérprete. A defesa é por um telejornalismo que busca a justiça social e racial. Independente da esfera, localidade, tipo, editoria, o jornalismo pode ser uma arma de combate.

Essa pesquisa se originou de um incômodo de cunho pessoal, profissional e acadêmico. Ele partiu de um incômodo sobre uma falsa noção de neutralidade e objetividade que inibiam o combate ao racismo no esporte pelo jornalismo.

Esse incômodo gerou outros incômodos e em um efeito de bola de neve, de pesquisa, observação, leitura e análise resultou no produto final desta pesquisa. O ato de se incomodar me parece rico. Libertador. Crítico. Não o perder é imprescindível. Espero continuar me incomodando até que em algum momento não seja mais preciso. O jornalismo precisa ser incomodado e se incomodar.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

AGUIAR, S. **Territórios do Jornalismo**: geografias da mídia local e regional no Brasil. Petrópolis / Rio de Janeiro: Vozes/PUC-Rio, 2016.

Associação Brasileira de Imprensa. **Princípios internacionais da ética profissional no jornalismo**. Disponível em: <http://www.abi.org.br/institucional/legislacao/principios-internacionais-da-etica-profissional-no-jornalismo/>, acesso em 20 de julho de 2022.

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: As técnicas do jornalismo. Ática: São Paulo, 1990. 4.ed.

BANAJI, Shakuntala. **Racismo e orientalismo**: o papel da mídia *In* CORRÊA (ORG) Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

BALLESTRIN, Luciana. **América Latina e o giro decolonial**. Revista Brasileira de Ciência Política, nº11. Brasília, 2013, pp. 89-117.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Edição revista e ampliada. São Paulo: Edições 70 Brasil, [1977] 2016.

BARBEIRO, H.; RANGEL, P. **Manual do jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

BASTHI, Angélica. **Guia para Jornalistas sobre Gênero, Raça e Etnia** / Angélica Basthi (organização e elaboração) Brasília: ONU Mulheres; Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ); Programa Interagencial de Promoção da Igualdade de Gênero, Raça e Etnia (Fundo de Alcance dos Objetivos do Milênio, F-ODM), 2011.

BATISTA, Jandré Corrêa. **Apropriações Ativistas Em Sites De Redes Sociais: Cartografia Das Ações Coletivas No Twitter**. (Dissertação). Programa de Pós-Graduação da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.

BAUER, M. **Análise de conteúdo clássica**: uma revisão. In: Bauer, M.; Gaskell, G. (Orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, Editora Vozes, p.189-217, 2007.

BAZI, R. E. R. **Aspectos da TV Regional e a Globo no cenário da regionalização**. Acervo Online de Mídia Regional, ano 11, vol. 6, n. 7, p. 3-16, set./dez. 2007.

BENTO, Maria Aparecida. **Pactos narcísicos no racismo**: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público" [Tese de Doutorado]. Biblioteca Digital, USP, 2002.

Black Lives Matter. **About**. Disponível em: <<https://blacklivesmatter.com/about/>>. Acesso em 14 set 2020.

BORGES, R. **Mídias, racismo e outras formas de destituição**: elementos para o reposicionamento do campo da comunicação. In CORRÊA (orgs), Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 17-37.

BORGES, R. **Mídia, racismos e representações do outro**. In: (ORGS.), R. C. D. S. B. E. R. B. Mídia e racismo. Petrópolis: DP et Alii, 2012. Cap. 6, p. 180-205.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BUENO, W. C. “**Chutando prá fora**: os equívocos do jornalismo esportivo brasileiro”. In: MARQUES, J.C.; CAMARGO, V. R. T. CARVALHO, S. Comunicação e Esporte: Tendências. São Paulo: Pallotti, 2005. Disponível em: <<http://comtexto.com.br/criticom/textos/wilson-bueno/chutando-fora.pdf>>.

CAMARGO, V. R. T. “**O comunicador e o educador esportivo**: novos paradigmas para o jornalismo esportivo”. In: Revista Conexões, Campinas: Unicamp, 2001. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:mItaWKmqVtwJ:periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/download/8638038/5725+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>.

CAMPONEZ, Carlos. **Entre verdade e respeito**: por uma ética do cuidado no jornalismo. Comunicação e Sociedade, vol. 25, 2014.

CARDOSO, Marcelo. **Jornalismo especializado em esportes**: uma discussão sobre a formação contínua do profissional. Revista Alter Jor, v.1, edição 17. ECA, São Paulo, 2018.

CARLSON, Brad. D.; DONAVAN, Todd. **Journal of sport management**, [s. l.], v. 27, n. 3, p. 193-206, maio 2013. Human brands in sport: athlete brand personality and identification. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281286022_Human_Brands_in_Sport_Athlete_Brand_Personality_and_Identification. Acesso em: 14 abr. 2021

CAZZAMATTA, Regina. **Uma análise comparada dos códigos de ética jornalística nos países da América do Sul**. Estudo em Jornalismo e Mídia, Vol. 12, Nº 1, 2015.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. São Paulo: Summus, 1994.

CHAVES, Wanderson da Silva. **O Partido dos Panteras Negras**. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 16, n. 30, p. 359-364, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/TvmkYWQhmtkPMGZWBZzgp9c/?format=pdf&lang=pt>

CHRISTOFOLETTI, Rogério. TRICHES, Guilherme Longo. **Interesse público no jornalismo**: uma justificativa moral codificada. Revista Famecos, v.21, n.2, p.484-503, 2014.

_____.; BASSO, Marjorie K. J. **O preto no branco**: democracia midiática no Brasil e presença de negros nas fotos dos jornais. Estudos em Comunicação, [s.l.]. n. 2, p. 111-125, 2007.

_____. **A Medida do Olhar**: objetividade e autoria na reportagem. Tese (doutorado). Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, 2008.

Código de Ética dos Estados Unidos: **Society of Professional Journalists**: disponível em: <http://www.spj.org/ethicscode.asp>, acesso em 24 jan. 2022.

Código de Ética do Reino Unido. **Conduta da União Nacional de Jornalistas**. Tradução ObjETHOS, 2007. Disponível em: <https://objethos.files.wordpress.com/2010/01/codigo-reuno-unido.pdf>, acesso em 20 jul. 2022.

Código de Ética do Fórum de Jornalismo Argentino (FOPEA), 2006. Disponível em: <https://objethos.files.wordpress.com/2010/01/codigo-argentina.pdf>, acesso em 20 de jul. 2022.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo: Contexto, 2004.

COELHO, C. N. P; CARDOSO, M. “**A homogeneização das notícias**: a ditadura dos índices de audiência e o poder da ideologia”. In: Revista Líbero, v. 12, n. 24, p. 71-80, 2009. Disponível em: Acesso em: 04 jul. 2017.

COOMBS, Danielle. CASSILO, David. **Athletes and/or activists**: LeBron James and black lives matter. Journal of sport & social issue, [s. l.], v. 41, n. 5, p. 425-444, 2017. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/318580903_Athletes_andor_Activists_LeBron_James_and_Black_Lives_Matter. Acesso em: 15 abr. 2021

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**. Lisboa: Piaget, 1999.

CUNNINGHAM, G. B., & REGAN, M. R., Jr. **Political activism, racial identity and the commercial endorsement of athletes**. International Review for the Sociology of Sport, 47(6), 657–669, 2012.

DA MATTA, Roberto et. al. **O universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DAMO, Arlei Sander. **Senso de jogo**. In: Esporte e Sociedade, número 1, Rio de Janeiro, 2006.

DONSBACH, W.; PATTERSON, T. **Journalisten in der politischen Kommunikation**: Professionelle Orientierung von Nachrichtenredakteure im internationalen Vergleich. In: ESSER, F.; PFETSCH, B. (Eds.). Politische Kommunikation im internationalen Vergleich: Grundlagen, Anwendungen, Perspektiven. Wiesbaden: Westdt. Verl., 2003

EHRENBERG, Karla Caldas. **Ativismo Racial de Atletas e Marketing Social: Associações e Reflexões**. 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020.

ERBOLATO, M. L. **Jornalismo especializado**: emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1980.

ESTEVEES, Emerson M. **Pele alva e pele alvo**: uma análise sobre a cobertura do jornalismo esportivo audiovisual sobre casos de racismo no futebol (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Comunicação Social, 2020.

FARRINGTON, Neil; KILVINGTON, Daniel; PRICE, John; SAEED, Amir. **Race, Racism and Sports Journalism**. Abingdon, United Kingdom: Routledge, 2012.

FENAJ. Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf> Acesso em 24 jan. de 2022.

FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Difel, 1972.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio: Paz e Terra, 1976.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12a edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da Esperança**. Rio: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo, Editora Unesp, 1997.

_____. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade. jul/dez. 1997. p. 15-46.

HALL, Stuart. **‘Quem precisa de identidade?’** in SILVA, Tomás Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais’. Petrópolis, Vozes, 2000, pp. 103-133.

HALLIN, Daniel. **Comercialidad y profesionalismo en los medios periodísticos estadounidenses Cuadernos de Información y Comunicación** (CIC Digital) no 3, 1996.

IJUIIM, Jorge, Kanehide. **A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire**. Em Questão, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31 - 43, jul./dez. 2009.

GALILY, Yair. **“Shut up and dribble!”?** Athletes activism in the age of twittersphere: the case of LeBron James. Technology in society, [s. l.], 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/330516702_Shut_up_and_dribbleAthletes_activism_in_the_age_of_Twittersphere_The_case_of_King_James. Acesso em: 14 abr. 2021.

GAÚCHA ZH. **Inter e outros seis times brasileiros têm cláusulas antirracistas em contratos com seus jogadores**. Gaúcha ZH, 2021. Disponível em <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2021/11/inter-e-outros-seis-times-brasileiros-tem-clausulas-antirracistas-em-contratos-com-seus-jogadores-ckw8cu7tf0025014cz10gozwc.html>> acesso em 11 de abril de 2022.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tchê! 1987.

Globo Esporte. **Antirracismo no futebol**: por que os atletas no Brasil não repetem o movimento das ligas americanas, 2020. Disponível em <<https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/futebol-racismo-antirracismo.ghml>> acesso em 11 de abr. de 2022.

Globo Esporte. **Jogadores do PSG e Istanbul Basaksehir deixam jogo após acusação de racismo**, 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-internacional/liga-dos-campeoes/noticia/jogadores-do-psg-e-istanbul-basaksehir-deixam-jogo-apos-suposto-caso-de-racismo.ghml>. Acesso em: 28 março 2022.

GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo**: cómo se forma el presente. México: Paidós, 1991.

GROSFOGUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais**: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. Revista Crítica de Ciências Sociais, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>

GROSFOGUEL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas**: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

GUIMARÃES, Antônio Sergio. **Raça e os estudos de relações raciais no Brasil**. Novos Estudos, CEBRA, N.º 54, julho, 1999 p. 147-156.

GURGEL, A. “**Desafios do jornalismo na era dos megaeventos esportivos**”. In: jan. Ano. XXI, n.32/33, jun. Dez, p.193-210, 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2009n32-33p193/14119>>. Acesso em: 17 jan. de 2022.

HALL, Stuart. **A centralidade da cultura**: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. In: Educação & Realidade, 1997.

HALL, Stuart. ‘**Quem precisa de identidade?**’ in SILVA, Tomás Tadeu da. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais’. Petrópolis, Vozes, 2000.

HALLIN, Daniel. **Comercialidad y profesionalismo en los medios periodísticos estadounidenses Cuadernos de Información y Comunicación** (CIC Digital), 1996.

HELAL, Ronaldo. **O que é a Sociologia do Esporte?**. Editora Brasiliense, 1990.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, R.; GORDON, JR, C. G. **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.; LOVISOLO, H. A invenção do país futebol: Mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, v. 5, 2007. Cap. 2, p. 51-72.

HERNANDEZ, Aline. **Imagens e discursos do movimentos ocial espanhol “No a la Guerra”**: representações, ações e reações. In: GUARESCHI, Pedrinho;

HERNANDEZ, Aline; CÁRDENAS, Manuel.. (Org.). Representações Sociais em Movimento: Psicologia do Ativismo Político. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

HIMELBOIM, I.; LIMOR, Y. **Media perception of freedom of the press: A comparative international analysis of 242 codes of ethics.** Journalism, v. 9, n. 3, p. 235–265, 1 jun. 2008.

HUBER, F. **Racismo no futebol:** Considerado um momento de união e de igualdade entre as pessoas, o futebol também traz casos de preconceito racial em sua história. Revista Eclética, 2006.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil.** IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf>. Acesso em: 26 de jan. 2022.

IJUIM, Jorge, Kanehide. **A Responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire.** Em Questão, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 31 - 43, jul./dez. 2009.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis:** an introduction to its methodology. Londres: Sage, [1980] 2004.

LAGO, Cláudia. **Ensinaamentos Antropológicos:** a possibilidade de apreensão do “Outro” no Jornalismo. Brazilian Journalism Research, 2014. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/745>

LEAL, B. S. **“O jornal como notícia”.** 24º Congresso Intercom. Anais. Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2011.

LEITE, S. P. M. et al. **Guia de fontes de informação para um Jornalismo Antirracista.** Expressa Extensão: 2021.

LOVISOLO, H. **Jornalismo e esporte:** linguagens e emoções. Corpus et Scientia, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 91-99, 2011.

LUCCAS, A. **Futebol e torcidas:** Um estudo psicanalítico sobre o vínculo social. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de Televisão.** Belo Horizonte: Sagra Luzzatto, 1995.

MALULY, L. V. B.; OLIVEIRA, D. **“A formação necessária do jornalista”.** In: MORAES JÚNIOR, E. et al. Antes da pauta: linhas para pensar o ensino do jornalismo no século XXI. São Paulo: ECA/USP, 2013.

Manifesto por um futebol antirracista – Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/manifesto-por-um-futebol-antirracista>, acesso em 20 de jul. 2022.

MARCHI JÚNIOR, Wanderley. **O processo de ressignificação do voleibol a partir da inserção da televisão no Campo Esportivo.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, vol. 26, núm. 2, 2005.

MCQUAIL, Denis. **Media roles in society**. In: CARPENTIER, Nico et. all. (Researching media, democracy and participation Tartu, Estonia: Tartu University Press, 2006. p. 47 58.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: 1992.

MEDITSCH, Eduardo; FARACO, Mariana Bittencourt. **O pensamento de Paulo Freire sobre jornalismo e mídia**. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, Vol. XXVI, nº1, 2003.

MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

MEDINA, Cremilda. **Modo de ser mo'dizer**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

_____. **O signo da relação** – Comunicação e pedagogia dos afetos. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **Ciência e jornalismo: da herança positivista ao diálogo dos afetos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.

MEIHY, Murilo, SOUZA, Luana. **O esporte como ferramenta política e diplomática: o caso do boicote americano às Olimpíadas de Moscou (1980)**. FuLiA / UFMG, v. 2, n. 3, p.147-159, set.-dez., 2017.

MELO, T. **Black Lives Matter: Um movimento social anti-racismo sob a perspectiva da teoria construtivista do ativismo transnacional**. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Centro de Ciências Humanas e Sociais (CCHS), Universidade da Amazônia (UNAMA), 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/37642880/Black_Lives_Matter_um_Movimento_social_Anti_racismo_sob_a_Perspectiva_da_Teor%C3%ADa_construtivista_do_Ativismo_

MELLO, Luciana Garcia de. **Patrícia Moreira contra “noventa milhões em ação”?** Racismo e antirracismo no futebol brasileiro. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 57, N. 2, p. 164-173, mai/ago 2021.

MELNICK, Merrill J; JACKSON, Steven J. **Globalization American-Style and Reference Idol Selection: The Importance of Athlete Celebrity Others among New Zealand Youth**. Sage Journals, 2002. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1012690202037004027>

MESQUITA, M. **‘Em louvor da Santa Objectividade’**, in JJ - Jornalismo e Jornalistas, nº1, Lisboa: Clube dos Jornalistas, 2000.

MIOTTO, Gaspar. **La objetividad posible en la construcción del discurso periodístico**. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Comunicación) – Universidad Nacional de Río Cuarto, Provincia de Córdoba, República Argentina, 1993.

MOORE, C. **Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para entender o racismo**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2007.

MORAES, Fabiana. **Subjetividade**: ferramenta para um jornalismo mais íntegro e integral Revista Extraprensa, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 204-219, 19 ago. 2019.

MORAES, Fabiana; VEIGA, Márcia. **A objetividade jornalística tem raça e tem gênero**: a subjetividade como estratégia descolonizadora. Compós, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br>

_____. **Ativismo, isenção e subjetividade**: sobre um jornalismo que ainda não ousa dizer os nomes. Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal de Goiás (UFG): Goiânia, 2019.

_____. **O nascimento de Joicy**: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.

MORAES JÚNIOR, E. **O ensino do interesse público na formação do jornalista**: elementos para a construção de uma pedagogia. São Paulo, 2011. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**. O fetiche da velocidade. Rio de Janeiro, Revan, 2002.

MOTTA, Luiz Gonzaga. “Teoria da notícia: entre o real e o simbólico” in MOUILAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal**: da forma ao sentido Brasília: Paralelo 15, p. 305-320, 1997.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: Processo de um racismo mascarado. 3.ed. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NEVEU, Érik. **Sociologia do Jornalismo**. Porto: Porto Editora, 2005.

NEUENDORF, K. **The content analysis guidebook**. Londres: Sage, 2002.

OLIVEIRA, Geovane Vaz de; ROCHA, Lucas S.; SILVA, Kácio dos Santos. **Ações de combate ao racismo no futebol nas décadas iniciais do século XXI**. Research, Society and Development, v. 10, n. 10, 2021.

OLIVEIRA, Ana F. **Racismo em campo**: Futebol brasileiro foi moldado nas bases do racismo, que até hoje permeia campos e arquibancadas, 2020.

ORTEGA, Felix e HUMANES, Maria Luisa. **Algo más que periodistas – sociología de una profesión**. Barcelona: Editora Ariel, 2000.

OSELAME, M. C. **Fim da notícia**: O “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão. Porto Alegre: Diss. (Mestrado) – Faculdade de Comunicação Social, Pós-Graduação em Comunicação Social. PUCRS., 2012.

PARK, Robert. **A notícia como forma de conhecimento**: um capítulo da sociologia do conhecimento (1940). In STEINBERG, Charles (Org.) Meios de Comunicação de Massa. São Paulo, Cultrix, 1972.

PATERNOSTRO, V. I. **O texto na TV: o manual de telejornalismo**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

Perfil Racial da Imprensa Brasileira, 2021. Disponível: <http://www.jornalistasecia.com.br/files/perfilracialdaimprensabrasileira.pdf>, acesso em 20 de jul. 2022.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>

PERUZZO, C. M. K. **Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências**. Comunicação & Sociedade. São Bernardo do Campo: Póscom-Umesp, 2005.

PIPERNO, Fábio. **Jogada política no esporte: O confronto entre os jogos políticos e os esportes olímpicos**. São Paulo: Editora Sesi, 2016.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina**. In: LANDER, Edgardo (Org.) *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2000. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/quijano.rtf>. Acesso em: 18 fev. 2020

RESENDE, Fernando. **A Narratividade do discurso jornalístico: a questão do outro**. Rumores, São Paulo, v. 3, n. 6, dez. 2009.

REZENDE, Guilherme Jorge D. **Gêneros e formatos Jornalísticos na Televisão brasileira**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/r4-2902-1.pdf>, acesso em: 18 de jul. de 2022.

REZENDE, Guilherme Jorge. D. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. **Sempre Alerta** – condições e contradições do trabalho jornalístico. São Paulo, Brasiliense, 1994.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Futebol: por uma história política da paixão nacional**. 2012. 29 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/30570/19763>. Acesso em: 10 maio 2020.

RIFFE, D.; LACY, S.; FICO, F. **Analyzing media messages: using quantitative content analysis in research**. Londres: Routledge, 2014.

ROSA, Isabel Cristina da. **Parresia e hermenêutica de profundidade nas trilhas de Hermes: raça e gênero em formas simbólicas sobre o jornalismo como profissão no Brasil**. 2016. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/23798>. Acesso em: 1 abr. 2021.

- RUSSELL, A. **Journalism as activism** – recoding media power. Polity Press: Cambridge, 2016.
- SALDAÑA, J. **The coding manual for qualitative researchers**. Londres: Sage, 2012.
- SANTOS, Joel Rufino D. **O que é racismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.
- SANTOS, Shayane Machado D. **A Intersecção Entre Jogadores De Futebol, Raça E As Marcas humanas** (TCC). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.
- SANTOS, Yasmin. **Letra preta**: a inserção de jornalistas negros no impresso. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <http://zonadigital.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2014/02/Yasmin-Santos-Moreira-Pinto.pdf>. Acesso em: 1 abr. 2021.
- SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial**: manual de aplicação. Brasília: Enap, 2021.
- SCHOLL, A. **Systemtheorie**. In: SCHICHA, C.; BROSDA, C. (Eds.). . Handbuch Medienethik. 1. Aufl. Wiesbaden: VS Verlag für Sozialwissenschaften, 2010. p. 68–81.
- SCHUDSON, M. **The Power of News**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.
- SCHWARCZ, Lília. **Retrato em branco e negro**; jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2017
- SIGOLI, Mário André; ROSE JUNIOR, Dante. **A história do uso político do esporte**. R. bras. Ci e Mov, 2004.
- SILVA, Fernanda Mauricio D. **Dos telejornais aos programas esportivos**: Gêneros televisivos e modos de endereçamento. Universidade Federal da Bahia, Mestrado em Comunicação e Culturas Contemporâneas (Dissertação), 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/11300/1/dissertacao%20Fernanda%20da%20Silva.pdf>, acesso em 18 de jul. de 2022.
- SILVEIRA, S. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo**. Rev. USP, São Paulo, 2010.
- SOARES, Murilo Cesar. **O papel do jornalismo na política democrática**. 32º. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. Caxambu/MG, 2008.
- _____. **Comunicação, Democracia e Hegemonia**. Comunicação: Veredas, 2005.
- SODRÉ, Muniz. **Samba**: o dono do corpo. Mauad, 1998.
- SODRÉ, Muniz. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 1999.

_____. **Claros e Escuros:** identidade, povo, mídia e cotas no Brasil. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

_____. **O fascismo da cor:** uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, Neuza Santos. **Tornar-se Negro.** 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

STAPF, I. **Medien-Selbstkontrolle:** Ethik und Institutionalisierung. Konstanz: UVK Verlagsgesellschaft, 2006.

STRECK, Danilo; REDLIN, Euclides; ZITOSKI, Jaime. **Dicionário Paulo Freire.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

TEMER, Ana Carolina.; SANTANA, Mayara Jordana. **Educação e Comunicação em Paulo Freire:** reflexões sobre jornalismo de serviço à luz do pensamento freiriano. *Comunicação & Mercado*, dourados, v. 3, n. 8, p. 4-15, jul./dez, 2014.

THOMPSON, JB. **A mídia e a modernidade** – uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo:** porque as notícias são como são. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005. V.1.

VALVERDE, Gabriel. **Mais que um jogo:** O futebol como ferramenta social e política. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2021.

VEIGA, Márcia; MORAES, Fabiana. **ONDE ESTÁ RUANDA NO MAPA?** Decolonialidade, subjetividade e o racismo epistêmico do jornalismo. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 2020.

VEIGA, M. **Entrevista concedida a Fabiana Moraes.** Porto Alegre, 11 de junho de 2019.

_____. **Masculino, o gênero do jornalismo:** modos de produção das notícias. Florianópolis: Insular: 2014.

_____. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis:** um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de poder-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade. 2015. 276 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

VIDAL, Delcia M.M. **Imprensa, jornalismo e interesse público:** perspectivas de renovação – a notícia cidadã. Doutorado em Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade de Brasília. Brasília, 2009.

VILLANUEVA, Erick R. Torrico. **A comunicação decolonial** – perspectiva in/surgente. *Rev. Latinoamericana de Ciências da Comunicação*, São Paulo, v. 15, n. 28.

p. 72-81, janeirojunho, 2018. Disponível em:
<https://www.alaic.org/revista/index.php/alaic/issue/view/32>. Acesso em: 17 fev. 2020.

VIZEU, Alfredo. **Jornalismo e Paulo Freire**: o conhecimento do desvelamento. Revista FAMECOS, 2015.

VIZEU, Alfredo. **O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica**. Revista FAMECOS, 2009.

VIZEU, Alfredo P; CERQUEIRA, Laerte. **Os saberes da pedagogia no telejornalismo**: Paulo Freire e a prática jornalística. Revista Famecos, 2019.

_____. **A audiência presumida no Jornalismo**: o lado oculto do Telejornalismo. Florianópolis: Editora Insular, 2015.

_____. **A construção do real no telejornalismo**: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (org.). A sociedade do telejornalismo. Petrópolis: Vozes, 2008.

WILLIAMS, B. **#BlackLivesMatter**: Anti-Black Racism, Police Violence, and Resistance. SOCIETY FOR CULTURAL ANTHROPOLOGY, 2015. Disponível em:
<https://culanth.org/fieldsights/series/blacklivesmatter-anti-blackracism-police-violence-and-resistance>

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos / Robert K. Yin; trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

APÊNDICE

APÊNDICE A: LIVRO DE CÓDIGOS (LdC)

Pesquisa: O jornalismo é uma arma de combate: uma análise dos perfis de reportagem da Rede globo na cobertura da tematização do racismo no esporte

Etapa: 1

Período: 2017-2021

Agência financiadora: CAPES/DS - Programa de Demanda Social

Orientação: Vitor Belém

Pesquisador: Emerson Maciel Esteves

UNIDADE DE OBSERVAÇÃO: REPORTAGEM

Instruções:

- Abaixo estão todos os indicadores, com as devidas explicações e definições. A análise deve ser acompanhada por esse livro de códigos para consultas.
- Nessa primeira etapa deve-se observar apenas as reportagens dos telejornais.
- Para cada reportagem o pesquisador deve preencher um único formulário online. Isso fornecerá um panorama quantitativo e qualitativo para a pesquisa.
- Como a metodologia é predominantemente qualitativa, os itens devem ser observados a partir da ampla observação da reportagem e não apenas em momentos isolados. Trechos que o pesquisador achar mais representativo devem ser descritos em espaço específico no final do formulário.
- Roteiro de observação: I- Leia o livro de código; II-Assista a reportagem; III-Acesse o formulário e comece a preencher, revendo partes ou todo o vídeo.

SEÇÃO | IDENTIFICAÇÃO DO CONTEÚDO, DO PROGRAMA E DO VEÍCULO

1. Data da exibição

Data de publicação da reportagem no Globoplay (Não é a data da coleta).

Modelo: 01/07/2017.

2. Nome/identificação: Qual o título da matéria?

Título apresentado da matéria no momento da coleta.

3. Tempo

Minutos e segundos da reportagem. Importante: descarte as cabeças e eventuais nota-pé). Quatro opções estão à disposição, apenas uma deve ser marcada.

Duração
Até 2 minutos
Entre 2 e 4 minutos
Entre 4 e 6 minutos

Acima de 6 minutos

4. Escala do programa

Local, Regional, Nacional.

Escala	Descrição
Local	Compreende o jornal, rádio, TV e webportal locais.
Regional	Compreende o jornal local-regional, rede regional de TV e grupos midiáticos regionais ou nacionais.
Nacional	Compreende a rede nacional de TV. No geral, há uma “cabeça de rede” ou “emissora líder” que distribui seu conteúdo no território brasileiro por meio de um sistema de afiliadas.

5. Tipo de programa

Com base no levantamento prévio cinco tipos diferentes de programas foram identificados no recorte do corpus da pesquisa: Revista eletrônica, Revista eletrônica de esportes, Programa temático de esportes, Telejornal, Telejornal local.

Tipo	Descrição
Programa temático de esportes (Semanal)	O foco deste tipo de programa temático são os esportes. Neste caso, a exibição do programa temático em esporte é semanal.
Programa temático de esportes (Diário)	Os programas temáticos em esportes diários são exibidos diariamente, de segunda a sexta. Esses programas podem ser de diversos tipos: mesas redondas, boletins informativos, revistas, etc.
Telejornal de Rede	Formato tradicional do telejornalismo. Traz notícias, que são apresentadas em diferentes formatos, a partir das mais variadas esferas (Economia, Política, Cultura, Esportes, Segurança, Ciência, etc.), em editorias específicas. Ele parte de uma escala nacional.
Telejornal Local	Em termos técnicos, os telejornais locais ocupam um fade na programação veiculada nacionalmente. Na Rede Globo, o telejornal local é visualizado através de telejornais exibidos por emissoras afiliadas, como por exemplo: Jornal do Almoço (RBS-TV), Bom Dia PI (Rede Clube).

6. Periodicidade

Identificar a periodicidade do programa que exibiu a reportagem.

Periodicidade	Descrição
Diário	Exibição diária (ao menos cinco vezes por semana)
Semanal	Exibição por semana
Quinzenal	Exibição a cada duas semanas
Mensal	Exibição mensal
Outra opção	Quando a matéria não corresponder a nenhuma das opções anteriores.

7. Emissora

Com base no levantamento da amostragem essas emissoras apareceram na coleta: TV Globo, Globo Nordeste, Rede Amazônica Porto Velho, TV Clube, TV Centro América, TV Globo Minas, RBS TV, TV Anhanguera, TV Gazeta, TV Liberal.

Emissora	Descrição
TV Globo RJ	Emissora própria da Rede Globo. Sediada no Rio de Janeiro
TV Globo SP	Emissora própria da Rede Globo. Sediada em São Paulo.
Globo Nordeste	Emissora própria da Rede Globo sediada em Recife.
Rede Amazônica Porto Velho	Emissora que faz parte da Rede Amazônica Porto Velho, afiliada da Rede Globo.
TV Clube	Emissora afiliada da Rede Globo no Piauí.
TV Centro América	Emissora afiliada da Rede Globo no Mato Grosso
TV Globo Minas	Emissora própria da Rede Globo. Sediada em Belo Horizonte.
RBS TV	Pertence a Rede RBS TV, afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Sul.
TV Anhanguera	Pertence a Rede Anhanguera, afiliada da Rede Globo e que atua nos estados de Goiás e Tocantins.
TV Gazeta Alagoas	Emissora afiliada da Rede Globo em Alagoas.
TV Liberal	Emissora afiliada à TV Globo. Pertence à Rede Liberal.

8. Nome do programa

Nome do programa
Globo Esporte/SP

Esporte Espetacular
Globo Esporte/RJ
Bom dia Brasil
Globo Esporte/PE
Jornal Nacional
Bom dia Amazônia - RO
Jornal Hoje
Globo Esporte/MT
Bom dia Rio Grande
RBS Notícias
Globo Esporte/PI
JA 1ª Edição
MTTV 2ª Edição - Cuiabá
Bom dia Alagoas
Globo Esporte/PA

SEÇÃO | SOBRE A REPORTAGEM

9. Tipo da reportagem

Apenas uma opção

Tipo	Descrição
Hard News	Objetividade, fato, registro, factual;
Soft News (interesse humano)	Interesse humano, subjetividade, interpretação, inventividade.

10. Tipos de fontes presentes na matéria

Testemunhais, especialistas ou ilustrativas. Mais de uma fonte pode ser observada na mesma reportagem.

Tipo de fonte	Descrição
Institucional	Políticos e representantes de organizações ligadas ao poder público.
Testemunhal	Fontes que estiveram envolvidas no acontecimento.
Especialista	Fontes que conhecem o assunto profundamente e por isso são capacitadas para informar o público.
Ilustrativa	Fontes que são tomadas de exemplo para uma situação mais ampla abordada pela notícia.

Fonte: Silva (2005)

11. Tema central da reportagem

Tipo de tema predominante abordado na reportagem. Apenas uma opção.

Tema	Descrição
------	-----------

Denúncia de injúria/racismo no esporte	O tema gira em torno da denúncia do crime de Racismo e/ou Injúria. Prevalece o factual.
Campanha antirracista	Movimento de clube, jogador, federação ou alguma entidade que tem o intuito de combater o racismo.
Relatórios anuais do Observatório da Discriminação Racial do Futebol	O tema central são os relatórios anuais do Observatório da Discriminação Racial do Futebol.
Manifestações ativistas	Posicionamentos de atletas, técnicos ou outros agentes do mundo do esporte no que tange o combate ao racismo.
Racismo na sociedade	A reportagem aborda o racismo na sociedade de forma ampla. O esporte é apenas o meio utilizado para exemplificar um contexto maior.
Outra opção	Caso nenhuma das alternativas anteriores corresponda, marque esta opção.

12. Esporte destacado na reportagem

Observar qual(is) esporte(s) estão presentes na reportagem. Uma mesma reportagem pode reunir mais de um esporte.

Esporte	Descrição
Futebol	Duas equipes com 11 jogadores se enfrentam com o objetivo de fazer o gol.
Vôlei	Esporte praticado na quadra. Seu objetivo é colocar a bola no chão da equipe adversária.
Basquete	É um esporte coletivo jogado por duas equipes, que têm o objetivo de fazer pontos ao acertar a bola na cesta do adversário, o alvo fixo na quadra.
Atletismo	Atletismo é um esporte com provas de pista (corridas), de campo (saltos e lançamentos), provas combinadas, como decatlo e heptatlo (que reúnem provas de pista e de campo), o pedestrianismo (corridas de rua, como a maratona), corridas em campo (cross country), corridas em montanha, e marcha atlética.
Natação	É uma prática corporal realizada na água por meio de quatro estilos de nado: crawl, peito, costas e borboleta. A natação pode ser praticada enquanto esporte ou atividade recreativa. A

	natação é a prática de deslocamento na água por meio de movimentos corporais, principalmente com o uso dos braços e pernas.
Outros	Caso o esporte não seja nenhum citado anteriormente: marque esta opção.

SEÇÃO O/A REPÓRTER

13. Fenótipo do repórter

A partir do processo de heteroidentificação - método de identificação étnico-racial de um indivíduo a partir da percepção social de outra pessoa - o objetivo dessa categoria é investigar qual é a raça/etnia dos repórteres das reportagens a partir da presença/ausência de traços negroides. Caso o jornalista se autodeclare durante a reportagem este será um dado destacado. De acordo com o IBGE, a soma de pretos e pardos resulta na população negra.

Raça/etnia	Descrição
Negro	Descendentes dos africanos
Branco	Descendentes dos europeus
Amarelo	Descendentes de asiáticos
Indígena	Descendentes dos povos indígenas/originários
Outros	Não foi possível identificar.

SEÇÃO | SOBRE ATIVISMO

14. Ativismo Esportivo

Com base em Galily (2019) identificar se existe a presença de ativismo esportivo na reportagem. Questão de presença ou ausência.

Conceito	Descrição
Ativismo Esportivo	Protestos de atletas

15. Ativismo negro [elementos visuais]

Observar se nas reportagens possuem imagens referentes ao ativismo antirracista tais como: punho cerrado, símbolo dos Panteras Negras, uso do *Black Power* ou de organizações antirracistas. Questão de ausência ou presença.

Elementos visuais	Descrição
Punho cerrado	Gesto que se popularizou mundialmente com os Panteras Negras – partido político que surgiu nos Estados Unidos

	que lutava por "todos os meios necessários" contra o Estado e a polícia.
Símbolo dos Panteras Negras	Punho erguido, animal pantera negra, pente garfo, cabelo black.
Black Power	Movimento que surgiu nos Estados Unidos e se expandiu para todo o mundo. Ressalta o poder, beleza e força da raça negra.
Organizações antirracistas	Organizações que lutam pela equidade racial no Brasil, bem como atuam no combate de qualquer discriminação e desigual étnico-racial. No futebol, um exemplo é o Observatório da Discriminação Racial do Futebol
Ativista político histórico	Menção visual de ativistas importantes da história do Movimento Negro Brasileiro e Internacional, tais como: Malcom X, Martin Luther King, Abdias do Nascimento, Rosa Parks, W.E.B. Du Bois, Lélia Gonzales, Beatriz Nascimento, etc.
Black Lives Matter	O movimento “Vidas Negras Importam” tem o objetivo de combater o racismo e denunciar a violência policial descomedida as pessoas negras.

SEÇÃO | SOBRE JORNALISMO

16. Características do Jornalismo Esportivo

Característica	Descrição
Informalidade	Desde vestimentas a termos que dialogam com uma linguagem coloquial, informal.
Infoentretenimento	Intersecção de recursos do entretenimento com o jornalismo.
Espetacularização do esporte	Cobertura de grandes eventos, esporte em alto rendimento. Quando o esporte se torna um produto.
Emoção	Uso de recursos imagéticos e textuais característicos na narração do jornalismo esportivo. Elas evocam e transmitem emoção.
Construção do herói e vilão	Narrativas que remontam a jornada do herói. Personificação dos agentes do esporte (atletas, técnicos, árbitros, etc.) em heróis e vilões.

Uso de hipérboles, metáforas e superlativos	Texto que apresenta o uso de figuras de linguagem que adjetivam os acontecimentos. Elementos característicos do Jornalismo Esportivo.
Estímulo à prática do esporte	Uma das responsabilidades sociais históricas do jornalismo: incentivar a prática do esporte, levando em conta aspectos esportivos, sociais e de bem estar.
Humor	O humor está presente nas piadas, palavras de duplo sentido e nos recursos de infotretenimento na narrativa do jornalismo esportivo.

Cardoso (2018), Camargo (2001), Bueno (2005), Lovisolo (2011), Oselame (2012)

17. Funções pedagógicas

A partir dos saberes trazidos por Vizeu e Cerqueira (2019) observar quais deles aparecem/ou não nas reportagens. Questão de ausência ou presença.

Saber	Descrição
Rigorosidade do método	Rigor do método. Não superficialidade. Fontes múltiplas, ética.
Criticidade	Problematizar eventos sociais.
Apreensão da realidade	Capacidade de apreender a realidade dos fatos em sua completude em meio às limitações determinantes da prática jornalística. Contorno das limitações técnicas, tecnológicas e editoriais em prol da transformação social.
Ética e estética	Testemunho rigoroso. Ético. Arelada a apreensão da realidade. Transparência, mesmo se o discurso for parcial.
Reflexão crítica sobre a prática	Autocrítica com o trabalho jornalístico.
Reconhecimento de ser condicionado	Reconhecer a incompletude, o inacabado que deve estar sempre em construção, reconhecer os obstáculos estruturais.
Saber escutar	Em todo processo de produção da notícia, da pauta a apuração, é fundamental a consciência da necessidade de que os profissionais estejam dispostos a ouvir o outro.

18. Tipo de narrativa

No que tange à linguagem, quais das unidades predominam na reportagem através das características que definem objetividade e subjetividade para Veiga e Moraes (2019). Marcar apenas uma opção.

Linguagem	Características
Subjetiva	Envolvimento do repórter em 1ª pessoa, Particularidades, Discussões de questões raciais enquanto um problema social, Ativismo, Não-exotificação.
Objetiva	Universalismo, Distanciamento do fato noticiado, suposta neutralidade, Análise exclusiva de dados.

19. Perfil da reportagem

Duas categorias podem ser observadas: Ativo/Advogatório ou Passivo/Neutro.

PERFIL	Descrição
Ativo/Advogatório	Ativismo, defesa clara de causa. Predominância da subjetividade.
Passivo/Neutro	Se baseia na simples mediação dos fatos. Predomina a posição do profissional que busca a neutralidade, a de não tomar partido em nenhuma discussão política.

Donsbach e Patterson *apud* Cazzamatta (2015).

APÊNDICE B: FORMULÁRIO DO GOOGLE FORMS⁸⁷

APÊNDICE C: PLANILHA DE AMOSTRAGEM DA PESQUISA

Planilha de amostragem						
Título	Ano	Véículo	URL	Busca utilizada	Repórter	Formato
Reportagem especial mostra que o racismo está longe do fim no futebol brasileiro	2017/jul	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/6043154/?s=0s	Racismo + Futebol	Fabio Juppá	Reportagem
Fifa promete combater racismo dentro	2017/mar	Bom dia Brasil	https://globoplay.globo.com/v/5858501/?s=0s	Racismo + Futebol	Rodrigo Alvaréz	Reportagem

⁸⁷ Disponível em: <https://forms.gle/2QndPqDKzwhbrFMa9>

do futebol italiano						
Muito presente na sociedade, o racismo, infelizmente, ainda sobrevive no futebol	20 17/ no v	Globo Esporte/P E	https://globoplay.globo.com/v/6304208/?s=0s	Racismo + Futebol	Elton de Castro	Reportagem
70 anos depois de livro de Mário Filho, debate sobre racismo volta a tona no futebol	20 17/ no v	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/6299737/?s=0s	Racismo + Futebol	Mariana Monteiro	Reportagem
Astro do futebol alemão desiste de jogar pela seleção porque diz ter sofrido racismo	20 18/ jul	Jornal Nacional	https://globoplay.globo.com/v/6892543/?s=0s	Racismo + Futebol	Cecília Malan	Reportagem
Caso de injúria racial ainda repercute no futebol do campeonato estadual de RO	20 18/ mar	Bom dia Amazônia - RO	https://globoplay.globo.com/v/6598441/?s=0s	Injúria racial + Futebol	Renato Barros	Reportagem
Campanha contra racismo no futebol italiano é acusada de racista	20 19/ dez	Jornal Hoje	https://globoplay.globo.com/v/8172314/?s=0s	Racismo + Futebol	Ilze Scarpini	Reportagem
Casos de Racismo marcaram de 2019 no futebol piauiense e FFP combate a prática criminosa	20 19/ dez	Globo Esporte/PI	https://globoplay.globo.com/v/8145549/?s=0s	Racismo + Futebol	Lucas Oliveira	Reportagem
O Globo Esporte bateu um papo com jogadores de Mato Grosso que sofreram racismo no futebol	20 19/ dez	Globo Esporte/MT	https://globoplay.globo.com/v/8139507/?s=0s	Racismo + Futebol	Israel Prates	Reportagem
Miranda, zagueiro do sub-20 do Vasco, é mais uma vítima	20 19/ dez	Globo Esporte/MG	https://globoplay.globo.com/v/8161062/?s=0s	Injúria racial + Futebol	Sem assinatura	Reportagem

de injúria racial no futebol						
Números apontam que o racismo é bastante presente no futebol	20 19/ no v	Bom dia Rio Grande	https://globoplay.globo.com/v/8101418/?s=0s	Racismo + Futebol	Bruno Halpern	Reportagem
Casos de racismo mancham o futebol na Ucrânia e em BH; Caio Ribeiro pede punição	20 19/ no v	Globo Esporte/SP	https://globoplay.globo.com/v/8079678/?s=0s	Racismo + Futebol	Felipe Andreoli	Reportagem
RS é o primeiro lugar em denúncias de racismo no futebol; 2019 registra maior índice	20 19/ no v	RBS Notícias	https://globoplay.globo.com/v/8103457/?s=0s	Racismo + Futebol	Bruno Halpern	Reportagem
Caso de racismo envolvendo árbitro de futebol é o segundo registrado no Piauí em 2019	20 19/ set	Globo Esporte/PI	https://globoplay.globo.com/v/7946653/?s=0s	Racismo + Futebol	Sem assinatura	Reportagem
Relatório mostra que episódios de racismo e homofobia tem aumentado no futebol brasileiro	20 19/ set	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/7906587/?s=0s	Racismo + Futebol	Edgar Alencar	Reportagem
Manifestações contra o racismo iniciam por jogadores da NBA e outros esportes aderem	20 20/ ago	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/8817431/?s=0s	Racismo + Esporte	Guilherme Roseguini	Reportagem
Homenagens a ator de Pantera Negra se somam a protestos contra o racismo no esporte	20 20/ ago	Globo Esporte/RJ	https://globoplay.globo.com/v/8815697/?s=0s	Racismo + Esporte	Eric Faria	Reportagem
Atacante Marinho é vítima de racismo	20 20/ ago	Globo Esporte/RJ	https://globoplay.globo.com/v/8743859/?s=0s	Racismo + Esporte	Eric Faria	Reportagem

		(Exibição no RJ1*)				
Menino diz que foi vítima de racismo durante campeonato de futebol em Caldas Novas	20/20/ de z	JA 1ª Edição	https://globoplay.globo.com/v/9112889/?s=0s	Racismo + Futebol	Sem assinatura	Reportagem
Menino que denunciou racismo recebe convite para testes em grandes clubes brasileiros	20/20/ de z	Jornal Hoje	https://globoplay.globo.com/v/9115864/?s=0s	Racismo + Futebol	Bruno Dourado	Reportagem
Bahia contrata perícia e rebate opiniões no caso de acusação de injúria racial	20/20/ de z	Globo Esporte/RJ	https://globoplay.globo.com/v/9127727/?s=0s	Injúria Racial + Futebol	Guido Nunes	Reportagem
Racismo no futebol: Como casos de racismo têm sido tratado pela arbitragem	20/20/ fev	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/8346522/?s=0s	Racismo + Futebol	Sem assinatura	Reportagem
Federação de Futebol e OAB fazem campanha contra racismo e homofobia nos estádios	20/20/ fev	MTTV 2ª Edição - Cuiabá	https://globoplay.globo.com/v/8333634/?s=0s	Racismo + Futebol	Bruna Picagna	Reportagem
Federação Gaúcha de Futebol lança campanha de combate contra o racismo	20/20/ jan	Bom dia Rio Grande	https://globoplay.globo.com/v/8237464/?s=0s	Racismo + Futebol	Maurício Dornelles	Reportagem
Campanha contra racismo mobiliza jogadores pelo país	20/20/ jul	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/8675497/?s=0s	Racismo + Esporte	Lucas de Senna	Reportagem
Personalidades do esporte brasileiro debatem sobre o assassinato de George Floyd e relembram casos de racismo	20/20/ jun	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/8609183/?s=0s	Racismo + Esporte	Sem assinatura	Reportagem

ocorridos por aqui						
Astros do esporte mantêm voz ativa contra o racismo e herdam militância de ídolos pioneiros na década de 60	20/20/jun	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/8625432/?s=0s	Racismo + Esporte	Guilherme Roseguini	Reportagem
Jogadores de times alagoanos falam sobre luta contra o racismo	20/20/nov	Bom dia Alagoas	https://globoplay.globo.com/v/9053235/?s=0s	Racismo + Futebol	Ricardo Amaral	Reportagem
Relatório anual mostra casos de racismo no esporte em 2020	20/20/out	Globo Esporte/SP	https://globoplay.globo.com/v/9933484/?s=0s	Racismo + Esporte	Diego Moraes	Reportagem
Após ouvir não do Corinthians, brasileiro enfrenta o racismo e brilha no futebol tailandês	20/20/set	Globo Esporte/SP	https://globoplay.globo.com/v/8831535/?s=0s	Racismo + futebol	Edgar Alencar	Reportagem
Atletas negros e as barreiras do racismo em esportes como a natação	20/20/set	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/8891652/?s=0s	Racismo + Esporte	Marcelo Courrêge	Reportagem
Casos de racismo e injúria racial no futebol brasileiro	20/21/ago	Globo Esporte/SP	https://globoplay.globo.com/v/9816864/?s=0s	Racismo + Futebol	Lucas de Senna	Reportagem
Racismo no esporte: clubes repudiam fala de radialista contra o meia Celsinho	20/21/jul	Globo Esporte/PA	https://globoplay.globo.com/v/9717009/?s=0s	Racismo + Esporte	Mário Carvalho	Reportagem
Grafite? O racismo recreativo no mundo do futebol	20/21/mar	Globo Esporte/PE	https://globoplay.globo.com/v/9343882/?s=0s	Racismo + Futebol	Lucas de Senna	Reportagem
Ações que nascem no futebol e tentam	20/21/nov	Esporte Espetacular	https://globoplay.globo.com/v/10040045/?s=0s	Racismo + Futebol	Luiz Teixeira	Reportagem

combater o racismo no Brasil						
Reportagem especial: o racismo no esporte brasileiro	20 21/ no v	Esporte Espetacul ar	https://globoplay. globo.com/v/1006 0064/?s=0s	Racism o + Esporte	Sem assin atura	Reporta gem